

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA - PPGT PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

VALDIRLEI AUGUSTO CHIQUITO

**A FORMAÇÃO DO CATEQUISTA. FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICO-
FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS A PARTIR DE EDITH STEIN**

CURITIBA

2021

VALDIRLEI AUGUSTO CHIQUITO

**A FORMAÇÃO DO CATEQUISTA. FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICO-
FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS A PARTIR DE EDITH STEIN**

Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT), Área de Concentração Teologia Ético-Social, Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Clélia Peretti

CURITIBA

2021

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Chiquito, Valdirlei Augusto

C541f
2021 A formação do catequista : fundamentos antropológico-filosóficos e teológicos a partir de Edith Stein / Valdirlei Augusto Chiquito ; orientadora: Clélia Peretti. – 2021.
178 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2021

Bibliografia: f. 172-178

1. Teologia. 2. Catequese. 3. Catequistas – Formação. 4. Stein, Edith, Santa, 1891-1942. I. Peretti, Clélia. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 230



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
STRICTO SENSU

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 013.2021
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos vinte e oito dias de abril de dois mil e vinte e um, reuniu-se às dezessete horas e trinta minutos, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Profa. Dra. Clélia Peretti, Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes, Prof. Dr. Ocir de Paula Andreata, para examinar a Dissertação do mestrando **Valdirlei Augusto Chiquito**, ano de ingresso 2019, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de Concentração Teologia Ético-Social - Linha de Pesquisa "Teologia e Sociedade". O mestrando apresentou a dissertação intitulada "**A Formação do Catequista. Fundamentos Antropológico-Filosóficos e Teológicos a partir de Edith Stein**". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi **APROVADA** pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 20h30. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pela presidente da Banca Examinadora e pela Coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Profa. Dra. Clélia Peretti - Presidente/Orientadora

Clélia Peretti

Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes - Convidado Externo

Prof. Dr. Ocir de Paula Andreata - Convidado Interno

[Handwritten signature]

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



DEDICATÓRIA

À minha família, sempre o Porto Seguro.

Em especial aos meus pais:
Agostinho Chiquito e Maria de Lourdes Sabim Chiquito,
in memoriam,
e ao meu irmão Walmor José Chiquito,
in memoriam.

À Profa. Dra. Clélia Peretti,
além de uma grande orientadora e formadora,
uma grande amiga.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Formador por excelência!

À PUCPR,
Espaço formativo e humano
onde o humano caminha para ser o que deve ser.

Aos Professores,
do Programa de Pós-Graduação
Mestrado e Doutorado em Teologia,
e de outros departamentos,
por serem exímios formadores.

À Profa. Dra. Clélia Peretti
pela constante presença nesse caminho formativo.

Aos amigos e colegas
que traçaram, comigo, esta jornada formativa
de busca, crescimento e formação.
Em especial a estas que estiveram
sempre ao lado incentivando e apoiando:
Clarice Nesi Bonato e Sônia Maria Gaio.
A amizade também é formativa.

À Paróquia Nossa Senhora da Piedade
pela compreensão e apoio quanto ao meu tempo
dedicado a esta pesquisa.

Ao Arcebispo, Dom José Antônio Peruzzo,
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para
A Animação Bíblico-Catequética, nosso Pastor e formador.

A todos os catequistas
que se dedicam incansavelmente
para a realização da tarefa educadora de evangelizar.

“O autêntico educador é Deus. Só Ele conhece totalmente o ser humano até o mais profundo interior; só Ele conhece com toda clareza o fim de cada um e sabe que meios conduzirá o homem a esse fim. Os educadores humanos são, nada mais, que instrumentos nas mãos de Deus” (STEIN, 2003, p. 574).

RESUMO

A pesquisa *A Formação do Catequista. Fundamentos antropológico-filosóficos e teológicos a partir de Edith Stein* está vinculada à Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade do PPGT da PUCPR e, ao Projeto de Pesquisa *Contribuições teológico-filosóficas para a interpretação do fenômeno religioso*. Investiga desde a perspectiva steiniana à formação do catequista, a partir de Edith Stein, pedagoga e educadora alemã. A discussão de fundo consiste em abordar como Edith Stein posiciona-se na busca da verdade e na compreensão do ser humano na sua totalidade. Neste sentido, aprofunda a pergunta sobre “quem e como é o ser humano”. A existência de Edith Stein é marcada pela busca e vivência da Verdade. Ela propõe um itinerário pedagógico de formação que visa conhecer a estrutura da pessoa humana em todas as suas dimensões. Em confronto com a fenomenologia e com a filosofia cristã, a autora descreve a essência da alma humana e afirma a importância do ato pedagógico como elemento constituidor para o conhecimento da pessoa em sua totalidade. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica e descritiva de abordagem qualitativa. A pesquisa desenvolveu-se em três partes intrinsecamente interligadas. Como resultado, obteve-se que o conceito de pessoa humana e o processo de formação integral do catequista requer fundamentos antropológicos, filosóficos e teológicos. O catequista, mestre e mistagogo, sob a guia do Espírito Santo é o agente principal da evangelização e possui um papel indispensável no acompanhamento no caminho da fé. A educação para a fé leva a pessoa a vivenciar o seu “*télos*”, integrado na experiência e vivência comunitária. No processo de formação integral do catequista, a Eucaristia é o ato pedagógico por excelência, pois viver eucaristicamente consiste em deixar que as verdades eucarísticas atuem eficazmente na alma. Portanto, é essencial cuidar da formação do catequista, da sua espiritualidade, para o crescimento pessoal da fé e para o ministério eclesial da catequese. A pesquisa resultou em necessidade urgente de um projeto de formação continuada do catequista e a demanda, no contexto pandêmico e pós-pandêmico, em favorecer itinerários de formação que sustentem os catequistas na arte de acompanhar os fiéis rumo à maturidade da vida cristã e a interiorização das exigências do Reino que Jesus manifestou.

Palavras-chave: Edith Stein. Ser humano. Catequista. Formação. Catequese.

ABSTRACT

The research *The Catechist Formation. Philosophical-anthropological and theological fundamentals from Edith Stein* is connected to the line of research *Theology and Society* – PPGT /PUCPR and to the Research Project *Theological-philosophical contributions to the religious phenomenon interpretation*. Its investigation ranges from Stein's perspective up to the catechist formation, based on Edith Stein, German pedagogue and educator. The background debate is to address how Edith Stein positions herself in the search for truth and the understanding of the human being, in its totality. In this sense, it deepens the question about "who and what is the human being like". Edith Stein's existence is marked by the search and living of the Truth. She proposes a pedagogical itinerary of formation that aims to know the human being structure in all its dimensions. In confrontation with the phenomenology and the Christian philosophy, the author describes the essence of the human soul and states the importance of the pedagogical act as an integral element to the knowledge of the person in its totality. The methodology applied was a bibliographic and descriptive research with qualitative approach. The research was developed in three parts intrinsically interconnected. As a result, it was obtained that the concept of human person and the process of integral formation of the catechist require anthropological, philosophical and theological fundamentals. The catechist, master and mystagogue, guided by the Holy Spirit is the main agent of evangelization and has an imperative role in the assistance in the path of faith. The education to faith conduces the person to experience its "télös", integrated in the experience of faith and community living. During the integral formation process of the catechist the Eucharist is the pedagogical act par excellence, for living Eucharistically consists in letting the Eucharistic truth act efficiently in the soul. Therefore, it's essential to look after the catechist formation, of its spirituality for the personal growth of faith and for the ecclesial ministry of catechesis. The research resulted in the urgent need of a continued formation project of the catechist and the demand, in the pandemic and post-pandemic context, in favor formation itineraries that support catechists in the art of assisting the faithful towards the maturity of Christian life and the internalization of the demands of the Kingdom that Jesus manifested.

Key words: Edith Stein. Human being. Catechist. Formation. Catechesis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Apostolicam Actuositatem
AG	Ad Gentes
AM	Antuquum Ministerium
At	Atos dos Apóstolos
CAT	Catecismo da Igreja Católica
CELAM	Conferência (ou Conselho) Episcopal Latino-Americano
CIC	Codex Iuris Canonici (Código de Direito Canônico)
CL	Christifidelis Laici
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CR	Catequese Renovada
CT	Catechesi Tradendae
DAp	Documento de Aparecida
DC	Diretório para Catequese
DCE	Deus Caritas Es
DCG	Diretório Catequético Geral
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil
Cor	Carta aos Coríntios
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DNC	Diretório Nacional da Catequese
DV	Dei Verbum
Ef	Efésios
EE	Ecclesia de Eucharistia
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiandi
Ex	Êxodo
FR	Fides et ratio
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
GS	Gaudium et Spes
Hb	Hebreus
Jo	João

Lc	Lucas
LF	Lumen Fidei
LG	Lumen Gentium
Mc	Marcos
Mt	Mateus
PC	Perfectae Caritatis
Pd	Pedro
RH	Redemptor Hominis
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
Rm	Romanos
RMi	Redemptoris Misio
SC	Sacrosanctum Concilium
SCa	Sacramentum Caritatis
Sl	Salmos
Tm	Timóteo
Tt	Tito
VD	Verbum Domini

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PESSOA HUMANA E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL EM EDITH STEIN	20
2.1 EDITH STEIN, MULHER-FORMADORA.....	20
2.2 A VERDADE E O AMOR INCONDICIONAL PELO SER HUMANO	27
2.3 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E ENCANTAMENTO PELO SER HUMANO	30
2.4 ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA E FENOMENOLOGIA DA FORMAÇÃO	39
2.5 DAR FORMA AO HUMANO E A DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA, ÉTICA E FORMATIVA DA EDUCAÇÃO	45
2.6. AS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA PESSOA HUMANA	50
2.7 O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO	53
2.7.1 Eu, Liberdade, Interioridade	55
2.7.2 Corpo, alma e espírito	57
2.7.3 O corpo como ponto zero de orientação	58
2.7.4 Alma e psique como a marca individual do ser humano	61
2.7.5 O espírito como potência da alma	65
3 A FORMAÇÃO E A MISSÃO DO EDUCADOR EM EDITH STEIN	69
3.1 A UNIDADE DA PESSOA COMO FUNDAMENTO DO ATO EDUCATIVO	70
3.2 O SER HUMANO COMO SUJEITO DA PRÓPRIA FORMAÇÃO.....	74
3.3 O PAPEL DA FORMAÇÃO E DO FORMADOR	82
3.4 A EMPATIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA.....	86
3.5 ETERNIDADE COMO O “TÉLOS” DA FORMAÇÃO	90
3.6 A SANTIFICAÇÃO DA ALMA E DO ESPÍRITO.....	94
4 A EDUCAÇÃO DA PESSOA PARA A FÉ	98
4.1 CRISTO, MESTRE E SENHOR	100
4.1.1 A formação do catequista	104
4.1.2 Educar na fé	109
4.1.3 Jesus como fonte e inspiração para a formação do catequista	113
4.2 A COMUNIDADE CRISTÃ COMO LUGAR PRIVILEGIADO DE FORMAÇÃO .	119
4.2.1 Experiência da fé em comunidade	122

4.2.2 Igreja, comunidade peregrina na fé	126
4.3 O CATEQUISTA, MESTRE E MISTAGOGO NO CAMINHO ESPIRITUAL	129
4.3.1 Missão do catequista na atualidade	133
4.3.2 A espiritualidade mística do catequista	139
4.4 A EUCARISTIA COMO ATO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO DA FÉ	143
4.4.1 Verdades reveladas do ser humano	150
4.4.2 A ação da graça na alma humana	154
4.4.3 O Espírito Santo, Mestre interior.....	158
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS.....	172

1 INTRODUÇÃO

Em todos os setores da nossa existência, seja na profissão, nos papéis desempenhados na sociedade, nas distintas práxis, e até mesmo no campo da fé, sente-se, mais do que nunca, a necessidade de formação e de uma educação adequada, capaz de atender suas demandas. Nesse sentido, coloca-se a necessidade de um projeto de formação eficaz, capaz de superar os superficialismos e as improvisações tão costumeiramente em nossos dias.

No âmbito pastoral e na prática catequética, a preocupação não é certamente menor. A formação de novos catequistas requer um processo articulado e fundamentado na experiência e na caminhada de fé que a comunidade vai fazendo. A formação de catequistas exige um método, uma pedagogia, um processo que se realiza na integração fé e vida, traço metodológico fundamental das diretrizes de formação cristã.

É fundamental, portanto, para qualquer processo formativo compreender o ser humano a partir de seu contexto, de sua cultura. Quanto mais se pensa sobre o ser humano, sobre o se fazer humano, sobre o relacionar-se consigo e com os outros, mais se vai decantando e apurando sua própria humanidade. Mas o que é o ser humano? Antes de qualquer filosofia, a Sagrada Escritura, no Salmo 8, coloca-nos diante desta mesma indagação: “Que coisa é o homem, para dele te lembrares, que é o ser humano, para o visitares? Esta é uma é uma questão que nos persegue no decorrer da nossa existência, que devemos fomentar na vida de cada ser humano, que se conecta, que se relaciona conosco.

Mas, no âmbito da vida de fé por que nos preocupamos com a formação do catequista? O mundo em que vivemos, muitas vezes, parece estar longe daquilo que assegura a nossa fé.

Nesse sentido, a formação dos catequistas é atualmente uma das tarefas mais urgentes de nossas comunidades, pois “o catequista é de certo modo, o intérprete da Igreja junto aos catequizandos” (DCG, n. 35). E, ainda, “qualquer atividade pastoral que não conte para sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas, coloca em risco a sua qualidade” (DGC, n. 234). É preciso, portanto, contar com uma adequada pastoral de catequese que possa: suscitar vocações para a catequese; distribuir melhor os catequistas entre os diversos setores; organizar a formação dos catequistas (de base e permanente); atender pessoal e espiritualmente os catequistas

e formar um grupo de catequistas integrados à vida da comunidade.

O Diretório Geral para a Catequese, no seu n. 237, apresenta critérios inspiradores para formação do catequista, dentre os quais destacam-se: formar catequistas com fé profunda, clara identidade cristã e eclesial; que tenham sensibilidade social; que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã integral, de iniciação, de educação e de ensinamentos na fé. São necessários catequistas que sejam, ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas, capazes de superar “tendências unilaterais divergentes” e de oferecer uma catequese plena e completa, capazes de conjugar fé e vida, num sentido social e eclesial. O Diretório aponta ainda a necessidade de se investir na formação específica para o leigo, grande maioria na catequese e, por último, aponta para a importância fundamental da formação pedagógica para sua prática de catequista, pois “seria muito difícil para o catequista improvisar, na sua ação, um estilo e uma sensibilidade para os quais não tivesse sido iniciado durante a sua própria formação” (DGC, n. 237).

Além dos critérios inspiradores, a formação do catequista requer as seguintes dimensões: ser, saber e saber fazer. Assim, a escolha do tema desta pesquisa: *A formação do catequista. Fundamentos antropológico-filosóficos e teológicos a partir de Edith Stein*, deve-se à constatação de uma deficiência no processo formativo e pedagógico da transmissão da fé - por meio de uma catequese - pouco vinculada às questões existenciais e essenciais do ser humano.

Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942), mais conhecida como Edith Stein, foi uma filósofa, fenomenóloga e teóloga cristã. De origem Judia, durante grande parte de sua vida, ela buscou a verdade e assumiu seu período de “ateia”, mas converteu-se ao catolicismo, tornando-se, mais tarde, monja carmelita descalça e adotando o nome cristão de Teresa Benedita da Cruz. Discípula de Edmund Husserl, pai da fenomenologia, foi a primeira mulher a defender uma tese na Alemanha. Morreu no campo de concentração de Auschwitz, aos 51 anos de idade, vítima da perseguição nazista aos judeus. Foi canonizada pelo papa João Paulo II como Santa Teresa Benedita da Cruz ou, simplesmente, Santa Edith Stein, autora que conhecia a fundo a alma humana e suas questões existenciais.

A Igreja, ao procurar ver o homem como que com “os olhos do próprio Cristo”, torna-se cada vez mais cônica de ser a guarda de um grande tesouro, que não lhe é lícito dissipar, mas que deve continuamente aumentar. Este tesouro que é enriquecido

pelo inefável mistério da filiação divina, da graça de “adoção como filhos” no Unigênito Filho de Deus, mediante a qual dizemos a Deus “Abbá, Pai” (RH, 1998b, n.18).

Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir no caminho de formação do catequista, no seu processo de maturidade na fé e para a vida toda, pois a pessoa humana nunca é completamente amadurecida. A partir da Graça de Deus, a pessoa pode lançar-se numa aventura de crescimento e desenvolvimento de todo seu potencial humano: corporal, psíquico, afetivo, social e espiritual, até desabrochar uma personalidade saudável, feliz, ativa e criativa, cheia de graça, “até atingirmos o estado de homem perfeito, a estatura da maturidade de Cristo” (Ef 4,13). Tais pressupostos encontram-se também na filosofia e na pedagogia de Edith Stein.

Justificar a necessidade de formação do catequista pela via da antropologia filosófica e teológica, a partir de Edith Stein, significa delinear também um método específico para a compreensão das vivências da fé, hoje. Sua contribuição fenomenológica na leitura da realidade, certamente, poderá fornecer-nos elementos para uma proposta inovadora de formação do catequista. Edith Stein coloca-nos diante de um grande desafio: como a educação na fé pode contribuir para que o ser humano “possa se tomar em suas mãos”, “ser e formar-se si mesmo”? O ser humano é um ser constituído de corpo vivente e alma, mas como essas dimensões podem assumir nele uma forma pessoal? Qual a contribuição do pensamento de Edith Stein na proposta de formação de catequistas?

A formação da pessoa humana em Edith Stein constitui sua principal preocupação, até mesmo quando estava envolvida, no campo da história, das artes e de outras ciências. De fato, ao analisamos a história dos grandes pensadores cristãos, vemos que neles sempre está presente a preocupação com a formação e o aperfeiçoamento do ser humano. Edith Stein, ao escrever sobre a formação e educação, busca seus fundamentos na antropologia clássica e, mais tarde, na antropologia e filosofia cristã. Para a filósofa, a formação ocorre em três momentos distintos: o aspecto performativo, que diz respeito ao modelo que se propõe na formação cristã, tendo Cristo como modelo; o aspecto operado por mediadores em diferentes espaços de formação; o aspecto autoformativo, em que a própria pessoa se dispõe para a autoanálise e para a autocrítica. Esses movimentos ocorrem mediante um processo que articula as forças internas com forças externas. As forças internas formam, estruturam e governam a predisposição, a consciência e a vontade de alimentar a alma e têm o papel de oferecer, de contribuir com conhecimentos, bens

culturais, convivência na construção de valores.

No âmbito pastoral e na prática catequética, a necessidade desses movimentos não é certamente menor. Como adverte o Diretório Nacional de Catequese (n. 252), na base de tudo deve estar a convicção de que “qualquer atividade pastoral que não conte, para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas, corre-se o risco de ter sua qualidade comprometida”.

Deste modo, a pesquisa tem como objetivo geral: Investigar a partir dos escritos e em particular na obra “*A Estrutura da Pessoa Humana*” de Edith Stein, os fundamentos antropológico-filosóficos e teológicos e sua correlação com o processo de formação do catequista. Os objetivos específicos buscam analisar, a partir de Edith Stein, o conceito de pessoa e suas implicações no processo de formação humana cristã; apontar a partir do pensamento steiniano para umas práxis catequéticas; averiguar a contribuição do pensamento steiniano e sua articulação com os documentos da Igreja na formação do catequista; analisar o sentido do ato pedagógico da Eucaristia na experiência de fé e convivência comunitária do catequista.

Como hipótese, tem-se que a nova evangelização, hoje, requer uma formação harmoniosa das diferentes dimensões e o desenvolvimento de habilidades específicas, mas, sobretudo, de uma formação que possibilite ao catequista fazer experiência do amor de Deus e que, por essa razão, coloque-se a serviço do anúncio do Reino de Deus. Além do conhecimento dos conteúdos da fé, do método, da técnica, o catequista necessita de uma profunda vivência espiritual e mistagógica. O Catequista é chamado a ser mestre e mistagogo.

Deste modo, busca-se aprofundar os fundamentos para a formação do catequista, a fim de que este seja capaz de responder com competências às exigências da nova evangelização, sobretudo, no anúncio do Evangelho e no testemunho de seguimento a Cristo. Assim, o aporte dos escritos e, em particular, da obra *A Estrutura da Pessoa Humana*, de Edith Stein, fornecem elementos para uma educação da fé e uma formação integral do catequista.

Edith Stein propõe conceitos essenciais da antropologia (filosófica e teológica): o ser humano constitui-se na sua tríplice dimensão corpo, psique e espírito. Essa busca pelos fundamentos antropológico-filosóficos foi desenvolvida mediante o método fenomenológico. A fenomenologia levou a filósofa a grandes questionamentos sobre:

[...] quem é o ser humano? Como se constituiu? Qual é a sua especificidade em relação aos outros seres? Questões fundamentais sobre a existência humana, que vão além da física e das coisas particulares, remetendo aos estudos de filosofia, especialmente da área da antropologia filosófica (SBERGA, 2014, p. 137).

A relação essencial entre corpo, alma e espírito é fortemente ressaltada na obra *A Estrutura da Pessoa Humana*. Cada uma das três dimensões da natureza humana deve ser estudada e aprofundada para se conhecer mais a fundo o que é o ser humano. Stein, nesta obra, mostra a importância que todo processo formativo deve ter em relação à totalidade do ser humano.

Quanto ao tema da formação da personalidade e da corporeidade, optamos por analisar os artigos e textos compilados nas publicações de língua italiana e/ou espanhola, considerando como critério de escolha o fato de abordarem a estrutura da pessoa humana e sua dinâmica de posicionamento pessoal. Assim, elegemos como textos principais, para a pesquisa aqui apresentada, as seguintes publicações de Edith Stein: *O problema da empatia* (1917); *Sobre a ideia de formação* (1930); *Potência e ato* (1931) e *A Estrutura da pessoa humana* (1932-1933). Vários outros textos de Edith Stein também foram utilizados no desenvolvimento do trabalho, bem como a referência a pesquisas de autoria de outros pesquisadores e comentadores da obra steiniana.

Diante desse panorama, consideramos que a fenomenologia mostrou-se como uma ferramenta útil no conhecimento da pessoa humana, visto que há aspectos que não podem ser colhidos por meio de recursos técnicos, mas apenas por meio da reflexão, da vivência e da observação. Nesse sentido, Stein, por meio do método fenomenológico, compreende que a pessoa humana é formada por corpo, alma e espírito. Em suas análises sobre o ser humano, a autora sustenta que, em hipótese alguma, o corpo pode ser concebido simplesmente como um corpo material, mas é como um corpo animado, vivo, ou seja, "*Leib*". O ser humano é composto por uma alma (*Seele*), com suas peculiaridades próprias, e por espírito (*Geist*), que lhe permite decidir, escolher e ter uma vida ética. A dimensão espiritual é o que diferencia o ser humano dos demais seres vivos e o constitui como ser homem e não outra coisa.

Dessa forma, por oferecer um fundamento sobre a pessoa humana, a antropologia steiniana é muito útil à pedagogia catequética, que tem como modelo a pedagogia divina, sobretudo o proceder de Jesus Cristo, que, a partir da convivência com pessoas, deu continuidade ao processo pedagógico do Pai. A catequese é

essencialmente uma pedagogia para a educação da fé. Essa se fundamenta na doutrina da Igreja e nas suas fontes e sobre as bases das ciências humanas antropológicas, sem esquecer-se que as metas educativas deverão ser projetadas em função de sua finalidade, a maturidade cristã e humana autêntica.

Nesse sentido, os escritos formativos de Edith Stein colocam-nos diante de um grande desafio: conduzir o ser humano na educação da fé a fim de que “possa se tomar em suas mãos”, “ser e formar-se si mesmo”. O ser humano é um ser constituído de corpo vivente e alma, mas como essas dimensões podem assumir nele uma forma pessoal? Para a filósofa, é importante que “a educação e a formação contemple o homem inteiro, que o educador conheça as estruturas, as funções e as leis evolutivas do corpo humano a fim de promover seu desenvolvimento natural sem prejudicá-lo” (STEIN, 2003, p. 580).

Assim, no conceito de educação de Edith Stein, está inserida a formação do ser humano na sua totalidade, com todas as suas forças e capacidades. Dessa maneira, como diz Garcia (1987, p. 3): “propor Edith Stein, para suprir essa lacuna, é acender uma luz num canto do mundo onde sua obsolescência está programada pelos que curtem a escuridão científica, moral e religiosa”. A perspectiva formativa de Edith Stein pode ser reconhecida também na formação de Catequistas que postula a formação para experiência de humanização, de vida em comunidade de forma justa e igualitária onde todos possam sentir-se como filhos do mesmo Pai.

Diante disso, optou-se pela pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir dos escritos da filósofa Edith Stein articulados com os documentos da Igreja Católica, materiais publicados em livros, artigos e teses. Também se classifica como descritiva, uma vez que registra, analisa e correlaciona fatos, fenômenos e conceitos sobre a *praxes* catequética e a teoria, tendo a comunidade de fé como locus teológico da experiência e do testemunho da fé.

Descreve-se, a seguir, o itinerário desenvolvido que resultou no texto de cada capítulo da dissertação: a pessoa humana e o processo de desenvolvimento integral em Edith Stein; a formação e a missão do educador em Edith Stein e educar a pessoa para a fé.

No primeiro capítulo, a pesquisa centrou-se no aprofundamento do conceito de pessoa humana a partir dos fundamentos antropológico-filosóficos e teológicos úteis à pedagogia e para um autêntico processo formativo do ser humano (formador) e as bases para levar o ser humano (formando) a saber de fato, quem é o homem, segundo

a indagação constante no pensamento steiniano. Deu-se particular ênfase à vida de Edith Stein, mulher, filósofa, grande formadora e de um amor incondicional pelo ser humano. Seus escritos, de fato, contribuem para desvelar quem é o ser humano e o método fenomenológico apresenta-se como instrumento para compreender a dimensão antropológica, ética e formativa da constituição do ser humano.

O capítulo dois discute o conceito de formação na obra pedagógica de Edith Stein. Busca responder à pergunta: como o ser humano é formado? Mostra a trajetória trilhada pela filósofa acerca da constituição do ser humano, da necessidade de um método - fenomenologia de inspiração husserliana, da visão aristotélico-tomista e da doutrina católica. A autora percorre um itinerário fundamentado nas ciências humanas para aclarar as questões sobre o ser humano, chegando a concebê-lo como uma unidade indivisível de corpo, psique e espírito, que tem em si potencialidades que podem contribuir à sua plena realização, ou não, segundo a capacidade de responder ao chamamento interior.

Para Stein, é fundamental a proposta de uma formação humana voltada para a formação integral e a plena realização de si mesmos, em vista do bem de todos. Cada pessoa, na sua interioridade, é chamada a se desenvolver harmoniosamente e a contribuir para o crescimento e desenvolvimento do outro, da sociedade e do mundo. Na tentativa de responder à questão: quem é o ser humano? Stein aponta para uma antropologia cristã que possibilita - pela via da filosofia e da teologia-, fundamentar a pedagogia e a educação sobre bases seguras e consistentes. O valor da liberdade emerge como essencial no processo de formação, considerado como capacidade da alma de se movimentar na sua interioridade e abrir-se para a ativação da consciência para realizar um bom discernimento no caminho de seguimento a Cristo.

Por fim, no terceiro capítulo, discute-se o tema da Educação da pessoa para a fé, estabelecendo uma leitura de confronto entre os documentos da Igreja, alguns catequistas e a proposta educativa steiniana. Destaca-se a importância de uma formação pessoal, individual, para poder saber formar e propõe-se, como linha para o itinerário formativo, a contribuição da graça divina no processo de formação, sendo, portanto, objeto da pesquisa a formação do catequista. Destaca-se, também, a importância da fé, com particular ênfase na “Eucaristia, como ato pedagógico por excelência” (STEIN, 2003, p. 745). A finalidade da educação para a fé é o tornar-se criatura nova em Cristo, para, com Ele e Nele, educar o catequista para ser discípulo missionário, “mestre e mistagogo” (DC, n. 113) aquele que é capaz de tocar os

corações e as mentes dos interlocutores, dos catequizandos. O catequista é, portanto, aquela pessoa que reconhece o Mestre Jesus e declara –se disposto a seguir o Seus ensinamentos. Sente-se chamado por Deus e faz profunda experiência de Jesus Cristo.

2 A PESSOA HUMANA E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL EM EDITH STEIN

O tema do ser humano e o seu desenvolvimento integral foi uma constante nas reflexões de Edith Stein na sua incansável busca por compreendê-lo e desvendá-lo. A metafísica, a antropologia, a filosofia e, de modo particular, a fenomenologia, mostram-se como ferramentas úteis no conhecimento da pessoa humana, visto que há aspectos que não podem ser colhidos por meio de recursos técnicos, mas apenas por meio da reflexão, da observação e das vivências.

Convém ressaltar que o ser humano, em nenhuma hipótese, pode ser concebido simplesmente como um corpo material apenas (*körper*), mas também como um corpo animado, vivo, o qual Stein chama de “*Leib*” que possui uma alma (*Seele*) e um espírito (*Geist*) o qual permite ser, de fato, humano na sua humanidade.

O capítulo visa refletir sobre o conceito de pessoa humana a partir de uma base antropológico-filosófica e teológica que será bastante útil à pedagogia para um autêntico processo formativo para que o ser humano (formador) possa, conhecendo-se e aprimorando-se, levar o ser humano (formando) a saber de fato, quem é o homem, segundo a indagação constante no pensamento steiniano.

Ao abordar a temática da formação em Edith Stein, tem-se a compreensão de que ela foi, de fato, uma grande formadora e de um amor incondicional pelo ser humano. Seus escritos contribuem para desvelar quem é o ser humano e o método fenomenológico apresenta-se como instrumento para compreender a dimensão antropológica, ética e formativa da constituição do ser humano.

2.1 EDITH STEIN, MULHER-FORMADORA

Edith Theresa Hedwing Stein (Breslavia 1891 – Auschwitz 1942)¹, mais conhecida como Edith Stein e que levou o nome de religiosa de Teresa Benedita da Cruz, foi filósofa, educadora, religiosa e mártir durante a segunda guerra mundial.

Ales Bello (2014, p. 23) define Edith Stein como “filósofa e fenomenóloga”, e

¹ Edith Stein nasce num dia festivo, o *Yom Kippur* (festa judaica da reconciliação, considerado o dia do Grande Perdão), na cidade de Breslau, antiga Alemanha, hoje Wrocław, Polônia, no dia 12 de outubro de 1891, o que para a família, piedosa, é um sinal de grande bênção de Deus para a vida da menina (SANTANA, 2017, p. 29-30).

Garcia (1988, p. 7) como “judia, filósofa, convertida, educadora, carmelita e mártir”. Segundo Ales Bello, é preciso ter convicção e conhecimento para falar da figura de Edith Stein, pois cada vez que se prepara para escrever sobre Edith Stein, sente-se em conflito entre duas exigências: “a de divulgar seu pensamento e a de evitar fazê-lo para não violar o ‘segredo’ de sua alma; de fato, ao narrar esta personagem, não é possível separar a contribuição intelectual da vivência existencial e espiritual que a acompanha” (ALES BELLO, 2018, p. 17).

De origem judaica, Edith Stein sempre teve muito orgulho de seu povo e de sua família e “na família era a única que escrevia um diário pessoal” (STEIN, 2018, p. 52). Edith retrata na sua autobiografia a história de sua família e nas entrelinhas a história de seu povo. Por meio de sua autobiografia, conhecemos também “os momentos mais decisivos de sua existência no cruzamento de duas tradições culturais e religiosas: o judaísmo e o cristianismo” (GARCIA; ALES BELLO, 2018, p. 8).

É importante ressaltar que a história de vida de Stein pode ser narrada sob diferentes perspectivas, mas o fio condutor de sua existência é sua experiência religiosa, sua atividade pedagógica e sua pesquisa filosófica,² por meio da qual se pode entender também o problema fundamental da pedagogia ou da filosofia da educação como ela entendia. A filosofia de educação steiniana, apesar de ser imbuída de teorias, olha para a prática, para a existência, para o ser humano, sujeito-indivíduo-pessoa - que se constitui principalmente na experiência educacional. A pedagogia de Edith Stein marca o pensamento ocidental do século XX.³ Com base na natureza

² Para mais detalhes sobre a sua biografia remetemos o leitor às seguintes obras: *Sobre o problema da Empatia* (1916), *Introdução à filosofia* (1920), *Contribuições para uma fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito* (1922), *Uma pesquisa sobre o Estado* (1925), *A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino* (1929), *Pessoa e mundo* (1929), *A estrutura da pessoa humana* (1932), *Ser Finito e Ser Eterno* (1936), *A Filosofia existencial de Heidegger* (1937). A tradução espanhola das obras (completas) de Edith Stein foi publicada pela Editora Monte Carmelo de Burgos: vol. 1: *Escritos autobiográficos*; vol. 2 e 3: *Escritos filosóficos*; vol. 4: *Escritos antropológicos e pedagógicos*; vol. 5: *Escritos de espiritualidade*.

³ Considero o regresso do idealismo alemão que, em emi ao século XIX teve um retrocesso ante as correntes materialistas e positivistas, porém nas últimas décadas desse século, experimentou um renascimento e voltou vitorioso com um sucesso essencial e muito característico da vida espiritual alemã da atualidade. A partir da mudança de século, aproximadamente, começaram a atuar correntes a fizeram retroceder, paulatinamente, até que na I Guerra Mundial se viu o seu fracasso. Na pedagogia segue uma poderosa influência até os dias de hoje. Não podemos nos deter aqui a descrever seu caráter filosófico geral, mas nos limitaremos a sublinhar alguns traços da sua imagem de homem, que todos conhecemos pela leitura de clássicos alemães. Ao modo de resumo podemos dizer: desde a antropologia cristã, adverte-se que o ideal humanista projeta uma imagem do homem que conserva sua integridade, do homem antes da caída, porém não presta atenção alguma na sua origem e objetivo e foca somente no pecado original. A imagem do homem da psicologia profunda é a do homem caído, visto também estática e ahistoricamente: não consideram o passado do homem e suas possibilidades futuras, assim como o fato da Redenção. A filosofia existencial nos apresenta o ser humano na sua

espiritual do ser humano, ela estabelece uma ligação entre antropologia, ética e educação. Na visão dela, o ser humano não é uma obra concluída, evolui, desenvolve suas potencialidades e, quando adequadamente estimuladas, essas transformam-se em capacidades em habilidades, ou seja, em *habitus*.

Com efeito, Edith Stein traz uma significativa contribuição antropológica para a educação. Ela propõe uma antropologia filosófica que se coloca no limiar entre a universalidade e a particularidade última do ser humano. É convicta de que os caminhos educacionais necessariamente cruzam-se nos processos de individuação, de compreensão e de promoção de singularidades humanas únicas e irrepetíveis. De fato, ela propõe, nos seus escritos, uma questão fundamental, obscurada pelas ideologias da época: como e quem é o ser humano? Para a autora, antes de estabelecer qualquer processo formativo, era fundamental definir que coisa é o ser humano e como esse é ontologicamente constituído. Uma ciência da educação, se por um lado pretende ser verdadeiramente eficaz, deve conhecer a natureza e o objeto de sua investigação, os meios e os instrumentos; por outro, deve conhecer também as finalidades do processo educativo, enraizando-se em uma antropologia, que fale da totalidade do humano e do sentido de humanização.

Edith Stein apresenta, nas suas obras, uma profunda unidade entre teoria e prática. Ao analisar as raízes antropológicas da dimensão formative, ela descreve os fundamentos antropológicos e éticos da relação educacional e define a educação como processo de formação integral (*Bildung*)⁴. Além disso, Stein vê na filosofia a possibilidade de uma reflexão rigorosa sobre a educação, diferente dos discursos e das divagações sugestivas da época. Para ela, a filosofia possibilita elaborar conceitos com cristalina clareza e de proceder com precisas argumentações. A filósofa não se contenta apenas com a aplicação do rigor do método fenomenológico em suas pesquisas sobre a constituição da pessoa humana, mas continua sua investigação no aprofundamento do sentido do ser e da vida, questões que se faziam presentes desde a sua adolescência.

Stein registra em sua autobiografia: “com prazer, escrevia redações, podendo incluir nelas algo do que interiormente sentia. [...] Esse comportamento era devido ao

finitude e no nada da sua existência; considera unicamente o que o homem não é desviando seu olhar do que o homem pode ser (STEIN, 2003, p. 563 e 572).

⁴ *Bildung* (alemão: ['bɪldʊŋ] · Ltspkr.png ouvir, formação, educação e cultura) refere-se à educação processual que almeja a completude do indivíduo.

meu desejo de viver voltada para o meu mundo interior” (STEIN, 2018, p. 90). Na sua infância, adolescência e juventude vive momentos de crise existencial e de fé. Compreende desde criança que a vida lhe havia reservado algo de grande. Ela se professa atea. Quer ser honesta consigo mesma e o seu amor pela verdade acompanhou-a por toda a vida, revelando-lhe Deus quando não confiava mais na sua existência. Abandona por um período a escola e quando estável em seu caráter retoma, destacando-se dentre seus colegas.

Na falta de um ensinamento religioso pautado pela educação e pela abertura plena, Edith vê-se descrente da religiosidade praticada pela família e abraça com certeza as práticas empíricas, aceitando somente o que se pode provar, passando assim a denominar-se atea. Entretanto,

a fé⁵ ressurgirá de novo em sua vida passados 17 anos, desta vez praticada no Cristianismo, trazido à tona graças à Fenomenologia, pois a investigação acerca das essências das coisas possibilitou-a ao exercício de libertação dos pré-juízos, epoké, sem o qual não teria retomado o pensamento de Deus, incentivada por Max Scheler e por Edmund Husserl, permitindo a crença no transcendente, libertando-a assim do pensamento idealista pós-kantiano (SANTANA, 2017, p. 30).

Edith Stein destaca-se pela sua autonomia nas questões políticas. Pelo seu sentido de responsabilidade social, lutou pelo papel da mulher na sociedade, pela igualdade de direitos em relação aos homens. Além disso, participou das lutas pelo voto e pela emancipação política das mulheres, objetivo que, naquele tempo, era distante de constituir uma meta no âmbito dos movimentos feministas burgueses.

Em Göttingen, torna-se discípula e assistente de um dos maiores pensadores da época, Edmund Husserl. Entusiasta pelo ambiente filosófico e humano que circundava o mestre da fenomenologia, torna-se uma das mais próximas colaboradoras. Embora Husserl não fosse cristão, com seu método objetivo e livre de preconceitos, conduziu muitos dos seus estudantes ao cristianismo. Edith Stein era completamente estranha a este mundo: não acreditava em Deus, perseguia um idealismo ético e esperava da ciência uma resposta para suas interrogações. A experiência de uma realidade que transcendia sua vida interior não lhe veio da ciência, mas de um amor pessoal. Em Göttingen, no Círculo de amigos faz experiência de um

⁵ O encontro com a fé, por excelência, dá-se, sem dúvida, com a mestra Teresa D'Ávida, que lhe fora apresentada por um escrito autobiográfico (*O Livro da Vida*); tal leitura a tomou de maneira que se viu presa, pela noite e pela manhã; ao concluir a leitura, deparou-se com a verdade que tanto buscava: Jesus Cristo.

mundo novo. A conversão de Scheler à fé católica desperta nela admiração e acolhe deste fato a inspiração de um mundo ainda desconhecido.

Na Universidade de Breslávia, como estudante de psicologia, em 1912, conhece a filosofia de Husserl por meio de Moskiewisc e, sem medo, decide tomar o caminho da filosofia por opção e vontade próprias, transferindo-se para Göttingen. Nesta cidade, além de encontrar Edmund Husserl, seu mestre, também conta com a ajuda de Moskiewisc, uma estudante discipula de Husserl e autora de um estudo filosófico premiado: “era Hedwig Martius, casada com Hans Theodor Conrad, com a qual Edith irá estabelecer uma grande amizade” (SPIRITU SANCTO, 1959, p. 85).

Aos poucos, Stein começa a ganhar visibilidade, até então impensável para as mulheres da sua época, especialmente no meio acadêmico. Alex Villas Boas, no prefácio do livro *A Arte de Educar por uma pedagogia empática em Edith Stein* escreve que: “deve-se reconhecer, salvo melhor juízo, a liderança feminina que se tornou por sua competência intelectual [...] tudo isso faz de Edith Stein uma das pérolas intelectuais contemporâneas que iluminam a passagem dessa mudança de época em que vivemos” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 8).

Em Göttingen, Edith Stein torna-se assistente de Husserl e membro do Círculo Fenomenológico. O grupo reunia alunos e colegas de Edmund Husserl, entre eles Adolf Reinach, Alexandre Koyré, Dietrich von Hildebrand, Hans Lipps, Hedwig Conrad-Martius, Jean Hering, Max Scheler, Moritz Geiger, Roman Ingarden, Theodor Conrad. Os debates do grupo versavam sobre o idealismo ou o realismo de Husserl que caracterizava o trabalho de alguns desses deles desde os tempos em que foram seus alunos em Munique, como é o caso especialmente de Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius. Nesses debates, discutia-se também problemas religiosos, suscitados pela conversão de Husserl, de Adolf Reinach, que havia se convertido durante a guerra.

As conferências de Max Scheler influenciaram e deram início ao movimento para o cristianismo que havia iniciado a se manifestar no ambiente dos discípulos de Husserl e Reinach. Stein interessa-se pelos debates de Max Scheler. Sua primeira biografia relata: “Entre nós dois nunca havíamos falado de uma eventual conversão, todavia, aquelas conferências foram para mim – talvez, para ele também – o primeiro impulso para me indicar o caminho que me levaria a abraçar a religião cristã” (SPIRITU SANCTO, 1959, p. 118-119)⁶. O fato que marcou a conversão de Edith Stein foi a

⁶ A própria Edith indicava como seu primeiro encontro com o cristianismo o estudo do Pai Nosso na antiga língua gótica, texto indicado para os estudantes de etimologia germânica. Mais tarde, todas as

leitura do *Livro da Vida* de Teresa D'Ávila (verão de 1921), na casa de Hedwig Conrad-Martius, onde se refugiava frequentemente. Ao término da leitura do livro, confessa a ela mesma: “Esta é a verdade”! Um novo horizonte alvorecia, mas Edith não se dava conta: “Deus tomou posse do seu ser, e ela nunca mais o abandonaria” (SPIRITU SANCTO, 1959, p. 130).

Edith Stein deve ser lembrada não apenas pelo seu grande testemunho humano-espiritual, mas, também, pela sua contribuição no campo da filosofia, da pedagogia, como já dissemos, mas também da teologia e da mística. A sua evolução espiritual passou pelas orientações mais vivas da filosofia contemporânea. Uma mudança radical na sua formação configure-se com o seu original estudo e aprofundamento das principais questões da fenomenologia e por meio de um significativo confronto com os ensinamentos de Edmund Husserl. Ela foi estudante particular de Husserl e próxima da filosofia de Max Scheler.

Em 1925, Edith Stein, encorajada por Erich Przywara que a motivou para o estudo dos escritos de John Henry Newman e a tradução alemão das *Quaestiones disputatae de veritate* de Tomás de Aquino, depois de se ocupar amplamente com as correntes da filosofia moderna, aproximou-se do estudo da escolástica. Ao mesmo tempo que buscava obter a livre docência na universidade de Friburgo, sem, contudo, obter êxito, empenhou-se como professora no Instituto das Irmãs Dominicanas a Speyer, trabalhando com a formação intelectual de mulheres e jovens e como conferencista em vários países.

No ano de 1933, entrou no Carmelo de Colônia⁷, onde permaneceu até 18 de dezembro de 1938. Por motivos da Segunda Guerra Mundial e devido à perseguição de Hitler⁸ ao povo judeu, transfere-se para o Carmelo de Echt⁹ (Holanda). Essa

vezes que ela explicava este texto para suas alunas, lembrava a profunda impressão que ela teve quando leu pela primeira vez (SPIRITU SANCTO, 1959, p. 119, nota 1).

⁷ No livro de registro da votação para a entrada de Edith Stein está registrado como “19 de junho de 1933, por volta das 8 horas da manhã (STEIN, 2018, p. 549).

⁸ Hitler assume o poder mais precisamente em 30 de janeiro de 1933, tornando-se Chanceler do Reich. Em 21 de março do mesmo ano já foi instalado o primeiro campo de concentração em Oranienburg.

⁹ Em Echt, pequena cidade da província holandesa de Limburgo, há um mosteiro carmelita desde a época da Luta pela Cultura (*Kulturkampf*, movimento anticlerical do século XIX, iniciado por Otto von Bismarck). Esse mosteiro era formado principalmente por monjas alemãs. Em 1875, a comunidade de Colônia tinha se mudado para lá. Quando a perseguição aos judeus foi intensificada na Alemanha do Terceiro Reich (principalmente com a “Noite dos cristais”, em 9 de novembro de 1938), Edith Stein, preocupada com o perigo que sua presença poderia significar para o seu mosteiro, pediu para ser transferida. Assim, a partir da noite de 31 de dezembro de 1938, ela já se encontrava no Carmelo de Echt. Levou consigo seus livros e seus manuscritos, mas não os apontamentos de Vida de uma família judia. Um missionário da Congregação de Mariannahill, Rhabanus Laubenthal (5 de dezembro de 1905), levou-os para Echt em fevereiro de 1939 (STEIN, 2018, p. 515).

perseguição intensificou-se em todo o território da Alemanha e, devido a toda essa insegurança, Edith Stein tenta, de muitas formas, sair da Holanda, mas não foi possível.

Houve, por parte de Hitler, uma grande represália aos bispos católicos da Holanda, por haver permitido a leitura de uma carta em todas as igrejas, denunciando os abusos cometidos contra o povo judeu. Devido a toda essa perseguição, Edith e sua irmã Rosa foram deportadas para o Campo de Concentração de Auschwitz. Antes, ficaram presas em Westerbork. Edith Stein morre no dia 09 de agosto de 1942¹⁰, juntamente com sua irmã Rosa.

Convém ressaltar que Stein, até os últimos momentos, teve uma vida íntegra e maturidade que lhe dava serenidade necessária para enfrentar as situações com calma. Predominava o espírito de desapego de si mesma e extremamente preocupada como o outro. Vivia, de fato, a empatia.

A Igreja, reconhecendo suas qualidades e suas competências, declara-a beata no dia 01 de maio de 1987, em Colônia, e João Paulo II promove sua canonização em Roma, no dia 11 de outubro de 1998. Stein é apresentada ao mundo por João Paulo II na homilia de canonização como “testemunha e profeta do nosso tempo [...] mulher que enfrentou os desafios de um século perturbado como o nosso, se torna um exemplo” (JOÃO PAULO, 1988, p. 6-7).

Edith Stein torna-se mártir da Igreja e é reconhecida como uma das grandes mulheres do século XX pela relação que estabelece entre filosofia e teologia e é citada por João Paulo II na *Fides et ratio*, n. 74, entre os grandes teólogos e filósofos cristãos: “John Henry Newman, António Rosmini, Jacques Maritain, Étienne Gilson (âmbito ocidental)”, Vladimir S. Sobv’ev, Pavel A. Florenskij, Petr J. Caadaev, Vladimir N. Losskij (âmbito oriental)”.

Esses pensadores, durante seu caminho de pesquisa filosófica, conciliaram fé e razão, tornando-se mestres espirituais e contribuíram para o avanço na busca da verdade a serviço do homem, do bem da Igreja e da humanidade.

¹⁰ Além de Edith Stein e Rosa, outros dos irmãos também morreram em campos de concentração: Paul (1872-1943) e Frieda (1883-1942). Sobreviveram Else (1876-1956), Arno (1879-1948) e Erna (1890-1978).

2.2 A VERDADE E O AMOR INCONDICIONAL PELO SER HUMANO

Edith Stein foi uma mulher forte. Ela lutou pelos seus ideais e por aquilo que acreditava. Garcia (1987, p. 8) afirma que: “já nos anos juvenis revelava inclinação profunda e espontânea para a pedagogia, tendo dirigido todos os seus estudos ao interesse de conhecer sempre mais o ser humano, sua psicologia e as possibilidades de formá-lo”. A obra dela é vasta e de uma grandeza imensurável, permeada por temas diversificados: fenomenologia, filosofia, pedagogia, formação, espiritualidade, vida mística, comunidade, estado, família. Edith Stein era atenta aos problemas de sua época, de modo especial, a educação da mulher.

Ales Bello explicita que:

A especulação filosófica não é o único campo para o qual ela deu uma importante contribuição. Sua personalidade multiforme nos permite inseri-la na história das Ciências Humanas e da Pedagogia, assim como nos convida a ler com proveito as suas reflexões sobre a relação homem-mulher e aquelas que nos introduzem no âmbito da espiritualidade e da mística. O seu pensamento pode ser utilmente explorado também para um esclarecimento da dimensão religiosa. Deste ponto de vista, ela se encontra envolvida em uma questão crucial para a cultura e a religião da civilização ocidental, isto é, na atormentada relação entre o judaísmo e o cristianismo, que, para alguns, se coloca como pedra de escândalo, para outros, como lugar de reconciliação (2018, p. 19).

Para Stein, o homem que busca a verdade é chamado a um exercício racional rigoroso e, quando reconhece o limite de seu uso natural, abre-se à fé, que lhe possibilita iluminar aspectos inexplicáveis da realidade. É essa a filosofia cristã de Edith Stein: uma concepção de mundo e de homem para a qual concorrem conhecimentos puramente racionais e conhecimentos da fé.

Na sua obra *Ser finito e ser eterno* (2019), depois do primeiro capítulo dedicado à descrição, mais que da sua biografia, do itinerário intelectual e espiritual, no segundo capítulo apresenta os problemas teóricos que a filosofia despertou nos seus críticos e estudiosos, e a suspeita de fideísmo e de confusão entre filosofia e teologia com a qual a obra foi acolhida. Edith Stein não elaborou apenas uma ideia de filosofia cristã, mas também, e sobretudo, aplicou esta filosofia nas suas contribuições sobre a pessoa, sobre a educação, sobre a mulher e nos seus escritos espirituais. Nos apêndices I e II do *Ser Finito e Ser Eterno*, ela propõe um exame crítico da antropologia heideggeriana e confronta-se com o problema da dor.

Ser alcançada pela verdade: essa foi a experiência de Edith Stein. Para se

chegar à verdade, faz-se necessária a graça. Escreve no *Ser finito e ser eterno*: “a graça é uma vida divina participada” (STEIN, 2019, p. 432). Isso remete às palavras do apóstolo Paulo “eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo” (Fl 3, 13). Para se chegar ao alvo, é necessária a graça, pois “Cristo derrama, por meio da natureza humana, a vida divina que possui” (STEIN, 2019, p. 432). Mas, antes de ser alcançados, é necessário que, antes, sejamos alcançados; pois, não há fé sem a graça.

Depois de um longo percurso de pesquisa, na qual havia exaurido suas energias intelectuais e morais, no momento culminante da sua conversão à verdade, doa-se, e doando-se, a agarra. Edith Stein compreende que toda sua pesquisa precedente foi como uma longa e ininterrupta oração, e compreende também que a investificação deve continuar; mas, agora, na verdade (PAOLINELLI, 2001).

Mas qual é o elemento unificante, a categoria capaz de abraçar na unidade os diferentes aspectos da vida e da história pessoa de Edith Stein? A sua busca pela verdade é o traço fundamental da sua personalidade e naturalmente, como fonte e mó (pedra grande dura, circular, de altura pequena, com que se trituram os grãos nos moinhos, girando-a sobre outra pedra, ou se espreme a azeitona no lagar para extrair o azeite) do seu empenho no campo filosófico. A sede apaixonada de verdade foi realmente a característica da sua personalidade e a sua obediência à verdade. Por amor, mais ainda, pela paixão pela verdade, docilmente segue a verdade. Assim, obediência, amor, paixão pela verdade, na sua incansável busca, culminam na fruição e na alegria da Verdade, que é Deus.

Por esta Verdade, não se cala diante da ideologia nacional-socialista, do ódio instalado pelos nazistas contra o povo judeu. Escreve uma carta¹¹ dirigida a Pio XI¹² “para adverti-lo dos perigos da política anti-semita do novo regime” (SPIRITO SANTO, 1959, p. 170), e como denúncia contra o movimento nacional-socialista que vinha em contra os princípios da fé cristã. A propósito dessa carta, Sancho diz que:

Não só nos coloca frente à grande intuição steiniana do que seria o regime

¹¹Não aparece datada, porém se supõe que foi escrita no início do mês de abril de 1933 (SANCHO, 2003, p. 29).

¹² Esta carta foi enviada através do arquiabade beneditino de Beuron, Raphael Walzer, ao cardeal secretário de Estado, Eugenio Pacelli. (O cardeal Pacelli, escrevendo em alemão, respondeu ao arquiabade beneditino Walker ainda no dia 20 de abril de 1933, informando que a carta “foi devidamente apresentada à sua Santidade”. Em 1937, Pio XI publicaria a Encíclica *Mit Brennender Sorge*, na qual a ideologia nacional-socialista é condenada como pagã e anticristã).

nazista para a Alemanha e para o mundo inteiro, senão a certeza plena de que se tratava de um atentado contra o homem, contra a sua dignidade. E frente a tudo isso, uma mulher como Edith, que precisamente se caracteriza por sua busca pela verdade do ser humano, não podia se calar (SANCHO, 2003, p. 31).

Assim diz esta carta, em partes, a respeito da preocupação de Edith Stein sobre como preservar a dignidade humana:

Padre Santo! Como filha do povo judeu, que pela graça de Deus e, já a onze anos filha da Igreja Católica, me atrevo a expressar ao Pai do Cristianismo o que preocupa milhões de alemães. Há semanas, somos expectadores, na Alemanha, de acontecimentos que envolvem um total desrespeito da justiça e da humanidade, sem falar do amor ao próximo. Durante anos, os líderes do nacional-socialismo pregaram o ódio contra os judeus. [...] Sob a pressão de vozes estrangeiras, o regime passou a usar 'métodos mais suaves'. Deram uma declaração de que não se deve 'tocar a nenhum povo ou a nenhum judeu'. Porém com sua declaração de boicote, levou muitos ao desespero, porque com esse boicote se tira dos homens a sua subsistência econômica, sua dignidade de cidadão e sua pátria. Por notícias particulares, conheci na última semana cinco casos de suicídio por causa dessas perseguições. Estou convencida de que se trata de uma mostra apenas que haverá muito mais sacrifícios. [...] Tudo o que aconteceu e o que acontece cotidianamente vem de um governo que se diz 'cristão'. Não só os judeus, mas também milhares de fiéis católicos da Alemanha e, creio, de todo o mundo esperam e confiam há semanas que a Igreja de Cristo faça ouvir a sua voz contra tal abuso do nome de Cristo. A idolatria da raça e do poder do Estado, com a qual a rádio martela cotidianamente as massas, não é uma aberta heresia? Essa guerra de extermínio contra o sangue judeu não é uma ultrajem à santíssima humanidade do nosso Salvador, da Santíssima Virgem e dos Apóstolos? Não está em absoluto contraste com o comportamento de nosso Senhor e Redentor, que, mesmo na cruz, rezou pelos seus perseguidores? E isto não é uma mancha escura na crônica deste Ano Santo que deveria ser um ano de paz e de reconciliação? [...] A guerra contra o Catolicismo ocorre em silêncio e com sistemas menos brutais do que contra o Judaísmo, mas não menos sistematicamente. Não falta muito para que, na Alemanha, nenhum católico possa obter cargo algum sem antes não se entregar incondicionalmente à nova trajetória já traçada. Aos pés de Sua Santidade pede a Bênção Apostólica (STEIN, ano apud SANCHO, 2003, p. 30-31).

Essa carta mostra a grande preocupação de Stein para com o ser humano, com a sociedade e com o mundo diante do regime nazista. Revela a angústia e a inquietante preocupação da guerra: “um atentado contra o homem” (SANCHO, 2003, p. 31). De fato, Stein não se cala, também, frente ao problema do extermínio do seu povo, sua raiz e sua história. Como assevera Sancho: “Edith Stein manifesta nestas páginas [...] um amor incondicional pelo ser humano, configurando-se uma autêntica mística do homem” (SANCHO, 2003, p. 31).

Se tem alguém que compreendeu a fundo a dimensão e as angústias mais profundas do ser humano, dentre tantos místicos, foi, sem dúvida, Edith Stein.

Segundo Kusano:

Edith Stein não teve chances de atuação na área acadêmica, primeiro por ser mulher e depois, com a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha em 1933, por ser judia. Mais tarde, já convertida ao catolicismo e vivendo entre as carmelitas sob o nome de Tereza Benedita da Cruz (Edith Stein), na vontade de seguir o exemplo de Cristo, assume a Cruz e o sofrimento que recai sobre seu povo e se oferece em sacrifício por ele. Sua morte em 1942, no campo de concentração de Auschwitz retrata o exemplo mais forte de resistência à violência (KUSANO, 2014, p. 13).

Ainda hoje, século XXI, não conhecemos profundamente a realidade da alma. “Cabe pensar que a causa dessa cegueira e da incapacidade de chegar ao profundo da alma não reside simplesmente em uma obsessão em relação a alguns prejuízos metafísicos, mas em um inconsciente medo de se encontrar com Deus” (STEIN, 2019, p. 570).

Para chegar a Deus, é indispensável, segundo a autora, um itinerário formativo que desperte a alma para Deus. Para ela, “a alma, não é um espaço vazio, ainda que possa penetrar aí um conteúdo, e deva, inclusive, estar aí acolhido, se ele quer desenvolver sua própria vida. A alma não pode viver sem receber; nutre-se com conteúdos que recebe [...]”. (STEIN, 2019, p. 396). O itinerário formativo tem por missão, levar o ser humano a trilhar um caminho contínuo de interioridade que o desperte para o transcendente, isto é, para Deus. A alma faz o seu encontro com Deus por meio desse itinerário formativo.

2.3 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E ENCANTAMENTO PELO SER HUMANO

A pessoa humana é o grande fenômeno da humanidade. É um ser que está sempre sendo. E sendo, é um fenômeno. Este fenômeno perpassa as distintas épocas de nossa longa e vasta história. Em todos os tempos, e nos mais variados aspectos que inclui o sujeito homem, sempre chamou muito a atenção a seguinte pergunta: o que é ser humano? História essa narrada e realizada pelo homem em todos os tempos. Desde o passado até o presente, um dos temas que mais se estudou foi, sem dúvida, o ser humano. A escolha pelo pensamento filosófico de Edith Stein considera-se pertinente, por ter elegido a dignidade humana e a vivência da liberdade como uma preocupação primordial para estruturação no mundo humano e da convivência humanizada no mundo. Edith Stein busca na filosofia fenomenológica o caminho para

responder a essa questão.

A aproximação com a corrente fenomenológica ocorre nos anos de formação de Edith Stein na Universidade de Breslaw, onde ela estudava História e Filologia, interessando-se depois por Filosofia e Psicologia Experimental, cujos professores, Richard Höningwald (1875-1947) e Louis William Stern (1871-1938) apresentaram-na aos escritos de Husserl (KUSANO, 2014, p. 24).

Em Göttingen, Stein estuda a fenomenologia¹³, “uma ciência que pretende estabelecer exclusivamente conhecimento de essência” (KUSANO, 2014, p. 39). A fenomenologia, é “um método, uma atitude, uma maneira de olhar o mundo com olhar purificado” (GARCIA, 1988, p. 39).

O termo “fenomenologia” deriva do verbo grego *phainestai* (aparecer) e do substantivo *logos* (discurso). A função da fenomenologia – como ciências das essências – é clarear as essências que são pressupostas pelos diferentes tipos de conhecimento. Ela não considera nada como pressuposto, antes, busca cavar o sentido deles, isto é, a essência de tudo o que está nos atos de consciência. A fenomenologia descreve a experiência do homem (e seus fenômenos) tal como ela é.

A permanência de Edith Stein em Göttingen foi muito importante: “Os anos em Göttingen são determinantes para sua trajetória intelectual [...] relacionou-se com o Círculo de Göttingen¹⁴, cujos integrantes eram jovens estudiosos que vinham de todos os lados da Europa para estudar a Fenomenologia” (KUSANO, 2014, p. 26). Em seus escritos autobiográficos diz: “Eis que depois de numerosos desvios, chego ao principal motivo que me conduziu à Göttinga: a Fenomenologia e os fenomenólogos” (STEIN,

¹³ A fenomenologia é um movimento de ampla difusão no contexto da filosofia do século XX e tem como fundador, Edmund Husserl (1859-1938), na Alemanha. Este movimento se disseminou e influenciou grandes pensadores, tais como Max Scheler e Martin Heidegger (1889-1976) na Alemanha, Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) na França. Martin Heidegger assume a cátedra de filosofia de Husserl em Friburgo e dedica sua obra mais conhecida *Ser e Tempo* ao mestre. Ele assume o método fenomenológico, ainda que sua filosofia seja muito diferenciada daquela de Husserl, voltando-se para a investigação da existência do sentido do ser, sem fazer uso da redução transcendental. Sartre, por sua vez, absorve o conceito de intencionalidade da consciência da fenomenologia, mas renega a virada idealista de Husserl, Merleau-Ponty adere ao teor da fenomenologia, principalmente, no sentido de buscar a essência da percepção e a essência da consciência, mas mantém sua filosofia a certa distância daquela praticada por Husserl. Existe também a corrente conhecida sob o nome de fenomenologia da religião, cujos principais representantes são Rudolf Otto (1869-1937) e Gerardus van der Leeuw (1890-1950) que, em linhas gerais, usam o método fenomenológico como instrumento para entender a essência da religião e a essência da experiência do sagrado (KUSANO, 2014, p. 28).

¹⁴No Círculo de Göttingen, mais tarde denominado de Sociedade Filosófica, terá ao lado de Edmund Husserl, as seguintes personalidades: Hedwig Conrad-Martius, Grete Ortmann, Érika Gothe, Rose Guttmann, Betty Heymann, Dietrich von Hildebrand, Max Schler, Adolf Reinach, Hans Theodor Conrad, Mortiz Geiger, Alexandre Koyré, Roman Ingarden e Johannes Hering (PERETTI, 2009, p. 40).

2018, p. 312). A autora vai discernindo o caminho a ser trilhado na busca do conhecimento. Esse contato com diversos estudantes oriundos de distintos lugares, possibilita-lhe uma abertura para outros conhecimentos, sobretudo, da fenomenologia.

Conforme afirma Garcia (1988, p. 56), “cada obra da filósofa, de fato, enfoca essa constante, mesmo nos altos cumes da metafísica ou da Mística procura desvendar o segredo do homem”. A fenomenologia, para Stein, torna-se uma ferramenta indispensável para o conhecimento da pessoa humana, que necessita da observação e das vivências para se tornar eficaz, pois não se conhece o ser humano somente por meios técnicos ou pela simples reflexão. É necessário buscar adentrar o máximo na alma humana para desvendá-la.

Assim, Stein vai encantando-se pelo método fenomenológico de Husserl. O mestre, como ela chamava, “estava em busca de um método de pesquisa sobre o conhecimento humano para além da lógica e da psicologia, método que ele definiu, exatamente, como ‘fenomenológico’” (ALES BELLO, 2018, p. 29). “Tal encantamento pelo novo método não era aleatório, mas fundamentado na redefinição que Husserl propunha para os rumos da filosofia depois de Kant. Esse também é o motivo pelo qual Stein aproximava-se dessa corrente” (KUSANO, 2014, p. 27).

Este é o caminho percorrido por Stein:

da fenomenologia à metafísica, referindo-se a uma constituição espiritual do ser humano. Em *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma filosofia fenomenológica*, tomo II, publicada postumamente em 1952, Husserl aponta o espírito, a psique e o corpo como realidade distintas, embora recíprocas. A partir de uma compreensão profunda do pensamento do mestre, mas também desenvolvendo um movimento intelectual próprio, Edith Stein delinea na obra *Estrutura da Pessoa Humana* a constituição da pessoa humana em um eu formado por vários níveis que devem ser distinguidos: corpo, psique e espírito (LIMA; GOTO, 2018, p. 63).

Com efeito, a fenomenologia constitui uma das “bases sobre as quais Edith Stein formula as questões filosóficas, tendo como fio condutor do pensamento a estrutura ôntica¹⁵ do indivíduo humano” (KUSANO, 2014, p. 2014). Stein compreende

¹⁵ A fenomenologia renovou a reflexão ontológica no século XX através de Martin Heidegger e Edith Stein, dentre outros discípulos de Edmund Husserl. Stein, propõe uma ontologia da pessoa humana que leva em conta a espiritualidade. Na linha de pensamento de Max Scheler, dá início a um movimento personalista com vista a uma visão de antropologia filosófica, considerando o homem sob uma natureza triuna de corpo, mente e espírito, que retoma em parte a visão metafísica medieval e aproxima Husserl de Aquino. Desde o início o objeto de estudos visado por Edith Stein foi o mundo subjetivo da pessoa humana, portanto, um espaço ôntico de um mundo ontológico, tanto individual quanto coletivo. A

a importância do método fenomenológico no estudo da estrutura do ser humano que define sua estrutura composta de matéria (*Körper*), corpo animado, vivo (*Leib*); alma (*Seele*), com suas peculiaridades, e (*Gemüt*), espírito.

Referindo-se ao método, Stein diz que:

Nosso caminho será o sistemático: teremos que fixar nossa atenção nas coisas mesmas e ir construindo sobre essa base na medida que se pode. [...] O princípio mais elementar do método fenomenológico: fixar nossa atenção nas coisas mesmas. Não interrogar as teorias sobre as coisas, deixar de lado enquanto possível o que se tem escutado e lido e as composições do lugar que ele mesmo se fez, para acercar-se das coisas com um olhar livre de prejuízos e beber da intuição imediata. Se queremos saber quem é o homem, teremos que nos colocar do modo mais vivo possível na situação em que experimentamos a existência humana, isto é, o que dela experimentam em nós mesmos e em nossos encontros com os outros (STEIN, 2003, p. 590).

Edith Stein pauta seu pensamento e a construção do conhecimento em uma ciência rigorosa: a fenomenologia. Nas palavras de Alfieri:

Edith Stein é fenomenóloga. Portanto, para acompanharmos seu percurso, é preciso conhecer alguns elementos básicos sobre os quais se fundamenta a fenomenologia de Edmund Husserl e ativar a atitude interior da retenção do juízo (*epoché*), isto é, o colocar fora de circuito os resultados aprendidos até então em todos os campos do conhecimento, sobretudo os advindos das ciências naturais, pois essa é a condição indispensável para apreender em si mesmo qualquer tema tratado a chegar assim à sua essência (ALFIERI, 2014, p. 17).

Segundo Peretti (2019, p. 77), “o objetivo da fenomenologia é, para Edith Stein, a compreensão (*Klärung*) e, por meio dela, a fundação de todo o conhecimento”. A autora acredita que Edith Stein sempre teve por objetivo a busca pela verdade, é algo realmente certo, sobretudo quando se percebe os detalhes dos seus escritos que deixam claro essa sua busca.

Como já acenamos anteriormente, aos 22 anos de idade, Stein muda-se para Göttingen para estudar na escola fenomenológica de Edmund Husserl¹⁶, seu futuro

influência lhe advém das aulas de Husserl sobre o clássico problema da ‘separação’ e da ‘participação’ entre sujeito e mundo, entre natureza e espírito, posto desde Platão, mas cuja fissura se aprofundou a partir de Descartes e Kant [...] Nos textos fenomenológicos iniciais, Stein busca descrever os mecanismos dessa ‘chave’ de acesso ao outro e de compreensão da estrutura ôntica (interior), da pessoa humana, tanto em sua dimensão individual quanto coletiva comunitária. ‘Na base de toda controvérsia sobre a empatia subjaz um pressuposto tácito: nos são dados sujeitos outros e suas vivências’ (STEIN, 2005^a, p. 79). Portanto, da possibilidade de existência individual de um sujeito com seu mundo subjetivo, que pode conhecer, a partir de um núcleo próprio que lhe dá autonomia, constitui-se o conceito de alteridade na ontologia steiniana (ANDREATA, 2019, p. 88-89).

¹⁶ Edmund Husserl, cuja formação se baseava em estudos de matemática e psicologia, considerava a possibilidade de compreender o significado da aritmética e, particularmente, do número, mediante a

mestre, porque:

A Universidade de Breslau não tinha nada de novo para lhe oferecer, depois de dois anos de permanência lá. Ela havia lido Husserl e se sentiu entusiasmada com essa nova corrente filosófica: a fenomenologia. Inicialmente, apenas um semestre. Mas uma vez lá, não se se entusiasmou com o ambiente, mas intuiu que através do método fenomenológico pode realizar essa busca que tanto a inquietava. Por isso ela decide concluir seus estudos ali mesmo e projeta seu doutorado em filosofia com Husserl (SANCHO, 2016, p. 49).

Segundo Ales Bello (2018), o afastamento de Edith Stein do Mestre não foi determinado por compartilhar com a acusação de idealismo. Na realidade, é o próprio ensaio dedicado ao confronto entre Husserl e Tomás de Aquino que fornece a chave para compreender a nova direção de sua busca. O que distingue fundamentalmente a fenomenologia husseliana e a filosofia tomista é a visão “antropocêntrica” da primeira e a “teocêntrica” da segunda. “A busca da verdade é comum aos dois filósofos” (ALES BELLO, 2018, p. 34).

Nota-se nos escritos de Stein uma evolução na sua trajetória intelectual, sabe-se, que foi em Deus que ela encontrou a “Verdade”, que tanto buscava. Ales Bello, referindo-se a Stein, sustenta ainda que:

Ela admite, de fato, que a fenomenologia de Husserl, com sua exigência e rigor, tende a reconhecer o que é verdadeiro e válido além de todo ceticismo e relativismo, mas também sublinha que o objeto da pesquisa é, exatamente, o ‘mundo’, assim como é constituído pelo sujeito, e não, porém, construído ou produzido no sentido idealista. O sujeito é aqui entendido não na sua singularidade, mas na sua estrutura universal. Por tal razão, a fenomenologia husseliana pode ser definida como ‘antropocêntrica’. A verdade, segundo Santo Tomás de Aquino, identifica-se com a revelação divina que é perscrutada pela mente humana [...]. Edith Stein considera a abertura ‘teológica’ tomista mais convincente porquanto identifica a fonte da verdade com Deus (2018, p. 34-35).

análise psicológica, ciência cuja instituição era bastante recente, remontando à metade do século XIX. Porém, já no primeiro volume das Investigações Lógicas de 1901, percebeu que a psicologia era insuficiente, orientando-se para a lógica, a fim de captar o significado dos processos de conhecimento. Na realidade, Husserl estava em busca de um método de pesquisa sobre o conhecimento humano para além da lógica e da psicologia, método que ele definiu, exatamente, como “fenomenológico”, constituído na análise da atividade cognitiva e, em geral, da vida reflexiva e afetiva, descrevendo-a no seu acontecer, assim como ela se apresenta, sem nenhuma sobreposição de elementos estranhos. Por isso, ele sustentava que era necessário ‘pôr entre parênteses’, isto é, ‘reduzir’ toda atitude preestabelecida e toda aceitação acrítica, para assumir um comportamento ‘vigilante’ que possibilitasse, em primeiro lugar, colher aquilo que se manifesta como essencial. Por exemplo, se captamos um som entre uma série de sons que ouvimos não se deve atribuir a este som assim individualizado o valor de uma ideia em sentido platônico ou de uma forma em sentido aristotélico (ALES BELLO, 2018, p. 28-29).

Diante dessas considerações, que verdade, então, ela busca? Sancho diz que:

A resposta será descoberta paulatinamente, embora possamos antecipar seu conteúdo forma: a verdade que Edith precisa descobrir é aquela que dá sentido e razão para a vida do homem, ou melhor, o mistério que encerra em si o homem [...] Por trás de tudo isso está esse anseio visceral de descobrir o que é a verdade. Isso é, sem dúvida, um dos qualificadores que mais frequentemente se aplicam à Edith (SANCHO, 2016, p. 49, Tomo 1).

Pode-se dizer, então, que Stein tinha a busca da verdade como sua meta, seu objetivo, fazendo assim, a busca pela verdade, se tornar, para ela, um sinônimo de objetividade, isto é, aquilo que aparece com clareza e limpidez. O seu desejo de verdade era, ao mesmo tempo, um desejo de objetividade. Isso foi uma constante em sua vida. Stein cresceu no conhecimento, porque buscava sempre se aprofundar nas questões que a ela eram importantes, como ela mesma relata no seu encontro com Husserl e ser admitida no Círculo de Göttingen:

De início, não fui à casa de Husserl para apresentar-me [...]. Os recém-chegados deviam apresentar-se para serem aceitos. Foi ali, então, que vi pela primeira vez Husserl em carne e osso [...]. Após a sessão preliminar geral, ele chamou os novatos um por um. Quando lhe falei meu nome, ele me disse: 'O senhor Reinach falou-me da senhorita. A senhorita já leu algo dos meus trabalhos?' – 'As Investigações lógicas'. – 'Todas as Investigações lógicas?' – 'O segundo volume inteiro.' – 'Todo o segundo volume? Essa é realmente uma façanha heroica!, disse ele sorrindo. Assim, fui aceita (STEIN, 2018, p. 315-316).

Certamente, Stein foi crescendo no conhecimento do método fenomenológico pela sua participação assídua no Círculo de Estudantes de Göttingen, e assim, se aprofundando no pensamento daquele que, viria a ser o seu mestre. Conforme Ales Bello:

Em 1916, Husserl fora nomeado professor titular na Universidade de Freiburg, e escolheu como assistente Edith Stein, cujo trabalho consistia em organizar os numerosos manuscritos do mestre e ministrar cursos preparatórios de fenomenologia para os estudantes; exatamente naquele ano ela defendeu com louvor a sua tese sobre empatia (ALES BELLO, 2018, p. 31).

A filósofa conhecia profundamente o método utilizado pelo seu mestre Husserl e, mesmo que tenha tido em seus estudos e pesquisas entrado em contato com distintos temas que a distanciariam de algumas ideias de seu mestre, ela nunca

abandonou o método fenomenológico. A respeito da postura de Stein, Ales Bello (2018, p. 30) revela que:

Em Göttingen, ela teve a possibilidade de aplicar o método fenomenológico na sua primeira pesquisa importante, relativa à vivência da empatia, isto é, ao modo em que todo o 'eu' se põe em contato com os outros e os conhece. Tal conhecimento tem a sua peculiaridade: o outro é conhecido, ou melhor, 'sentido' como outro-eu (alter-ego), isto é, reconhecido como um sujeito (eu), mas diferente de mim e, por isso, 'outro'.

Há que se citar, também, que foi por meio de tal método que Stein buscou entender o ser humano que está imerso em sua própria consciência, e analisou todos os fenômenos e suas essências, dentre eles, o maior dos fenômenos: o ser humano. Em que consiste o método fenomenológico de Husserl?

Na realidade, Husserl estava em busca de:

um método de pesquisa sobre o conhecimento humano para além da lógica e da psicologia, método que ele definiu, exatamente, como 'fenomenológico', consistindo numa análise da atividade cognitiva e, em geral, da vida reflexiva e afetiva, descrevendo-a no seu acontecer, assim como ela se, sem nenhuma sobreposição de elementos estranhos. Por isso, ele sustentava que era necessário 'pôr entre parênteses', isto é, 'reduzir' toda atitude preestabelecida e toda aceitação acrítica, para assumir um comportamento 'vigilante' que possibilitasse, em primeiro lugar, colher aquilo que se manifesta como essencial. Por exemplo, se captamos um som entre uma série de sons que ouvimos não se deve atribuir a este som assim individualizado o valor de uma ideia em sentido platônico ou de uma forma em sentido aristotélico (ALES BELLO, 2018, p. 29).

O método fenomenológico mostra-nos que todo conhecimento pode ser reconduzido a tudo aquilo que vivemos em nossa consciência. Deve transpor aos conceitos revelados, numa realidade em que a lógica e a psicologia predominavam reduzindo o ser humano em um objeto material, apto para ser estudado. Husserl, pelo método, procura mostrar que todo ato reflexivo está inserido na temporalidade e, sobretudo, na experiência vivencial que o homem vive a cada dia. Ele constata que tanto a filosofia quanto a ciência estão em constante modificação, dado o caráter situacional do homem, por isso:

Husserl tentará mostrar que a reflexão é reveladora das influências do meio, que todo pensamento está mergulhado na experiência vivencial, no fluxo temporal; será assim, um pensamento vivencial, no fluxo temporal [...] Husserl quer liberar o olhar para a análise do vivido, que não pode ser definido, mas apenas descrito. Husserl não colocará em dúvida, como Descartes, a

realidade do mundo exterior. Ele realizará a *epoché*¹⁷ fenomenológica, que consiste em proibir todo juízo que verse sobre a existência espaço-temporal. Essa redução colocará entre parênteses a realidade do mundo, bem como os conhecimentos científicos que deles possam ter; colocará entre parênteses, ainda, o homem enquanto ser natural, na dimensão empírica, a lógica e a matemática (SANTOS, 2012, p. 101).

A redução torna-se importante porque, por meio dela, vai-se “da experiência do mundo às descrições das atividades do sujeito transcendental” (SANTOS, 2012, p. 101). Dessa forma, ela tem a finalidade de nos preparar para compreender os fenômenos que são perceptíveis. A análise que a fenomenologia faz é uma análise das “direções do nosso olhar feita pela consciência. Esta consciência “é dita intencional porque se dirige a um objeto. Foi dentro da fenomenologia de Husserl que Edith Stein desenvolveu grande parte do seu pensamento filosófico” (SANTOS, 2012, p. 1001).

A fenomenologia é o caminho que se faz para se chegar à essência das coisas, a busca dos fundamentos primeiros do conhecimento. O caminho filosófico de Edith Stein, sobretudo, depois da sua conversão e já no Carmelo, possibilitou-lhe compreender de forma diferenciada o conhecimento também dos autores cristãos como Teresa D'Ávila, São João da Cruz etc. A investigação dos fenômenos humanos possibilitou-lhe adentrar no conhecimento da estrutura do ser humano e tudo aquilo o que lhe pertence como ser ôntico.

Segundo Sberga (2014), esse método tem um procedimento particular que se efetiva por meio de dois passos. O primeiro se dá com a atitude de colocar entre parênteses todas as teorias, saberes anteriores, ou seja, suspender o juízo, fazer a *epoché*, para acontecer a visão imediata, a fim de captar a coisa por ela mesma. Husserl denomina esse primeiro passo do método de redução eidética. É o ato de captar a essência (*eidos*) das coisas, que se dá numa visão espiritual que Husserl chama de intuição, ou seja, intuição da essência, o seu sentido. Assim, a *epoché* e a intuição são pontos basilares do método fenomenológico. O ser humano é o único capaz de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de reflexão e conhecimento sobre si mesmo. Por isso, ele tem uma dupla função: a ativa, de analisar a si mesmo na sua essência – considerado como o primeiro passo do método fenomenológico – e a

¹⁷A *epoché* tem como objetivo apreender a essência do fenômeno, ou seja, o *eidos*. Compreende-se assim que tal método fenomenológico seja denominado de variação eidética. Assim, o *eidos* (essência) que é a origem da palavra ideia (sendo essa distorcida no idealismo) é para Husserl a possibilidade de diversas percepções de um mesmo fenômeno (COELHO, 2012, p. 20-21).

passiva, de ser analisado por si mesmo. Dá-se, aqui, o segundo passo do método que é justamente a pessoa ser analisada por ela mesma. Esse mecanismo se chama redução transcendental, ou seja, a análise subjetiva da estrutura interior. A esse ato de ir além daquilo que está fora para remeter-se à análise das vivências do sujeito, Husserl usa o termo transcendental, que também é usado por outros filósofos, como Immanuel Kant [1724-1804] (SBERGA, 2014, p. 146-149).

Chegar às coisas mesmas e à essência do homem é o interesse da fenomenologia de Edith Stein. No seu conceito de formação, é de suma importância conhecer a essência da pessoa para bem formá-la, fenômeno que se dá na relação com as vivências e das experiências do aqui e agora. O ser humano, para Stein, começa a análise partindo da reflexão de si mesmo, isto é, um olhar para dentro de si. Esta análise parte das próprias vivências, tendo como base a corporeidade, a psique que revela os instintos e reações múltiplas. Quando se dá uma abertura para o externo e para o interno, significa que se chegou a outro nível, ao nível espiritual.

O método fenomenológico consiste em captar o fenômeno para se chegar à essência e absorver aquilo que é próprio do ser humano. Ver o ser humano somente com os olhos, não é suficiente para conhecê-lo. É necessário captar a essência pela análise das suas vivências. Conforme Sberga (2014, p. 149): “Segundo Husserl e Stein, a antropologia filosófica recorre ao método fenomenológico justamente porque ele possibilita evidenciar esta estrutura universal da pessoa”.

Assim, pela reflexão, confirma-se o que Stein expressou no seu conceito sobre a fenomenologia:

O objetivo da fenomenologia é a clarificação e com ela a fundamentação última de todo conhecimento. Para se chegar a este objetivo é preciso que seja excluído de toda consideração todo o duvidoso. Não faz uso dos resultados de ciência alguma [...] porque uma ciência que almeja ser clarificação última de todo conhecimento científico, não pode apoiar-se por sua vez sobre uma ciência já fundamentada, mas que deve fundar em si mesma (STEIN, 2005, p. 79, Tomo 2).

O fato é que, para Husserl, há um modo diferente de entender a relação entre religião e filosofia. Para o filósofo, religião e filosofia são separadas em sua aplicação. Mas isso não significa que ele não reconheça a existência e a importância da fé e que não tenha a compreensão que o ser humano possui uma dependência de Deus. O filósofo, simplesmente, não insere diretamente essa problemática em sua pesquisa. É por essa razão que Edith Stein define como antropocêntrica a posição do seu

Mestre.

2.4 ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA E FENOMENOLOGIA DA FORMAÇÃO

Um dos problemas fundamentais da antropologia filosófica de Edith Stein é a questão do ser humano. Ela posiciona-se diante do problema do reducionismo antropológico, do progresso das ciências humanas e seus diferentes métodos, que acabaram fragmentado seu objeto, ao ponto que o entendimento do homem encontrava-se disperso e com forte tendência de ruptura com a tradição filosófica.

O problema emerge na busca das bases teóricas para a educação na obra *A Estrutura da Pessoa Humana*. A reflexão filosófica sobre a educação, conduz a duas perguntas cruciais: que coisa é o ser humano enquanto sujeito e objeto da educação? Como propor uma práxis educativa numa atmosfera em que está presente diversas visões de homem? As três visões que ela considerava emergentes na sua época eram: a idealista, que agregava muitos pensadores alemães de Lessing a Goethe; a psicologia do profundo, que nas suas entrelinhas delineava a diferença entre Freud e Jung; a existencial de Heidegger. Embora considerasse essas visões importantes, não eram suficientes para responder a seu objetivo de: “fundar e desenvolver uma ciência da educação do ponto de vista cristão; confrontar-se com outras ideias e sistemas pedagógicos; assegurar a formação permanente dos professores e de pesquisadores na filosofia da educação” (STEIN, 2013, p. XL).

Diante disso, Stein rejeita os ideais da época tais como o idealismo, a psicologia do profundo e o existencialismo e recorre aos resultados sobre a “pessoa” obtidos por Husserl e por Scheler. Também acrescenta ao conceito pessoa o adjetivo “humana”, consciente de que o termo “pessoa” foi usado pela primeira vez na teologia medieval ocidental para indicar as pessoas “divinas” e somente por extensão, dada à filiação em relação ao Pai, que foi atribuída ao ser humano.

Assim, o curso de antropologia filosófica, realizado no semestre invernal de 1932-1933, possibilita-lhe uma sistematização dos conteúdos já discutidos anteriormente em outras obras. Da mesma forma, ela pode aplicar seus novos conhecimentos adquiridos no estudo de São Tomás em *Potência e Ato* (2003), as conexões corpo-alma-espírito na pessoa humana. Para Stein, não é absurdo sustentar, como fez Tomás, “uma existência no mundo material aos olhos de Deus, antes que houvesse criaturas vivas sob cujos sentidos esse mundo pudesse cair. Ser

criatura significa ser colocado a luz por Deus e possuir um ser diferente daquele divino” (STEIN, 2003, p. 357).

Edith Stein acrescenta a esse propósito as operações da vida intelectual já evidenciadas por Husserl por meio da fenomenologia. Essas operações não nos distanciam da narrativa da criação. O reconhecimento dogmático da criação não pode levar-nos a abandonar a busca filosófica. Mesmo que muitas coisas possam ser consideradas válidas por meio de uma crença ingênua da experiência, as coisas só podem ser investigadas a partir de um estudo atento como “relativas a uma determinada estrutura espiritual-sensível de pessoas experientes” (STEIN, 2003, p. 357).

Dessa maneira, Stein adentra-se ao estudo do ser humano que, enquanto corpo, é uma espécie animal. Se for considerada a alma em si mesma e o corpo assim como é formado por esta alma, “todo ser humano é uma espécie particular, ou seja, uma pessoa espiritual com uma particularidade específica; e, no entanto, o ser humano não é um ser duplo, mas é um ser [que possui corpo e alma]” (STEIN, 2003, p. 382).

Por essa via, Stein afirma que o ser humano é “constituído do alto” e isso vale para todas às criaturas ainda que estas recebem do ser humano um sentido especial, “aquele de aproximação ao ser puro no ser do ser humano pessoal-consciente-livre como tal; confirma, além disso, a superioridade do ser como espécie individual” (STEIN, 2003b, p. 383).

Nessa perspectiva, a autora confirma o modo de um ser finito – o ser pessoal. Mas esse modo de ser seria possível somente como “participação” do ser de Deus? A própria Stein responde com base no estudo da metafísica de H. Conrad-Martius: “[...] o ser humano, na medida pelo qual é elevado para além de si mesmo em liberdade pessoal, ele teria nascido do espírito, do eu original” (STEIN, 2003b, p. 383). Garcia (1988, p. 57), por sua vez, afirma que “o homem se explica a partir do Ser, do espírito pela constante referência a Deus, também pela correlação singular de seus elementos, na mútua relação de alma e corpo. O ser humano não é um ser indivisível e acabado, pois está sempre em desenvolvimento físico, psíquico e espiritual.

Sendo assim, o que o ser humano deve ser é o problema fundamental da vida. Trata-se do desenvolvimento das capacidades humanas, no sentido universal, mas também daquelas capacidades, ou disposições originárias, inerentes ao seu núcleo pessoal que devem ser atualizadas em seu processo de formação. Nesse sentido,

Stein procura recuperar o “*télos*”, isto é, a finalidade pela qual o ser humano foi criado e descreve as características de uma dinâmica de formação da pessoa, explicitando os componentes que envolvem esse processo na direção da formação de uma personalidade e caráter autênticos, tema com o qual havia se deparado já em suas primeiras obras.

A formação não é uma posse externa de conhecimentos e, sim, a forma que a personalidade humana assume sob as influências de múltiplas forças vindas de fora, ou então o processo dessa modelagem. O material a ser moldado é constituído de um lado pelas aptidões físicas e psíquicas com que o ser humano nasce, pelo material que lher é constatemente acrescentado de fora e que deve ser assimilado pelo organismo. O corpo retira esse material do mundo físico, a alma do ambiente espiritual, do mundo das pessoas e dos bens de que deve alimentar-se (STEIN, 1999a, p. 137).

O termo “formação” assume em Stein diferentes significados, mas, para fins de nossa pesquisa, enfatizam-se três momentos: a ação de formar; o processo de ser formado e o êxito ou o resultado desse processo (STEIN, 1999b). Para chegar a ser aquilo que se pode e deve ser, a pessoa atravessa, em sua biografia, um processo de formação que modela o seu ser de várias maneiras. Contemplando essa noção de formação, fica claro que ela implica um processo, ou seja, uma personalidade efetivada e designada como autêntica ou inautêntica. Até atingir o estado de uma personalidade autêntica, pode-se falar de um processo de formação da personalidade. Mas, antes de adentrar no aprofundamento do processo de formação, é fundamental esclarecer o que se entende por constituição do ser humano.

Tanto as análises de Edmund Husserl quanto aquelas de Edith Stein foram realizadas a partir de um olhar rigorosamente filosófico e buscaram mostrar, por meio de uma pesquisa racional, como é feito o ser humano. Edmund Husserl, partindo dos atos presentes na consciência, atos pelos quais podemos nos tornar conscientes em nível de reflexão, individuou três dimensões no ser humano correspondentes a três esferas de ações distintas qualitativamente: corpórea, psíquica e espiritual. Edith Stein continua a análise proposta pelo seu mestre e vai acrescentando outros elementos de maneira que possam convalidar a estrutura tripartida indicada na sua trilogia: corpo vivente (Leib), alma (Seele) e espírito (Geist). (PERETTI, 2009, p. 105).

Zilles (2017, p. 370) assegura que “a antropologia filosófica de Stein, remete-nos ao núcleo (*Kern*) pessoal, ou seja, ao que ela também chama de ‘alma da alma’. Usando o rigor do método, apresenta um arcabouço teórico sólido para conhecer a complexa estrutura do ser humano”.

Edith Stein disponibiliza as ferramentas teóricas para o conhecimento da autêntica individualidade e da personalidade da pessoa humana. Recorre aos conceitos propostos por Husserl, as formas ontológicas quando tratou de categorias lógicas e categorias formal-ontológicas. “Esta era a intenção de Husserl: fazer uma leitura o mais aderente possível a toda a estrutura do ser” (SAVIANI FILHO, 2014, p. 20). O conceito de pessoa utilizado é empregado “para designar o indivíduo humano dotado de espiritualidade (*Geistigkeit*)”, isto é, de “capacidade de reflexão, autorreflexão, apercepção de valores e comunicação” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 154).

Stein fundamenta seu conceito de pessoa¹⁸ em diversos pensadores, mas é em Boécio¹⁹ de Roma (475-525) que a autora ampara-se, segundo Savian Filho, no Prefácio do livro: *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*, de Francesco Alfieri, sua definição de pessoa dizendo que “pessoa é a substância individual de natureza racional” (ALFIERI, 2014b, p. 16). A pessoa possui natureza racional é dotada de razão e liberdade, “por isso é uma criatura que pode compreender a normalidade de seu próprio ser e, assim, pode orientar-se com seu comportamento. Além disso, corresponde ao entendimento como dom de compreensão e a liberdade como o dom de configurar por si mesmo o próprio comportamento” (STEIN, 2019, p. 386).

Stein atribui grande importância à antropologia filosófica. Ela resgata seu valor no âmbito das demais disciplinas, pois, para muitos, a antropologia na sua época “assemelhava-se à zoologia, [...] uma ciência que estudava o homem como espécie” (STEIN, 2003, p. 579). Mas alguns filósofos²⁰ já começam a falar da transcendência.

Stein vai além das ciências positivistas, uma vez que ela propõe uma antropologia crista. A imagem proposta é aquela de um ideal humanístico, um ser

¹⁸ Boécio interpreta o conceito de indivíduo da metafísica aristotélica pelo conceito de pessoa como “substância individual de natureza racional”. Ele traduz a “substância individual” (*hypóstasis/prósopon*) pelo latim (*susbsintentia/persona*), um ser que tem “subsistência individual” (*autosubsistente*) por sua “natureza racional”. Esta interpretação tornou-se a base da concepção medieval (ANDREATA, 2019, p. 144).

¹⁹ Foi um filósofo, poeta, estadista e teólogo romano, cujas obras tiveram uma profunda influência na filosofia cristã do Medievo, sendo incluído entre os fundadores da Escolástica. Boécio compreende o ser humano como um composto de corpo mortal e alma imortal.

²⁰ Não esqueçamos que, nessa época (de Edith Stein), o filósofo Henri Bergson, francês de sangue hebreu, defende a mística em sua obra “As duas fontes da moral e da religião”; William James, professor de Harvard, escreveu “As variedades da experiência religiosa”; Rudolf Otto publicou seu ainda clássico *O sagrado*; Gabriel Marcel, na França, publicou sua obra *Ser e ter*, na qual distingue não só o ser e o ter, mas também o mistério e o problema; Max Scheler escreveu *O eterno no homem*. Nesse contexto, Edith Stein elabora sua antropologia aberta à transcendência divina, o ser humano aberto ao divino (ZILLES, p. 383-384).

humano como Imagem de Deus antes do pecado. É a partir desse pressuposto que nasce a compreensão da convergência objetiva entre humanidade e educação, a condição de existência de relação entre a ideia de ser humano, a teoria e a prática pedagógica. O ser humano é ser humano, pois ele desenvolve-se e conquista a sua humanidade (gênero humano), só por meio da educação (STEIN, 2013, p. 23, nota 26). Portanto, “o ser humano como ser corporal vivo-anímico-espiritual” (STEIN, 2019, p. 387). Ele “pode desenvolver não apenas seu caráter evolutivo, mas ter acesso e desenvolver os bens espirituais objetivos” (STEIN, 2019, p. 387). A educação pressupõe liberdade e compreensão, visto que se dirige à vontade para lhe indicar uma direção para sua ação, mas o fato de tomar essa direção é coisa sua, é uma sua livre decisão. Assim, cada pessoa é capaz de “formação e autoformação” (SBERGA, 2014, p. 27), de desenvolver a sua interioridade, de compreender o íntimo da sua alma e a força da graça que irrompe para dentro. Sua singularidade forma-se a partir de dentro.

No interior é onde a essência da alma irrompe para dentro. Quando o eu vive – no fundo do seu ser, onde ele está totalmente como em sua casa e a ela pertence –, adivinha, então, algo do sentido de seu ser, experimenta sua força centrada nesse ponto, antes de sua partição em forças individuais. “E se vive dessa interioridade, então vive uma vida plena e alcança o cume do seu ser” (STEIN, 2019, p. 454-455).

Essa flexibilidade ontológica é o que fascina cada ser pessoal. “A capacidade de uma autoconfiguração na alma depende do que tem em comum com o ser puro e do que a diferencia dele” (STEIN, 2019, p. 447). Conhecer a si mesma e chegar a ser o que devemos ser não depende apenas da nossa capacidade de autoconhecimento, mas da capacidade de interação do “meu eu” com o “outro eu”.

Edith Stein coloca-nos diante de um grande desafio: como a educação na fé pode contribuir para que o ser humano “possa se tomar em suas mãos”, “ser e formar-se si mesmo”? “O ser humano é um ser constituído de corpo vivente e alma”, mas como essas dimensões podem assumir nele uma forma pessoal? (STEIN, 2013, 127-128).

O ser humano experimenta a existência humana e a humanidade nos outros, mas em si mesmo. Em tudo aquilo que o ser humano experimenta, pode sentir também algo de si. “Os sentidos constituem as portas de entrada para as coisas que caem sob os sentidos” (STEIN, 2019, p. 453). A experiência que ele faz de si mesmo é totalmente diferente daquela que faz de todo o resto. A percepção exterior do próprio

corpo não é a ponte para a experiência do próprio eu. O corpo com certeza é percebido exteriormente, mas esta não é a experiência fundamental. O homem é, na sua essência, um ser espiritual e a natureza espiritual da alma é postulada para sua união com Deus, ou seja, para a sua vida de graça e de glória. Diante disso, convém ressaltar que:

A pessoa implica em espiritualidade. O homem enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito tem algo peculiar: uma interioridade, um centro, a partir do qual se possui plenamente, está em si mesmo e, por ele é capaz de sair de si mesmo. O entrar e o sair de si mesmo são dois movimentos essenciais da pessoa (GARCIA, 1988, p. 58).

A partir disso, compreendemos que a pessoa é capaz de conhecer a si mesmo e de conhecer o outro na sua mesma interioridade. Este ir e vir para dentro e fora de si faz com que ela se torne autônoma de si mesma na consciência de que Deus fê-la livre e com a capacidade e domínio sobre seus atos próprios no tempo e no espaço. “O homem é realmente pessoa, mesmo não sendo pessoa em plenitude” (GARCIA, 1988, p. 58), pois a plenitude da sua essência só se pode encontrar N’Aquele que contém toda plenitude: Deus, o Ser Eterno. Deus dá ao homem a dignidade pelo mistério da sua existência, pois Ele disse: “façamos o homem à imagem, como nossa semelhança” (Gn 1, 26).

O fato do ser humano ter sido feito à imagem do Criador, confere-lhe esta dignidade que lhe foi conferida como a criatura mais amada. Nasce, para o homem, a vocação para a eternidade, visto que “o homem [...] é livre, é chamado à perfeição e é um membro da cadeia formada pelo gênero humano, que se aproxima progressivamente ao ideal de perfeição” (STEIN, 2003, p. 563).

A antropologia filosófica de Stein propõe um conceito de ser humano corporal-anímico, mas tanto o corpo como a alma têm nele uma índole pessoal, isto é, no homem habita um eu consciente de si mesmo e capaz de contemplar o mundo, um eu que é livre e que em virtude de sua liberdade pode configurar tanto seu corpo como sua alma” (STEIN, 2003, p. 663). Mas quem é o eu? “Denominamos o eu pessoa livre e espiritual [...] Assim, a localização do eu só é possível através da vivência” (STEIN, 2003, p. 654). Zilles (2017, p. 387) explica que, para Stein, “o eu individual é o último reduto de toda vida consciente. Por eu individual ela não entende uma pessoa de determinada singularidade, mas apenas o eu que ela é, singular e indiviso, sujeito de toda vivência”. Cada indivíduo tem a sua singularidade peculiar e

única.

2.5 DAR FORMA AO HUMANO E A DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA, ÉTICA E FORMATIVA DA EDUCAÇÃO

As reflexões elaboradas por Edith Stein, na sua obra *A Estrutura da Pessoa Humana (Der Aufbau der menschlichen Person)*²¹, tem como objetivo definir o que é e o que constitui o ser humano. A autora à luz da antropologia filosófica propõe uma doutrina do ser, ou seja, uma ontologia²². Segundo Andreatta:

A fenomenologia renovou a reflexão ontológica no século XX através de Martin Heidegger e Edith Stein, dentre outros discípulos de Edmund Husserl. Stein, todavia, diferentemente de Heidegger, propõe uma ontologia da pessoa humana que leva em conta a espiritualidade. Na linha de pensamento de Max Scheler, dá início a um movimento personalista com vista a uma visão de antropologia filosófica, considerando o homem sob uma natureza triuna de corpo, mente e espírito, que retoma em parte a visão metafísica medieval e aproxima Husserl de Aquino. Desde o início o objeto de estudos visado por Edith Stein foi o mundo subjetivo da pessoa humana, portanto, um espaço ôntico de um mundo ontológico, tanto individual quanto coletivo. A influência lhe advém das aulas de Husserl sobre o clássico problema da “separação” e da “participação” entre sujeito e mundo, entre natureza e espírito, posto desde Platão, mas cuja fissura se aprofundou a partir de Descartes e Kant (ANDREATA, 2019, p. 88-89).

Na obra *Ser Finito e Ser Eterno*, Edith Stein discute a relação entre filosofia e teologia. Ela relata, no seu manuscrito *Vida de uma família judia* e outros escritos autobiográficos, sua paixão pela busca da verdade e, também, um alicerce sobre o qual construir a existência pessoal e social. Stein percorre inicialmente o caminho da psicologia, mas encontra na fenomenologia de Edmund Husserl seu encantamento pela busca humana da verdade e pelo filosofar estritamente entrelaçado com a vida. O estudo da filosofia assume particular importância para o conhecimento do ser humano e da natureza de Deus, cuja riqueza se manifesta no Mistério da Revelação e no diálogo com a diversidade cultural.

²¹ A obra reúne textos escritos por ocasião do curso ministrado em 1932-1933, no Instituto de Pedagogia Científica, em Münster, na Alemanha. Edith Stein escolhe como tema do curso *A Estrutura da Pessoa Humana* que deveria servir como base teórica para a elaboração de uma filosofia da educação. O termo utilizado pela autora nesse contexto é aquele das Ciências da Educação ou Pedagogia, seu objetivo era de propor as bases teóricas para aprofundar a questão da educação como pressuposto necessário para a práxis educativa. Contudo, a denominação mais adequada parece ser aquela de filosofia da educação.

²² Segundo o aristotelismo, parte da filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser, apartada da infinidade de determinações que, ao qualificá-lo particularmente, ocultam sua natureza plena e integral.

Assim, ao lado das pesquisas fenomenológico-filosóficas, assume particular relevância a reflexão sobre temas de caráter social, pedagógico, ético-moral. O método fenomenológico contribuirá para Stein compreender a estrutura essencial do ser humano e a busca do sentido do ser. O ser humano, por meio da sua consciência, é capaz de sair de si mesmo, relacionar-se com o outro e com o transcendente. “O homem é uma coisa material, como qualquer outra, está submetido às mesmas leis e está inscrito no marco de natureza material [...] é ser vivo, ser animado, pessoa espiritual” (STEIN, 2003, p. 592-593), um ser que transcende e ultrapassa os limites de sua materialidade.

Em seus escritos, Stein faz referência a muitos sentidos do ser, porém, quando descreve a essência divina ou a relação de essência e de ser, mostra que a essência, tanto como o ser, tem em Deus um sentido diferente do que possui na criatura. Para ilustrar esta sua afirmação, ela recorre a uma citação de Gredt, que diz:

Assim como existe uma relação entre a criatura e seu ser, também existe uma relação correspondente entre Deus e seu ser; o ser criado é o ato da essência criada e isso pelo que existe; e o ser divino é ato da essência divina e aquilo pelo que existe, ou seja, que nós assim concebemos (*concipitur enim a nobis ut quo*), ainda que em Deus seja o mesmo como a essência e um ser subsistente por si mesmo (*esse subsistens*). (GREDT apud STEIN, 2019, p. 360-361).

Desde o início do seu itinerário formativo, Stein compreende que a fenomenologia não coloca limites à razão humana e que possui como tarefa guiar na busca do conhecimento sobre este questionamento: “O que é o homem?”, motor propulsor de sua incansável busca pela verdade. A busca pelo sentido do ser não foi uma simples curiosidade intelectual, mas uma busca incansável da verdade que não era uma ideia, mas uma pessoa.

Edith Stein havia já percorrido um longo caminho na sua pesquisa. Porém aquilo que chamava sua atenção enquanto educadora era que não havia base dos programas formativos do seu tempo uma ideia clara do que era o ser humano.

No curso de filosofia entre os anos 1932-1933, aprofunda as bases antropológicas da estrutura da pessoa humana centrando sua preocupação nas seguintes questões:

[...] quem é o ser humano? Como se constituiu? Qual é a sua especificidade em relação aos outros seres? Questões fundamentais sobre a existência humana, que vão além da física e das coisas particulares, remetendo aos estudos de filosofia, especialmente da área da antropologia filosófica

(SBERGA, 2014, p. 137).

A questão pedagógica não foi o centro dos interesses especulativos da filósofa, mas não foi indiferente a sua perspectiva filosófica e a sua atividade de docente. Assim, nesse curso de antropologia filosófica, aprofunda suas teorias e esboça uma antropologia filosófico-teológica. Segundo Sancho (2003, p. 40), “seu conceito de ser humano tem profundos assentos teológico-bíblicos, que vem a ser a confirmação e compreensão totaldo ser do homem”. Rus também assevera que: “A questão ‘O que é o ser humano?’ constitui o eixo que permite uma decifração unificada da obra steiniana” (2015, p. 26). Deste modo, Stein vai trilhar um caminho sempre mais ascendente na compreensão do ser humano: “é de um talante profundamente objetivo, no sentido que não se deixa condicionar por nenhuma escola ou ideologia” (SANCHO, 2003, p. 40).

No capítulo IX, A Estrutura da pessoa humana, dirá: “Cada ser humano finito é tal que não é inteligente por si só, mas remete-se a um primeiro ente que deve ser um que infinito, ou melhor: o infinito, porque o infinito não pode ser que único” (STEIN, 2013, p. 219). Sancho, na Introdução Geral da obra *A Estrutura da pessoa humana*, afirma que:

Poderíamos tomar como ponto de partida uma pré-definição que Edith Stein nos oferece do ser humano na obra que aqui oferecemos com o título *Estrutura da pessoa humana: ‘uma pessoa livre e espiritual’*. Aqui ficam definidos os elementos que definem o ser: é pessoa, isto é, possui uma individualidade e é capaz de relação; é livre, capaz de dar rumo e sentido à sua vida; é espiritual, isto é, um ser racional e capaz de transcender-se a si mesmo, abrindo-se e acolhendo o outro. Terminologicamente falando, o homem-pessoa se define como: espírito, liberdade, individualidade e relação (SANCHO, 2003, p. 40).

Além da evidência filosófica, ou seja, a via do conhecimento, para Stein, a via da fé, da Revelação, “conduz ao desvelamento de determinados fatos da parte de Deus” (2013, p. 221). A filósofa tem a clara convicção de que uma ideia aprofundada do ser humano possui relevância para a filosofia da educação e tem um papel decisivo no trabalho educativo. Desse modo, “torna-se urgente para a pedagogia um conceito claro de ser humano. A pedagogia constrói sobre bases frágeis se não tem uma resposta a esta pergunta: O que é o homem? Encontrar uma resposta a esta pergunta é o dever da antropologia” (STEIN, 2003, p. 579), porque, segundo Stein, “a antropologia baseada nas ciências da natureza fracassou pelo fato de não tratar da individualidade” (2003, p. 585) e de não conseguiu responder ao maior anseio do ser

humano: quem sou? Sberba, referindo-se à obra *A estrutura da pessoa humana*, evidencia que:

A partir da compilação de textos escritos por ocasião das aulas que ministrava no Instituto de Pedagogia Científica de Münster, durante o semestre de inverno de 1932-1933, Stein quis desenvolver uma reflexão que seja anterior ao estudo dos processos da educação propriamente dita, ou seja, enquanto leciona a disciplina de Filosofia da Educação, para as jovens que se preparam para a carreira do magistério, traz como tema a discussão: quem é o ser humano enquanto sujeito e objeto da educação? O que dizem acerca da sua constituição? (SBERGA, p. 104-105).

Stein afirma que o ser humano possui um corpo material e que esse corpo é diferente do corpo vegetal e que possui uma semelhança com o corpo animal. O corpo vivo tem mobilidade e, como outros corpos vivos, está submetido às leis da natureza. “O livre movimento é o característico de todo animal [...] os animais não estão presos a um lugar determinado” (STEIN, 2003, p. 609). E, ainda, “a alma animal recebe tradicionalmente a denominação de alma sensitiva [...] a abertura sensitiva é o que a caracteriza (STEIN, 2003, p. 610). O ser humano possui grande sensibilidade e características que lhe são próprias e são distintas de todos os outros seres materiais. “Aqui reside a diferença entre o movimento animal e o movimento humano” (STEIN, 2003, p. 609).

Deste modo, Stein propõe uma base sólida sobre o ser humano fundamentada na filosofia aristotélico-tomista e na doutrina cristã. O ser humano possui uma unidade indivisível de corpo, psique e espírito e possui em si mesmo um potencial que contribui para seu desenvolvimento e sua plena realização, mas isso depende de suas escolhas. A autora introduz, desse modo, a necessidade de uma educação que leve em consideração a formação de um ser humano integral.

O ser humano é um ser espiritual. “Não somos seres meramente sensitivos, mas somos dotados de conhecimento espiritual” (STEIN, 2003, p. 644). “O corpo e a alma humana são espirituais ou existem espiritualmente já por sua especificidade humana” (PERETTI; DULLIUS, 2018) p. 151). Para Stein, é fundamental compreender a dimensão do espírito, elemento essencial na vida do homem.

Com o ânimo de evidenciar aquilo que é próprio e característico do homem, constrói sua argumentação comparando o ser humano com os seres inferiores: matéria, plantas e animais. “O que o distingue não é somente sua capacidade de raciocínio, mas algo que é muito mais amplo e inclui em si a racionalidade: sua

capacidade de sair de si, de transcender os limites da própria fisicalidade, e sua capacidade de acolher o outro” (SANCHO, 2003, p. 41).

O ser humano possui capacidades e condições de ir além de si mesmo, descobrindo-se em sua existência, transpondo-se em todos os seus limites naturais. A capacidade e o poder de raciocínio permitem ir mais longe do que se pode imaginar. Segundo Sberga (2014, p. 175):

A compreensão do ser humano exige um conhecimento para além do mundo físico e das manifestações das suas coisas particulares. Sem desprezar a ciência e os conhecimentos humanos naturais, mas discordando das ideias de alguns pensadores que acreditam que o homem vem ao mundo do nada e vai ao encontro do nada. Stein propõe uma concepção do ser humano que se fundamenta na metafísica crista.

Outra constatação é a de que a busca pelo elemento metafísico é fundamentada nos pensadores cristãos, na Revelação Divina considerada como fonte de verdade e certeza enquanto confere segurança diante de possíveis erros à qual a razão é exposta. De fato, para “conhecer qual é a origem e o fim do ser humano” a filosofia necessita do auxílio da teologia (SBERGA, 2014, p. 175).

A grande questão metafísica ligada ao ser é que ele não consegue dar respostas à sua existência.

[...] o homem é inteiramente absorvido por cada tipo de preocupações e de compromissos de caráter prático. Ele vive no mundo e procura assegurar-se nele o seu lugar, se move nas formas tradicionais da vida social, mantém relacionamentos com os outros, fala, pensa, sente, como ‘se’ fala, ‘se’ pensa, ‘se’ sente etc. Todavia, este mundo bem estruturado no qual se encontra e se move, tudo o que exerce exaustivamente, é somente um grande aparato ou pano de fundo onde vem a fixar as perguntas: ‘o que sou?’ E ‘o que é o ser?’. Porém, a essas perguntas, ele não consegue subtrair-se permanentemente (STEIN, 2003, p. 567).

É evidente que “o encontro com o outro que é diferente a mim faz-se necessário para o desenvolvimento do humano” (STEIN, 2003, p. 742). As experiências oriundas do próprio ser contribuem para compreender a dimensão ontológica, isto é, a estrutura essencial do ser. Uma das características e particularidades essenciais do ser humano é que ele é finito: o ser humano não se compreende exclusivamente por si mesmo, senão ao que remete a um primeiro ser: Deus, o ser Infinito. É aí que se dá conta do seu limite e da sua dependência de algo maior. Da mesma forma, não há outra possibilidade para se conhecer o ser humano se não pela experiênciavivencial

e real de um verdadeiro encontro. O encontro é também a possibilidade de apontamento para o sentido da vida e de abertura ao diferente.

Em seus escritos, Edith Stein ressalta que toda e qualquer formação humana, que não atinja o núcleo da pessoa, irá promover apenas uma educação supérflua porque se mantém apenas nas periferias da existência humana. Nos seus apontamentos sobre a formação, adverte a necessidade de considerar a estrutura do ser humano. A base para uma sólida educação consiste numa ideia fundamental do que é o homem. A esse propósito, afirma Sberga que: “à pedagogia é solicitada uma compreensão mais abrangente do ser humano e do seu processo formativo, por isso, necessita de uma antropologia que abrace também sua estrutura espiritual” (SBERGA, 2014, p. 142). Sendo assim, a pedagogia deve levar ao conhecimento da estrutura humana que tenha sua base nas ciências da natureza, mas não se limite somente na mesma, deve incorporar ao menos tempo as ciências do espírito, ou seja, a estrutura espiritual do ser humano.

Para a pedagogia steiniana, o ser humano deve ser considerado em todas as suas dimensões corpo, psique e espírito. Deste modo, a antropologia filosófica deve ser complementada pela antropologia teológica, a fim de que haja unidade e integração no desenvolvimento da pessoa humana em suas diferentes dimensões.

2.6. AS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA PESSOA HUMANA

A constituição da pessoa humana é, sem dúvidas, o eixo norteador de toda a construção antropológico-filosófica do pensamento steiniano. Edith Stein reconhecia que em sua época a pessoa estava submetida a um processo de mudanças, envolvendo suas dimensões da corporeidade, psique e espírito, ao mesmo tempo em que possuía em seu ser pessoal algo que permanecia no tempo e que se expressava nos vários momentos de sua vida, denominado por ela como núcleo pessoal (Kern). Nas análises da vivência empática, havia identificado um conjunto de propriedades constantes, assim como seu idêntico portador (STEIN, 1992, p. 123), reconhecido por ela como sendo a alma pessoal dotada deste núcleo que marcava uma maneira própria de vivenciar.

Para Stein, uma pessoa pode desenvolver vários traços durante um período de sua vida, ocasionalmente durante toda a vida, mas também pode sofrer modificações nesses aspectos. As circunstâncias, o ambiente, as relações interpessoais

(comunitárias, sociais ou de massa), do ambiente natural (alimentos, clima etc.) ou do seu mundo espiritual (instituições educativas, religiosas, jurídicas etc.), podem favorecer um processo de expressão de suas disposições mais originárias, daquele potencial, tanto universal quanto individual, que a pessoa carrega em si mesma, mas também pode contribuir para um adormecimento das suas características mais singulares. Assim, a questão que emerge é: como ocorre um processo de formação da autenticidade, das características essenciais próprias, da individualidade? Nos seus escritos, Stein destaca dois aspectos fundamentais: o processo de formação da pessoa e do seu caráter. Enfatiza, também, uma discussão metafísica-ontológica, em que ela analisa o princípio de individuação.

É importante destacar que para a filosofia a personalidade autêntica não seria apenas um estado, mas o processo de sua constituição, a potencialidade de ser si mesmo que se atualiza genuinamente no decorrer de uma biografia. Ser autêntico passa a significar o processo pelo qual a pessoa torna-se aquilo que é disponibilizado em sua estrutura universal de ser pessoa. Este aspecto parece-nos fundamental quando se discute também a educação religiosa na catequese. Neste processo de individualizar-se, “o aspecto fenomenológico, isto é descritivo, essencial se liga com aquele ontológico, isto é, metafísico” (STEIN, 2002, p. 15). Aqui a reflexão ultrapassa o tema da constituição do sujeito humano e direciona-se para a dimensão ética ligada indissolúvelmente com a experiência religiosa.

Dessa maneira, o objeto a ser modelado, plasmado e formado é o homem: o maior e mais complexo entre os seres viventes. “O homem não nasce pronto, é senhor de si mesmo e deve livremente determinar sua personalidade numa esfera formativa da sua estrutura ôntica” (ALMEIDA, 2014, p. 35).

Garcia (1988, p. 56), referindo-se à pedagogia, explicita que:

O período pedagógico, porém, se caracteriza por contínua lembrança da necessidade de se conhecer bem aquele que se forma; de se ter fundamentos de Antropologia filosófica como base para a prática educativa porque, no conhecimento do homem e na sua formação, colocar raízes falsas em teorias erradas, conduz, necessariamente, a uma práxis errada.

Stein procura, a todo tempo, caracterizar o que é próprio do ser humano e vai, aos poucos, construindo sua argumentação comparando-o a todos os outros seres inferiores: a matéria, as plantas e os animais. E, ainda, fala das matérias inanimadas (como uma pedra, por exemplo) e das matérias animadas (como o mundo vegetal e

o animal). Diz que a matéria vegetal desenvolve-se segundo a sua característica própria e que desenvolve a sua potencialidade pelos aspectos externos que incidem em sua vida. Um canteiro de rosas no jardim, bem cultivado, dará lindas rosas; caso contrário, pode não florescer com a beleza esperada.

Para Stein, “o ‘télós’ ao que aponta o desenvolvimento do indivíduo, semelhante a uma planta, a expressão mais perfeita possível da espécie e sua conservação mediante a reprodução” (STEIN, 2003, p. 612), ou “um jardineiro que, adubando e cuidando sistematicamente de um jardim, pode colaborar para que as potencialidades se desenvolvam [...]” (SBERGA, 2014, p. 22). Ainda, conforme este autor,

analisando mais aprofundadamente o ser humano em sua especificidade, Husserl e Stein constataam que o ser humano, por ter uma estrutura pessoal, se diferencia de todos os outros seres da natureza. Como pessoa, [...] pode refletir sobre si mesmo, ser sujeito e o objeto da sua própria reflexão. A pessoa se dá conta daquilo que lhe acontece e daquilo que acontece ao seu redor (SBERGA, 2014, p. 105).

O movimento vital no ser humano demonstra, de fato, o limite da sua natureza. O que distingue o homem dos demais seres vivos, além da sua racionalidade, é a capacidade de sair de si e de transcender todos os limites da sua própria materialidade: a capacidade de acolher o outro. “Este elemento leva ao homem a compreender-se como um ser transcendente, como um ser que não se esgota em sua matéria e sensibilidade” (STEIN, 2003, p. 41).

Edith Stein “em suas pesquisas deixa claro que o que diferencia o ser humano dos animais e plantas é a capacidade de saber-se humano e em processo de individuação” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 155). Para Stein, o “que distingue o animal da planta é a capacidade de sentir e de se mover livremente no espaço. No entanto, para usarmos essa definição para a compreensão da estrutura do homem é, fundamental “[...] traçar uma linha clara entre a planta e o animal” (STEIN, 2003, p. 603).

A grande questão para Edith Stein é como se constitui o ser humano, o ser pessoa. Sberga assevera que “tanto Husserl quanto Stein constataam que os seres humanos são constituídos por três dimensões: corpo, psique e espírito” (2014, p. 105). O homem possui uma singularidade que o distingue de todos os outros seres vivos e o nível mais elevado da vida animal é a matéria viva que possui a alma humana. “A

pessoa constituída de alma e corpo, numa total unidade, para a qual está previsto um processo formativo: a forma interior mira modelar o corpo e a alma segundo o próprio arquétipo” (SBERGA, 2014, p. 23).

Tanto para Husserl como para Edith Stein, o ser humano diferencia-se de todos os demais seres criados, justamente por ter uma estrutura pessoal diferenciada. O ser humano, por ter essa especificidade, pode refletir sobre seus atos e sobre si mesmo. Pode “ser sujeito e objeto da sua própria reflexão” (SBERGA, 2014, p.105), isto é, refletir sobre si mesmo e sobre tudo aquilo que está ao seu redor e que compete à sua existência.

2.7 O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

A pergunta norteadora para Stein é como se constituía pessoa humana? “Edith Stein encontra na fenomenologia de Edmund Husserl os pressupostos para estudar a pessoa nas suas dimensões constitutivas” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 149). O ser humano diferencia-se dos outros seres da natureza por sua estrutura pessoal, é um ser livre. Segundo Sberga, a respeito do pensamento de Stein assevera que:

A pessoa registra em sua consciência atos de vivência de três qualidades: o ato perceptivo, que reenvia ao corpo, o ato psíquico, que reenvia à psique, e o ato intelectual, ou volitivo, que reenvia ao espírito. A ciência que estuda essas vivências do corpo, da psique e do espírito de forma integrada é a fenomenologia (SBERGA, 2014, p. 105).

O ser humano, dentre os seres vivos, é o único ser que tem a capacidade de ter a consciência de sua própria existência. Portanto, “é alguém que diz de si mesmo eu, distintamente dos animais, a pessoa humana não se caracteriza como um ser determinado em estímulo resposta. O ser humano é dotado de potência livre” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 39). Ao ter consciência daquilo que se refere ao seu viver, ele passa a refletir sobre tudo o que envolve o seu ser. Desde o seu nascimento, o ser humano carrega consigo algo que lhe é singular, único e que está dentro de si em comum acordo com o seu núcleo (*Kern*).

Stein, na sua busca, capta o que é próprio do ser humano como organismo com todas as suas atividades em movimento. O organismo, diz ela, está sempre em movimento, “tanto para dentro como para fora” definido como movimento segundo leis próprias (STEIN, 2003, p. 602). A estrutura própria do ser humano diferencia-se

de todos os seres da natureza por sua característica própria de reflexão. Referindo-se às plantas, para diferenciar a grandeza humana, Stein assevera: “a alma vegetativa é, por inteiro, ‘forma corporis’, e nada mais. O próprio da alma é a abertura interna. A falta de consciência é, na minha opinião, uma característica essencial da planta. Não está aberta para dentro” (STEIN, 2003, p. 604). O homem, sendo pessoa, tem a capacidade de refletir sobre si mesmo. A consciência que o ser humano tem de si mesmo, de ser sujeito e objeto de reflexão, lhe confere a capacidade de perceber, nas vivências, todos os atos que acontecem dentro de si e ao redor de si.

Quando se diz que Stein considera o ser humano com características próprias que se diferenciam dos outros seres, pretende-se dizer que ela aproxima-se da concepção que Husserl tinha a respeito do ser humano: aquele que tem a capacidade de reflexão. Quando Stein refere-se ao ser humano com corpo vivente, ela quer dizer que:

Seu corpo é um corpo vivente (*Leib*) porque tem matéria e tem psique. A vida psíquica aproxima o mundo animal do mundo humano; no entanto, a psique humana é mais complexa. O ser humano não tem só estímulo, mas tem percepção, e essa é a primeira operação da atividade intelectual (SBERGA, 2014, p. 106).

No corpo humano vivo, habita um “eu” que se configura a si mesmo e tem a capacidade de um autodomínio e “todas as suas experiências estão ligadas à consciência desse ‘eu’, que tem consciência de ser um ‘eu’” (SBERGA, 2014, p. 106-107). Edith Stein busca especificar a estrutura humana dizendo que:

O característico do corpo humano é a posição vertical [...] a posição da cabeça humana tem um significado: domina todo o corpo, o envolve, o recolhe com seu olhar e o fixa [...] no âmbito anímico espiritual, o homem está inscrito em sua integridade num processo de desenvolvimento. Ele não se limita em ser somente um organismo puro (2003, 606-607).

O organismo, seguindo suas próprias leis, segue sempre os seus movimentos internos. À medida que o ser humano vai ao encontro de tudo aquilo que lhe sucede, tanto interna como externamente e, à medida que vai levando a término a tarefa formativa, o corpo vivente tem domínio completo sobre si mesmo. O corpo material nunca deixa de existir, continua sendo sempre um corpo material sob as devidas condições deste acontecer material.

O ser humano é um todo constituído pela sua integridade e não se limita pelo seu físico unicamente. Sendo corpo, psique e espírito, o homem transcende os limites

de sua materialidade, daquilo que é próprio do corpo. Ele está sempre em movimento, justamente por ser um ser inacabado.

2.7.1 Eu, Liberdade, Interioridade

O homem, para Edith Stein, “é alguém que diz de si mesmo eu. Isso um animal não pode fazer” (STEIN, 2003, p. 648). Afirma, ainda, que “o homem não entra terminado no ser” (STEIN, 2003, p. 616) e isto o inclui dentro de um caráter evolutivo. “O homem se revela como um organismo de estrutura bastante complexa: um ser vivo em constante processo de se constituir e se transformar” (STEIN, 2003, p. 647).

O ser humano tem na sua essencialidade – proporcionada por Deus, Seu Criador – a missão de evoluir segundo as suas próprias escolhas que lhe são dadas pela sua liberdade. Ao mesmo tempo, pela mesma liberdade, pode optar por ficar estagnado e nada acrescentar à sua existência. Stein ressalta a liberdade do ser humano possui frente ao seu Criador, a capacidade de escolher um caminho que o leve à plenitude, isto é, alcançar a sua integridade, ser ou vir-a-ser o que é.

A diferença do homem em relação ao animal dá-se porque “o animal vive em sua alma, se move em sua alma, e este movimento se abre para fora de forma tão involuntária como incessante: o anímico se expressa através do corpo de um modo perceptível aos sentidos” (STEIN, 2003, p. 616). No homem, encontramos a capacidade de raciocínio.

Para Stein, segundo afirma Sberga (2014, p. 115), “o ser humano pode fechar-se diante de situações externas ou decidir-se diante de reações psíquicas e, impedir, se quiser, os movimentos da alma que são produzidos na sua interioridade, o que já não acontece com o animal”. Stein tem a consciência daquilo que difere o homem do animal quando diz que “somente uma análise mais profunda nos coloca diante de uma fronteira essencial entre o animal e o ser humano: no homem, a individualidade adquire um novo sentido que não possui em nenhuma criatura inferior a ele” (STEIN, 2003, p. 613).

Stein parte assim da manifestação exterior do ser humano para a sua interioridade, para o seu espírito:

Quando olho um homem nos seus olhos, seu olhar me responde. Permite-me penetrar no seu interior ou, em outro caso, me rechaça. É senhor de sua alma e pode abrir ou fechar suas portas. Pode sair de si mesmo e entrar nas

coisas. Quando dois homens se olham, estão frente a frente de um eu e outro eu. Pode tratar-se de um encontro no interior, o outro eu é um tu. O olhar do homem fala. Um eu dono de si mesmo e desperto me olha desde esses olhos. Disse-se também: uma pessoa livre e espiritual. Ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual. Que o homem é pessoa, isto é o que o distingue de todos os seres da natureza (STEIN, 2003, p. 648).

A individualidade, segundo a autora, faz do ser humano um ser diferenciado em toda a natureza. Ao ser humano, somente, é dada essa capacidade de mover-se dentro da sua alma para tomar as distintas decisões que a sua existência lhe exige em cada ação que recai sobre si. É por meio dessa capacidade do ser humano de mover-se de dentro para fora e de fora para dentro, que o homem se torna um ser que tem consciência de seu eu. Nenhum outro animal pode dizer algo sobre si mesmo.

Entende-se que o homem é realmente pessoa, mesmo não sendo pessoa em plenitude. Esta é sua dignidade, aquilo que lhe dá um certo mistério, impenetrável. Ele é sagrado por ser pessoa. Tudo o que é humano tem grande valor, partindo desse núcleo original. Não se pode reduzir só a isso, porém é impossível prescindir dele. “A pessoa não é uma realidade terminada de uma vez: o homem é e se faz. O homem aspira à plenitude, está aberto a tudo o que é grande, nobre, para transformar-se progressivamente” (GARCIA, 1988, p. 58).

O ser humano tem coisas bastante comuns como o animal em muitos aspectos da sua existencial idade, mas equanto “pessoa implica em espiritualidade. O homem enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito tem algo de peculiar: uma interioridade, um centro [...]. O entrar e sair de si mesmo são dois movimentos essenciais da pessoa” (GARCIA, 1988, p. 58). O ser pessoa coloca o ser humano na dimensão da sacralidade, que o faz perceber, partindo de si mesmo, de dentro do seu ser, a sua capacidade ímpar de perceber que esta obra está, ainda, inacabada.

Pela sua própria natureza, o ser humano torna-se um ser livre, capaz de tomar decisões por si mesmo diante de todos os acontecimentos de sua existência, tanto interna, como externamente. O homem tem a faculdade, por sua própria natureza espiritual, de executar atos comuns que lhe são próprios. Sob um mesmo tema, cada ser humano pode ter distintos pontos de vista, distintas posições, segundo a sua interpretação e vivências.

2.7.2 Corpo, alma e espírito

Edith Stein, em muitos momentos de sua trajetória de filósofa e fenomenologia, olhou para o ser humano e seus inúmeros fenômenos o centro do seu pensamento. 145). A concepção dualista do ser humano tão enraizada em seu contexto a faz buscar um fundamento conceitual do corpo, psique e alma na herança filosófica ocidental.

Para Edith, esta trilogia, de origem bíblica e de tradição agostiniana, responde melhor à verdadeira dimensão do homem que a composição hilemórfica, dualista, de raiz aristotélica. O corpo, a alma, o espírito e o eu, vão se compenetrando no processo dinâmico, partindo da liberdade pessoal que os dirige. Assim, a pessoa está à base de todo desenvolvimento estrutural e dinâmico. “Os atos livres são o primeiro domínio da pessoa [...]. Ser homem é refletir, em pequena proporção, toda a gama de realidades dispersas no Cosmos, é desenvolver o ser em seu sentido mais denso” (GARCIA, 1987, p. 59).

O ser humano realiza-se na integração harmônica de uma estrutura complexa. Cada ser humano, para é um ser individual. A autora assevera que:

Santo Tomás via nesta tese²³ uma ruptura da unidade da alma, pois considerava o entendimento como a potência mais elevada dela. Todo homem tem seu próprio entendimento, já que todo homem tem sua própria alma e esta alma é (segundo Tomás) uma pura forma substancial [...] chegamos, dessa maneira, a uma alma individual (em consonância com a formulação dogmática segundo o qual cada alma individual foi criada por Deus) e, portanto, a uma forma individual do homem (STEIN, 2003, p. 668).

Em suas análises específicas sobre os temas da antropologia e da educação, Edith Stein descreveu o ser humano como um ser único, possui uma alma individual e “a tríplice forma dinâmica da alma deve considerar-se como uma unidade trinitária, mas também o que ela configura, corpo-alma-espírito” (STEIN, 2019, p. 478). Essas três dimensões entrelaçam-se e formam uma unidade tripartite.

Partindo da análise fenomenológica das vivências da consciência, Edith Stein descreve o ser humano como um ser constituído por três estratos: corpo, psique e

²³ No contexto em que se encontrava Edith Stein, havia um conceito muito difundido, o Averroísmo (doutrina do médico e pensador árabe Averroes, voltada para uma interpretação pessoal do aristotelismo que, muito embora tenha influenciado decisivamente a cultura intelectual do medievo europeu, mostrou-se hostil à ortodoxia católica [tal como ocorre, por exemplo, em sua afirmação da finitude da alma humana individual], sendo por isto duramente combatida pela filosofia escolástica e duas vezes condenada pela Igreja [1240 e 1513]. Neste conceito, afirmava-se que o entendimento agente (intellectus agens) era único para todos os homens.

espírito, como já haviam constatado os antigos filósofos gregos (Platão e Aristóteles) o sujeito das vivências é o “eu puro”. O espírito é o elemento distintivo da pessoa, mas a pessoa não é só espírito, ela é corpo e psique (ZILLES, 2017, p. 371).

Cabe ressaltar que o ser humano possui uma particularidade – em relação aos outros seres – que é a sua individualidade. A capacidade de elaborar pelo seu intelecto e sensações o que sente e o que é capaz de perceber no outro dá-lhe a certeza de que o seu agir é diferente do agir do outro e que o outro é tão indivíduo quanto ele próprio, uma vez que ele é consciente dele mesmo. A propósito disso, Stein assegura que:

Em tudo aquilo que o ser humano experimenta, pode sentir também algo de si. A experiência que ele faz de si mesmo é totalmente diferente daquela que faz de todo o resto [...]. Isso implica que eu sou consciente de mim, não somente do meu corpo vivente, mas de todo o eu corporal-animado-espiritual. A existência do homem é aberta ao interior, uma existência aberta para si mesma, mas por isso mesmo é também existência aberta ao externo, que pode acolher em si um mundo (STEIN, 2003, p. 594).

O que realmente constitui a pessoa humana é a singularidade que se encontra no núcleo mais profundo (*Kern*)²⁴, a “alma da alma”, algo que brota do mais profundo da interioridade da pessoa humana. Nestas três dimensões (que serão descritas de forma sintética a seguir), corpo, alma e espírito, percebe-se a integridade do ser humano.

Na primeira dimensão, ressalta-se o contato com o mundo exterior; na segunda dimensão, toda experiência a partir da nossa consciência emotiva e, na terceira dimensão, onde o ser humano toma consciência da sua própria existência e age por meio da sua liberdade.

2.7.3 O corpo como ponto zero de orientação

A corporeidade é o local onde o ser humano experimenta todas as suas vivências. Segundo Peretti (2019, p. 144), “a corporeidade representa o ponto central das análises fenomenológicas de Edith Stein e constitui a base para o estudo do

²⁴ O núcleo – elemento último profundo – representa aquilo que se diz respeito às características absolutamente singulares. Esse núcleo identitário não se desenvolve, mas dá a direção, como se indicasse a estrada ao espírito e à psique. Se soubéssemos identificar a estrada indicada, haverá possibilidade de seguir o próprio princípio de identidade pessoal (ALES BELLO, 2015, p. 83).

sujeito em sua singularidade e sua dimensão subjetiva”. Dentro das análises fenomenológicas que Edith Stein propõe, o ser humano e suas vivências ocupam o plano central.

Assim, “o que denominamos ‘corpo vivo’ não é um corpo material qualquer, e sim, um corpo animado” (STEIN, 2003, p. 618). O corpo do homem não é simplesmente corpo, massa corporal, é corpo animado (não *Körper*, mas *Leib*²⁵). O ser humano tem alma, portanto, “não é possível considerar o corpo humano sem alma como uma substância material independente [...] a recíproca influência entre a alma e o corpo é inegável” (STEIN, 2003, p. 680). Esta alma manifesta-se não só nos atos vitais, que exerce à semelhança dos animais, mas também no mundo interior como o centro vivente para onde tudo tende e do qual tudo parte.

Peretti, esclarece o que Stein entende por *Leib* e *Körper*:

O nosso conceito de corpo corresponde ao termo alemão de “*Leib*” e “*Körper*”. O primeiro termo (*Leib*) indica corpo animado, vivente, e o segundo (*Körper*) significa os aspectos materiais e físicos de um corpo. O corpo vivente não se dá da mesma forma que as coisas físicas, porque é essencialmente constituído de sensações que estão ‘entre os constitutivos reais da consciência’. Em si, as sensações não são espaciais, não assumem nunca a forma de ‘cogito’, porque não são conscientes de si e, além disso, estão ‘a certa distância do eu’, e não nele. De fato, nas sensações, não encontramos o “Eu” nem mesmo com a reflexão. No entanto, estão localizadas em “qualquer parte” que ocupa espaço, por exemp cérebro. Dessa forma, fazem parte de um corpo, precisamente de um corpo vivente, unidade particular que constitui a totalidade dessas “partes”. O “*Leib*”, corpo vivente, é situado no “ponto zero de orientação”, isto é, na linha de demarcação que separa o mundo interior do mundo exterior. Ao corpo cabe essa função porque é constituído de sensações e é apreendido como material; é um “*Körper*” (aspectos materiais e físicos de um corpo) parecido com as coisas do mundo espacial comum e unidas a ele. O corpo animado (*Leib*), percebido exteriormente no seu aspecto físico (*Körper*), e a alma formam o indivíduo psicofísico, o eu individual. É necessário “evidenciar que, no indivíduo psicofísico, a unidade constituída entre a alma e o corpo é dada por essa fusão (2009, p. 127).

O *Leib* (corpo animado) e a alma formam o indivíduo psicofísico, isto é, o eu individual. O ser humano é portador de uma vida espiritual e psicofísica que é ímpar. Este, tem a capacidade própria de aprender aquilo que é próprio da sua estrutura, por meio da relação com o outro e de perceber que o outro também é ímpar, tem semelhanças, mas não é idêntico. É no encontro com o outro que se revela o Leib (corpo vivente e ímpar). Referente ao âmbito anímico-espiritual, “o homem está inscrito em sua integridade em um processo de desenvolvimento. Não se esgota em

²⁵ Na língua alemã, *Körper* ser refere-se ao corpo material e *Leib* ao corpo animado.

ser um puro organismo” (STEIN, 2003, p. 606). Garcia (1988, p. 59) menciona que: “A vida do eu está constituída pelo jogo de estímulos e respostas e é aí que a alma exerce sua função peculiar como mediadora entre corpo e espírito”.

Quando apreendemos a expressão do outro, captada por meio das mudanças em sua corporeidade, intuimos que o outro vivencia algo que motiva essa expressão. O outro é consciente que ele tem um corpo que tem matéria e vivências. O corpo é o espaço material que acolhe tudo o que constitui o ser humano e tem características próprias: movimento, sensibilidade, acolhe os sentidos etc. Como corpo material e animado, está submetido às observações de quem está diante dele enquanto corpo vivo e que está submetido às leis da natureza. Nas palavras de Rus, “o corpo, em sua constituição originária, é o fundamento material que alicerça a vida psíquica” (RUS, 2015, p. 58).

Com efeito, “o corpo é a porte de entrada da percepção do mundo a partir das vivências. É por meio da ativação dos sentidos do corpo físico que o sujeito pode refletir sobre as vivências e torná-las conscientes” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 158).

O corpo vivo é caracterizado em frente ao corpo físico pelo fato de ser portador de campos de sensação e estar no pondo zero da orientação do mundo especial. Ele é capaz de se mover livremente e está constituído com órgãos que possibilitam o movimento, é um campo de expressão das experiências do eu que pertence ao instrumento de sua vontade. “Obtivemos todas essas características a partir da consideração de nosso próprio indivíduo, e agora temos que mostrar como é constituído para nós os outros indivíduos” (STEIN, 2005, p. 138, Tomo 2).

É importante ressaltar que o ser humano, diferentemente dos outros seres, possui essa capacidade de desdobramento de si quando interage, pela corporeidade, consigo mesmo e com os outros. A singularidade da pessoa não se limita a um espaço ou local. Stein sempre teve o desejo de compreender a pessoa humana e suas dimensões subjetivas e intersubjetivas. “A pessoa é o sujeito da vida espiritual, centro das ações, qualitativamente determinado em seu modo único em seu gênero” (PERETTI, 2019, p. 102). O ser humano pode sentir a própria corporeidade que faz parte dela, no ponto zero de orientação. Dessa forma, adquire a consciência de que tem movimento e que, pelo movimento, possui a capacidade de tomar consciência de suas ações. Dessa forma, “o homem é uma coisa material como qualquer outra, está submetido às mesmas leis e está inscrito no marco da natureza material” (2003, p. 591). Logo, o ser humano não pode ser visto apenas enquanto corpo material, se

assim for, empobrece-se a natureza humana.

Toda aproximação ou distanciamento é realizado pelo corpo e o corpo é que confere ao homem o conjunto de sensações inseparáveis ao corpo humano. “As sensações são inseparáveis do corpo vivo, pois é pelo corpo que o ser humano tem a percepção do mundo e se afeta e é afetado pelo mundo” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 158).

O fato é que o ser humano se diferencia de uma simples massa corpórea, por ser um corpo vivo que tem mobilidade e sensações, e essa mobilidade o leva de um lugar ao outro com autonomia, diferentemente, por exemplo, de uma planta ou de qualquer outra matéria que não tenha tais movimentos e sensações.

“Edith Stein considera que o desenvolvimento total do corpo e de seus órgãos parece ter sido concebido para servir à alma; e que, em última instância, a vocação do corpo é a de ser iluminado pela vida da alma e revelá-la” (RUS, 2015, p. 60). O tema da corporeidade é, assim, fundamental na compreensão do mistério da Redenção.

2.7.4 Alma e psique como a marca individual do ser humano

Edith Stein valoriza os aspectos físicos do ser humano e acrescenta uma grande contribuição à dimensão psíquica e espiritual da estrutura humana. “É por meio do corpo que se manifesta a vida do eu psíquico e espiritual” (PERETTI, 2019, p. 144). Stein “assevera que as sensações do corpo não podem ser desconectadas da percepção psíquica, espiritual e do vivido” (PERETTI, DULLIUS, 2018, p. 161). Sem a alma, o corpo é somente um cadáver. Todas as sensações, sentidas pelo corpo, estão intimamente conectadas pela percepção psíquica e espiritual do ser humano em tudo aquilo que ele vive e pode se expressar. É a vida psíquica, que aproxima o mundo animal do mundo humano. É pela mente que o ser humano é capaz de experimentar toda a sua corporeidade e ter consciência de todas as suas sensações, tanto positivas como negativas. “Isso é possível porque ele tem uma psique. Pode tomar decisões diante de algumas sensações e sentir-se livre para fazer determinadas coisas” (SBERGA, 2014, p. 117).

Desse modo, o ser humano não é só estímulo, mas também percepção. A percepção, é a primeira atividade intelectual e é, justamente essa atividade que o torna diferente dos outros seres vivos, como as plantas e os animais. O ser humano

tem a capacidade de perceber a si mesmo e de perceber o outro quando se deixa interagir pelas suas vivências. Por meio da psique, é capaz de tomar decisões diante de tudo o que ocorre dentro e fora dele. Peretti e Dullius sustentam que “grande parte das vivências psíquicas atravessam o corpo e se exteriorizam como fenômenos perceptivos pelo eu e pelo outro” (2018, p. 161).

A esse propósito Edith Stein, afirma que:

Só um eu que tem alma pode sentir-se em casa e, a partir disso, pode-se também dizer que se sente em casa quando está em si mesmo. Então, a alma e o eu aproximam-se totalmente. Não pode existir uma alma humana sem o eu. A esta, pertence a estrutura pessoal. Todavia, um eu humano deve ser também um eu que tem alma, não pode existir sem alma, os seus atos se caracterizam, esses mesmos, como ‘superficiais’ ou ‘profundos’, tem raiz em uma maior ou menor profundidade da alma [...] Existe, porém, um ponto no espaço da alma no qual o eu encontra o seu lugar próprio, o lugar de descanso, que deve buscar até encontrá-lo e ao qual sempre deve retornar cada vez que o tenha abandonado: se trata do ponto mais profundo da alma [...] Só daqui a alma pode tomar decisões em plena consciência, empenhar-se por qualquer coisa, sacrificar-se e doar-se a si mesma (STEIN, 2003, p. 657).

Pela sua própria natureza, o homem tem um corpo vivente, tem uma alma e é um ser livre. O fato de ser um ser livre torna-o distinto dos demais seres. Tem vivências e sentimentos próprios que lhe possibilitam vivenciar todos os fenômenos que envolvem o seu ser. As vivências psíquicas, na grande maioria, passam pelas vivências corporais e se exteriorizam como fenômenos que são perceptíveis em si mesmo e, também, nos outros. O corpo vivo possui um aspecto vital, que é psique, os impulsos, as pulsões e reações. E, para além de um corpo vivo, psíquico, o ser humano tem como diferença dos demais seres vivos a possibilidade de criação, de reflexão e de desejo, contidos no que, fenomenologicamente, é chamado de espírito.

Para Stein, a alma é o núcleo do ser, pois ela está presente em todo o ser que traz em si a potencialidade da formação (SANTANA, 2017, p. 65). Stein acredita que a alma do ser humano é o lugar da “união entre a psique e espírito [...] uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual” (SBERGA, 2014, p. 117). Não são duas partes separadas, mas, sim, intrinsecamente unidas entre si. Segundo Peretti (2019, p. 149):

Edith Stein aprofunda a estrutura da alma, mostrando que muitos permanecem na superfície das vivências e poucos são os que conseguem conhecer as profundezas das moradas, porque tal conhecimento requer que o ‘eu’ desça na sua profundidade. A vivência mística constitui uma

experiência fundamental para compreender a complexidade do humano (PERETTI, 2019, p. 149).

Dessa maneira, a autora amplia sua reflexão também sobre a alma humana, dizendo que “[...] a alma humana, com a sua estrutura especificamente humana e pessoal, é uma ‘forma’. Não só forma corporis, ‘forma do corpo’, mas ‘forma’ de tudo aquilo que o ser humano é” (STEIN, 2003, p. 666). A alma é a “forma substancial do corpo, é a que permite que o corpo seja vivente e animado” (SBERGA, 2014, p. 120). O ser humano ocupa a centralidade de seus pensamentos. É nessa centralidade que a unidade corpo, alma e espírito fazem parte da constituição da pessoa humana²⁶. A pessoa humana é uma realidade única, uma realidade psicofísica. A alma, “é o princípio de todas as manifestações e atividades vitais do ser vivo” (STEIN, 2003, p. 618). Como assevera Garcia, em relação ao conceito de alma, para Edith Stein:

A alma do homem é o vínculo que une o corpo ao espírito, participando tanto da vida sensível, quanto da vida espiritual. Em sua sensibilidade não coincide com o animal, nem em sua espiritualidade, com o anjo. O espírito irrompe no corporal e a sensibilidade humana está chamada a uma interioridade superior. A alma é como o espaço interior no qual, o eu se move livremente, como o castelo interior (1988, 59).

Em relação à alma vegetativa, a alma animal tem algumas potências em comum: as faculdades relativas à alimentação, ao crescimento e à reprodução são, em ambas, semelhantes, embora, ao animal acrescentam-se as potências sensitivas. Para Stein, a alma vegetativa é forma corporis e “nela falta o que é próprio da alma: a abertura interna. A falta de consciência, em minha opinião, é uma característica essencial da planta [...] não está aberta para dentro, não existe para si mesma, não vive em si mesma” (STEIN, 2003, p. 604).

A autora expõe o que é próprio e característico do ser humano: a abertura para si e para os outros, especificidade que os seres inanimados (matéria), plantas e animais não possuem. Sendo assim, por mais que o ser humano tenha a capacidade de raciocínio que é uma característica muitíssima importante, existe algo que transcende essa qualidade: o homem é dotado da capacidade de transcender todos os seus limites que são apresentados por sua corporeidade. O ser humano tem a

²⁶ Edith Stein, busca em seu itinerário especulativo libertar a antropologia filosófica do formalismo da razão kantiana, ou seja, da imperatividade do pietismo da Crítica da razão prática e do hebraísmo mais rígido e formal (PERETTI, 2019, p. 145).

capacidade de experimentar, por meio das suas vivências, que, por meio do seu corpo vivido (*Leib*), o seu espírito (*Geist*) pode proporcionar na alma (*Seele*) todas as experiências e vivências possíveis. É pela alma que o ser humano tem a capacidade de convergir todas as coisas. Diante disso,

Ter uma alma significa possuir um centro interior onde converge sensivelmente tudo aquilo que vem do externo, do qual surge tudo aquilo que na atitude do corpo aparece proveniente do interno. É o ponto de troca ao qual chegam os impulsos e do qual partem as reações. [...] ligada ao corpo vivo; ela o forma e lhe dá vida, e ela vive nele; sente aquilo que acontece com ele, e o percebe nele e através dele; os órgãos do corpo vivente são também os seus órgãos; é a alma que o move segundo aquilo que ele precisa, os instintos da alma estão a serviço da manutenção e do desenvolvimento do corpo, como desejo daquilo que tem necessidade e repulsa daquilo que o ameaça (STEIN, 2003, p. 611).

Como já explicitado anteriormente, a alma é o núcleo da pessoa (*Kern*). Sem a alma, o corpo físico é somente matéria, um cadáver. A alma é o lugar, o espaço onde ela pode ser ela mesma e “toda consciência e expressão da alma, acontece e se expressa a partir do corpo físico” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 158). O ser humano, tem uma peculiaridade que o difere de todos: é o único ser que pode estar consigo mesmo. Portanto, a alma é o espaço interior, pelo qual o eu, livremente, move-se, e isso o faz ser ele mesmo. A alma do homem “não é somente forma interior, que estrutura, forma e governa o corpo, e que percebe em si o que sucede ou pode suceder. Trata-se de uma alma racional, é espírito” (STEIN, 2003, p. 183). Pode-se afirmar, então, que: “A alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual, que são diferenciados entre si, mas intrinsecamente unidos” (SBERGA, 2014, p. 107-108). O que faz o ser humano ser um organismo psíquico-corpóreo é esse núcleo, a forma que o distingue de outros seres humanos. “A alma é a mediação entre a vida corpórea e a espiritualidade” (SANTANA, 2017, p. 83). Essa forma de ser é o que dá a marca individual, o caráter individual ao ser humano.

A ‘alma da alma’ é de natureza espiritual e a alma como um todo é um ser espiritual. O específico dela é que possui uma dimensão interior, um centro, do qual ela deve sair para encontrar os objetos e ao qual ela reporta quanto recebe do externo. Aqui é onde se encontra o centro de toda existência humana (STEIN, 2003, p. 708).

O núcleo central é a parte mais íntima da alma humana e constitui uma realidade ontológica que pertence única e exclusivamente ao homem (ser pessoa)

onde se pode afirmar que ali há uma particularidade, uma individualidade, uma identidade que não se confunde com qualquer outra. É no núcleo que a pessoa torna-se singular, única. Só se chega a conhecer a estrutura humana se se conhece esta singularidade. A possibilidade de se movimentar dentro de si mesma funda-se nesta qualidade: a alma é um eu.

Através das vivências, analisadas por meio do método fenomenológico, Stein chega a caracterizar o ser humano e diz que este possui uma estrutura formada por um corpo, psique e espírito. O corpo possui um organismo semelhante ao do ser animal; a psique revela seus instintos, suas reações, seus desejos e impulsos; e o espírito, concebido como alma da alma, núcleo interior da pessoa, retrata seu intelecto, vontade e razão. Na unidade entre corpo e psique, forma-se o corpo vivente (*Leib*), onde se localiza a força vital sensível, a força física. Na unidade entre psique e o espírito, está a alma, mas a 'alma da alma' está no espírito, na parte mais profunda da pessoa, onde reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade, seu querer e agir em vista do bem e da verdade (SBERGA, 2014, p. 124-125).

O corpo vivente (*Leib*), o espírito (*Geist*) e a alma (*Seele*) pertencem à estrutura da pessoa humana como territórios insondáveis e que possuem a capacidade de um aprofundamento cada vez maior, dado pelas vivências, para se ter um conhecimento maior de quem é o ser humano. Mas, é a alma a essência e o centro de toda a existência humana. O ser humano, portanto, deve ser visto na sua integralidade, porque “há uma intrínseca relação entre o psíquico, o espiritual e a corporeidade, pois a força espiritual que se manifesta na psique precisa do corpo para se exteriorizar” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 163). A alma, no tocante à sua particularidade, possui o “elemento chave” para a total compreensão da estrutura e da formação humana, pois “a alma, [...] está consolidada [...] no corpo vivo, e constitui com ele o indivíduo psicofísico” (STEIN, 2003, p. 130). A alma é o “espaço” em meio ao todo formado pelo corpo, alma e espírito.

2.7.5 O espírito como potência da alma

A interioridade do ser humano tem mobilidade e acontece por meio dos pensamentos, imaginação, sentimentos, linguagem e projeção. A estrutura e a natureza da alma provêm de sua origem existencial, conseqüentemente nelas está a raiz do movimento do “eu”. Na pessoa, o corpo, a alma, e o espírito vão

compenetrando-se num processo dinâmico, de tal forma que o corpo está completamente penetrado pela alma, de maneira que não só a matéria organizada se converte em corpo penetrado pelo espírito, se não também o espírito materializado e organizado.

Para Stein, espírito, é o elemento essencial na vida do ser humano, visto que está em toda parte, inclusive na matéria, enquanto matéria formada, pois concebe o ser humano formado de matéria e forma, conforme a doutrina aristotélica e tomista. O que distingue o ser humano dos demais seres a ele inferiores, não é somente a sua capacidade de raciocinar, mas “a sua capacidade de sair de si, de transcender os limites de sua matéria física e sua capacidade de acolher o outro” (STEIN, 2003, p. 41). Para Rus (2015, p. 56), “a característica do espírito, no sentido do que é espiritual, é precisamente esse sair de si a partir da interioridade. A espiritualidade da pessoa humana se expressa como abertura/receptividade em direção ao interior”.

O espírito é a dimensão da estrutura humana que possibilita a expressão da liberdade na medida em que se tem uma psique. “Os sujeitos espirituais se caracterizam pela sua individualidade, singularidade, forma de ver e experienciar e significar o mundo” (PERETTI; DULLIUS, 2018, p. 162). A dimensão espiritual permite ao ser humano ter clareza de suas escolhas. O homem tem o livre arbítrio e pode escolher entre o bem e o mal; ser bom ou ser mau, diferentemente dos animais e plantas que agem segundo a sua própria natureza e instinto. Somente o homem tem a capacidade de refletir e tomar decisões. É o espírito que confere ao ser humano a possibilidade de tomar suas decisões e de fazer suas escolhas. Essa dimensão estabelece uma composição harmônica entre corpo e psique.

Sendo assim, é viável pensar que:

A relevância da alma para a estrutura humana, concedida esta última como um ser e que o espírito e o material se interpenetram de um modo muito específico, nos servirá para estabelecer uma contraposição entre a pessoa humana e outros seres pessoais-espirituais (STEIN, 2003, p. 706).

O espírito, para Stein, “indica algo da alma, ou seja, que o ser humano tem algo em si que não é o corpo e que se aproxima de outras realidades, como a de Deus, que é o Espírito por excelência, ou dos anjos, que são espíritos puros finitos” (SBERGA, 2014, p. 121). O espírito, aqui, ganha uma conotação mais espiritual (*Geist*, em alemão), que significa uma abertura para algo. No conceito steiniano, é o espírito que permeia o fluxo das vivências. O espírito possibilita ao ser humano

estabelecer o ato comunicativo com os outros seres humanos, atos estes que o faz transcender a si mesmo. O espírito é a dimensão que estabelece a harmonia entre corpo e psique. Segundo Sberga, Stein, ao refletir sobre o conceito de espírito, tem essa consciência de unidade intrínseca do ser humano:

Espírito (*Geist*), que é uma terminologia bastante comum na sua cultura – que significa aquilo que é específico do humano e que não se encontra em nenhum outro ser existente na humanidade – Stein procura explicar às suas alunas como entender essa palavra e esse conceito. Então, para falar sobre o significado de espírito, procurando uma aproximação com o termo em latim, utiliza-se de três palavras: *intellectus*, *mens*, *spiritus*. Essas palavras não exaurem o termo *Geist*, porque na língua alemã o termo tem um significado mais amplo e Stein, que é muito precisa na análise linguística e sempre busca a essência das coisas, pergunta: qual é a essência de *Geist*? Na cultura alemã, *geist* tem uma conotação mais ampla que intelecto e vontade. *Geist* é a potência da alma (2014, p. 120-121).

Sberga afirma que na cultura alemã existe uma diferença entre razão e intelecto quando ressalta que *intellectus* possui um significado muito mais amplo e profundo, significando a parte do espírito que possui o conhecimento. Assevera ainda que “*mens*, que abraça o intelecto e vontade, significa conhecimento e tensão diante das coisas sensíveis, é uma expressão que sintetiza uma série de potências, é a atividade superior do raciocínio” (SBERGA, 2014, p. 121). Já o *Spiritus* remete algo que vem da alma, realidade que não se refere à matéria, ao corpo. Segundo Sberga, referindo-se a Stein, diz que “*Spiritus*, que corresponde à palavra *ruah*, em hebraico, e *pneuma*, em grego, significa hálito, o sopro da vida. Assim, *intellectus*, *mens* e *spiritus* são indicados como sendo algo do ser espiritual, que está em consonância com o espírito de Deus” (2014, p. 121). Desta forma, na língua alemã, *Geist* torna-se uma “palavra plena que engloba os aspectos das faculdades do intelecto, da razão, da vontade e do espírito propriamente dito” (2014, p. 122).

Aqui a autora introduz algo de novo: ela acena para as dimensões do espírito como *intellectus*, *mens*, *spiritus* e remete o ser espiritual ao Ser Infinito que é Deus. Tudo o que Deus cria tem aspecto espiritual porque provêm de Sua Natureza Divina. Desse modo, o ser humano transcende a sua própria estrutura material e psíquica, ou seja,

O ser humano é e está em constante desenvolvimento interior e exterior. É o espírito que possibilita ao homem tal compreensão fazendo do ato humano um ato espiritual, cuja base é sua presença no mundo exterior e no mundo interior, e é essa síntese que unifica a estrutura antropológica do homem (PERETTI, 2019, p. 149).

Desde a sua primeira obra, *Sobre o problema da Empatia (Zum Problem der Einfühlung)*, Stein buscou desvedar o ser humano e quando estuda a *Summa Teológica de Tomás de Aquino*, passa a adotar o seu sistema antropológico no qual o ser humano é um microcosmo que reúne em si diferentes reinos do mundo criado: mundo mineral, vegetal, animal e espiritual. A partir da fenomenologia, ela descreve o ser humano com seus registros: corpo visto pela materialidade (como coisa), pela sua funcionalidade (corpo visto como instrumento para transformar o mundo) corpo psíquico (corpo vivo) e objetivado (compreendido por meio de conceitos e não por experiência viva).

No pensamento steiniano, o corpo vivo constitui-se de duas maneiras: corpo vivo e sensível, percebido corporalmente, e como corpo físico percebido externamente. Assim, o ser humano pode sair de si mesmo e entrar nas coisas e, quando se depara com o outro “eu”, pode acontecer um encontro interpessoal, graças a sua vida interior. Isso porque ser pessoa significa que se é livre e espiritual. “A alma é o liame que vincula o corpo ao espírito, participando tanto da vida sensível, quanto da vida espiritual, pois a alma tem um aspecto espiritual” (STEIN, 1992, p. 67). Assim, o ser humano apresenta-se como um ser que tem interioridade e que tem um centro de onde age a sua alma.

No próximo capítulo veremos que Edith Stein toma a noção bíblica de corpo, alma e espírito para melhor retratar a verdadeira dimensão do ser humano. Em seus escritos a filósofa é convicta de que a razão e a liberdade são as características essenciais da pessoa e remente a uma dimensão axiológica do ser na sua configuração pessoal.

Sendo assim, o contexto em que o ser humano se encontra poderá ser determinante na condução do seu desenvolvimento como pessoa. Quanto mais a pessoa viver a vida do espírito, mais se aproximará daquilo que deve ser.

3 A FORMAÇÃO E A MISSÃO DO EDUCADOR EM EDITH STEIN

O conceito de formação está no coração da obra pedagogia de Edith Stein, ela busca responder à pergunta: como o ser humano é formado? Mas tal pergunta necessita de uma resposta sobre quem é o ser humano. Para isso, Edith Stein apoia-se na fenomenologia de Husserl, na visão aristotélico-tomista e na doutrina católica.

A autora percorre um caminho filosófico, psicológico, antropológico, pedagógico e teológico para aclarar essas questões, chegando a conceber o ser humano como uma unidade indivisível de corpo, psique e espírito, que tem em si um potencial a desenvolver, podendo chegar à sua plena realização ou não, segundo a sua formação. Stein questiona, na sua época, uma educação que não levava em consideração o ser humano completo integral, uma educação preocupada simplesmente com o desenvolvimento intelectual.

Para a autora, uma formação humana autêntica tem que levar o ser humano a uma formação integral. O objetivo dessa formação é conduzir o ser humano à plena realização de si mesmo, a um desenvolvimento harmonioso, em vista do bem de todos, da sociedade e do mundo.

Respondendo à questão: quem é o ser humano?, a autora aponta em suas argumentações sobre a antropologia filosófica que o viés para fundamentar a pedagogia cristã é o diálogo entre filosofia e da teologia. Nesse sentido, a educação encontrará bases seguras e consistentes para para compreender as estruturas que compõe o ser humano em sua individualidade e totalidade.

Segundo Edith Stein,

Tendo em vista que a formação e a educação devem contemplar o homem por inteiro, tanto o seu corpo como a sua alma, é importante para o educador conhecer a estrutura, as funções e as lei evolutivas do corpo humano. Somente assim se poderá saber que pode promover seu desenvolvimento natural e que pode prejudicá-lo. Ademais, é importante conhecer as leis gerais da vida anímica do homem, a fim de tê-las em conta no labor educativo (2003, p. 580).

Desse modo, compreende-se que Stein propõe uma formação e uma educação que contemple o homem inteiro e não somente a questão meramente biológica. Na opinião dela, o ser humano deve ser contemplado como um todo: corpo, alma e espírito, visto que ele possui uma unidade, é uma única substância dotada de três potencialidades (corpo-alma-espírito), e não um composto de corpo e alma somente,

como se ambos fossem substâncias independentes. Quando se fala de ser humano, “não nos referimos a um simples objeto empírico, mas a alguém que é uma unidade corpóreo-espiritual, com autonomia e capacidade dinâmica de desenvolver-se livremente” (ZILLES, 2017, p. 393).

3.1 A UNIDADE DA PESSOA COMO FUNDAMENTO DO ATO EDUCATIVO

O desenvolvimento da humanidade do ser humano realiza-se somente na concreta unidade da pessoa individual. Sujeito do processo formativo é a pessoa na sua totalidade, mas na forma específica da sua individualidade. Stein mostra-nos em seus escritos pedagógicos que não é possível traçar um quadro geral da individualidade, mas, é necessária uma atenção especial sobre a individualidade de cada indivíduo, porque é aí que se fundam as raízes do itinerário pessoal do desenvolvimento.

Para tanto, é fundamental um conceito de antropologia que responda aos anseios do ser humano e para saber, de fato, quem é e onde deve chegar. Para Stein uma antropologia que não leve em conta a relação do ser humano com Deus, não é uma antropologia completa. Conforme Edith Stein,

A antropologia que pedimos como fundamento da pedagogia será uma antropologia filosófica que estude [...] a estrutura do homem e sua inserção nas distintas modalidades e territórios de ser a que ele pertence [...] A teoria geral do ser não deve ser limitada ao ser criado, mas deve estudar a diferença e a relação entre o ser criado e o não criado. Portanto, uma antropologia que não levasse em conta a relação do homem com Deus, não seria completa, nem poderia servir de base para uma pedagogia. Se a pedagogia está interessada em abranger todo o homem, não renunciará a qualquer fonte da qual possa obter informação sobre ele, e [...] certamente não deixará de levar em conta a Verdade Revelada (STEIN, 2003, p. 587-588).

É fundamental, segundo Stein, em qualquer processo educativo partir “da experiência do próprio ser humano, analisar o conteúdo dessa experiência, para deixar de lado o contingente e sublinhar o essencial”. De tal modo, é preciso levar em conta as “[...] as peculiaridades do ser, [...]” enquanto um ser “finito” (STEIN, 2003, p. 742). Disso decorre a grande questão: O que levou Edith Stein a fazer a passagem da antropologia filosófica para uma antropologia teológica?

Ales Bello²⁷, filósofa contemporânea, renomada estudiosa de Edith Stein, diz-

²⁷ Professora Emérita de História da Filosofia Contemporânea na Universidade Lateranense de Roma

nos que é a questão ética presente nos escritos steinianos que nos permite compreender a passagem “do estudo dos filósofos²⁸ mais fortemente influenciados pelo cristianismo” (2018, p. 33). Para Ales Bello, Edith Stein desenvolve uma antropologia filosófica capaz de reconhecer a individualidade singular e irrepetível do ser humano frente a todo o universo criado. Stein questiona a antropologia que se limita a descrever o ser humano como um ser constituído somente de natureza físico-morfológica. O ser humano é mais do que corpo e matéria. Ele é, como já vimos, corpo, psique e espírito, isto é, um ser integral. O ser humano não é simplesmente um ser a mais no conjunto das espécies.

Edith Stein afirma que:

A antropologia naturalista também fracassou em outro ponto: não nos proporcionou nenhum critério para determinar que importância possui no trabalho educativo das estruturas supra individuais, como a raça e a humanidade [...] é tarefa das ciências do espírito estudar o modo de ser próprio das raças, tribos e povos desde o ponto de vista espiritual (STEIN, 2003, p. 586).

Assim, a antropologia deve levar em consideração a dimensão integral do ser humano e não simplesmente os aspectos biológicos e científicos, como defendiam as escolas científicas de sua época. Por isso, é de suma importância, perceber a crítica e o alerta que Stein faz de que o ser humano é algo muito maior e mais complexo e que não se resume estritamente em uma dimensão biológica. Esta unidade de corpo, psique e espírito possibilita ver, clara e nitidamente, a importância da passagem de uma antropologia filosófica para uma antropologia teológica.

Edith Stein tem a clara convicção de que “todo finito não pode ser compreendido por si só, senão remetendo-se a um primeiro ser considerado infinito, ou seja, ao ser infinito [...] e este ser primeiro e infinito chamamos Deus” (STEIN, 2003, p. 742). Edith Stein, segundo Sancho (2003), vai ampliando a sua concepção a

Onde coordena o Centro Italiano de Pesquisas Fenomenológicas, filiado ao The World Phenomenology Institute – USA e da Associação Italiana Edith Stein. Faz parte do conselho editorial e comissão científica de numerosas revistas italianas e estrangeiras. Filósofa e profunda estudiosa da Fenomenologia alemã relacionada às outras correntes do pensamento contemporâneo sob os aspectos históricos e teóricos, é a organizadora da tradução italiana das obras de Edith Stein, como também consultora nas traduções em outras línguas. Algumas de suas obras estão publicadas no Brasil: *Culturas e Religiões: Uma Leitura Fenomenológica* (1998); *A Fenomenologia do Ser Humano: Traços de Uma Filosofia do Feminino* (2000); *Fenomenologia e Ciências Humanas* (2004) e *Introdução à Fenomenologia* (2006). Sobre Edith Stein escreveu diversas obras, dentre elas: *Edith Stein. Invito ri Lettura* (1999); *Edith Stein Patrona d’Europa* (2000) e *Edith Stein o Dell’Armonia* (2009).

²⁸ Husserl, Santo Tomás de Aquino, Kant, Descartes, Jacques Maritain, Etienne Gilson e outros (ALES BELLO, 2018, p. 33-36).

respeito do ser humano. A sua formação fenomenológica leva a compreender que:

Os elementos, que definem o homem, são ampliados e adquirem pleno sentido apenas a partir da Revelação bíblica, do mistério de Cristo e da observação experimental dos místicos [...] Poderíamos tomar como ponto de partida uma quase definição, que Edith nos oferece do ser humano no trabalho que intitulamos aqui como Estrutura da pessoa humana: 'uma pessoa livre e espiritual'. Aqui os elementos que definem o seu ser são: é uma pessoa, isto é, possui uma individualidade e é capaz de se relacionar; é livre, capaz de estabelecer um rumo e dar sentido à sua vida; é espiritual, isto é, um ser racional e capaz de transcender a si mesmo, abrindo-se e acolhendo o outro. Terminologicamente falando, a pessoa-humana é definida como: espírito, liberdade, individualidade e relação (SANCHO, 2003, p. 40).

Dessa maneira, emerge a importância da antropologia teológica para o processo de formação do ser humano na sua plenitude. A antropologia filosófica sozinha não consegue responder a todas as questões referentes ao ser humano, porque o que ela coloca em luz contribui para afirmar que “se pode considerar como um conhecimento ontológico o fato de que o homem, igual a tudo o que é finito, remete a Deus e sem a relação com o ser de Deus, seria incompreensível” (STEIN, 2003, p. 742). É tarefa da antropologia contribuir na análise do ser humano e da sua estrutura por meio de um viés teológico-metafísico.

Edith Stein “não hesita a estender suas reflexões no campo da fé” (SANTANA, 2017, p. 68). Ela afirma que as verdades reveladas pela via da Revelação oferecem uma base segura para compreender a vida humana. “Temos uma verdade revelada que nos diz algo sobre o homem. É dada ao homem para que ele conheça aquilo que é, e o que deve ser” (STEIN, 2003, p. 743). Evidencia a dependência do ser finito (homem, ser criado) pelo Ser Infinito (Deus – o não criado), considerando que de que é próprio do ser homem o fato de ser um ente que está em pleno processo de evolução.

A autora ressalta, ainda, “que não há nada mais urgente do que conhecer a verdade revelada sobre o homem” (STEIN, 2003, p. 743). A verdade revelada contribui para a compreensão do ser humano e para responder às perguntas: o que é o homem? Quem somos? Para onde vamos? Ela afirma que:

A antropologia filosófica, precisa do complemento da antropologia teológica. De filosofia e teologia compõe-se o edifício da metafísica cristã, que desenha uma imagem global do mundo real. A construção mais impressionante deste tipo é o sistema de Santo Tomás. Neste Sistema, a antropologia ocupa uma posição central, semelhante ao que o homem ocupa uma posição única no cosmos: é um microcosmos que reúne em si os diferentes reinos do mundo

criado. Por ele, na antropologia confluem todas as questões metafísicas, filosóficas e teológicas e, também, dela partem caminhos em todas as direções (STEIN, 2003, p. 588).

A antropologia teológica complementa a antropologia filosófica, e ambas compõem a base da metafísica cristã onde o ser humano ocupa um lugar central e de protagonismo no mundo. Sendo assim, tem-se clara e objetivamente que as ciências da educação e seus métodos, são insuficientes para o conhecimento pleno e profundo do ser humano, estes necessitam do complemento da fé para chegar a conhecer a realidade mais profunda do ser humano. A consideração dessa nova dimensão inicia com uma afirmação inserida na caracterização da estrutura individual do ser humano qual microcosmos, na qual Stein caracteriza o sentido da responsabilidade humana na certeza ontológica de que o ser humano pode e deve formar-se a si mesmo. Existe um caminho que não é nem o caminho da experiência (razão pura) e nem da evidência filosófica, mas esse caminho é o da mística que nos é dado pela Revelação.

No âmbito da formação do ser humano, emerge a necessidade de se chegar a uma imagem mais completa: saber o que somos o que devemos ser; e como devemos chegar a sê-lo. Não se pode fazer isso sem saber o que é o ser humano e como ele se constitui e onde deve ser conduzido e quais os caminhos possíveis para se alcançar tal feito. Por isso, aquilo que a nossa fé diz sobre o ser humano constitui o fundamento primordial para uma pedagogia prática que tenha o ser humano como objetivo de sua formação. O ser humano é constituído para a liberdade, é um ser livre. Este chamado à perfeição (essência), para que se cumpra a obra da criação, a saber: o *télos* (fim último), o sentido da responsabilidade humana diante da própria constituição.

A pedagogia deve, portanto, levar em consideração a Revelação e o conhecimento da fé para que se alcance a consciência plena de ser homem. Caso contrário, corre-se um grande risco de não considerar o ser humano na sua essência e vislumbrar suas capacidades para chegar a ser o que deve ser. Esse é o papel da formação: alcançar, com o auxílio divino, conduzir o ser humano a ser capaz de ser si mesmo. O ser humano só se compreende como pessoa a partir da Revelação.

A existência do ser humano é um processo evolutivo que:

Ela [a alma] confere ao indivíduo uma determinada configuração sensível e a força para fazer movimentos e mediante os próprios movimentos, produzir em outros movimentos [...]. Desde o começo [a] planta ou animal [...] não é somente a "forma" de um vivente, mas que ela mesma é viva [...] se

desenvolve no tempo [...] A mesma coisa deveremos dizer da 'forma' do ser humano: na verdade, o indivíduo não é antes planta e depois animal, depois ser humano, mas é desde o primeiro instante da sua existência um ser humano [...] e que, no curso deste processo 'formativo' do desenvolvimento do indivíduo humano [...] a alma seja [...] como portadora das funções [...] que a consciência e o domínio da vontade humana [...] e que com certeza nos acontecimentos orgânicos e animais ocorrem [...] de modo inconsciente e involuntário (STEIN, 2003, p. 708-711).

A compreensão que se dá acerca do ser humano é de que ele é humano desde o início da sua existência. Preocupar-se com a sua totalidade e o seu *télos*, é dever do homem para avançar no seu próprio conhecimento e no conhecimento do seu fim último. Sberga (2014, p.175), referindo-se a Stein, diz que: “A compreensão do ser humano exige um conhecimento para além do mundo físico e das manifestações das suas coisas particulares [...]. Stein propõe uma concepção do ser humano que se fundamenta na metafísica cristã” E, continua: “A metafísica cristã concebe que o ‘homem é bom porque foi criado por Deus, criado à sua imagem, e isso num sentido que o distingue de todas as criaturas terrenas. No seu espírito está impressa a imagem da Trindade” (SBERGA, 2014, p. 175). É, portanto, incompleta e inadequada uma pedagogia que não considere a relação do ser humano com Deus.

3.2 O SER HUMANO COMO SUJEITO DA PRÓPRIA FORMAÇÃO

O ponto mais original do conceito de formação, para Edith Stein, sem dúvida, é o direcionamento da formação ao núcleo da pessoa. A compreensão do ser humano, em sua complexidade, exige um conhecimento para além do mundo físico e de suas inúmeras manifestações. Para Stein, a ciência e os conhecimentos humanos naturais possuem suas carências precisando, assim, de uma fundamentação na metafísica cristã.

O ser humano é o centro e o sujeito da formação. Edith Stein possuía um dom natural e peculiar para a vocação de docente. Com efeito, “Stein foi uma educadora engajada em seu tempo e questionou criticamente as propostas pedagógicas que, segundo sua compreensão sobre o meio e fim último da formação, apresentam erros pelas suas limitadas interpretações” (SBERGA, 2014, p. 179).

Nas palavras de Garcia, Stein era uma mulher dedicada e preocupada com a formação humana.

Com certeza dedicou-se de corpo e alma à formação da mulher, percebendo ser esse o grande problema de sua época e a missão que lhe cabia [...] numa

época em que, à mulher alemã, não era permitido nem o voto político, ela fala diante de multidões não só em sua Pátria, mas em quase toda a Europa (GARCIA, 1988, p. 48).

Desde sua juventude, com seus dezessete anos, Edith já manifestava essa inclinação para a pedagogia quando se propunha a auxiliar suas colegas que não iam bem no colégio. Antes mesmo de sua decisão de fazer um curso superior, ela buscava incessantemente conhecimentos no campo da psicologia e da pedagogia.

Edith Stein, pelas suas características, tinha uma vocação nata para a docência: educadora por vocação. Referindo-se à Edith Stein, Ales Bello diz que:

Sua personalidade multiforme nos permite inseri-la na história das Ciências Humanas e da Pedagogia, assim como nos convida a ler com proveito as suas reflexões sobre a relação homem-mulher e aquelas que nos introduzem no âmbito da espiritualidade e da mística. O seu pensamento pode ser utilmente explorado também para um esclarecimento da dimensão religiosa. Deste ponto de vista, ela se encontra envolvida em uma questão crucial para a cultura e a religião da civilização ocidental, isto é, na atormentada relação entre o judaísmo e o cristianismo, que, para alguns, se coloca como pedra de escândalo, para outros, como lugar de reconciliação (2018, p. 19).

Em Breslau, Stein realiza vários estágios no liceu feminino, aprimorando seus dons até conseguir trabalhar no Instituto das dominicanas em Speyer. Neste Instituto, trabalhou por uns dez anos no seminário para professoras e no liceu para moças. Mais tarde, assumiu um posto de professora no Instituto Alemão de Ciências Pedagógicas, em Münster, que durou pouco mais de um ano e meio, uma vez que teve que abandonar o ofício do magistério pelas mudanças políticas ocorridas em 1933, porque as mulheres judias não podiam lecionar. Edith Stein possui uma grande capacidade empática que lhe abre caminho para a alma do outro, seja na sua forma de pensar como na sua constante interação com o outro em sala de aula. No prefácio do livro *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, temos uma nota importante dos editores que sintetiza a ação pedagógica de Stein:

Paralelamente a estas atividades profissionais em cursos colegiais e na faculdade, Edith Stein participou ativamente dos trabalhos do movimento das escolas católicas. No decorrer dos anos conquistou um lugar de liderança espiritual na associação das professoras católicas. Vivia dando conferências em reuniões anuais e congressos. Era procurada para dar consultoria na elaboração de planos de reforma e em conversações pedagógicas com autoridades oficiais (GELBER; LEUVEN, 1999, p.13).

Encontram-se, ao longo das obras de Edith Stein, professora e educadora, uma

infinitude de escritos que mostram sua influência sobre os educandos por meio dos seus próprios exemplos. A sua vida segue uma sintonia profunda com seus escritos, ao longo de todo o seu caminho de pesquisadora e de buscadora da verdade. Quando Stein entrava em uma sala de aula, ela entrava movida pelo ideal de “ver na formação humana em geral e na formação feminina em particular, a missão mais nobre da mulher. O equilíbrio de seu temperamento, a solidez de seu saber, o amor impessoal pelos educandos garante a fecundidade de seu trabalho docente” (GELBER; LEUVEN, 1999, p. 11).

Uma formação só pode ser considerada madura e equilibrada se ela corresponde à forma interior do formando. Assim, para Stein, a formação e o formador compõem uma unidade orgânica. Como pano de fundo da atividade pedagógica de Edith Stein, pode-se dizer que “o educador pode agir sobre o educando de três formas: pela palavra que ensina, pela ação pedagógica, pelo exemplo próprio” (GELBER; LEUVEN, 1999, p. 12).

Sberga (2014, p.15), baseada na teoria steiniana, afirma: “Para formar, [...] é preciso atingir a alma do educando ou o seu núcleo central, a fim de ajudá-lo a viver a partir da sua interioridade, de modo a fazer fluir a sua singularidade e originalidade pessoal”. Deste modo, Stein propõe uma formação integral do ser humano, nada pode impedir o desenvolvimento das potencialidades da pessoa humana. Assim, segundo Gelber e Leuven, Edith Stein interpreta a função formadora como vocação religiosa, afirmando que:

O professor exerce um papel de mediador entre Deus e o aluno. Cabe a ele introduzir o aluno na doutrina divina e nas leis da criação, conduzindo-os ao Reino de Deus. O cumprimento desse papel inclui uma função dupla. Por encargo divino, o educador é chamado a abrir a alma do educando para desenvolver, segundo a imagem de Deus, as forças que jazem nela (GELBER; LEUVEN, 1999, p. 16).

Edith Stein propõe uma formação integral do ser humano. Para Garcia: “Toda doutrina da educação de um pedagogo depende do valor de sua concepção do ser humano. O conceito de formação de Edith Stein não foge a essa regra” (STEIN, 1988, p. 63). Segundo ela, “o objeto da formação é o ser humano em sua totalidade”, isto é, “o espírito unido ao corpo na unidade da natureza com todas as suas faculdades naturais e sobrenaturais, conhecidas pela razão e pela revelação” (STEIN, 2003, p. 435).

Stein sempre esteve muito atenta a tudo o que se referia aos aspectos políticos e sociais de sua época, sobretudo no campo educacional do contexto europeu do seu tempo. Em suas reflexões e conferências, ela tinha muita clareza sobre as bases antropológico-filosóficas da educação e as manifestava como fundamentação aos profissionais da educação para ampliarem a sua visão naquilo que, de fato, era fundamental para formação da pessoa humana.

No final do século XIX e início do século XX, “surge na Europa um movimento educacional conhecido como *escola nova*²⁹, que mantém um escritório sediado em Genebra” (SBERGA, 2014, p.179). Esse movimento, que ganha envergadura na Europa, segundo Stein, abandona a compreensão de que uma educação deva formar o indivíduo na sua essência. Edith Stein vai na contramão, dessa escola e propõe um conceito próprio de formação quando diz que “formar é plasmar ou moldar um material” (STEIN, 2003, p. 113). Afirma também que formar (*bilden*) “é dar forma (*formen*) a um material para que alcance o feito segundo uma imagem” (STEIN, 2003, p. 187). Portanto, por formação, compreende-se, no uso linguístico corrente, tanto esse processo do formar quanto o êxito, a forma que foi impressa na matéria, a forma que a matéria assumiu.

Sobre a palavra formação, a autora assevera que:

Como todas as palavras terminadas em ‘ção’ (ung), também a palavra ‘formação’ (Bildung) tem morfologicamente inúmeros significados: de um lado, significa o ato de formar, ou também o processo de ser formado; por outro lado, o resultado deste trabalho, o que, ao objeto ‘formado’ é conferido o caráter de ‘formado’. Segundo o conteúdo da palavra, formar significa dar forma a uma matéria, criar uma imagem ou uma moldura” (STEIN, 2003, p. 180).

²⁹ Privilegia-se a pedagogia da ação e, com isso, as escolas são equipadas com laboratórios, oficinas, hortas; introduzem-se os exercícios físicos, a motricidade, os jogos e os trabalhos manuais como recursos didáticos; instaura-se uma maior discussão sobre os novos métodos pedagógicos, o ensino tem um enfoque menos diretivo e o professor se torna um facilitador da aprendizagem. A escola nova surge na época do advento do capitalismo e ela é tipicamente representante da pedagogia liberal, que realça os valores burgueses: a livre concorrência, a competição, o desafio, a afirmação da individualidade e a liberdade de pensamento. A educação torna-se mais elitizada e a classe operária, que se encontra numa situação inferiorizada, tem escolas menos equipadas e com menos novidades didáticas. Apesar das muitas conquistas da escola nova, que realça a discussão sobre os novos métodos pedagógicos – que trouxeram novas luzes para a educação, sobretudo quando esta questiona a educação tradicional conteudista e livresca –, ela não reconheceu a assimetria da relação entre professor e aluno, o que propicia a ausência de disciplina; a ênfase dada ao processo educacional (e não ao produto) é confundida com um aligeiramento do conteúdo, levando a uma falta de conhecimentos e fundamentação; a supervalorização do aluno e conseqüentemente depreciação do adulto; a minimização do papel do professor e a não diretividade do ensino; e a falta de assimilação dos princípios da escola nova desemboca numa confusão entre ensino e pesquisa (SBERGA, 2014, p. 180).

Em outro texto de Stein, proferido em uma conferência no dia 18 de outubro de 1930, em Speyer, “*Sobre a ideia de formação*” ela usa o termo “*Bildung*”³⁰ que, “ao ser traduzido para o português, corresponde às expressões instrução, educação, formação e cultura” (SBERGA, 2014, p. 21). Igualmente, significa o processo de formação ativa a natureza específica do formando. Deste modo, o processo formativo não é aleatório, mas, antes, um processo que deve seguir aquilo que já está estabelecido pelo conhecimento antropológico na forma natural de ser. A formação, ou o ato de formar, deve levar o ser humano a alcançar aquilo que deve ser e que está chamado a ser: um ser humano pleno.

Stein afirma que a atividade formativa é composta por quatro dimensões diferentes: “1) o objetivo formativo, que é a forma que deve ser conseguida; 2) o material que deve ser formado, que são os educandos; 3) os educadores e os instrumentos que eles utilizam; 4) o processo formativo e educativo” (STEIN, 2003, p. 113). Sendo assim, para Stein, toda formação deve ter uma organização e um planejamento pautados nesses objetivos que devem levar em conta o processo global da formação humana, visando aos elementos que contribuam para que o ser humano possa trilhar um caminho de formação e autoformação.

Assim, “todo trabalho formativo é individual e tem por finalidade ajudar a cada ser humano a trilhar o seu próprio caminho e realizar a sua trajetória. Caminho este que não se escolhe arbitrariamente e, sim, o caminho pelo qual Deus o leva” (SBERGA, 2014, p. 25). Formar a alma humana, isto é, o ser humano na sua integralidade, torna-se o mais sofisticado e desafiador de todos os processos formativos para Edith Stein. Há, portanto, a necessidade de uma correta compreensão das condições necessárias para englobar todos os materiais, forças e recursos

³⁰Tanto a Introdução do Volume V [Edith Steins Werke], na língua original, como todo o volume na tradução italiana, empregam os termos educação e formação indiferentemente, isto é, como o mesmo significado. Quando se lê, porém, os textos da autora na língua original, nota-se que raramente ela utiliza *Erziehung* (mais próximo de educação), mas frequentemente *Bildung* (formação) é muito mais relacionado aos conceitos de pessoa [...]. A utilização do termo *Bildung* na terminologia alemã, como formação, cultura, vem desde o período do Idealismo, porém, a partir de Pestalozzi, é sempre mais utilizado no sentido ativo: *Bildung* é esforço de formação, ‘formatio animi’. Portanto, os verbos ‘formar’, ‘plasmar’ (*bilden*) entram em competição com o mais antigo conceito de ‘educar’ (*Erziehung*) que passou a ser subordinado a eles. Formação passou a indicar o resultado da educação. Para Turolde hoje alguns Pedagogos como Gottler e Grunnald propõem que se use indistintamente os dois termos, mas a grande maioria dos especialistas, seguindo Litt e Spranger, consideravam a formação como o fim do processo educativo e a educação como uma via a esse fim. Cada vez mais aceita-se a formação, como conceito supremo, referindo-se à totalidade da constituição do homem, subordinando à formação, como meios, a instrução para a esfera intelectual e a educação para a esfera moral. Por isso, o vocabulário formação é mais amplo do que educação e toda a formação não é educação (GARCIA, 1988, p. 63-64).

externos e internos para se chegar a esse fim. Segundo Rus (2015), desde o início, Edith Stein via a formação integral do ser humano, a educação como um processo criativo que se enraíza na interioridade. Para ela, a educação é:

uma arte suprema como material não é nem madeira, nem a pedra, mas a alma humana [...] equivale a uma criação: enquanto as outras atividades param nas faculdades humanas, a educação penetra até a alma mesma, até a sua substância, para lhe dar uma forma nova, e dessa forma, recriar o ser humano na sua totalidade (STEIN, 2015, p. 47).

Referindo-se aos formadores e educadores, Edith Stein acentua como valioso o conhecimento encontrado nas ciências, na filosofia, na psicologia e na antropologia, devendo estas, serem desenvolvidas com dedicada qualidade técnica pedagógica e com a devida competência científica. Afirma, ainda, que nada supre a vivência e o contato corpóreo e tudo aquilo que contempla a nossa corporeidade. Para Edith Stein, o formador é aquele que deve “voltar a abrir o que estava fechado. Não é tarefa fácil. Somente o olhar do amor – de um amor formador santo, totalmente consciente da sua responsabilidade, autêntico – [...], descobrirá uma brecha para penetrar derrubando os muros da fortaleza” (STEIN, 2003, p. 575).

O formador, segundo Stein, deve contribuir para a abertura da alma do educando a fim de que ele alcance ser o que deve ser. Só alcançará se olhar cada formando seu com o olhar penetrante do amor que é capaz de transpor todas as barreiras possíveis de um bloqueio existente em cada coração, em cada alma humana. Para ela, “o homem está inscrito em sua integridade, em um processo de desenvolvimento que não se esgota em ser um simples organismo” (2003, p. 607). Por isso que a verdadeira formação deve incidir na alma, na profunda essência da pessoa humana para “dar vazão à riqueza genuína que já está lá contida” (SBERGA, 2014, p. 174).

Para Edith Stein:

O material a ser formado é constituído por aquela aptidão que acabamos de conhecer: as forças germinais existentes em toda alma humana, mas na distribuição específica que caracteriza a alma e em sua respectiva manifestação individual. Não se trata de um material inerte, que precisa ser modelado e formado de fora, como a argila pela mão do artista ou como a rocha pela ação espontânea das interpéries; trata-se, antes, de uma raiz viva em formação, que possui em si mesma a força germinativa (forma interna) para desenvolver-se numa determinada direção, ou seja, em direção àquela forma completa e figura perfeita que deve crescer e amadurecer a partir desse germe (STEIN, 1999, p. 117).

Para Stein, a formação possui um processo semelhante ao processo orgânico onde o contexto externo torna-se determinante para o desenvolvimento da alma humana. Para a autora, “a alma só consegue desenvolver-se pelo acionamento de suas forças, e as forças só conseguem operar quando dispõem de um material, material este que deve combinar com elas” (STEIN, 1999, p. 117). Os fatores externos, de fato, incidem na potencialização da alma humana.

Edith Stein tem uma pedagogia convicta de que o processo do desenvolvimento da pessoa humana deve vir, ou seja, se dá a partir “de dentro”. Pressupõe-se, assim, uma formação com um caminho que seja aberto, criativo e focado na interioridade para que o ser humano seja visto na sua totalidade. Para Stein, a antropologia está intimamente ligada à pedagogia e afirma que “educar significa guiar outros seres humanos, de modo que se tornem o que devem ser. Não se pode fazer isso, portanto, sem saber o que é o ser humano, a que ele se assemelha, para o que deve ser guiado e quais caminhos possíveis” (STEIN, 2003, p. 743).

Para Stein, o formador tem o dever de guiar o outro, na compreensão exata de uma antropologia que o leve a saber quem é e para onde vai. De fato, a antropologia steiniana leva-nos ao núcleo do fenômeno humano e da sua trajetória formativa. Assim, podemos perguntar-nos: qual é a intenção e finalidade da educação/formação? Para Stein, é uma educação que leve em conta o valor individual de cada ser humano na sua particularidade e individualidade.

Segundo Sberga (2014, p. 176), para Stein,

todo ato pedagógico precisa conduzir o ser humano ao desenvolvimento da sua autonomia, para que ele governe a sua vida por si mesmo, para que saiba tomar boas decisões para si e para o outro, além de ter clareza e garantia de por que cumprir determinadas leis, normas ou propostas.

Desse modo, toda formação é uma autoformação e que “todo ato formativo é um autoformar-se [...] em toda atividade formadora o ativo se forma a si mesmo [...] toda formação é formação autoelaborada” (STEIN, 2003, p. 188).

Edith Stein tem plena consciência de que todo o elemento absorvido do exterior (como forma de aprendizado) só será valioso se obtiver um desenvolvimento como ser humano. Para ela, toda formação deve ser um ato de crescimento e de amadurecimento humano. Como afirma a autora:

Todo trabalho educativo vem acompanhado de uma determinada concepção

do que é o ser humano, de qual sua posição no mundo, aquilo que se ocupa e quais possibilidades práticas podem ser oferecidas para formá-lo. A teoria da formação humana, que denominamos pedagogia é parte orgânica de uma imagem global do mundo, quer dizer, uma metafísica (STEIN, 2003, 562).

E, ainda, “o trabalho educativo implica uma luta com a natureza inferior” (2003, p. 564), algo que já era sabido na sua época como resultado de uma herança do racionalismo enraizado no pensamento do seu tempo. A autora afirma que “é característico do intelectualismo da filosofia racionalista o fato de somente se levar em conta aquilo que é acessível à razão” (STEIN, 2003, p. 564). Stein faz uma crítica a esta forma superficial de entender a profundidade humana que só é vista à luz de uma psicologia supérflua que leva em conta os dados mais rasos da consciência. O papel da formação é conhecer o ser humano na sua profundidade e totalidade.

A formação, para Stein, torna-se uma atividade no sentido de que o sujeito da formação – o ser humano – se forma a si mesmo. Ao formador exige-se que faça o que está em suas mãos, isto é, sob sua responsabilidade. Quando um educador possui a convicção plena de que a formação, como fim, pertence a Deus, terminará por compreender a sua finalidade. Somente assim poderá alcançar o objetivo último de todo trabalho formativo que é, exatamente, passar de uma formação como tal para uma autoformação e permitir que o que lhe falta em sua finitude, seja complementado por Aquele que é Infinito: Deus.

Nenhum material formativo do âmbito humano e nenhuma medida formativa de um educador podem mudar a natureza de um homem; só podem contribuir para que siga, diante de possíveis direções formativas, um caminho ou outro. Deus pode conceder dons que ele não colocou na natureza. Pode remover as insignificâncias que estão dispostas por herança e que se radicou na alma por culpa própria. Deus pode, também, transformar a natureza e assim influenciar desde o interior no processo formativo (STEIN, 2003, p. 192).

Convicta de que a finitude humana depende de um Infinito, Stein afirma, na obra *A Estrutura da pessoa humana*, que “o autêntico formador é Deus e somente Ele conhece o homem por inteiro até o mais profundo do seu ser. Somente Ele tem diante de Si com toda clareza o fim de cada um e sabe com qual meios conduzi-lo até esse fim. Os formadores humanos não são mais que instrumentos nas mãos de Deus” (2003, p. 574). Para a autora, “cada ação pedagógica deve conduzir à autoeducação e à consciência de que o educando tem que ir formando suas potencialidades intelectuais, seu caráter e seus talentos pessoais” (SBERGA, 2014, p. 178).

Para Stein, “o caminho formativo do ser humano é uma obra da providência

divina. Deus deu ao ser humano sua disposição natural e a deu em forma de uma semente que está determinada a desenvolver-se” (STEIN, 2003, p. 192). Desta forma, é necessário contar com a iluminação divina para se aproximar da natureza original que é inerente a cada pessoa. Sberga (2014, p. 179) explicita que “se a fé é viva tanto no educador quanto no educando então se faz presente a confiança de que ambos cooperam com a realização de uma obra que é de Deus”. Sendo a fé um fator decisivo para o fim da formação, “a espiritualidade se torna um dado essencial no processo formativo. Sem essa dimensão de abertura espiritual seria quase que impossível para a pessoa atingir a profundidade de si mesma e chegar ao seu núcleo” (SBERGA, 2014, p. 179). Na pedagogia steiniana, o fim da formação consiste em levar o ser humano ao mais profundo do seu interior, a alma da alma.

A contribuição de Edith Stein no contexto educacional de seu tempo foi, de certa forma, uma crítica a um tipo de educação que não leva em consideração o ser humano na sua totalidade. É fundamental “dar espaço à especificidade de cada um [pois] é um meio essencial para caracterizar a orientação interior a esse fim” (SBERGA, 2014, p. 179). A finalidade da formação é conduzir à essência humana para que a pessoa possa desenvolver-se na sua totalidade.

3.3 O PAPEL DA FORMAÇÃO E DO FORMADOR

A educação possui a tarefa de preparar a pessoa humana para interagir de maneira positiva e construtiva com o mundo-da-vida de modo que possa favorecer um crescimento harmonioso com esse e nesse. O ser humano aprende a construir uma relação com próprio ambiente a adaptar-se as mudanças as quais, por sua vez, corresponde a um modo de agir e de interagir com o ambiente. Nisso consiste o papel da educação, levar a construí além de uma relação entre educador e educando, ambiente físico e humano, cultura e religião.

A formação sempre é acompanhada de grandes desafios dentre os quais destacam-se estão os limites da natureza humana. Assim, o papel do educador não consiste somente em transmitir conhecimentos, mas, propor com método e com inteligência um caminho de compreensão e de reelaboração crítica as experiências de vida. Logo, na educação é, essencial tanto deixar-se educar quanto educar-se; a educação e a autoformação caminham juntas, devem levar uma síntese antropológica, ou seja, devem possibilitar uma integração harmoniosa das diversas

dimensões humanas: inteligência, razão, desejos, afetividade e liberdade.

Para Edith Stein, “todo formador deve estar consciente de que sua atividade tem limites [...] pela natureza do educando [...] ou pela falta de habilidades e de competências específicas” (2003, p. 574). É fundamental, portanto, que o educador aperfeiçoe a arte de educar e adquira um conhecimento aprofundado da antropologia. Segundo Sberga (2014, p. 174-175), “o processo educativo ou formativo é a via que tem o poder de tocar na alma da pessoa, de entusiasmar seu ânimo e fazê-la sentir em plenitude de amor pela vida”.

O trabalho formativo consiste em “oferecer em tempo e lugar adequado os meios necessários para incentivar o formando à atividade, previni-la, prepará-la, sem violentar a liberdade” (GARCIA, 1988, p. 70). O educador humano precisa se esforçar para adquirir métodos e aperfeiçoar as técnicas para poder despertar no outro o desejo de aperfeiçoamento e de liberdade. Para isso, é fundamental ter consciência das próprias limitações. Edith Stein diz que: “por mais que se tente, o formador nunca poderá compreender perfeitamente a natureza do educando e conhecer o caráter misterioso da individualidade” (STEIN, 2003, p. 574).

O formador é corresponsável pela formação do outro. Cabe a ele compreender a individualidade humana e orientar o desejo de transcendência que está em cada pessoa. Compreende-se, então, que “formar não é levar a fazer uma experiência qualquer, mesmo que seja boa e útil, mas ajudar a descobrir aquilo que é específico da pessoa, para permitir que o seu potencial aflore” (SBERGA, 2014, p. 174). Formar é dar condições ao formando para que conheça a fundo o seu potencial, mas somente Deus, o verdadeiro formador, conhece o ser humano na sua inteireza e profundidade. Só Ele pode elevar o ser humano do nível mais baixo ao um nível mais elevado. A tarefa do formador consiste em perceber que sem o autêntico formador que é Deus, não se chega a uma formação harmoniosa.

Toda ação formativa deve ter por finalidade levar o ser humano a desenvolver-se como pessoa autônoma, capaz de governar a si mesmo e sua vida. A ação educativa deve levar a conscientização, a reflexão e formar para a tomada de decisões diante da própria existência. Sobre isso, Stein afirma: “enquanto a formação de uma pessoa depende da livre atividade do seu redor, de sua ação ou omissão, lhe corresponde ao seu redor uma obrigação e uma responsabilidade” (STEIN, 2003, p. 190). A formação deve contribuir para educar para o discernimento, o cumprimento de regras e obrigações sem que isso seja um peso, mas um dever realizado pelo bem

da humanidade. Portanto, “quem age a partir dessa dinâmica se torna cada vez mais livre e conduz sua vida com mais segurança e responsabilidade” (SBERGA, 2014, p. 177).

Cabe ao formador inferir no processo formativo com “materiais que sejam os mais adequados e proveitosos possíveis” (STEIN, 2003, p. 191), para a formação humana. Stein traz a consciência de que a formação não é uma atividade só de mãos humanas: “Paulo semeou, Apolo regou, mas quem faz crescer é Deus” (2003, p. 191). Desse modo, conclui-se que a obra formadora, assim como o seu princípio, está nas mãos do Criador.

Emerge disso que o ser humano é uma criatura divina e que o conhecimento adquirido a seu respeito somente será verdadeiro se ele conhecer o seu primeiro arquétipo. Stein, em sua atividade formative, questionava-se com frequência: “qual é a imagem segundo a qual ser humano deve ser formado?” (STEIN, 2003, p. 192). Ela compreende que a formação deve proporcionar ao educando condições reais de encontrar-se e tornar-se autêntico em sua essencialidade. Diante disso “é necessário que o procedimento do educador se pautem em opiniões claras, juízos verdadeiros e conceitos corretos em relação ao fim último da educação, que consiste no desenvolvimento da autêntica natureza humana” (SBERGA, 2014, p. 188).

Para Stein (2003, p. 192), o ser humano deve buscar um “modelo a imitar”. Um caminho formativo real não deve contentar-se apenas na transmissão de conhecimentos conteudísticos, mas deve levar em consideração a compreensão e a formação do ser humano pleno. Ela assegura que nenhuma razão humana é capaz de compreender sozinha o fim para o qual o ser humano foi criado. E que o ser humano, por si só, “jamais alcançará a posse de um conhecimento perfeito, nem para si e muito menos para os outros” (STEIN, 2003, p. 193). Nas suas conferências, exortava as educandas a se configurar e assimilar na própria existência a imagem de Deus.

Deus criou o homem à sua imagem: porém, somente Ele pode ver em plenitude essa imagem. Nós a contemplamos em muitas imagens e cada uma delas, nos dá uma visão imperfeita e unilateral. É da maneira mais perfeita na mais perfeita das criaturas, no Filho de Deus e na Palavra da Revelação que se conhece a Deus. Devemos assimilar em nós essa Imagem o tanto quanto nós possamos, para que se transforme em forma interior e nos forme desde dentro. Também devemos, na medida de nossas forças, tratar de compreendermos a nós mesmos e àquele para o qual temos sido criados e aos outros cuja formação nos foi confiada (STEIN, 2003, p. 193).

Para a autora, é o próprio Deus quem coloca no coração do ser humano o desejo de alcançar a perfeição. Como já explicitado anteriormente, a concepção steiniana de ser humano fundamenta-se na metafísica cristã. Foi “Deus quem criou o homem à sua imagem” (STEIN, 2003, p. 193). Isso o distingue de todas as criaturas terrenas, pois o ser humano possui, na sua essência, o ser de Deus. Nesse sentido, toda a ação formativa deve contemplar também a dimensão da transcendência e deve levar o ser humano ao pleno desenvolvimento de si mesmo, a autonomia e ao governo de si mesmo. Para Sberga (2014, p. 177), “é essa a proposta do ato espiritual de Stein, o qual conduz a pessoa para sua própria autoeducação”. Na mesma perspectiva Peretti afirma que:

Edith Stein busca o fundamento teórico nas verdades da fé nas quais encontra o ‘fim do homem’, necessitando da filosofia para penetrar intelectualmente o conteúdo da fé, esclarecê-lo e completá-lo. A educação e a formação devem conduzir para a configuração de uma precisa identidade pessoal [...]. Edith Stein projeta uma educação aberta para a diferença e para o diferente, baseada no respeito pela dignidade do outro, tema tão presente também em nossos dias (2019, p. 204).

Compreende-se, assim, que o papel da formação e do educador é de fundamental importância para a constituição da individualidade e da personalidade. Essa tarefa requer conhecimento profundo do mistério insondável de quem é o ser humano, da sua origem e do seu fim à luz da Revelação. Na perspectiva da teologia cristã, o verdadeiro pedagogo é aquele que é capaz de conhecer a individualidade e particularidades humanas. Sendo assim, torna-se uma tarefa impossível uma ação educativa somente humana. Nesse processo, faz-se necessária também a ação da graça. Nesse sentido, Edith Stein considera Deus como o “verdadeiro educador”, ou seja, o verdadeiro pedagogo (STEIN, 2003, p. 574), pois Ele é o Verbo Encarnado, modelo da verdadeira *areté* e mestre da perfeita *paideia*³¹ (MONDIN, 2007). O caminho para a perfeição inicia a partir da chamada universal à salvação, pois “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Tim 1, 4).

Este é o desejo enraizado no coração de cada ser humano. Para os batizados, o caminho para a salvação realiza-se na identificação com Cristo. A finalidade da vida

³¹Essa concepção de fé, fortemente humanizante que promove a autêntica perfeição do homem, fundamento da impostação pedagógica do projeto educativo, proposto na Patrística por Clemente, deriva da estreita relação, entre cultura cristã e cultura clássica. Edith Stein, certamente, leu e aprofundou esse conceito em seu percurso intelectual.

cristã, a *christiformitas*, exige o empenho da sequela *Christi* para se tornar como Ele, que se propõe como modelo, com o seu ensinamento e com o seu exemplo. Desse modo, “se a fé é viva tanto no educador quanto no educando, então se faz presente a confiança de que ambos cooperam com a realização de uma obra que é de Deus” (SBERGA, 2014, p. 179).

A uma Judia catecumena, Stein assim se expressa:

Eu sou apenas um instrumento do Senhor. Se alguém vier a mim, quero conduzi-lo ao Senhor. E quando percebo que não posso e que alguém se é interessado a minha pessoa, não podendo servir de instrumento, peço ao Senhor que intervenha de outra forma. Ele não é obrigado a servir-se apenas de uma única pessoa (S. Maddalena, 18.1.1931). (STEIN, 1973, p. 40-50).

A pedagogia proposta por Edith Stein fundamenta-se numa antropologia teológica, tem como finalidade educar para a Verdade, que é Jesus, o Cristo. A finalidade de seu projeto educativo consistia na formação do cristão adulto, que tem o seu coroamento na doação a Deus. Dessa forma, a antropologia teológica cumpre um papel determinante no processo formativo. Assim, por meio da razão e da fé, Edith Stein eleva-se em alcançar caminhos que nos levam à verdade sobre a pessoa humana, sua estrutura social, psíquica e religiosa e seu fim último. A reflexão sobre Deus e o ser humano são por primeiro a compreensão nata do pensamento de Edith Stein. Desta forma, a formação da pessoa é um quesito religioso, de modo que o fato de abrir para uma criança, para um jovem ou para um adulto o acesso a Deus é caracterizado como uma das primordiais tarefas educativas.

3.4 A EMPATIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA

Até aqui vimos que a nossa existência é marcada pela relação interpessoal e intersubjetiva e, ainda, pelo sentir, perceber e acolher nosso ser e estar no mundo. O significado antropológico do nosso sentir está ligado as “lógicas” da nossa corporeidade vivente, sensível e pulsante: o meu próprio corpo, a minha própria mente, e o corpo e a mente dos outros, na verdade, o teu corpo e a tua mente, diferentes dos meus, mas semelhantes aos meus. Os nossos corpos animados: nascem, crescem, pulsam, se desenvolvem e envelhecem. Tudo isso constitui nossa “experiência”, nossas “vivências”. Sentimos com o corpo, com a mente e com o espírito. Sentimos com nossa razão, conhecemos, incorporamos vivências e através

A empatia, desse modo, ajuda-nos a compreender de que o outro não é o “diferente”. Na lógica da empatia, estabelece-se uma modalidade de recíproca atribuição de significado. E, ainda, uma lógica de relação que “escava” no núcleo da pessoa humana o sentido da experiência originária, decentralizando-se para fazer espaço e acolher em si o outro. A empatia coloca-se aqui como fundamento do processo educativo, mas não só, como fundamento do humano e do inter-humano, do diálogo intercultural e inter-religioso, da acolhida e do cuidado com o próximo. A empatia é a chave para abrir o nosso mundo, a nossa alma, para a vida comunitária e para o agir solidário.

Dessa maneira, a empatia é a capacidade de o ser humano captar a vivência do outro e o que o outro está sentindo. Edith Stein na sua tese doutoral intitulada: *Zum Problem der Einfühlung*³² (*Sobre o problema da Empatia*), escrita sob a orientação do seu Mestre e amigo Edmund Husserl, defendida em 1916, descreve a empatia como um modo de conhecer o outro, “um ato originário enquanto vivência presente e não originário pelo seu conteúdo” (STEIN, 1992, p. 77).

Em sua autobiografia, Edith Stein afirma quanto a escolha do tema da sua tese:

A questão agora era saber sobre qual tema eu queria trabalhar. Isso não me causou nenhum embaraço. Durante algumas aulas do curso ‘Natureza e espírito’, Husserl havia dito que um mundo exterior objetivo podia ser apreendido apenas intersubjetivamente, ou seja, por uma pluralidade de indivíduos que conhecem e que comunicam entre si. Para tanto, um pressuposto requerido era ter uma experiência dos outros indivíduos. Husserl chamava essa experiência de empatia, em conexão com os trabalhos de Theodor Lipps, mas não explicava em que consistia. Era então uma lacuna a preencher: eu queria explorar o que era empatia. Isso não desagradou o mestre (STEIN, 2018, p. 345).

E relação ao termo *Einfühlung* (empatia), “Husserl havia individualizado, já nos primeiros anos do século XX, uma modalidade particular de abordagem do outro, uma vivência específica que havia denominado *Einfühlung*” (ALES BELLO, 2018, p. 53). Este termo, segundo Andreatta, tem sua gênese na palavra grega *én-pátheia*, e “indica

³² Quando Edith Stein decide fazer o seu doutorado com Husserl, em 1913, tratando com ele o tema, conclui que ela trabalharia sobre o tema da ‘Empatia’, esse ato de conhecer em que Husserl mencionava em sala de aula e que ainda estava por definir-se claramente: “Em seu curso sobre a natureza e o espírito, Husserl havia falado de que um mundo objetivo exterior somente pode ser experimentado intersubjetivamente, isto é, por uma pluralidade de indivíduos cognoscentes que estivessem situados em troca cognitiva. Segundo essa essa concepção, se pressupõe a experiência dos outros. Essa peculiar experiência, foi definida por Husserl de *Einfühlung* (Empatia). No entanto, Husserl não havia precisado em que consistia esse conceito. Permanecia, portanto, uma lacuna para ser preenchida. Eu queria investigar o que era *Einfühlung* (SANCHO, 2005, p. 31).

a vivência de um ‘sentimento’ (*páthos*, sentir) em direção ‘para dentro’ (én, em/dentro) da subjetividade (*hypokéimon*) de um sujeito, que, conforme o sentido duplo da intencionalidade pode ser mutuamente tanto ‘para dentro do sujeito-eu’ como ‘para dentro do sujeito-outro’ (2019, p. 139). Sendo assim, a empatia (que pode ser equiparada à intropatia³³) “é a capacidade que o ser humano tem de sentir, dentro de si, a dor, o sofrimento, o afeto que vem do outro. Na língua alemã, o termo surge na literatura do século XVIII, “como *hinein fühlen*, um ‘sentir por dentro, perceber interiormente” (MANGANARO, 2016, p. 45).

Pela empatia, o ser humano consegue perceber o diferente que está no outro³⁴ e que está em si mesmo, abrindo caminho para compreender que a vida é feita de sentidos e percepções. Nas vivências, o ser humano descobre que não é único, que não está sozinho que possui na sua essência a necessidade de relacionar-se. Caso não aconteça essa relação com o outro, pode acontecer o oposto: a apatia e, conseqüentemente, o afastamento, a solidão.

Vivemos em uma sociedade líquida, isto é, numa sociedade onde as relações são fragmentadas e passageiras que conduz o ser humano a solidão e, às vezes, sem rumo e direção. A vida é materializada, desenraizada do sagrado, o outro é o “desconhecido”, o “inimigo”, o “estranho” que precisa ser eliminado. Muitas são as patologias que afetam o ser humano.

Trata-se de se educar para a empatia porque a existência é uma *passio* (paixão, sofrimento) marcada pelo *páthos*. Dessa maneira, a importância formativa do movimento “de-para” que a empatia consente: estar conscientes do “*páthos*” para educar “ao” *páthos*.

O exercício da ação educativa consiste, hoje, em buscar dar sentido à vida que

³³ A intropatia é a base de nossas relações intersubjetivas. Um exemplo simples: quando alguém me diz que está triste, entendo do que se trata, porque conheço o que é “dor”. Não vivo a dor do outro; compreendo o que ele vive porque conheço a essência da dor. Sob essa perspectiva, a intropatia é a base da nossa experiência da alteridade e de nós mesmos, na medida em que nos possuímos quando nos confrontamos com o outro. Nem sempre temos consciência do processo intropático em sua completude e, por conseguinte, não damos atenção suficiente ao dinamismo intersubjetivo, considerando que nunca poderemos invadir o outro em sua intimidade e que a imagem que dele temos precisa ser testada e sempre melhorada com base na comunicação (ALFIERI, 2014, p. 71).

³⁴ A análise de empatia quer responder à pergunta: o que significa “dar-se conta” da experiência vivida pelo outro que me é estranho? Trata-se de uma espécie de atos de experiência sui generis que Edith Stein analisa servindo-se com frequência de exemplos colhidos da nossa vida cotidiana. Se alguém que eu vejo, que eu encontro, experimenta alegria ou dor, posso entender o que esta pessoa está provando; certamente não provo a sua alegria ou a sua dor, mas tenho uma experiência vivida, uma vivência de ambas, me dou conta de que não vivencio em primeira pessoa – por isso elas não são para mim, “originárias” – mas, para mim, é originário o sentir que a pessoa está vivendo alegria ou dor (ALES BELLO, 2018, p. 53-54).

é parte do ser humano e, pela formação, levar o ser humano a alcançar a plenitude. Trata-se de romper as barreiras de um solipsismo (só existe o eu, e suas sensações, o indivíduo solitário) para ir ao encontro do outro semelhante a mim.

Vale ressaltar que a empatia, como ato de se colocar junto “de”, possibilita-nos “o sentir-se com”. Quando nos colocamos diante do outro, é aí que nos abrimos ao outro. É um extrair o outro para dizer: “Eu te compreendo”.

A empatia é uma experiência empírica; mas, para compreendê-la em seu significado profundo, “é necessário colocar ‘entre parênteses’ a atitude natural, operar uma ‘redução’ de tudo aquilo que dificulta para compreender o que nós, seres humanos, vivenciamos em nossa interioridade” (PERETTI, 2019, p. 127). Desse modo, a empatia torna-se um instrumento tão humano capaz de compreender os outros seres humanos em seus sentimentos e em suas vivências. A empatia permite-nos “observar o agir do outro na experiência cotidiana” (PERETTI, 2019, p. 127). É a experiência do outro em nós.

No exercício da empatia pedagógica, deve-se ter o cuidado para não tomar sobre si a dor do outro, mas, sim, ser com o outro. Quando o ser humano compreende a necessidade de estar diante do outro, mesmo em silêncio, desenvolve em si a habilidade empática de colher o outro na sua humanidade. O ato empático exige uma certa distância/proximidade saudável diante do humano que está diante de nós. No ato empático, emerge a consciência do eu a fim de que na interação com o outro, o eu se fortaleça.

Edith Stein parte da experiência de relação que se dá com o outro. Nessa relação, o ser humano estabelece com o outro um ato, *sui generis*, capaz de nos conduzir e a identificar-se como um ser de estrutura semelhante, mas portador de uma singularidade. Pela empatia, nos compreendemos como portadores de vivências semelhantes em estrutura, mas diferentes desde as vivências singulares que cada ser carrega em si. À empatia, como um ato de conhecimento de si e do outro, cabe o papel de acompanhar as vivências e buscar compreender a subjetividade do outro.

Segundo Stein, “a pessoa está acima de todos os valores objetivos. Toda verdade precisa ser reconhecida por pessoas, toda beleza precisa ser vista e avaliada por pessoas. Nesse sentido, todos os valores estão aí para as pessoas” (1999, p. 283). As reflexões propostas por Edith Stein, em seu caminho de busca pela verdade, estão sempre pautadas na busca por conhecer quem, de fato, é o ser humano na sua estrutura ontológica essencial: o núcleo da sua alma, a “alma da alma”. A empatia

mostra-se como a capacidade humana de entender o que há de singular nas vivências próprias e nas vivências com o outro na sua essencialidade. Vale ressaltar que:

O ato de empatizar toma como ponto de partida as relações intersubjetivas, pois a empatia se dá pela confirmação de que a vivência do outro, considerado em sua essência, nos permite chegar à sua explicação completa [2º grau de atuação]. Como ato de entendimento, temos a possibilidade de perceber que a vivência do outro é semelhante à minha, tem a mesma estrutura e por isso consigo entendê-lo, e quando essa vivência emerge diante de mim [1º grau de atuação] e objetivo-a, tenho como um conteúdo apreendido [3º grau de atuação] (BAREA, 2015, p. 84).

Se o ser humano não tivesse a capacidade de empatizar, a indiferença / apatia poderia ser uma dominante no coração do homem a ponto de torná-lo indiferente a tudo aquilo que está ao seu redor. Tem-se a impressão de que boa parte da humanidade, vive essa apatia. Em função disso,

Edith Stein nos deu a possibilidade de entender que nossa singularidade não pode ser tocada por ninguém; mesmo nas situações mais adversas, podemos ser sempre nós mesmos. Se nos deixamos influenciar pelo ambiente externo, por força da nossa condição social ou por outra razão qualquer, e se vimos a definhar, a responsabilidade por esse esmorecimento não está inteiramente do lado do que está fora de nós (o Estado, a Sociedade, a política); nós também somos responsáveis, pois podemos ceder às investidas externas, desligando-nos de nosso fundamento interior. Deixamos que nossa autoconsciência fique embotada (ALFIERI, 2014, p. 73-74).

Por isso que o ato empático exige uma relação intersubjetiva direta e recíproca do sujeito empatizante com o sujeito a ser empatizado.

3.5 ETERNIDADE COMO O “TÉLOS” DA FORMAÇÃO

O “télós”, é a finalidade à qual o homem está destinado. Segundo Stein, “o homem é livre, está chamado à perfeição e é um membro da cadeia formada por todo o gênero humano que se aproxima progressivamente ao ideal de perfeição (2003, p. 563). Por isso que para a teóloga, “a busca de Deus, pertence ao ser do homem” (STEIN, 2003, p. 594). O ser humano é possuidor de uma interioridade que anseia pela transcendência que só alcança, transcendendo-se a si mesmo e progredindo no ato de se formar e autoformar-se. A perfeição e a plenitude do ser dá-se mediante o processo de uma formação contínua.

Segundo Meis (2001, p. 367): “A *natura hominis* tem seu fim último em Deus

mesmo, na visão beatífica de Deus”. Para Stein, o homem é imagem de Deus de um modo especial, como reflexo da pessoa divina, um certo espelho trinitário. Ela vê esta imagem em todo o criado, mas a acentua no homem, principalmente nos processos dinâmicos.

O homem vai formando-se à imagem de Deus num processo de auto e livre formação. A alma precisa chegar até ela mesma, num duplo sentido: chegar a conhecer-se como é e chegar a ser o que deve ser. A liberdade entra em jogo nestas duas operações. “A imagem dinâmica de Deus no homem vai se clarificando pelas vias do conhecimento de si mesmo e pelo desenvolvimento das possibilidades de maturação do ser” (GARCIA, 1988, p. 60).

O “*télos*” do ser humano é ser pleno e ser feliz. E, para se alcançar essa plenitude e felicidade, deve-se trilhar um árduo e longo caminho começando por querer e desejar esse fim. O único bem em absoluto é Deus. Boécio já dizia que a felicidade consiste na busca da verdade de Deus. Deus é a Causa Primeira do ser (Santo Tomás), isto é, o fim último de tudo. Para Garcia (1988, p. 49) “o homem precisa realizar sua plenitude possuindo-se a si mesmo, expandindo suas possibilidades, num caminho ascendente do exterior para o interior, do finito para o infinito”.

É pelo conhecimento de si mesmo que o ser humano consegue a abertura para trilhar um caminho de progresso cada vez maior na sua existência. Todo o criado alcança o seu fim último, Deus. Todos os seres humanos – ontologicamente falando – tendem a imitar a bondade divina, eis o chamado; mas nem todos são capazes de o fazer pela sua liberdade. Um ser humano despojado de virtudes e repleto de obras más, escravizado pelos vícios, deve buscar, com o esforço próprio e com o auxílio da graça de Deus, chegar a ser aquilo que deve ser. Stein define as decisões livres do ser humano como as aquelas tomadas de decisões que se dão no centro e na profundidade da alma. E se são tomadas no centro e na profundidade do núcleo da alma, são de grande valor. Sabe-se que uma decisão positiva representa um acréscimo no ser da pessoa. Então, “as decisões são vetores na vida da pessoa” (SBERGA, 2014, p. 98).

A formação que parte do núcleo, devido a sua força substancial, também ativa e ordena a matéria e a alma para as transformações que vão se dando nelas com as constantes atualizações das suas potências. “Essa transformação se dá segundo o *télos* próprio da pessoa, ou seja, é uma atualização segundo aquilo que já está contido

na pessoa como peculiaridade original de seu ser, de suas qualidades pessoais e disposições originárias” (SBERGA, 2014, p. 102).

O ser humano, como um todo, tem uma meta a ser alcançada: ser pleno em Deus. Edith Stein, em seus escritos, busca fazer essa ligação entre o ser homem em tudo aquilo que compete a sua existência, sobretudo a sua singularidade e a formação, o ato pedagógico, para que este mesmo homem que está a caminho, em processo constante de formação, alcance o seu fim último: a eternidade.

O ser humano, que é formado à imagem e semelhança de Deus, vai se formando à imagem e semelhança de Deus num processo livre e de auto formação. A sua natureza corpóreo-psíquico-espiritual dá-lhe a capacidade de se abrir para aquilo que está além da matéria, para além daquilo que é efêmero. Sua natureza permite-lhe ter a certeza de chegar a ser o que deve ser: um ser pleno em Deus. “O homem tem uma tendência para a totalidade, para a plenitude de si mesmo, justamente porque nele há o reflexo da vida divina, como vida trinitária participada” (GARCIA, 1988, p. 60). E, ainda, “cada alma é singular pois foi criada por Deus e é chamada a imortalidade” (STEIN, 2003, p. 570).

De tal modo, o ser humano é chamado a atualizar as potencialidades no seu núcleo interior se quer alcançar a eternidade. Quando a “pessoa ao longo de sua vida superar suas limitações em virtude da sua liberdade e conseguir gradativamente atualizar o seu núcleo, então desaparecerá tudo o que a inibe e o seu núcleo atingirá algo da eternidade” (SBERGA, 2014, p. 100).

Diante de tudo isso, é necessário que o ser humano tenha consciência de si e de sua capacidade para se chegar aquilo que quer ser. Stein afirma:

Ainda mais certo, é o fato do ser eterno que se encontra por detrás do ser frágil. Esta é a verdade que se encontra quando se chega ao mais íntimo do interior humano. Quando a alma se conhece a si mesma, reconhece a Deus dentro dela. E conhecer o que é e o que existe dentro dela só é possível por meio da luz divina (STEIN, 2003, p. 572).

O ser humano possui em si a capacidade de se conhecer e de se possuir a si mesmo. O ser humano, consciente de si mesmo, do seu núcleo, é capaz de entrar e de sair de si mesmo. Esse movimento do ser pessoa é que capacitá-o para a plenitude. Compreende-se, assim, que “a pessoa não é uma realidade terminada de uma vez: o homem é e se faz. O homem aspira à plenitude, está aberto a tudo o que é grande, nobre, para transformar-se progressivamente” (GARCIA, 1988, p. 58). Ao

desenvolver as forças espirituais da alma, o ser humano vai, aos poucos, compreendendo a origem e o significado da sua vida, e isso o direciona para se perceber como uma obra divina, embora incompleta.

Stein, na busca pela verdade e pelo desejo de contribuir para uma verdadeira formação humana, faz uma crítica à filosofia existencialista de Heidegger, quando questiona que “a grande pergunta da metafísica é a que diz a respeito do ser” (STEIN, 2003, p. 567). Segundo Stein, Heidegger sustenta que o homem só pode encontrar respostas para as suas perguntas existenciais a partir da sua própria existência, pois “o ser humano está rodeado em sua existência cotidiana com todo tipo de preocupações e anseios; vive no mundo e procura assegurar sua existência em si mesmo” (STEIN, 2003, p. 567). O ser humano, imerso em sua própria história, na vida social, nas relações com os outros, nas tarefas cotidianas etc., tem a sensação de que vive um cenário que causa angústia e dúvidas: quem sou? ou o que é o ser? Essas perguntas fazem com que o ser humano viva uma constante angústia e busca a fim de dar a si mesmo uma resposta plausível.

Stein compreende que, para Heidegger, o ser humano “vive preocupado por isso ou por aquilo, pelo seu próprio ser e que já algo que o faz lembrar levando-o a se questionar sobre essas perguntas e a se refugiar no mundo: trata-se da angústia que está intimamente ligada ao seu ser” (STEIN, 2003, p. 567). Ela sustenta que o filósofo entende que é na angústia que se manifesta ao ser humano o que pertence à sua própria existência e afirma que: “o ponto mais extremo que pertence à existência é a morte: sua vida esta marcada com a morte. O homem vem do nada e ao nada se dirige, sem poder se deter” (STEIN, 2003, p. 567). Ela não concorda com Heidegger quando afirma que o ser humano está condenado a viver sem esperança, mergulhado na sua finitude sem um viés de imortalidade, mesmo com a total liberdade à qual o ser é formado.

Edith Stein denuncia as sérias consequências pedagógicas que essa concepção antropológica causa na formação do ser humano. O ser humano está, desde sempre, chamado ao verdadeiro Ser. Afirma que se deve questionar qual é o fim último do homem e qual caminho trilhar para ser o que deve ser. Por isso, ela afirma que “a missão do formador, de imediato aos jovens, será a de defender que o homem está chamado ao verdadeiro Ser e destruir ídolos e pedagogias enganosas” (STEIN, 2003, p. 568). Para a filósofa, é importante compreender o ser humano a partir de uma antropologia cristã capaz de superar o niilismo pedagógico e partir para

uma “metafísica cristã positiva que dê uma resposta adequada ao ‘nada’ e aos abismos da existência humana” (2003, p. 568).

Segundo Garcia (1988, p. 49), “para a carmelita Edith Stein, o homem precisa realizar sua plenitude possuindo-se a si mesmo, expandindo suas possibilidades, num caminho ascendente do exterior para o interior, do finito para o infinito”. Stein pensa o ser humano – finito –, em analogia com o Ser eterno – infinito – compreendendo que o homem está intimamente ligado ao Ser eterno que é Deus. O ser humano só é o que é e só existe através de Deus, por isso deve configurar-se com a vontade divina.

A teologia, para Stein, torna-se, definitivamente, teologia primeira, porque ela estuda o “*Théos*” nas coisas, isto é, a consciência de que Deus está em tudo. Ela mostra, com sua pedagogia, que devemos – enquanto entes finitos –, pensar no *télos* do homem (fim último). Se o ser humano tem um fim, Deus tem que ser pensado. Um dos grandes avanços da teologia steiniana é fazer descobrir, novamente, a grandeza de Deus como o Ser Eterno e Absoluto. Ela recoloca o fundamento de que todos estamos em Deus: Dele viemos e para ele voltaremos.

3.6 A SANTIFICAÇÃO DA ALMA E DO ESPÍRITO

Segundo Santana (2017, p. 17), “o homem pertence à ordem dos fins e não a dos meios, é corpo sim, mas corpo animado, existe um mistério que cerca a estrutura humana”. Este mesmo homem (espécie) possui como parte imanente de sua constituição uma vocação, vocação individual, para algo específico, podendo ser analisada pelo âmbito profissional bem como pelo âmbito espiritual. “Stein reconhece a intervenção divina como participante do processo de chamamento, sendo a vocação uma característica que garante o ethos de dignidade a que todo homem tem direito” (SANTANA, 2017, p. 17), pois “a busca de sentido do ser nos conduziu ao ser que é autor e arquétipo de todo ser finito. Ele revela-se a nós como o ser em pessoa e, mais ainda, como o ser em três pessoas. O Criador é o arquétipo da criação” (STEIN, 2019, 379). O ser pertence a Deus e é nele que se santifica.

O ser humano tem o direito de voltar para o regaço de Deus e de se encontrar harmoniosamente com o Criador na ordem originária da restauração, livrando-se das raízes doentes da natureza corrompida, degenerada pelo pecado original. De fato, “todo homem é convidado a retomar a sua condição de filia, amor filial a Deus, que por meio da encarnação, morte e ressurreição, assegurou a possibilidade de o homem

estabelecer a ordem primeira perdida, agora de maneira perfeita” (SANTANA, 2017, p. 18).

Edith Stein enfatiza na sua antropologia teológica que é tarefa urgente de cada pedagogo católico estar ciente do que a fé ensina sobre o ser humano. A alma é criada por Deus; ela não é – como o corpo – gerada pelos pais, mas por Deus, dando a cada um individualmente.

Todo homem tem seu próprio entendimento, já que todo homem tem sua própria alma, e esta alma é (segundo Santo Tomás) uma pura forma substancial. “Chegamos, dessa forma, a uma alma individual, segundo cada qual, cada alma individual foi criada por Deus e, portanto, há uma forma individual do homem” (STEIN, 2003, p. 668).

A autora ainda afirma: “Sou um ser humano e tenho um corpo e alma; meu corpo é o corpo humano e minha alma a alma humana. Isso significa que possuo um corpo e uma alma única e pessoal” (STEIN, 2003, p. 655). E ainda: “Onde há um corpo vivo existente também há uma alma. E ao inverso: onde há uma alma, aí há também um corpo vivo” (STEIN, 2019, 391). A alma é substância e, na verdade, não há uma única em todas as pessoas, mas uma a cada ser pessoalmente: tantos corpos, tantas almas. Ela recebe vida eterna por causa da obra redentora (ou sofrimento eterno). Os corpos também terão parte da vida eterna. Edith Stein enfatiza que “a alma espiritual, de fato, ocupa dentro da unidade da natureza humana um lugar central e dominante. É ela que dá ao todo o caráter de personalidade e de autêntica individualidade” (2003, p. 673). É desta forma que o ser humano torna-se único em toda a obra criada por Deus.

Com efeito, Edith Stein entende que “quando se fala de espírito humano ou de intelecto, está se referindo à potência da alma” (2003, p. 673). A autora enfatiza ainda que “a união com o corpo é essencial para a alma” (2003, p. 678). A experiência interna, para Edith Stein:

Permite adentrar à natureza própria da alma. É nosso interior no sentido próprio, aquilo que em nós se enche de dor ou alegria; percepção da justiça ou injustiça; da abertura de uma alma à outra; da aproximação ou distanciamento; que não só capta a beleza e o bem; a fidelidade e a santidade, senão que os acolhe em si e vive deles, se enriquece e crece em amplitude e profundidade (STEIN, 2003, p. 679).

Sendo assim, a alma, para Stein, “pertence ao mundo espiritual e que, algo

que procede desse mundo espiritual pode nela penetrar e colocá-la em movimento” (2003, p. 681). Possui “uma significação própria [...] um centro vivo para onde tudo converge e de onde tudo toma seu ponto de partida” (STEIN, 2019, p. 393). Ela não habita o corpo somente por habitar, mas “a união com o corpo é essencial para a alma” (STEIN, 2003, p. 678). Ela transforma o corpo físico, como afirma Stein quando diz que “o corpo está por completo penetrado pela alma, de maneira que não só a matéria organizada se converte em corpo penetrado pelo espírito, mas também o espírito se transforma em espírito materializado” (2003, p. 682). A vida própria do eu é o que diferencia o ser humano como humano.

Segundo Peretti e Dullius (2018, p. 156), “para Stein, há diferentes níveis de profundidade das vivências da alma aos quais correspondem distintas expressões. Quanto mais profunda for a manifestação da alma, mais tende para a interioridade, para a expressão do eu pessoal”. O grau da sua profundidade é, na verdade o grau da sua santificação. Ales Bello, conceituando profundamente o conceito de alma em Edith Stein, assevera que “ela é [...] um núcleo que escapa de todos os condicionamentos físicos e psíquicos, diferente, portanto, da própria força vital, sensível e espiritual, constituída pela capacidade de querer, pela esfera dos atos livres” (ALES BELLO, 2018, p. 49). Referindo-se ao ser espiritual, Stein afirma que ele “ligado a um corpo (como também a alma) e possui, no entanto, um vínculo espacial” (2003, p. 674), isto é, está ligado à matéria. Para a autora, o espírito não está atrelado a uma figura fechada e imóvel, ele é livre, “e sendo livre sai livremente de si mesmo e sopra onde quer” (2003, p. 675). A liberdade é um grande atributo do ser.

Ao refletir sobre a substancialidade e essencialidade da união da alma com o corpo, Edith Stein diz que “a alma sempre se experimenta a si mesma como algo que vai muito além do que ela é a cada momento e, inclusive, muito mais do que consiga ser ao longo da sua existência” (STEIN, 2003, p. 679). A alma racional é uma forma substancial ao corpo que está unida a ele. Isto significa que aquilo que o corpo é (organismo vivo), ele o é graças à alma que nele habita. Unida ao corpo, a alma não é uma casualidade apenas, mas parte da sua essência. Ela não seria alma se não estivesse ligada ao corpo.

Que o homem não chega ao mundo como obra acabada, Stein já tem afirmado inúmeras vezes. Ela diz que “é ao longo da vida que o ser humano vai se construindo e se renovando em um constante processo de transformação sem nunca alçar um

estado definitivo” (STEIN, 2003, p. 687). É no Criador que a criatura encontra a sua plenitude, o seu estado definitivo.

Desta forma, deparamo-nos diante de uma antropologia teológica steiniana que junto à vocação pela criação e providência, enfatiza a sobrenatural elevação do ser humano através da graça. Trata-se, pois, de uma elevação pela filiação de Deus e o chamado para a eterna presença divina. O ser humano necessita, a cada momento, da assistência divina para poder ser e agir. Ao mesmo tempo, Deus permite às criaturas um seu próprio ser e agir. Deus carrega o universo, o ser humano e todas as criaturas em suas mãos. Protege aqueles que andam por caminhos retos de acordo com a Lei do Senhor como canta o salmo: “felizes são aqueles que obedecem aos preceitos de Deus e que o procuram de todo o coração” (119, 1-2).

Cabe ressaltar, ainda, que “quem vive predominantemente ou exclusivamente na superfície, não pode ascender aos níveis mais profundos [...] por isso, quando a alma não alcança à plenitude de seu ser e de seu desenvolvimento, a responsabilidade é da própria pessoa” (STEIN, 2003, p. 657). O conceito de formação proposto por Edith Stein contribuirá no próximo capítulo para iluminar o processo de educação para a fé e a dinâmica de formação do catequista no caminho do amadurecimento da fé. Aquilo que a fé cristã diz sobre o ser humano constitui o fundamento primordial para uma pedagogia cristã.

O ser humano é um ser livre, chamado à perfeição. E é na liberdade e na responsabilidade que ele faz com que sua transcendência chegue a Deus, ao Ser Absoluto, ou seja, a liberdade faz com que a transcendência do ser humano se torne história, e a história é, para Rahner, o lugar antropológico, o lugar da Revelação (RANHER, 1967).

Desta maneira é que o ser humano torna-se um lugar da Revelação de Deus, já que, sendo uma abertura ao Ser em geral, a pessoa é espiritual. É nessa dimensão que existe a possibilidade, ou um lugar, para Deus revelar-se.

A partir desses pressupostos, objetiva-se, no capítulo seguinte, aprofundar o itinerário da educação da pessoa para a fé, que consiste “em encontrar e mostrar os sinais da ação de Deus já presentes na vida das pessoas e, sem abrir mão deles, propor o próprio Evangelho como força transformadora de toda a existência, à qual dará pelo sentido” (DC, n. 179).

4 A EDUCAÇÃO DA PESSOA PARA A FÉ

O ser humano é um ser religioso, pois a imagem de Deus, em figura humana, esteve no meio de nós na pessoa de Cristo. Quando conseguimos compreender essa figura, como nos narra os Evangelhos, ela nos abre os olhos para reconhecê-lo como Salvador. Quanto mais a imagem de Deus penetrar em nosso interior mais despertados seremos ao amor e mais sensíveis ao perceber todos os caminhos que Dele nos desvia. Devemos, portanto, estar atentos aos sinais de Deus em nossa vida, pois, por meio de alguns sinais dados pelo Criador, somos capazes de ter percepção de qual caminho seguir para alcançar a proximidade com Deus e em Deus. O encontro do humano com o Sagrado dá-se, na fé cristã, através da Eucaristia, em que Cristo faz-se presente no pão e dá-se em alimento a todos nós, tornando-se a centralidade de toda a nossa vida.

A partir desses pressupostos, objetiva-se, neste capítulo, aprofundar o itinerário da educação da pessoa para a fé, que consiste “em encontrar e mostrar os sinais da ação de Deus já presentes na vida das pessoas e, sem abrir mão deles, propor o próprio Evangelho como força transformadora de toda a existência, à qual dára pelo sentido” (DC, n. 179).

A pessoa não vem ao mundo como um ser “acabado”, mas “ao longo de toda a sua vida vai se construindo e renovando-se, num processo de constante transformação” (STEIN, 2003, p. 687). Em sua existência, no processo de sua maturidade, a pessoa depara-se com a “semente” da fé recebida no seu batismo e, à medida que for cultivada, proporcionar-lhe-á uma participação, por sua união e integração com Deus. Edith Stein escreve a esse respeito, referindo-se à frase de São Paulo na Carta aos Gálatas (2,20): “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim”. A transformação de Paulo evidenciou-se no seio das comunidades cristãs, que se constituíram-se espaços sociais onde o apóstolo pregou o mistério da Cruz, modificando costumes do judaísmo para o mundo greco-romano, para melhor adaptar e inculturar a mensagem libertadora de Jesus Cristo. Assim, considera-se que o dom da fé é uma graça. Quando acolhida, torna-nos seguidores e discípulos de Cristo.

No decorrer deste trabalho, vimos que a fenomenologia evidencia a experiência vivenciada e indizível. A fé não é narrada; pode-se narrar o evento que suscitou a fé, mas a fé em si mesma somente pode dar-se mediante o acolhimento empático. É aquilo que Edith Stein vivenciou diante da conversão de seus amigos e,

sobretudo, diante da experiência com Anne Reinach, esposa de Adolf Reinach³⁵, Scheler, Hans Lipps etc. No encontro com seus amigos, houve um contato com a fé não somente como possibilidade, mas como uma encarnação real da fé: a Cruz, a Pessoa. Neste fato, ao invés de passar pelo anúncio explícito, a fé é transmitida pelo testemunho e toma imediatamente forma de chamamento, porque logo coincide com a experiência de Deus, o encontro com Ele de Pessoa a Pessoa. Stein partilha a experiência que fez com seu amigo Schler:

Não sei em que ano Scheler voltou à Igreja Católica, mas provavelmente não fazia muito tempo. Era de todo modo a época em que estava cheio de ideias católicas e sabia se fazer de defensor delas com toda a maestria de sua mente e de sua eloquência. Foi assim que entrei em contato pela primeira vez com esse universo que me era até então totalmente desconhecido. Esse contato ainda não me conduziu à fé, mas abriu-me um domínio de ‘fenômenos’ perante os quais eu não mais podia ficar às cegas [...] caíram assim as barreiras das preocupações racionalistas dentro das quais eu havia crescido, e o universo da fé surgiu de repente diante de mim. Várias pessoas com quem eu convivia cotidianamente e por que tinha admiração pertenciam a esse universo (STEIN, 2018, p. 332-333).

Aos poucos, Stein vai trilhando o caminho do conhecimento da fé. Em sua autobiografia, ela relata: “Em Gotinga, tinha aprendido a respeitar as questões de fé e as pessoas crentes. Por vezes ia com minhas amigas a um templo protestante [...], entretanto, ainda não havia encontrado o caminho para Deus” (STEIN, 2018, p. 410). Stein conta que, em uma noite, enquanto tomavam café na casa dos Reinach (e estava presente Husserl e sua senhora e amigos), seu colega Richard, muito falante, fez uma observação pejorativa sobre a cruz de ferro e Reinach, “trocou olhares comigo. Falou, então com voz calma e forte: ‘Ela (a Cruz) significa muito para mim’” (STEIN, 2018, p. 491).

Em outra ocasião, em suas férias, em um encontro com Hans Lipps, durante um café, Ele pergunta a Stein se ela pertencia ao clube de Munique que vai diariamente a missa e em resposta diz: “Não, eu não pertencço a esse grupo. Quase tive vontade de acrescentar: infelizmente não” (STEIN, 2018, p. 514). Ao permanecer na cidade de Heidelberg, ela encontra-se com Pauline Reinach em Frankfurt e relata

³⁵Adolf Reinach (23/12/1883, Mainz – morreu em combate em 16/11/1917, Dixmuiden, Flandres). Em 09/04/1916, durante as férias, foi recebido pelo sacramento do Batismo no luteranismo, na igreja de Santo Albano, juntamente com sua esposa Anne Stettenheimer. O corpo de Reinach foi levado num caixão de zinco para Gotinga, em 31/12/1917, e, então, foi enterrado no cemitério da cidade, onde o túmulo, com um monumento do escultor Adolf von Hildebrand, ainda se encontra bem cuidado e preservado (STEIN, 2018, p. 312).

que:

Por alguns minutos, nós entramos na catedral. Enquanto estávamos lá, num ambiente silencioso e respeitoso, chegou uma mulher com sua cesta de compras e ajoelhou-se para fazer suas orações. Para mim aquilo era algo totalmente novo. Era só para o culto religioso que se ia às sinagogas e às Igrejas protestantes que eu conhecia. Agora via ali alguém que, em meio as suas preocupações cotidianas, dirigia-se à Igreja deserta para uma conversa íntima. Aquela cena nunca saiu da minha memória [...]. Atravessamos uma sala onde estavam expostas quatro estátuas oriundas de um túmulo flamengo do século XVI: ao meio estava a Mãe de Deus com João, equanto Maria Madalena e Nicodemos punham-se ao lado. O corpo de Cristo não estava lá. Essas estátuas tinham uma expressão de grande força que não nos permitia deixar de olhá-las (STEIN, 2018, p. 516-517).

O encontro, o itinerário e a experiência de fé cristã vivenciados por Edith Stein mostra-nos a necessidade de uma catequese, de uma formação e de uma educação permanente na fé. “Trata-se de uma educação que favoreça a interiorização da mensagem cristã, por meio de um processo de catequese que conduza progressivamente a saber integrar a escuta, o discernimento e a purificação” (DC, n.73).

No itinerário de educação da pessoa para a fé, é necessário o acompanhamento, marcado por uma gradualidade, pois, como afirma o Diretório da Catequese, “a atitude de crer implica uma descoberta progressiva do mistério de Deus uma abertura e confiança a Ele que crescem ao longo do tempo” (DC, n.179). No caminho da fé, a pessoa deve compreender sua existência, em Cristo e na intimidade com Ele perceber que está caminhando à luz da verdade. A pessoa deve sentir-se “alcançada por Deus”, para, assim, poder responder com obediência da fé e aderir com total assentimento do intelecto, acolhendo livremente o “Evangelho da graça de Deus” (At 20,24).

4.1 CRISTO, MESTRE E SENHOR

Desde as suas origens, a Igreja escolheu entre os seus membros algumas pessoas para se encarregarem da formação daqueles que acolhiam o chamado de Cristo (os iniciados³⁶) e que estavam dispostas a segui-Lo como Mestre e Senhor. No

³⁶ A palavra “iniciação”, ou iniciar, é conhecida nas religiões pagãs e indígenas, e indica o fato de uma pessoa ser admitida, entrar num grupo religioso ou social através de etapas ou ritos. Esse processo tem presente a dimensão antropológica do ser humano como ser de relação, de vida social, religiosa e comunitária de viver e conviver com os outros e o de ser acolhido. Tanto no sentido social como no

princípio, foi o próprio Jesus, em pessoa, que se encarregou da formação de todos aqueles que o seguiram e que com Ele formaram o grupo dos doze (Mc 4, 1-24) e inclusive aqueles que acorriam a Ele, de forma esporádica, para ouvir as suas pregações e os seus ensinamentos.

No documento *Catechesi Tradendae*, vemos que “a imagem de Cristo ensinando tinha-se impresso no espírito dos Doze e dos primeiros discípulos e a ordem ‘Ide e ensinai todas as gentes’ orientou toda sua vida” (CT, n. 10). O testemunho dos Atos dos Apóstolos e das cartas paulinas mostram como, desde o princípio, foram os apóstolos que se encarregaram da formação dos novos cristãos (At 2, 37-41; 1Cor 3, 5-9). É o próprio Cristo quem escolhe, ensina e envia para testemunhar o seu Evangelho e fazer o Reino acontecer. “O livro dos Atos dos Apóstolos testemunha que eles foram fiéis à sua vocação e à missão recebida” (CT, n. 10).

A comunidade apostólica permaneceu fiel na doutrina e no ensinamento deixado pelo Mestre Jesus. “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2, 42). Não resta dúvida de que aqui se vê uma Igreja que, graças ao ensino dos apóstolos, mantinha o ensinamento deixado por Jesus no espírito fraterno, na celebração do Memorial e da oração comum. Mesmo em tempo de perseguição:

Os Apóstolos não tardaram em fazer com que outros compartilhassem do seu ministério apostólico. Assim, eles transmitem aos seus sucessores o múnus de ensinar. Confiam igualmente esse múnus aos diáconos, desde a instituição destes: Estêvão, cheio de graça e fortaleza, não cessa de ensinar, movido pela sabedoria do Espírito (At, 6, 8ss). Depois, os Apóstolos associaram a si muitos outros discípulos (At, 15, 35) no múnus de ensinar; e mesmo simples cristãos, dispersos pela perseguição, andavam de terra em terra anunciando a palavra da Boa Nova (At 8, 4). São Paulo é o arauto por excelência de tal anúncio, de Antioquia até Roma, onde a última imagem que nós temos dele, nos Atos dos Apóstolos, no-lo apresenta como um homem “pregando o Reino de Deus e ensinando o que diz respeito ao Senhor Jesus Cristo, com toda a fraqueza e sem impedimento (At 28, 31). As suas numerosas Cartas prolongam e aprofundam seu ensino. E de modo semelhante as Cartas de Pedro, de São João, de São Tiago e de São Judas são outros tantos testemunhos da catequese dos tempos apostólicos (CT, n. 11).

religioso, que dizer entrar, ingressar, adentrar, ir bem para dentro, introduzir alguém num grupo social, associação ou comunidade, para que possa se comunicar, participar dos benefícios, com direito e deveres que tal entidade lhe oferece, vivendo uma nova forma de ser e de agir no grupo, na comunidade e no mundo [...]. Na vida cristã, essa peculiar iniciação expressa a introdução numa vida nova, pelo ingresso pessoal, do grupo, da comunidade de fé no mistério infinito de Deus, por meio de uma vivência de encontro com Jesus, a partir de ritos, gestos, palavras, símbolos etc. (PANAZZOLO, 2018, p. 20-21).

Desde o início da Igreja nascente, “o caráter do testemunho era a marca determinante de todo o processo formativo, que progressivamente introduzia no mistério da fé da Igreja” (DC, n.130). No seu conjunto, “o livro dos Atos dos Apóstolos testemunha que eles foram fiéis à sua vocação e à missão recebida” (CT, n. 10). Como assevera Panazzolo: “Os Atos dos Apóstolos, definem os seguidores de Jesus, ou a comunidade dos fiéis, como os ‘adeptos do Caminho’” (2018, p. 25). Posteriormente, delegaram essa tarefa a pessoas com comprovadas qualidades morais e de sólida formação doutrinal e totalmente capazes a se por a serviço dos irmãos: “Quanto a ti, sê para os fiéis modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na pureza. Esperando a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, à instrução” (1Tm 4, 12-13). A instrução e o ensinamento sempre estiveram presentes na formação do cristão, para torná-lo fiel discípulo de Jesus. Na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* lê-se que:

Bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto de esforços enviados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditarem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em seu nome (Jo 20, 31), para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo. A Igreja nunca cessou de consagrar a tudo isto suas energias (CT, n. 1).

Certamente, com o crescimento geográfico e com o aumento do número de Igrejas, fez-se cada vez mais necessário um maior número de pessoas dedicadas ao ensinamento. Estas, em colaboração com as autoridades da Igreja, aprofundaram e difundiram a mensagem do Evangelho e a fé cristã a todos aqueles que iam assumindo-a com o batismo. “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9, 36) e muitos desses trabalhadores são os chamados a trabalhar na catequese.

A catequese³⁷ sempre foi uma necessidade na Igreja desde os seus primórdios. O próprio Agostinho de Hipona³⁸ compôs um breve tratado sobre a metodologia

³⁷ Catequizar (*catá-ekhéin*) em seu sentido grego original significa “fazer ressoar aos ouvidos”, e no Novo Testamento indica: informar, instruir, ensinar de viva voz. Ou ainda: ressoar a Palavra de Deus. O querigma, ou seja, o núcleo central da mensagem cristã, é o que, em primeiro lugar, foi anunciado, ouvido, acolhido. Agora, após o anúncio querigmático, segue-se um segundo momento, a catequese. Ela, através do ensino e instrução, irá ressoar, aprofundar esse primeiro anúncio de Jesus Cristo. Consequentemente, podemos dizer que, no anúncio a Boa-Nova do Reino, em primeiro lugar vem o querigma e, em segundo lugar, muito unida a ele, segue-se a catequese (LIMA, 2016, p. 25-26).

³⁸ Agostinho de Hipona, ou Aurelius Augustinus, é um dos mais importantes filósofos e teólogos dos primeiros séculos do cristianismo, expoente da Patrística, cujas obras exerceram grande influência no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia do Ocidente. Foi um zeloso bispo de Hipona, na Província Romana da África. Suas obras-primas são A Cidade de Deus (*De civitate Dei*) e Confissões, ambas ainda muito estudadas atualmente (NERY, 2019, p. 98).

catequética chamado A Instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese (*De Catechizandis Rudibus*)³⁹. Nesse tratado⁴⁰, Agostinho exorta que o catequista deve trabalhar sempre com alegria, pois quanto maior é a alegria, mais o seu trabalho será aceito. Diz que “somos ouvidos com maior prazer quando a nós mesmos nos agrada o nosso trabalho: o fio da nossa elocução é tocado pela nossa alegria e desenrola-se mais fácil e mais inteligível” (De Cat. Rud., 4). O Papa Francisco fala do risco de o cristão da atualidade viver imerso em uma tristeza individualista e convoca o cristão a renovar o seu encontro pessoal com Cristo.

Na *Evangelii Gaudium* diz que:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca da desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada [...]. Convido todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que da alegria do Senhor ninguém é excluído (EG, n. 2 e 3).

O Diretório para a Catequese deixa claro, quando fala dos critérios na formação dos catequistas, que “é necessário formar catequistas para a evangelização no mundo atual” (DC, n. 135), pois hoje são muitas as “ofertas religiosas” que propõe um seguimento fácil e atrativo do Evangelho. O catequista bem formado deverá ter condições de dialogar com esta realidade sem deixar de lado as verdades de fé e a dimensão comunitária, para que, de fato, aconteça um encontro pessoal do catequizando com Jesus.

³⁹ O *De catechizandis rudibus*, de Santo Agostinho (354-430), foi redigido por volta de 405. Trata-se da resposta ao apelo do diácono Deogratias, que lhe pedira instruções sobre o melhor modelo de ensinar os rudimentos da fé cristã aos candidatos do catecumenato, na paróquia de Cartago. Mesmo que a obra tenha esse viés teológico, é perceptível que em Agostinho, alguns aspectos teórico-prático-pedagógicos que interessam ao estudo da pedagogia antiga, e à catequese em geral. O *De catechizandis rudibus* sintetiza aquilo que a Igreja cristã, até a época que melhor havia produzido em matéria de transmissão de conhecimentos.

⁴⁰ Quanto ao conteúdo, Agostinho fala sobre a História da Salvação, levando-a até a história contemporânea da Igreja, insiste na importância da caridade – a fé demonstrada na prática –, e da ressurreição de Jesus e da nossa. Quanto à pedagogia, ele chama a atenção para as motivações dos catecúmenos, à capacidade de atenção e compreensão e fala das resistências. Sugere remédios práticos para evitar falta de interesse, aborrecimento. Explica o valor do método de ‘perguntas e respostas’, de modo a facilitar aos catecúmenos a revelarem suas motivações para o batismo e, também, para estimulá-los à confiança no catequista (NERY, 2019, p. 98).

4.1.1 A formação do catequista

A formação do catequista sempre será uma das ações mais urgentes da ação de evangelização da Igreja, pois o catequista é, de certo modo, o intérprete da Igreja junto dos catequizandos. Ao longo dos séculos, “a Igreja nunca deixou de priorizar a formação de catequistas. No início do cristianismo, a formação, vivida de forma experiencial girava em torno do encontro vital com Jesus Cristo” (DC, n. 130). A catequese foi sempre considerada pela Igreja “como uma das suas tarefas primordiais, porque Cristo ressuscitado, antes de voltar para junto do Pai, deu aos Apóstolos uma última ordem: ‘fazerem discípulos de todas as nações e ensinarem-lhes a observar tudo aquilo que ele havia mandado’” (CT, n. 1). Para este documento, a formação de catequistas torna-se essencial pelo fato de que ela promove e apoia o seguimento de Cristo para incrementar a fé Nele e para contribuir na edificação da Igreja.

A missão de ensinar a observar tudo o que foi ensinado e deixado pelos ensinamentos requer, de fato, uma profunda formação. O Diretório Nacional de Catequese afirma que:

O momento histórico em que vivemos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. Nesse contexto, a formação catequética de homens e mulheres é prioridade absoluta (DGC, n. 234). Os recentes documentos da Igreja estimulam a formação inicial e permanente dos seus agentes: qualquer atividade pastoral que não conte, para sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas coloca em risco a sua qualidade (DNC, n. 252).

No atual contexto histórico, observa-se que a formação de catequistas está apoiada numa formação das escolas tradicionais de catequese. Faz-se necessária uma inovação no ambiente formativo catequético com a introdução de novas metodologias que levem em conta as dimensões constitutivas da pessoa humana na sua integralidade. Também é necessária uma proposta que considere a vocação do catequista na sua missão. Deste modo, o catequista é chamado a conhecer, testemunhar, transmitir e vivenciar o mistério revelado para que assim possa fazer possa experimentar um encontro pessoal com Jesus Mestre e buscar uma inserção na comunidade eclesial a fim de partilhar a vivência do mistério por todos.

Cabe ressaltar que a falta de formação específica tanto doutrinária como

pedagógica, espiritual e, sobretudo humana, é uma das grandes dificuldades que os catequistas enfrentam no dia a dia junto à sua missão de catequizar. O Papa Francisco afirma que “devemos procurar simultaneamente uma melhor formação [...]. A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer” (EG, n. 121). Sendo assim, fica claro que o objetivo primeiro da formação do catequista é o de prepará-lo para que continue anunciando a mensagem cristã a todos aqueles que desejam conhecer a Jesus Cristo e aprofundar a sua fé na vivência com Ele.

O verbo formar é muito comum em nosso vocabulário. O termo formação⁴¹, que deriva desse verbo, tem um significado importante. Formar significa plasmar, configurar. Toma-se como base, para a formação dos catequistas, o pensamento steiniano, pois compreende-se que formar catequistas dentro do processo evangelizador é “moldar”, “dar-forma”, ou seja, “integrar todas as dimensões da pessoa, para que ela cresça na mentalidade da fé e seja testemunha de vida nova no mundo” (DC, n.65). Trata-se, portanto, de investir na formação do catequista e proporcionar-lhe um espaço de crescimento pessoal, de vivência cristã e comunitária, fazê-lo progredir no anúncio do Evangelho e, uma vez alcançada essa progressão, possa ele levar outros a se moldar e a crescer na fé.

Referindo-se ao contexto em que a Igreja se encontra, o Diretório para a catequese afirma que:

Em um período como o atual, é importante considerar seriamente a velocidade das mudanças sociais e a pluralidade cultural com que se apresentam novos desafios. Tudo isso evidencia que a formação dos catequistas exige uma atenção particular, pois a qualidade das propostas pastorais está necessariamente ligada às pessoas que as colocam em prática. Diante da complexidade e das exigências do tempo em que vivemos, é indispensável que as Igrejas particulares dediquem energias e recursos adequados à formação dos catequistas (DC, n. 130).

A realidade atual tem-nos mostrado que muitas pessoas receberam os

⁴¹ O conceito *Bildung*, palavra de definição ampla que, ao ser traduzida para o português, corresponde às expressões instrução, educação, formação e cultura [...] *Bildung* ainda vai além, pois também significa “conduzir para uma sabedoria de vida, para a realização plena de si” [...] Portanto, os verbos “formar”, “plasmar” (*bilden*) entram em competição com o mais antigo conceito de “educar” (*Erziehung*) que passou a ser subordinado a eles. Formação passou a indicar o resultado da educação [...]. Cada vez mais aceita-se a formação como conceito supremo, referindo-se à totalidade da construção do homem (SBERGA, 2014, p. 20-21).

sacramentos da Iniciação Cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), mas ficaram no estágio latente da fé, isto é, não se preocuparam com um crescimento maior da mesma fé. Diante de tantos desafios atuais, os catequistas se veem interpelados a tratar de assuntos, muitas vezes desconcertantes, trazidos pelos seus catequizandos, que os faz sentir desorientados ou não aptos para respostas que são, muitas vezes, insatisfatórias. Mudanças de época que sempre acarretam novos desafios para a evangelização e, conseqüentemente, para a catequese.

Nesse sentido, é de suma importância a preparação e a formação continuada dos catequistas para se obter uma resposta mais eficaz, sábia e criativa aos grandes desafios da evangelização e da transmissão da fé em uma realidade que está em constante mutação. A formação de catequista permite uma inserção mais qualificada na vida da comunidade a fim de oferecer caminhos que possibilitem a realização humana e cristã tanto dos catequistas como de todo aquele que estiver aos seus cuidados. Tal formação implica um amadurecimento contínuo para o bom exercício da missão e do discipulado na Igreja e no mundo visto que:

Há de se ressaltar que a formação precisa revestir-se igualmente de um novo paradigma. O tradicional paradigma nocional, que consiste na mera transposição de conhecimentos, já não pode mais ser denominado formativo, pois formação não consiste apenas em repassar conteúdos, mas uma assimilação intelectual, celebrativa dos elementos da fé, isto é, uma formação mistagógica (REINERT, 2015, p. 196).

A mudança da realidade⁴² leva, igualmente, a uma mudança de levar a cabo a ação evangelizadora. Instrumentos e métodos de um determinado tempo, podem se apresentar inadequados em outros tempos. As Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 afirmam que “vivendo, portanto, uma mudança de época, somos chamados a reconhecer que se trata de um processo em andamento [...] Buscamos compreender a realidade para melhor interagir com ela” (DGAE, n. 44).

Diante dessas necessidades, encontram-se muitos catequistas que estão fragilizados diante de suas convicções cristãs ou que estão fracos em sua espiritualidade e pouco convictos da doutrina da sua fé que provocam lacunas muitas

⁴² Nem mesmo a fé, portanto, está imune às mudanças culturais, sobretudo porque a fé nunca é atemporal. A fé é uma atitude teológica que sempre se apresenta em interação com o lugar e o tempo em que está inserida. Por ela ser uma opção existencial enraizada em bases sociais e culturais determinadas, ela sempre é vivida a partir de um horizonte cultural. A fé não paira no ar, tem endereço, rosto, nome, raízes, mas pode pagar um preço caro quando assimila sem mais os elementos da cultura vigente (REINERT, 2018, p. 11-12).

vezes graves na transmissão da mesma junto a seus catequizandos. É diante desse contexto e dessas constatações, que se faz necessária uma formação permanente do catequista. Formar catequistas, hoje, requer ter uma firmeza de convicções para poder formar projetando novos interlocutores no processo catequético como um todo. No pensamento de Reinert, “o catequista que durante vários anos exerceu o ministério nos mosdes da catequese tradicional não terá poucas dificuldades para entrar na nova proposta catequética” (2015, p. 199). Dessa forma, a formação deve possibilitar a transmissão fundamental da fé aos catequistas e proporcionar-lhes um jeito e inovador de falar de Jesus para conhecê-Lo e, conhecendo-O, experimentá-Lo e vivenciá-Lo. Só assim é que se pode aderir fiel e firmemente a Ele e ao Seu Evangelho.

A formação é um processo permanente que, sob a guia do Espírito e no seio vivo da comunidade cristã, ajuda os batizados a tomar forma, ou seja, revelar sua identidade mais profunda que é a de Filhos de Deus em relação de profunda comunhão com os irmãos. O trabalho formativo age como uma transformação da pessoa, que interioriza existencialmente a mensagem do Evangelho, de modo que ele seja luz e direção para a sua vida e missão eclesial. Trata-se de um processo que, ocorrendo no interior do catequista, toca profundamente sua liberdade e não pode ser reduzido apenas à instrução, exortação moral ou atualização de técnicas pastorais. A formação também se vale de competências humanas, é primeiramente uma sábia obra de abertura ao Espírito de Deus que, graças à disponibilidade dos sujeitos e ao cuidado materno da comunidade, conforma o batizado a Jesus Cristo, plasmado em seus corações seu rosto de Filho [Gl 4, 19], enviado pelo Pai para anunciar aos pobres a mensagem da salvação (DC, n. 131).

A formação tem por objetivo, antes de tudo, de conscientizar os catequistas de que são, como batizados, verdadeiros discípulos missionários, ou seja, sujeitos ativos da evangelização e, com base nisso, habilitados pela Igreja a comunicar o Evangelho e acompanhar e educar na fé. A formação de catequistas ajuda, portanto, a desenvolver as competências necessárias para a comunicação da fé e para o acompanhamento do crescimento dos irmãos e irmãs (DC, n. 132). A formação do catequista e sua importância, movimenta a Igreja em todas as suas atividades. Pressupõe, assim, a atualização dos conteúdos da fé e sua compreensão nos mais variados contextos eclesiais. A formação torna-se decisiva para a maturidade dos cristãos que buscam crescer na fé.

Uma das finalidades da catequese “é proporcionar aos cristãos aquelas

certezas simples, mas sólidas, que os ajudarão a procurar mais e melhor o conhecimento do Senhor” (CT, n. 60). A catequese deve dar aquelas certezas simples, porém sólidas, que ajudem a buscar cada vez mais e melhor o conhecimento de Jesus Cristo. Para isso, a catequese não pode ser um ensinamento improvisado, mas orgânico e sistemático, que não seja uma investigação teológica e tampouco uma exegese científica. Ela deve partir do primeiro anúncio – querigma – e partir para uma iniciação cristã integral, aberta aos aspectos mais diversos da vida cristã.

A catequese deverá levar em conta a educação em todas as esferas da vida cristã. Ela deve favorecer que o cristão encontre a luz em todas as realidades. O catequista bem formado, segundo o Diretório Nacional de Catequese, capacita-se para:

Comunicar e transmitir o Evangelho com convicção e autenticidade; tornar-se um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, comprometendo-se a viver e trabalhar na construção do Reino de Deus; assumir uma espiritualidade de identificação com Jesus Cristo, sustentada pelo testemunho quotidiano de justiça e solidariedade, pela Palavra de Deus, pela Eucaristia e pela missão; crescer na forma permanente na maturidade da fé com clareza de fé, de identidade cristã e eclesial, e com sensibilidade social; engajar-se na comunidade eclesial e assumir a consciência de que é em nome da Igreja que transmite o Evangelho; saber adaptar a mensagem às culturas, às idades e às situações sociais, culturais e existenciais; assumir na catequese as dimensões da Palavra, da Memória e do Testemunho; proporcionar o gosto pela Palavra de Deus e fazê-la ecoar e repercutir na vida da comunidade; dialogar com outros cristãos, outras religiões e culturas (DNC, n. 255).

A boa formação leva à autenticidade no múnus de ensinar e faz o catequista adquirir, cada vez mais, a autenticidade que o verdadeiro discípulo de Jesus deve ter. Um catequista bem formado vive, mais facilmente, a espiritualidade evangélica identificando-se com Jesus, Mestre e Senhor. O engajamento na comunidade eclesial requer, primeiramente, um engajamento total na vida e no ensinamento do próprio Cristo que ensina com a sua vida por meio das palavras, parábolas, reciocínios que não se separaram da sua vida e da vida do seu povo. Nesse sentido, “a vida de Cristo foi um contínuo ensinar” (CT, n. 9).

O catequista deve ser aquele que, engajado na comunidade eclesial, deve buscar ali dentro adquirir a mais completa formação para ter condições de assumir a missão do anúncio do Evangelho em nome da própria comunidade. O catequista fala em nome da comunidade para a comunidade e a sua fala deve ser positiva, mesmo em frente a tantas dificuldades, para ser uma testemunha viva do evangelho nos dias

de hoje. O documento *Catechesi Tradendae* alerta que:

Quando nós educamos crianças, adolescentes e jovens, evitemos um conceito totalmente negativo da fé – como um não-saber absoluto, uma espécie de cegueira, um mundo das trevas – mas procuremos antes fazê-los ver que a atitude de procura humilde e corajosa do crente, longe de partir do nada, de simples ilusões, de opiniões falíveis, de incertezas, ela se funda na Palavra de Deus, que não se engana e não engana, e se constrói incessantemente sobre a rocha inabalável de tal Palavra (CT, n. 60).

A finalidade cristocêntrica da catequese molda toda a formação dos catequistas e a eles pede que sejam capazes de animar o percurso da catequese, de modo a trazer à tona a centralidade de Jesus Cristo na história da salvação (DC, n. 132). Assumir a catequese como um ministério é muito mais que reconhecer, simplesmente, o seu papel no anúncio do Evangelho.

Convém compreender, portanto, que a formação deve contemplar não somente o desenvolvimento didático e técnico do catequista, mas, sobretudo, “a vivência pessoal e comunitária da fé e seu compromisso com a transformação do mundo, a fim de que a atuação do catequista nunca esteja separada do seu testemunho de vida” (CR, n. 150). A formação deve também, segundo Donzellini, “ajudar o catequista a desenvolver sua afetividade, seu equilíbrio emocional e a valorização de si mesmo e dos outros” (2013, p. 48).

É uma atitude eclesial que põe em evidência a vocação do catequista, reconhecendo o seu papel fundamental no processo de evangelizar sendo porta-voz da Igreja na vida da comunidade. A catequese é a alma da Igreja. Somente uma boa educação para a fé será capaz de expandir a qualidade da fé, isto é, favorecer a habitação de Deus na alma humana.

4.1.2 Educar na fé

Educar na fé para haver uma transformação na pessoa que crê não é tarefa fácil, ao contrário, é uma missão desafiadora que exige convicção, corerência, firmeza, entusiasmo e testemunho daquele que pretende educar. “O tema da pedagogia da fé nos situa diante dos diversos campos de ação evangelizadora como também das muitas dimensões da evangelização”, como afirmam Costa (2014, p. 77). O Diretório Nacional de Catequese (n. 138) diz que “a Sagrada Escritura apresenta

Deus como educador na nossa fé”. A educação para a fé está nos primórdios do Evangelho e nos fundamentos da Igreja: “ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 20). A base de todo ensinamento está em Jesus Mestre, como afirma o documento *Catechesi Tradendae*: “Jesus ensinou. É esse o testemunho que ele dá de si mesmo: ‘Eu estava todos os dias sentado no Templo a ensinar’” (CT, n.7). Somente educando para a fé no seguimento obediente a Jesus é possível constituir comunidades maduras na fé e comprometidas no anúncio do Reino. Afinal, foi pela educação da fé que herdamos a doutrina e os valores cristãos.

Quando não se busca uma verdadeira educação para a fé, corre-se o risco de entrarmos num estado de relativismo puro. A Igreja, por meio da sua doutrina, alerta que jamais podemos negligenciar a missão de educar para transformar. Ela chama-nos a refletir intensamente sobre os grandes desafios de educar e formar na fé. No contexto atual, esses desafios estão intensificados e desestabilizam, dia a dia, o ser humano, fazendo-nos crer que o relativismo é um princípio básico e democrático, sem nos darmos conta de que ele causa uma grande devastação no campo da fé. O relativismo está, aos poucos, matando as grandes e eternas verdades dos valores cristãos, éticos e morais que ainda sobram em nossa humanidade. Nery, afirma que “é preciso avançar mais, pois nesse campo, nós, católicos, falhamos muito porque continuamos a ‘imporvisar’ catequistas” (NERY, 2019, p. 40).

A missão da Igreja realiza-se por meio da contínua educação da fé. Na atividade pastoral e missionária da Igreja, a catequese é uma etapa importantíssima no processo total de evangelização. Ela “não pode nunca ser dissociada do conjunto das atividades pastorais e missionárias da Igreja” (CT, n. 18). A catequese é um educar a fé que já se tem. A catequese “visa ao duplo objetivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e mais sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo” (CT, n. 19). A fé, para o cristão, já foi infundida por Deus no momento do Batismo. Portanto, a educação da fé trata de manter e desenvolver essa fé, acompanhando e promovendo o crescimento da fé do cristão por toda a sua vida.

O Diretório Nacional de Catequese, diante do atual contexto histórico, afirma que:

o momento histórico em que vivemos, com seus valores e contra-valores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. Nesse contexto, a formação catequética de homens e mulheres

é prioridade absoluta (DNC, n. 252).

Os documentos recentes da Igreja têm essa preocupação para com a formação e qualificação dos seus agentes. O Diretório Nacional de Catequese traz essa preocupação: “Qualquer atividade pastoral que não conte, para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas coloca em risco a sua qualidade” (DNC, n. 252). Tais desafios despertam a consciência de que se faz necessária uma profunda e séria revisão na maneira de educar a pessoa para a fé, a fim de que se estabeleça uma fé sólida e madura que dê ao cristão batizado uma identidade e uma consciência plena de que não basta apenas ser cristão, mas sim, ser um discípulo autêntico de Jesus no múnus de ensinar a fé em comunidade.

A *Catechesi Tradendae* reforça a importância de um aprimoramento na formação para bem formar deixando claro a necessidade de uma catequese bem estruturada e coerente para se obter um aprofundamento no ministério do cristão. Ela assevera que:

Perante as dificuldades práticas, há algumas características de tal ensino que convém pôr em evidência, entre outras coisas. Assim deve ser: um ensino sistemático, não algo improvisado, que siga um programa que lhe permita alcançar um fim determinado; um ensino que se concentre no essencial, sem ter a pretensão de tratar todas as questões disputadas, e sem se transformar em investigação teológica, ou em exegese científica; um ensino suficientemente completo, todavia, que não se contente apenas com o primeiro anúncio do mistério cristão, como aquele que podemos ter no Kerigma; uma iniciação cristã integral, aberta a todas as outras componentes da vida cristã. Sem esquecer o interesse de que se revestem as múltiplas ocasiões de catequese que se deparam em relação com a vida pessoal, familiar e social ou eclesial, que é preciso saber aproveitar [...] a necessidade de um ensino orgânico e sistemático, porque em diversas partes nota-se a tendência para minimizar a sua importância (CT, n. 21).

O que se espera com essa reflexão é que o catequista, ao aprimorar sua formação, alcance a capacidade de conduzir fiel e corretamente a educação da fé do cristão a ele confiado (catequizandos, pais etc) para que tenha condições de orientá-los e acompanhá-los no caminho do discipulado. O compromisso amadurecido com a fé e com a Igreja pode levar as pessoas a alcançarem uma real transformação de sua vida no exercício da sua fé.

Todas as pessoas que se dedicam ao serviço da Igreja devem receber uma formação idônea, de acordo com a orientação da doutrina da fé, a fim de dar uma resposta mais eficaz à comunidade eclesial. A catequese é uma atividade no meio da

comunidade que possui grande relevância para crescer na fé e fazer todo fiel cristão a crescer na mesma fé.

A comunidade eclesial, em todos os seus níveis, é duplamente responsável em relação à catequese: ela tem a responsabilidade, antes de mais, de prover à formação dos próprios membros; depois, tem a responsabilidade também de os acolher um meio ambiente em que eles possam viver o mais plenamente possível aquilo que aprenderam (CT, n. 24).

Não se pode esquecer que a humanidade passa por significativas mudanças que deixam tanto marcas positivas como negativas e estas, sem dúvida, aumentam o número de pessoas que sofrem pelas inúmeras carências ocasionadas pelo crescente aumento da miséria, exploração econômica, negação dos direitos humanos, desemprego, distancianmento da fé, indiferença etc. A exortação Apostólica pós-Sinodal *Christifideles Laici*, do Papa João Paulo II, já apontava estes sinais quando afirmava que “temos que encarar este nosso mundo com os seus valores e problemas, as suas ânsias e esperanças...[...] É esta, a vinha, é este o campo no qual os fiéis leigos são chamados a viver a sua missão” (CL, n. 3). O papa ressalta a importância do papel dos leigos na missão da Igreja. E uma das missões do leigo é, de certa forma, a missão do catequista.

A peça-chave para que na Igreja ocorra uma autêntica renovação na educação da fé, dentre as figuras dos leigos, é a figura do catequista. A grande missão do catequista é, justamente, preparar/acompanhar uma pessoa para que ela faça o caminho da fé. A figura do catequista é, na verdade, mais importante que os métodos e instrumentos por ele usados. É fundamental que se forme solidamente os catequistas dando-lhes uma adequada preparação bíblica, teológica e antropológica e que favoreça o aprendizado da fé para que eles mesmos possam experimentar o quão importante é ser um catequista de fé. Desta forma, fica mais fácil para eles catequizarem aos demais com o anúncio da Palavra e, sobretudo, com a íntegra profissão de fé assumida com o testemunho de vida. O Evangelho não é só para ser anunciado; ele deve ser, antes que tudo, vivido.

A tarefa de educar na fé não é responsabilidade exclusiva dos ministros ordenados – bispos, padres, diáconos – mas também dos fiéis leigos, da família, da escola etc. Todo cristão deve sentir a urgência de evangelizar, como afirmava Paulo: “anunciar o Evangelho para mim é, antes de tudo, necessidade que se me impõe” (1Cor 9, 16). Se entendermos que a catequese é um processo contínuo e

permanente, que depende da colaboração de todos para acontecer e que leva à maturidade da fé, pode-se afirmar, com certeza, que a catequese continua sempre. Portanto, é missão sublime a de educar a pessoa para a fé.

A missão de transmitir a fé é um dever eclesial: “Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9, 16). Estas palavras do apóstolo Paulo, nos dias de hoje, continuam sendo de grande importância para o anúncio da fé. De fato, sem uma verdadeira e profunda educação para a fé para os cristãos, a conversão produzida pelo primeiro anúncio – querigma – recebido no Batismo, tem grande chance de se apagar no coração e na mente do cristão.

Da mesma forma, não se fala de uma verdadeira comunidade cristã que vive e celebra a sua fé sem um verdadeiro anúncio do Evangelho. Sem uma educação para a fé, isto é, sem um amadurecimento da fé, torna-se difícil que uma pregação – seja uma homilia, um encontro de formação, uma preparação para os sacramentos, uma catequese etc. – atinja a alma do ser humano e revitalize a sua fé. Por isso, deve existir uma consciência plena de que é um dever de toda a Igreja a educação para a fé.

É importante ressaltar que Igreja cresce e amadurece nos ensinamentos de Cristo quando se tem a consciência de que a fé transmitida pelos apóstolos e, conseqüentemente, pelos seus sucessores é a mesma fé que recebemos e que devemos manter acesa na alma e no coração do cristão. Todo educador da fé faz parte desta cadeia ininterrupta de discípulos e apóstolos do Senhor. Uma fé bem formada e transmitida deve dar frutos de uma autêntica vida cristã.

Assim, entende-se que a ignorância religiosa é um fenômeno preocupante em nosso tempo que leva a conseqüências sérias de uma vida cristã pobre e infértil, sem Deus. Sem uma verdadeira formação e educação para a fé não será possível esperar dos cristãos uma prática condizente com o anúncio do Evangelho de Cristo. Sendo assim, toda formação deve partir dos ensinamentos deixados pelo Mestre Jesus, pois a Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela.

4.1.3 Jesus como fonte e inspiração para a formação do catequista

A ação evangelizadora tem como fundamento “o anúncio, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o ministério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus...” (DC, n. 37). Sendo assim, o desafio da evangelização consiste na formação de catequistas

capazes de acompanhar os processos de crescimento pessoal da fé.

Nesse sentido, Edith Stein, com base no seu caminho de fé, propõe uma formação integral, como processo criativo que ser enraíza na interioridade. Na sua pedagogia crista, ela recomenda uma educação que penetre a alma até a sua substância, para lhe dar uma forma nova e, dessa forma, recriar o ser humano na sua totalidade. “A educação constitui um gesto epifânico pelo qual uma existência toma corpo na sua unicidade manifesta” (RUS, 2015, p. 48).

A educação da pessoa à fé abre o ser humano à “Pessoa do Criador”, ao acolhimento do mistério e ao reconhecimento pleno na Pessoa do próprio Cristo. Remetendo-nos novamente aos escritos de Stein, ela enfatiza a necessidade de o catequista “ajudar as crianças a formar-se como Filhos de Deus, a serem imagem de Deus, e imagem de Cristo” (2003, p. 113). Isso significa orientá-las a fim de que ela possa percorrer o caminho guiadas pelas mãos de Deus deixando-se guiar por Ele. Esse caminho, “é o caminho do seguimento de Cristo; portanto, devem despojar-se de si mesmos e vestir-se de Cristo” (STEIN, 2003, p. 113).

Na pedagogia steiniana, Deus é o formador por excelência. “Segundo nossa fé, o caminho formativo da pessoa é uma obra da providência divina. Deus deu a ela uma disposição natural e em forma de semente destinada a se desenvolver e a evoluir” (STEIN, 2003, p. 192). O que está determinado para a pessoa enquanto pessoa “não é conhecido por razão humana alguma [...]; Deus criou o homem à sua imagem e somente Ele pode vê-la em plenitude” (STEIN, 2003, p. 193). A autora reforça que é “Deus que forma o homem para a plenitude “porque Ele é o autêntico educador” (STEIN, 2003, p. 574).

Logo, a educação e a catequese estão a serviço da incorporação do batizado ao Cristo como membro vivo de seu corpo que é a Igreja. A catequese, na sua forma articulada, introduz a pessoa nos mistérios da vida cristã e contribui para ler os sinais da presença de Deus na existência humana. Nesse sentido, compete ao catequista compreender que “a Sagrada Escritura apresenta Deus como educador da nossa fé. Ela revela diversos modos de interação entre Deus e o seu povo” (DNC, n. 138). Por isso, na Sagrada Escritura, Deus apresenta-se “como educador da fé, comunica-se através dos acontecimentos da vida do seu povo, de forma adequada à situação pessoal e cultural de cada um, levando-o a fazer a experiência de seu mistério” (DNC, n. 139).

Jesus Cristo é a fonte inspiradora da formação do catequista. Ele é “o Senhor

da História [...] pela sua presença em nossa História humana, toda ela assume o sentido pleno de realização do designio salvador de Deus” (CR, n. 253). É preciso anunciá-lo com garra e convicção. Nery afirma que “o *kerux*, o anunciador, aquele que propõe a mensagem da salvação, não o faz mecanicamente, por rotina ou no nível apenas do intelecto, como professor. Ele é portador de uma pessoa [...]: Jesus Cristo” (2019, p. 40). É Jesus Cristo quem faz o convite: “Vinde e vede” (Jo 1, 39) e propõe uma palavra de compromisso: “Lançai as redes para a pesca” (Lc 5, 4).

O Senhor mesmo apresenta-se como Mestre, Educador⁴³ e Servidor quando, na última ceia, lava os pés dos discípulos e os convida a repetir o gesto como exemplo daquele que serve: “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13, 15). O exemplo de Jesus Mestre torna-se a inspiração para todos aqueles que deixavam tudo e o seguiam.

Jesus era o modelo a ser recriado na vida do discípulo (Jo 13, 13-15). A convivência diária com o mestre permitia um confronto constante. Nesta escola de Jesus, era ensinada uma única matéria: o reino! E este reino reconhecia-se na vida e na prática do Mestre. “Isto exige de nós leitura e meditação constante do evangelho para olharmos no espelho da vida de Jesus” (CNBB, 2010, p. 127).

No âmbito do discipulado, o seguimento de Jesus contemplava um verdadeiro relacionamento entre discípulo e mestre. Seguir Jesus “era o termo que fazia parte do sistema educativo da época. [...] O relacionamento do mestre-discípulo é diferente do relacionamento professor-aluno” (CNBB, 2010, p. 126). O Senhor pede liberdade no seguimento, não obriga ninguém. A liberdade a esse seguimento caracteriza-se pelo amor que se vivencia na entrega gratuita da própria vida. Ser discípulo de Jesus requer um chamado, uma vocação. É um chamado que exige uma resposta que se dá pelo desapego da própria vida.

A catequese requer um processo educativo do catequizando que possa levá-lo a uma adesão concreta por Jesus Cristo e por sua Igreja. De fato, a iniciação à fé precisa de um aprofundamento cada vez maior que passa pela formação do catequista. O catequista, por primeiro, deve ter vivenciado e amadurecido uma

⁴³ Na Igreja do segundo século, encontramos a compreensão de Jesus como pedagogo, como Clemente de Alexandria, o dirigente da escola catequética daquela cidade. Em sua obra *Paedagogus*, Clemente dialoga com a cultura grega, no que concerne à concepção de educação da paideia helênica. Nesse diálogo, mostra Cristo como “o educador” da humanidade. Emprega a palavra “pedagogo” para Cristo, no sentido filosófico que Platão dava à palavra *paidagogia*, quando definia a relação de Deus com o mundo desse modo: Deus é o pedagogo do mundo inteiro, *ho theos paidagogeí ton kosmon* (COSTA, 2014, p. 86-87).

profunda adesão a Cristo Jesus. Deste modo, a Igreja apresenta-se como um instrumento valiosíssimo que deve, cada vez mais, buscar conhecer através do anúncio do Evangelho a pessoa de Jesus de Nazaré para que aconteça em seu seio uma autêntica vivência de fé na forma mais concreta possível.

O documento 26, da CNBB, explicita que:

O centro dessa história de nossa libertação é a figura de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. A salvação que ele nos propõe ultrapassa de muito a redenção do pecado: por ela se cumpre o plano de Deus, que quer comunicar-se conosco em Jesus, com tal plenitude que vai muito além da expectativa humana, ou seja: em Jesus Cristo todos somos chamados a participar da própria vida divina pelo Espírito Santo, e daquela 'cristificação' do cosmo e da história, que Deus pensou desde o início do mundo (CR, n. 186).

A encarnação do Filho de Deus foi o grande marco que dividiu a história da humanidade. A pessoa de Jesus Cristo e os seus ensinamentos mostram a verdadeira face de Deus à qual o ser humano sempre deseja encontrar. Nele, pela morte e ressurreição, o homem encontra o caminho que pode levá-lo à sua plenitude e o devolver para Deus, pois a origem do ser humano é Deus. Em Cristo Jesus, o homem torna-se pleno e recebe de Deus o grande presente: "sermos chamado Filhos de Deus, o que de fato somos" (1Jo 3,1). Deste modo, o evento Jesus Cristo torna plena a vida do ser humano. Por isso,

a cristificação significa não só que Cristo deve aparecer na catequese como chave, o centro e o fim do homem, bem como toda a história humana (GS 10), mas que à adesão à sua pessoa e à sua missão, e não só a um núcleo de verdades, é a referência central de toda a catequese (EN, 22) (CR, n. 96).

Como já explicitado, a formação do catequista tem seu fundamento e inspiração na pessoa e nos ensinamentos de Jesus Cristo que, com seu olhar compassivo e atento, escuta o coração do ser humano e, como um exímio Educador, direciona o caminho para aquele que é o educador da pessoa para a fé: o catequista. Se realmente se quer que o anúncio querigmático-catequético aconteça como experiência na vida do cristão, há que se entender que não se pode ignorar que a base de toda a vivência cristã está centrada na Pessoa de Jesus Cristo. Não há dúvida de que a "ação salvífica de Jesus, Filho de Deus, e a ação do Espírito Santo, nos revelam quem é Deus" (CR, n. 83). Como afirma Meis: "Em síntese, em Jesus Cristo, acontece a autodoação incondicional, definitiva de Deus ao homem pecador" (1998, p. 190). Faz-se importante compreender essa dimensão e aplicá-la na catequese.

É sobre esse pressuposto que as escolas de formação de catequistas devem fundamentar a formação catequética, adequando-a aos anseios mais diversos no campo da fé, hoje. Sendo assim:

A pedagogia catequética inspira-se na figura e na pessoa de Jesus, bem como, no seu modo de proceder com as pessoas, pois ele deu continuidade ao processo pedagógico do Pai. Jesus levou à plenitude, por meio de sua vida, palavras, sinais e atitudes, a Revelação divina, iniciada no Antigo Testamento. Motivou seus discípulos a viverem de acordo com os seus ensinamentos e plantou a semente da sua comunidade, a Igreja, para transmitir, de geração em geração, a mensagem da Salvação e a pedagogia que Ele mesmo ensinou com sua vida (DNC, n. 140).

Nos documentos da Igreja, encontram-se diferentes aportes à formação do catequista. Esse, quanto mais formado e preparado, mais estará com o seu coração voltado para a figura de Jesus Cristo, tornando assim a sua vida mais entusiasta e significativa frente a sua missão de ensinar. Somente uma formação aprofundada e integral dará capacidade ao catequista de refletir mais profundamente sobre sua vocação e missão dentro do ministério que a Igreja a ele confiou.

Segundo o Diretório Nacional de Catequese, o catequista deve inspirar-se nos seguintes traços da pedagogia de Jesus:

O acolhimento às pessoas, preferencialmente aos pobres, pequenos, excluídos e pecadores (Mt 18, 12-14); o anúncio do Reino de Deus, como a Boa Notícia da verdade, da liberdade, do amor, da justiça, que dá sentido à vida (Lc 4, 17-22; 17, 20-21); o convite amoroso para viver a fé, a esperança e a caridade por meio da conversão no seu seguimento (Mc 6, 6-13); o convite para assumirem, com radicalidade evangélica, o crescimento contínuo da fé, através do mandamento novo do amor, o princípio pedagógico fundamental (Mt 17, 20; Lc 13, 16); a atenção às necessidades, às situações bem concretas da vida e dos valores culturais próprios do povo, provocando reflexão para uma mudança de vida; a conversa simples, acessível, utilizando narrativas, comparações, parábolas e gestos, adaptando-os aos seus seguidores e demais interlocutores; a firmeza permanente diante das tentações, da cruz, buscando a força na oração (DNC, n. 141).

Conforme o n. 141 do Diretório, a catequese não deve ser somente uma transmissão de conteúdos pré-estabelecidos, mas um mergulho no que o Senhor pede de nós em cada situação vivida, em cada momento de interação à vida naquilo que compete também a fé. Essa vivência deve levar-nos à consciência de que o que aprendemos deve ser colocado em prática e não ficar somente no campo teórico. A fé deve ser vivida e experienciada à luz daquilo que nos é transmitido e ensinado.

A Igreja não fica isenta das mudanças da sociedade, portanto, ela deve propor

para o discípulo de Jesus um árduo caminho para favorecer o amadurecimento da fé. O discípulo de Cristo depara-se, hoje, com um panorama complexo marcado pelo pluralismo anárquico de ofertas religiosas relativistas da fé. Assim sendo, o catequista é chamado, junto à comunidade cristã, a integrar as suas ações dentro desta complexidade e fazer frente ao subjetivismo hedonista. O Documento de Aparecida enfatiza que:

Jesus propõe entregar a vida para ganhá-la, porque 'quem aprecia sua vida terrena, a perderá' (Jo 12, 25). É próprio do discípulo de Jesus gastar a vida como sal da terra e luz do mundo. Diante do individualismo, Jesus convoca a viver e caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e se desenvolve na comunhão fraterna. Jesus nos diz: 'Um é o seu Mestre, e todos vocês são irmãos' (Mt 23, 8). Diante da despersonalização, Jesus ajuda a construir identidades integradas (DAp, n. 110).

Sem uma fé madura e enraizada, sem um encontro profundo e verdadeiro com Jesus Cristo, "Caminho, Verdade e Vida" (Jo 14, 16), não se pode dizer que há uma experiência encarnada de fé. Por conseguinte, não se pode ignorar que a Igreja é portadora da Boa Nova de Jesus, instrumento e sinal do Reino de Deus e tem como missão transmitir integralmente a mensagem do Reino, cujo ponto central é a pregação de Jesus. Trata-se não apenas de um primeiro anúncio, mas de um querigma trinitário, ou seja, é anúncio de que "Jesus Cristo, enviado pelo Pai, ama e dá sua vida para salvar, e agora vive conosco todos os dias, pelo Espírito Santo, para iluminar, fortalecer, libertar. Ele ocupa o centro da atividade evangelizadora e de toda iniciativa de renovação eclesial" (CNBB, 2017, n. 59).

Em virtude disso, a mensagem pregada pela Igreja, em todos os tempos, sempre foi aquela de Jesus Cristo e do seu Evangelho. Jesus pregava o Reino de Deus e a conversão para que acontecesse a mudança de vida. O Senhor deixou claro que essa mudança só seria possível com uma profunda adesão ao seu Evangelho e ao Reino de Deus: "Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus" (Mt 4, 17).

Deste modo, reafirma-se o compromisso com a autenticidade do anúncio:

Aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm o direito de receber a 'palavra de fé' não mutilada, falsificada ou diminuída, mas sim plena e integral, com todo seu rigor e com todo seu vigor. Atraiçoar, seja em que for, a integridade da mensagem, é esvaziar perigosamente a própria catequese; é comprometer os frutos que Cristo e a comunidade eclesial têm direito a esperar dela (CT, n. 30).

O cristão não pode ignorar o seu compromisso com o próprio Jesus e com o seu ensinamento. Ninguém se torna plenamente cristão só porque recebeu o sacramento do batismo sem um verdadeiro comprometimento com Cristo e seu Evangelho. Por isso, a Igreja reforça, cada vez mais, a importância de catequizar e ensinar que os sacramentos da iniciação – Batismo, Crisma e Eucaristia – tem, entre si, uma unidade em Cristo. Essa unidade gera uma pertença capaz de levar, o cristão a plena vivência e chegar à maturidade da fé. Assim, “o encontro com Cristo envolve a pessoa em sua totalidade: coração, mente, sentidos. Não diz respeito somente à mente, mas também ao corpo e sobretudo o coração” (DC, n. 76). É nesse sentido que a catequese auxilia na interiorização da fé para que aconteça, de fato, um encontro verdadeiro com Cristo. Atesta ainda que “o catequista é formado para se tornar testemunha da fé e guardião da memória de Deus (DC, n. 139). A formação ajuda o catequista a reconsiderar sua própria ação na catequese como uma oportunidade de crescimento humano e cristão.

A finalidade da formação requer, portanto, que o catequista alcance, mais e mais, a capacidade de realizar qualitativamente a missão à qual foi chamado. Ninguém nasce pronto. Cada ser humano, ao longo da sua caminhada e vivências, vai adquirindo conhecimento, amadurecimento e crescimento que lhe proporcionarão uma maior envergadura no processo de viver e de transmitir a fé. É nesse sentido que a comunidade cristã é fundamental para o amadurecimento da fé.

4.2 A COMUNIDADE CRISTÃ COMO LUGAR PRIVILEGIADO DE FORMAÇÃO

O Diretório para a Catequese reforça a importância da experiência da fé, que se dá no seio da comunidade, pois, “é sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo” (DC, n.133). É na comunidade que se experimenta a força da fé, a primazia da graça e o testemunho do amor. A comunidade, é por excelência “o lugar da formação do catequista, na variedade de seus carismas e ministérios, como ambiente ordinário no qual se aprende e se vive a fé” (DC, n.133).

Na comunidade, vive-se a fé de formas diferenciadas, em diálogo com culturas diversas e com modalidades próprias de expressão e de pertença à Igreja (EG, n. 69). Deste modo, toda a sociedade precisa purificar-se e amadurecer para receber a plenitude e a novidade do Senhor Jesus. Neste ponto, resgata-se o pensamento

antropológico de Edith Stein, segundo o qual o ser humano é um ser social⁴⁴, um ser comunitário. As relações interpessoais e sociais são essenciais para a vivência da fé. O ser humano não nasceu para viver sozinho, ele precisa da comunidade. Diz a autora: “O indivíduo humano sozinho é uma abstração. Sua existência é uma existência no mundo, sua vida é uma vida em comum” (STEIN, 2003, p. 713). Assim, a comunidade é parte integrante da estrutura humana, pois “sempre encontramos o ser humano – tanto sozinho como com outras pessoas – no seio do mundo humano” (STEIN, 2003, p. 713).

Com efeito, “a vida do ser humano é uma vida em comunidade” (STEIN, 2003, p. 593) e essa requer partilha de vida, doação, dedicação e compreensão, pois “a comunidade é o espaço fundamental para o crescimento pessoal” (DC, n. 218). A relação com o outro leva-nos a uma recíproca responsabilidade e “a convivência com o outro é um ato formative” (STEIN, 2003, p. 593).

Para Edith Stein,

Uma comunidade, em sentido estrito, é onde existe uma comunidade permanente de vida entre pessoas, que afeta estas pessoas na profundidade do seu ser e lhes confere uma impressão duradoura. A comunidade propriamente dita não se fundamenta somente em relações efêmeras ligadas a um momento real e concreto, mas também nos vínculos supraindividuais, e possui uma lei própria de formação em virtude da qual se mostra e se desenvolve, do mesmo modo, que uma pessoa humana individual (STEIN, 2003, p. 716).

Na comunidade de fé, não é o vínculo de sangue, mas de alma, o lugar onde o ser humano encontra o “*humus*” para chegar, como diz Stein, “a ser o que deve ser”. Nessa comunidade deve reinar a acolhida indispensável para um itinerário formativo pautado no ensino da fé, da Revelação, da Tradição e da doutrina eclesial.

⁴⁴ “Essas reflexões de sociabilidade são sugeridas por Stein pelo jovem Arnold Reinach, que foi seu mestre na Universidade de Göttingen, em 1913. Esse filósofo estuda os atos sociais para fundamentar o direito e parte da importância do conceito de promessa, do ponto de vista da política. Stein se refere aos atos sociais para fundamentar as atitudes que um indivíduo assume em relação a outros. As relações sociais se constituem com vínculos de reciprocidade, como a amizade, que só existe se for recíproca. Sobre as formas de organização social, a filósofa refere-se preferencialmente à sociedade, à comunidade e ao estado. Explica o funcionamento de cada um destes e afirma que a comunidade é forma de convivência humana ideal, porque todas as pessoas são envolvidas e se sentem pertencentes ao grupo. A comunidade não é guiada por atitudes psíquicas, mas por aquelas que se referem ao espírito, que solicita a reflexão, as críticas em favor da construção de um projeto em vista do bem comum. A formação da comunidade não é algo espontâneo e, por isso, solicita uma ação conjunta, assim como numa família não bastam os vínculos sanguíneos para que ela tenha uma vivência comunitária. Para que seja uma comunidade de povo, é necessário que os membros vivam em comunhão espiritual, formando a comunidade a partir de interesses comuns” (SBERGA, 2014, p. 125-126).

A comunidade tem ainda a missão de ensinar e de instruir, pode e deve levar o ser humano à plenitude, em Cristo Jesus, Palavra Encarnada no meio de nós. Ela é o lugar, por excelência, da formação humana, pois nessa “o ser humano encontra a si mesmo na relação com outros” (STEIN, 2003, p. 717).

Para Edith Stein, “todo ser humano é um buscador de Deus [...]; e se a sua vida e de uma comunidade for uma vida plena, então tem sentido” (STEIN, 2003, p. 736). A autora enfatiza que “temos uma verdade revelada que diz algo sobre o ser humano e que essa foi dada a ele a fim de que possa se conhecer e o que deve ser” (STEIN, 2003, p. 743). A comunidade pode contribuir a fim de que essa sua busca aconteça desde que tenha consciência de que “o ser humano é livre e responsável daquilo que possa vir a ser; e que ele pode e deve fazer que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus” (STEIN, 2003, p. 743).

Deste modo, a comunidade apresenta-se como um lugar típico de iniciação, catequese e mistagogia. “O ministério da catequese ocupa um lugar significativo para o crescimento da fé” (DC, n. 11). É no seio da comunidade que o ser humano que se dá o encontro com Jesus Cristo. Portanto, a comunidade é fonte, lugar e meta da catequese. “Nela se originam diferentes modelos de santidade, espiritualidade, transformação cristã da civilização e da cultura” (DNC, n. 51).

A comunidade eclesial, sendo “sacramento de Cristo Salvador no mundo de hoje, é formada de seres ainda em busca da perfeição” (CR, n. 254). Essa busca de perfeição requer um caminho longo, um processo de vivência e de compreensão da missão de modo que cada cristão possa assumir sua responsabilidade e compromisso com o anúncio da fé. Logo, “a catequese, para a Igreja, foi sempre um dever sagrado e um direito imprescritível” (CT, n. 14), pois “a Igreja existe para evangelizar” (EN, n. 14).

A comunidade eclesial, portanto, “é fonte e agente essencial no processo catequético. Ela é catequizada e catequequizadora” (DNC, n. 174). Assim, a missão catequética é exercida em nome da Igreja e o catequista, ao receber o ministério, assume o compromisso que a Igreja lhe confere tornando-se responsável pela missão de catequizar e evangelizar.

Enfim, a catequese possui uma profunda ligação com a ação da Igreja no mundo e a comunidade eclesial, em seus diversos níveis, “é duplamente responsável em relação à catequese: ela tem a responsabilidade de prover a formação dos próprios membros e de acolhê-los num ambiente em que possam viver plenamente

aquilo que aprenderam” (CT, n. 24). Nesse sentido, a Igreja, em sua história, continua “a missão dos Apóstolos e dos seus primeiros colaboradores, fazendo-se ela própria, dia a dia, discípula do Senhor, por um justo motivo é chamada Mãe e Mestre” (CT, n. 12). Desse modo, a catequese, como ação eclesial, deve estar unida a Igreja para que possa realizar o processo gradativo de formação e de inserção nos mistérios da fé. A comunidade cristã contém os elementos mais importantes e fundamentais para fornecer aos seus filhos batizados e inseridos em seu seio um caminho de autoformação e de interiorização e de experiência da fé (STEIN, 2003).

4.2.1 Experiência da fé em comunidade

A comunidade de fé recorda-nos a experiência da comunidade dos primeiros discípulos, herança da unidade e do amor deixados por Jesus para os seus apóstolos. Segundo os Atos dos Apóstolos, quem se converte a Cristo, crucificado e ressuscitado incorpora-se à comunidade que crê e reúne-se em torno do Senhor. Eles “louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seria salvos” (At 2, 47).

Com efeito, a comunidade cristã tornava-se a nova grande família daqueles que aderiam à fé pelo batismo e acolhiam com alegria o número cada vez mais crescente dos convertidos. A comunidade é o lugar de acolhida, de unidade, de celebração e de instrução, sobretudo, de experiência, cuja centralidade é o próprio Cristo Ressuscitado. As comunidades dos discípulos de Jesus não estão a serviço de si próprias, mas dos outros. A fé cristã é, intrinsecamente, missionária (Mt 28, 19ss). Quem crê não pode deixar de testemunhar sua fé. Quem foi escolhido, recebe um encargo, uma missão. “A missão fundamental é pregar o Evangelho, anunciar Jesus, revelar o amor do Pai pela humanidade. Mas o próprio amor de Deus exige o amor fraterno, a comunhão e a participação nesta terra, o empenho na libertação do homem” (CELAM, 1982, n. 327).

O batizado é chamado a fazer uma profunda experiência de fé ao longo de sua existência. Nesse sentido, a comunidade cristã tem um papel importante de gerar e fazer crescer novos cristãos e acompanhá-los a fim de que alcancem a maturidade necessária no seguimento de Jesus. Por isso, o testemunho da comunidade é um elemento fundamental e essencial para que aconteça uma catequese significativa. Nesse sentido, “a pedagogia catequética se faz eficaz na medida em que a

comunidade cristã torna-se referência concreta e exemplar para o caminho da fé dos indivíduos” (DGC, n. 158).

O Diretório Geral da Catequese afirma que “a comunidade cristã é em si mesma catequese viva” (n. 140) mas, sem um testemunho vivo de fé que seja visível, “a catequese corre o risco de se esterilizar” (CT, n. 24). Desse modo, o papel do catequista no seio da comunidade é aquele de animar, incentivar e explicar o que a comunidade vive e experiencia no campo da fé. A mensagem cristã só pode ser apresentada quando inserida na comunidade que lhe dá a garantia de um anúncio eficaz e verdadeiro.

Convém ressaltar que “sem comunidade de fé não existe comunicação da fé; sem compartilhamento da fé não existe amadurecimento da fé” (ALBERICH, 2004, p. 274). A comunidade “conduz à maturidade da fé não apenas os catequizandos, mas também a própria comunidade enquanto tal” (DGC, n. 221).

A comunidade “anuncia, celebra, opera, permanece sempre um lugar vital, indispensável e primário da catequese” (DGC, n. 141). Alberich afirma ainda que “a ação catequética encontra seu ambiente de referência natural e fundamental na comunidade eclesial” (DGC, p. 275). Ela torna-se o centro onde converge toda a essência do ensinamento de uma fé que tem o Evangelho como base.

O Evangelho destina-se “em primeiro lugar à pessoa humana concreta e histórica, radicada numa determinada situação. A atenção ao indivíduo não deve levar a esquecer que a catequese tem como interlocutor a comunidade cristã como tal e cada pessoa dentro dela” (DNC, n.179).

Dessa maneira, o catequista é chamado a experimentar, no meio da comunidade, os laços de comunhão que provêm dos ensinamentos do Evangelho. A Igreja não é um simples grupo social, mas uma agrupação distinta que constitui um mistério. Ao mesmo tempo, é uma *Koinonia*, uma comunhão apostólica, eucarística, de bens e afinidades. Sem comunidade não se faz uma verdadeira catequese. O catequista, membro da comunidade e inserido nela, tem a tarefa de conduzir todos para Jesus para um processo de iniciação à fé cristã. A catequese não é algo fora da Igreja, mas é a sua base de fé. Ela é

um dos meios pelos quais Deus continua hoje a se manifestar às pessoas. Ela atualiza a Revelação acontecida no passado. O catequista experimenta a Palavra de Deus em sua boca, à medida que, servindo-se da Sagrada Escritura e dos ensinamentos da Igreja, vivendo e testemunhando sua fé na comunidade e no mundo, transmite para seus irmãos essa experiência de

Deus. A fidelidade a Deus se expressa na catequese como fidelidade à palavra outorgada em Jesus Cristo. O catequista não prega a si mesmo, mas a Jesus Cristo, sendo fiel a Palavra e à integridade de sua mensagem (DNC, n. 28).

Por outro lado, a comunidade é “o útero no qual para alguns de seus membros nasce a vocação específica ao serviço da catequese, é uma comunidade real, rica em dons e oportunidades, mas não ausente de limites e debilidades (DC, n. 133). Desse modo, é na comunidade onde se gera o novo cristão e forma este forma-se na fé. A catequese cumpre na comunidade um papel primordial na missão da Igreja. Segundo a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*:

A Igreja é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e de energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de organizar melhor e de formar, para a mesma, pessoas qualificadas. Quanto mais capaz seja, a escala local ou universal, de dar prioridade à catequese, acima de outras obras e iniciativas, cujos resultados poderiam ser mais espetaculares, tanto mais a Igreja encontrará na catequese uma consolidação de sua vida interna como comunidade de fiéis e de sua atividade externa como missionária (CT, n. 15).

Assim, todo cristão batizado tem uma incumbência em relação àquilo que a catequese reflete no sentido de pertencer à mesma comunidade com seus dons e carismas. Todavia, cabe a comunidade a responsabilidade primeira na educação da fé de todos os seus membros. “A tarefa da catequese é confiada, em primeiro lugar, a toda a comunidade eclesial, que, com toda a sua vida, contribui para a educação de seus membros na fé” (CR, n. 144). O Código de Direito Canônico de 1984 afirma que “os bispos, e com eles os presbíteros e os diáconos, constituídos ministros do Cristo-Mestre, são os primeiros responsáveis pela catequese” (CIC, cân. 773 e 777).

Já no Diretório para a Catequese (n.114), o Bispo é o primeiro catequista, “e o primeiro locutor a anunciar o Evangelho por meio das palavras e do testemunho da vida. E tem como função principal, juntamente com a pregação promover a catequese e predispor as diferentes formas de catequese necessárias aos fiéis [...]”. Além disso, “o presbítero na catequese, é o educador na fé (DC, n. 115), os diáconos são chamados a uma cuidadosa atenção à catequese nas diversas etapas da vida crista” (DC, n.117).

Para os consagrados, a catequese é um terreno privilegiado para o apostolado, de modo particular, “para tornar visíveis as maravilhas que Deus realizada na vida das

peças” (DC, n.119). Os leigos, inseridos no mundo, são chamados a oferecer um precioso serviço à evangelização,

testemunhando o evangelho em diferentes contextos com o próprio testemunho da vida. [...] Além da vocação comum ao apostolado, alguns fiéis se sentem chamados por Deus a assumir a missão de catequista na comunidade cristã, com uma catequese mais orgânica e organizada (DC, n.121; 122).

De tal modo, o catequista é a figura que, integrada na comunidade, conhece bem sua história e suas aspirações e sabe animar e coordenar a participação de todos” (CR, n. 144). O Diretório para a Catequese afirma que:

A comunidade, que experimenta a força da fé e sabe viver e testemunhar o amor, anuncia e educa de modo completamente natural. O lugar por excelência da formação do catequista é, portanto, a comunidade cristã, na variedade de seus carismas e ministérios, como ambiente ordinário no qual se aprende e se vive a fé (n. 133).

Na perspectiva do Novo Diretório, a catequese continua sendo um caminho atual plausível para levar o ser humano a uma adequada formação cristã. A catequese “é um processo dinâmico e abrangente de educação da fé, um itinerário, e não apenas uma instrução” (CR, n. 281), pois ela está intimamente ligada à vivência comunitária. Almeida (2010, p. 55) afirma que “a iniciação cristã é tarefa do conjunto da comunidade eclesial”. Esta tarefa requer uma grande maturidade por parte da Igreja para compreender a responsabilidade que é própria de todo cristão.

Assim sendo, o Documento de Aparecida observa que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DAp, n. 12). Atualmente, para muitos cristãos, a catequese não chega a levar ao estágio completo da sua maturidade na fé. Muitos abandonam o itinerário de fé, no meio caminho, distanciando-se da própria Igreja. Um dos grandes desafios atuais é, sem dúvida, a falta de comprometimento no seguimento de Jesus. Nesta direção o Diretório Nacional de Catequese afirma:

A vida de cada comunidade eclesial precisa ser coerente com o Evangelho, mobilizadora pela própria maneira de ser, de agir. Sem isso, a melhor catequese estaria exposta a uma crise, caso o catequizando não encontre na face concreta da Igreja particular e local um sinal de que é possível viver com autenticidade o seguimento de Jesus (n. 145).

Quando a fé fica latente por muito tempo, tende a cair no esfriamento da consciência de que não é importante ser um cristão autêntico. Segundo Lelo (2009, p. 11), “daí não é difícil compreender porque muitos cristãos, hoje em dia, não completam a iniciação cristã e entendem a fé apenas como uma maneira de estar bem na vida ou de conseguir suprir suas necessidades com a ajuda divina”.

Desta forma, não fica difícil compreender o maior desafio da catequese, hoje, que é aquele de se comprometer profundamente com sua fé. Sendo assim, o compromisso é, sem dúvida, o maior desafio da evangelização no mundo atual. A catequese “esclarece e estimula a experiência e vivência no Espírito que o catequizando faz na liturgia, no ano litúrgico e na oração cotidiana, como o caminho de crescimento na fé” (DNC, n. 143). A catequese, assim, continua sendo um caminho importante e determinante para levar o ser humano a uma boa formação cristã.

4.2.2 Igreja, comunidade peregrina na fé

Consideramos em nosso percurso que a catequese configura-se como um processo que torna possível a maturidade de fé por meio de um itinerário de cada fiel. A catequese é, portanto, “uma experiência de formação progressiva e dinâmica, rica em sinais e linguagens, favorável para uma integração de todas as dimensões da pessoa” (DC, n.2). O itinerário catequético exige, portanto, “um processo de interiorização do Evangelho que envolve toda a pessoa em sua singular experiência de vida”. Este itinerário requer uma proposta concretizada em um processo de acompanhamento” (DC, n. 3). Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco exorta que “a igreja deve iniciar, os seus membros, sacerdotes, religiosos e leigos, na arte do acompanhamento, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (Ex. 3,5)” (n. 169).

Veremos adiante que é fundamental o processo de acompanhamento para o amadurecimento de uma mentalidade de fé em uma dinâmica de transformação, que em definitiva é uma ação espiritual. Essa tarefa exige que os catequistas sejam “verdadeiros evangelizadores” com Espírito, que significa abrir-se sem medo à ação do Espírito Santo (EG, n. 259). Com realidade do espírito entende-se: “uma moção interior, que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (EG, n. 261).

Outro aspecto fundamental a ser considerado é que a catequese lança os

fundamentos do edifício espiritual do cristão. Portanto, a Igreja como mãe e educadora da fé, é chamada a alimentar as raízes da sua vida de fé, na vida ordinária da comunidade cristã. Desse modo, “desde o seu começo, quis formar comunidades que fossem exemplo vivo dos valores do Evangelho” (DNC, n. 145).

Assim, a Igreja, comunidade de fé, é formada por homens que, unidos em torno de Cristo na mesma fé, deixam-se guiar pelo Espírito Santo nesta caminhada peregrina rumo à pátria celeste. Uma vez que recebeu a mensagem da salvação, tem o dever e a missão de anunciar a todos esta dádiva de Deus. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.

A missão da Igreja, segundo o decreto *Apostolicam Actuositatem* do Papa Paulo VI sobre o apostolado dos leigos, “tem em vista a salvação dos homens, que se deve conseguir pela fé em Cristo e sua graça” (AA, n. 6). Este decreto não quer indicar somente ao fim que deve ter sua atividade quando se compreende as atividades últimas que terá lugar na segunda vinda gloriosa de Cristo Jesus no fim dos tempos. Indica, outrossim, que é uma atividade voltada para as coisas terrenas, as realidades da nossa existência, do tempo presente em que a Igreja caminha rumo à pátria definitiva.

A obra redentora de Cristo, enquanto por sua natureza tem como fim a salvação dos homens, compreende também a restauração de toda a ordem temporal. Por isso, a missão da Igreja não é apenas trazer aos homens a mensagem de Cristo e a sua graça, mas também permear e aperfeiçoar a ordem das coisas temporais com o espírito evangélico (AA, n. 5).

A Igreja, na essência de sua missão, tem o dever de levar a todos a mensagem da salvação. “Jesus revela o Espírito Santo que, com o Pai, envia à sua Igreja. O Espírito nos une a Jesus Cristo, formando um único corpo, a Igreja, povo santo de Deus” (DNC, n. 99). Sua missão, segundo a *Gaudium et Spes* n. 13, é uma missão dada por Cristo: “a de salvar a pessoa humana [...] o homem uno e integral: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade”. A Igreja, povo santo de Deus, é chamada a dar essa resposta ao homem e guiá-lo pelo caminho do encontro e da experiência com Deus para que alcance a sua plenitude.

Conforme afirma a constituição do dogmática *Lumen Gentium*:

Cristo, mediador único, constituiu e sustenta indefectivelmente sobre a terra, como organismo visível, a sua Igreja santa, comunidade de fé, de esperança e de caridade, e por meio dela comunica a todos a verdade e a graça [...].

Jesus Cristo consumou a sua obra de redenção na pobreza e na perseguição, assim também, a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho para poder comunicar aos homens os frutos da salvação [...]. Cristo foi enviado pelo Pai 'para evangelizar os pobres... a proclamar a remissão aos presos' (Lc 4, 18), 'a procurar e salvar o que estava perdido' (Lc 19, 10): de modo semelhante a Igreja envolve em seus cuidados amorosos todos os angustiados pela fraqueza humana. A Igreja 'continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus, anunciando a paixão e a morte do Senhor, até que ele venha (LG, n. 8).

O documento mencionado afirma que é Cristo o sustento da Igreja, comunidade de fé, também no meio das provações. Se o próprio Cristo experimentou a provação para ser fiel ao projeto salvífico do Pai em favor dos seus, Ele ensina que a Igreja deve permanecer perseverante sobretudo, em meio às tribulações desta vida terrena. O ser humano deve ser partícipe da obra salvífica vivendo a sua mais alta vocação que lhe foi concedido para alcançar a felicidade eterna. A graça de Deus que é dada ao ser humano deve fazer que a sua vida seja totalmente transformada, pois, "pelo dom do Espírito Santo, o homem chega, pela fé, a contemplar e saborear o mistério do plano divino" (GS, n. 15)

Sabe-se que é próprio do Espírito Santo ser o lugar onde acontece o possível encontro do ser humano com Cristo. Torna-se impossível o encontro do homem com Cristo sem a ação do Espírito Santo, pois Cristo e o Espírito Santo estão intimamente ligados na missão de aproximar o homem de Deus. É exatamente na experiência do Espírito Santo que se opera a única mediação de Cristo, pela qual todo homem pode ser introduzido na intimidade inesgotável de Deus.

Cristo é aquele que evidencia o papel do Espírito Santo na auto-comunicação de Deus. O Espírito Santo chega a ser protagonista na preparação da vinda do Verbo na história da salvação. Isto significa que o Espírito Santo nunca revela algo de si mesmo, mas, sim, algo que esteja em relação com Cristo. Esta é a ação do Espírito Santo: que em todo tempo e lugar, principalmente em cada homem, ele estará ali para orientar e guiar a todos no caminho reto, caminho este que é o caminho da salvação.

O apóstolo Paulo afirma que é através do Espírito Santo que o homem reconhece o Senhor. Paulo, na 1Cor 12, 3 dirigindo-se aos gentios tomados pela ignorância da fé e arrastados pelos ídolos diz: "Ninguém falando com o Espírito de Deus diz: 'Anátema seja Jesus!' E ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor' a não ser no Espírito Santo". Portanto, é o Espírito Santo que capacita o homem para buscar a Jesus e chamá-lo de Senhor e amigo, reconhecendo Nele o Salvador, o fundamento e a meta de sua vida.

A Igreja reconhece, portanto, o papel importante que o Espírito Santo no cumprimento de sua missão. Ninguém consegue compreender sozinho a totalidade do Evangelho e do Mistério de Jesus Cristo. É na comunhão com a Igreja, que o ser humano busca compreender o que lhe falta no caminho de fé. Deste modo, a comunidade que vive a fé, pelo testemunho e pelo ensinamento, transmite o que falta no coração daquele que crê. Ninguém se apoia somente na sua fé, mas, sim, na fé dos cristãos de todos os tempos, dos cristãos que nos precederam desde os apóstolos, a Virgem Maria, os mártires e os santos de toda a história cristã. Foram eles que, testemunhando fielmente o Evangelho de Jesus, deixaram um ensinamento autêntico de quanto é importante adentrar no Mistério da fé.

Assim, o cristão vai compreendendo que a experiência de Deus necessariamente converte-se no anúncio de uma fé vivida na prática, nas celebrações comunitárias, na liturgia, naquilo que a 1Jo 1,3 diz: “O que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão conosco, e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. E isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa”.

Convém ressaltar que o cristianismo autêntico não é somente a doutrina do livro, nem dos ritos, mas, sim, de uma autenticidade que provém de uma vivência pessoal e comunitária, transmitida aos outros para que todos alcancem a salvação. Portanto, as comunidades de fé são comunidades vivas e portadoras da experiência mística original, na medida em que o Evangelho, antes de ser palavra escrita, é experiência de fé vivida e transmitida. É missão da Igreja levar, por meio da catequese, uma centelha de esperança a todos aqueles que sentem na alma o desejo de alcançar uma vida plena e feliz.

4.3 O CATEQUISTA, MESTRE E MISTAGOGO NO CAMINHO ESPIRITUAL

Ninguém nasce catequista e não existe catequista pronto. Como toda pessoa humana, o catequista constrói sua identidade enquanto catequista. Ao assumir a sua vocação específica pelo batismo no seio da Igreja, ele forma-se e deixa-se formar; ao mesmo tempo que forma os outros no crescimento da fé e no caminho da própria missão, capacita-se.

A identidade de um bom catequista constrói-se, paralelamente, à vivência de uma profunda espiritualidade. Um catequista bem formado e com uma espiritualidade

aprofundada, terá capacidade e ferramentas para dialogar com as diferentes realidades que o mundo nos apresenta: incertezas, fragmentações, trocas de valores, vazio existencial, individualismo exacerbado, indiferentismo, consumismo desenfreado etc. Essas mudanças, às vezes abruptas, provocam descompassos, oscilações e dúvidas quanto à fé e à vida cristã. Desse modo, exige-se, além de um novo perfil de catequista, novas habilidades, que possibilitem uma atuação pedagógico-catequética mais incisiva, a fim de que os catequizandos e as pessoas que lhe são confiadas possam responder, com assertividade, aos anseios da própria fé. Além do conhecimento dos conteúdos da fé, do método, da técnica, o catequista necessita de uma profunda vivência espiritual.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, número 164, propõe “o primeiro anúncio ou querigma como o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O querigma⁴⁵ é trinitário”. Desse modo, “na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo, ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’” (EG, n. 164). O anúncio do Evangelho não pode ser substituído com qualquer outra doutrina, pois “nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio” que o Querigma (EG, n.165). O querigma nos traz a consciência de que “se anuncia abeta e resolutamente o Deus vivo e Jesus Cristo” (RICA, n.9). O fato é que, como afirma Reinert, “não há autêntico catecumenato sem verdadeira evangelização, do mesmo modo que não há evangelização eficaz sem um catecumenato que a acompanhe” (2015, p. 78).

Ao falar de uma catequese querigmática e mistagógica⁴⁶, o Papa Francisco, afirma que a educação e a catequese estão a serviço do crescimento e da santificação do cristão. Assim sendo, a catequese deve estar presente naquilo que a fé tem de essencial dentro do ensinamento cristão, pois “é uma catequese que manifesta a ação do Espírito Santo e que continua a se doar pela plenitude da vida de cada pessoa” (DC, 2020, n. 2). O querigma e toda a sua essencialidade são como portas existenciais que levam para o mistério. Compreender o anúncio primeiro, no exercício da fé, é

⁴⁵ “O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob forma de línguas e faz-nos crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai” (EG, n. 164).

⁴⁶ O termo “*mistagogia*”, derivado da língua grega, é composto por dois conceitos: *mist* (vem de ‘mistério’) + *agogia* (relativo a “conduzir” ou “guiar”). Assim, ‘pode-se traduzir mistagogia como a ação de guiar, conduzir, para dentro do mistério ou, ainda, a ação pela qual o mistério nos conduz (PARO, 2018, p. 28).

obter a capacidade de entender que este anúncio é o principal e o mais importante e, “é aquele que sempre tem que voltar a ouvir de diferentes maneiras; aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou outra, durante a catequese e todas as etapas e momentos” (EG, n. 164). A catequese, portanto, deve:

desenvolver, com a ajuda de Deus, uma fé inicial, e de promover em plenitude e de alimentar quotidianamente a vida cristã dos fiéis de todas as idades. Trata-se de fazer crescer, no plano do conhecimento e na vida, o gérmen de fé semeado pelo Espírito Santo, com o primeiro anúncio do Evangelho, e transmitido eficazmente pelo Batismo. A catequese deverá desenvolver a inteligência do mistério de Cristo à luz da Palavra, a fim de que o homem todo seja por ela impregnado (CT, n. 20).

Logo, o catequista “em virtude de sua fé e unção batismal, na colaboração com o Magistério de Cristo e como servo da ação do Espírito Santo, é: testemunha de fé, e guardião da memória de Deus [...], mestre e mistagoso [...], acompanhador e educador” (DC, n. 113). Como mestre e mistagogo é aquele que introduz no mistério de Deus, revelado na Páscoa de Cristo” (DC, n. 113). Torna-se, assim, um anunciador⁴⁷ que anuncia com autoridade. Não é aquele que está ao centro, nem a frente, mas ao lado daquele que acompanha.

O mestre não se põe no centro da cena, mas ao lado. No centro está o altar, já que estamos na Igreja. Mistagogo e neófito comportam-se como se tivessem, à maneira dos camaleões, o controle independente dos olhos. Com um olho, ou seja, com o olhar material, mestre e discípulos se olham: o mistagogo olha com amor para os neófitos e os neófitos olham com confiança para o mestre. Mas com o outro olho, o olho teológico, mestre e discípulos olham para o centro: o altar, que não perdem de vista um só instante. O altar é o verdadeiro mestre (GIRAUDO, 2003, p. 8-9).

Para se alcançar esse perfil ideal de catequista, é essencial que se tenha um olhar direcionado para Jesus, modelo de Mestre e Educador. Espelhando-se nesse modelo, certamente, sentirá a necessidade de pautar sua vida e sua espiritualidade na adesão a pessoa de Jesus.

Nessa perspectiva, orienta-se também a necessidade de uma formação educacional e pedagógica competente para entender a dinâmica do processo do amadurecimento humano. Sendo ele “especialista em humanidades” (DC, n. 113),

⁴⁷ Sem dúvida, cremos que aquele que prega (que age na dinâmica do *kata-eckhéō*) é possuído por uma força irresistível que o envia: “O Espírito Santo do Senhor que está sobre mim; ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para anunciar...” (Lc 4, 18). Esta pessoa é, então, na linguagem específica da catequese, um *kerux* (“arauto”, “anunciador”) (NERY, 2019, p. 40).

deve buscar conhecer o ser humano mais profundamente para saber colocá-lo em relação com os ensinamentos de Cristo, para que essa caminhada em direção a Ele seja real e eficaz.

De fato, segundo Papa Francisco, não se pode pensar uma formação mais sólida de catequistas desvinculada do querigma, uma vez que:

Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e que permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano (EG, n. 165).

A solidez do primeiro anúncio faz-se tão importante e necessária quanto toda formação que é dada dentro da catequese. Jamais o querigma deve ficar de fora de qualquer tipo de formação, independente da etapa em que cada cristão se encontre. Se não se entende o querigma como um passo primeiro e importante na caminhada de fé, não se pode entender o passo seguinte que é a mistagogia que se soma na missão de evangelizar.

De fato, a formação cristã é o aprofundamento do querigma que vai, aos poucos, “fazendo-se carne”, tornando-se luz que ilumina a mente e o coração humano para as coisas de Deus. A centralidade do anúncio fundamenta-se nas seguintes características: “o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa [...] que não seja impositiva, mas faça apelo à liberdade; pautada pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa”. O catequista mistagogo é aquele que possui certas atitudes para melhor acolher o anúncio: “proximidade, abertura ao diálogo, paciência e acolhimento cordial” (EG, n. 165).

Por isso, o catequista educador e mistagogo torna-se alguém indispensável na condução de uma pessoa no caminho da fé para se chegar, ao máximo, mais perto do mistério de Deus. Sobre isso, Francisco assevera: “o acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais para Deus, em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade” (EG, n. 170). Dessa forma, o catequista é aquele que possui a capacidade de ouvir e, ouvindo, sabe entrar na dinâmica do amadurecimento humano, pois escutar ajuda a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desistalam da cômoda condição de espectadores. É a partir da escuta e de uma postura ativa que se pode encontrar caminhos que levam à maturidade da fé.

Do mesmo modo, o Papa Francisco afirma que:

Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reinem a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho (EG, n. 171).

A arte do acompanhamento, da escuta e da espera possibilita um caminho gradual que, mesmo a passos lentos, conduza o processo de crescimento pessoal da fé. É fundamental que o acompanhador se coloque na escuta dócil do Espírito Santo para saber discernir e conduzir outra pessoa no caminho de aprofundamento da vida cristã. A espiritualidade cristã é fruto de uma vivência profunda de relação com Deus. No *múnus* de ensinar, deve-se levar em conta as dinâmicas e os movimentos necessários para uma verdadeira educação da fé, como já vimos na pedagogia de Edith Stein. Portanto, “somente uma catequese que se empenha para que cada um amadureça sua própria e original resposta de fé pode alcançar a finalidade indicada” (DC, n. 3).

A propósito, uma catequese renovada em seus métodos deve levar o cristão, seja ele catequizando ou não, a ter um contato mais vivo e pessoal com o Cristo que está vivo e presente no meio de nós. Essa renovação, de fato, exige uma mudança também no perfil do catequista. Hoje, não basta ser simplesmente conhecedor de distintas ciências, mas é necessário ser também um mistagogo, ou seja, aquele que conduz a outra pessoa no mistério da fé. Mas é preciso não esquecer que Jesus Cristo é o mistagogo por excelência. Cristo torna-se, a saber, a referência primeira para o catequista.

4.3.1 Missão do catequista na atualidade

Da missão dada por Jesus, nasce o ministério para o serviço na Igreja chamada a servir no mundo e proclamar a salvação de todos. A palavra ministério condensa toda a ação de Jesus que veio para servir a humanidade e inaugurar o Reino de Deus. Seu ministério concretiza a vontade divina de que “todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

Assim, a Igreja reconhece que, “no conjunto de ministérios e serviços com os quais ela realiza a sua missão evangelizadora, ocupa um lugar de destaque o

ministério da catequese” (DNC, n. 39). O ministério é um carisma reconhecido pela Igreja dado aos fiéis para servir com maior responsabilidade a missão que lhes foi confiada. O catequista, com seus dons e carismas, torna-se administrador da graça de Deus. De fato, como afirma o apóstolo Pedro: “como bons administradores da multiforme graça de Deus, cada um coloque à disposição dos outros o dom que recebeu” (1Pd 4, 10). Igualmente, o catequista, mediante seu ministério, tem o dever de levar a pessoa a entrar no profundo mistério de Deus.

Dessa maneira, “catequizar é levar alguém a prescrutar o Mistério de Cristo em todas as suas dimensões e, ainda, é procurar desvendar na Pessoa dele todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza” (CT, n. 5). Portanto, a formação do catequista deve abranger as diferentes dimensões, sobretudo, “deve ajudá-lo a amadurecer como pessoa, como fiel e como apóstolo”. Esta formação é traduzida hoje em “saber ser com”, em “saber”, em “saber fazer” (DC, n.136). Trata-se de uma formação harmoniosa das diferentes dimensões, do desenvolvimento de habilidade específicas, mas, sobretudo, de uma formação que possibilite “como pessoas” a fazerem “a experiência do amor de Deus e que, por essa razão, se coloquem a serviço do anúncio do Reino de Deus” (DC, n. 138).

A partir dessas considerações, reafirma-se a necessidade de um conhecimento específico, a fim de que o catequista exerça com competência seu serviço “de acompanhar as pessoas na fé, como uma pessoa de referência, que exerce certa forma de autoridade” (DC, n. 142). Mas é necessário, também, “que esse papel seja vivido no mais absoluto respeito à consciência e à pessoa do outro, de modo a evitar todo tipo de abuso, seja ele de poder, de consciência, econômico ou sexual” (DC, n. 142). Enquanto educador e mestre que ensina na fé, o catequista adquire o conhecimento do homem e da realidade em que vive. Ele também adquire conhecimento por meio das ciências humanas que, nos nossos dias, alcançam um grau de extraordinário desenvolvimento. Na pastoral, sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências humanas e sociais, sobretudo da psicologia e da sociologia, de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida.

É necessário que o catequista entre em contato, pelo menos, com alguns elementos fundamentais da psicologia: os dinamismos psicológicos que movem o homem; a estrutura da personalidade; as necessidades e

aspirações mais profundas do coração humano; a psicologia evolutiva e as etapas do ciclo vital humano; a psicologia religiosa e as experiências que abrem o homem ao mistério sagrado (DGC, n. 242).

A formação pedagógica, a humana e a metodológica são indispensáveis para a formação do catequista para que este alcance ser um ótimo educador e comunicador. Desse modo, ele não deve infantilizar a evangelização, continuando a crer que catequizar é simplesmente ensinar conteúdos básicos da fé. Ao contrário, catequizar no mundo atual é lançar-se diante de uma realidade cada vez mais complexa e defafiadora para a fé. A primeira realidade a ser levada em consideração, no ato de catequizar, “é a de respeitar a pedagogia original da fé [...]”. Para tanto, “deve reconhecer que seu interlocutor é um sujeito ativo no qual a graça de Deus opera dinamicamente” sendo ele apenas um “facilitador respeitoso de uma experiência de fé da qual ele não é o protagonista” (DC, n. 148). Dessa maneira, como facilitador e mediador da graça de Deus, deve ter a capacidade de propor uma catequese vivencial, personalizada e integrada e que busca responder as questões de fé.

A vocação e a missão do catequista, no conjunto dos ministérios e serviços com os quais a Igreja cumpre sua missão evangelizadora, ocupam um lugar indispensável. Assim, sua pedagogia catequética está inserida na missão da comunidade eclesial que possui a necessidade de preparar e acompanhar os cristãos na fé para dar-lhes uma resposta de qualidade ao seguimento de Jesus. Como afirma Reinert, “hoje, cresce a consciência de que a iniciação à vida cristã quer ser um processo que conduz a pessoa à experiência com o Deus de Jesus e com a comunidade eclesial” (2015, p. 30). Já o documento Catequese Renovada orienta: “O catequista deve viver sua experiência cristã e sua missão dentro de um grupo de catequistas, que dará continuidade à formação e oferecerá oportunidades para a oração em comum, a reflexão, a avaliação das tarefas realizadas, o planejamento, etc” (CR, n. 151).

Faz-se necessário zelar para que o catequista encontre uma formação adequada que o atenda e o ajude na dimensão humano-cristã: sua religiosidade, sua profundidade de fé, seu espírito eclesial e seu zelo apostólico. Somando com a quantidade de conhecimentos que se pode adquirir, o catequista deve se preocupar, principalmente com o conhecimento do seu “ser”, da sua espiritualidade, do seu perfil interior. Segundo Alberich (2004, p. 348), o catequista deve alcançar uma maturidade

humana e psicológica: “o exercício da catequese possibilita o crescimento do catequista no equilíbrio afetivo, no senso crítico, na unidade interior, na capacidade de relações”. Não se pode pensar no catequista que, tendo a missão de conduzir o outro no crescimento da fé, não possua ele próprio uma caminhada nessa mesma maturidade.

A missão que o catequista ocupa dentro da Igreja, na obra da evangelização, torna-se muito importante, essa diferencia-se dos demais ministérios, justamente por ser ele um educador da fé. Sendo um educador, ele deve inspirar-se e utilizar a pedagogia do Mestre Jesus, para acompanhar de perto cada catequizando, seja ele criança, adolescente, jovem ou adulto, nas suas distintas etapas. Seu perfil deve adequar-se às exigências da atual evangelização. Nesse sentido, São Paulo nos alerta:

Temos, porém, dons diferentes segundo a graça que nos foi dada, seja a profecia, de acordo com a fé, seja o ministério, para servir. Se for o dom de ensinar, que ensine; se for o dom de exortar, que exorte. Se o de distribuir esmolas, faça-o com simplicidade. Se o de presidir, presida com zelo. Se o de exercer misericórdia, que o faça com alegria (Rm 12, 6-8).

Disso decorre que a vocação específica do catequista é gerada no coração de Deus. Dessa forma, sua vocação “tem sua raiz na vocação comum do povo de Deus, chamado a servir o designio salvífico de Deus em favor da humanidade” (DC, n. 110). É um nascer da iniciativa divina (Jo 15, 16). É chamado de Deus que necessita de uma resposta de amor e disponibilidade para o serviço do Reino. A identidade do catequista desenvolve-se à medida que ele acolhe o chamado de Deus e, no dia a dia, diante dos acontecimentos que o circundam, responde ao chamado como participante da história da salvação, superando os percalços que esse lhe impõe. Por esse chamado:

O catequista é feito partícipe da missão de Jesus de introduzir os discípulos em sua relação com o Pai. O verdadeiro protagonista, porém, de toda autêntica catequese é o Espírito Santo que, mediante uma profunda união que o catequista nutre com Jesus Cristo, faz eficazes os esforços humanos na atividade catequética. Esta atividade se realiza no seio da Igreja: o catequista é testemunha de sua Tradição viva e mediador que facilita a inserção dos novos discípulos de Cristo em seu Corpo eclesial (DC, n. 112).

Dessa forma, a missão da Igreja é a missão do catequista e “a catequese participa no empenho da evangelização, conforme sua natureza própria” (DC, n. 1).

Essa caminhada implica num empenho constante de si diante do compromisso que envolve a sua vida, pelas exigências que o seguimento do Evangelho lhe impõe e pelos inúmeros desafios que o contexto da história humana lhe apresenta no campo e no exercício da fé. Desafios que serão superados quando se tem em Cristo, o modelo de Mestre e Senhor.

Por conseguinte, aquele que escolhe responder ao chamado de ser catequista faz a experiência do encontro pessoal com Aquele que o escolheu. Essa experiência dá-se por meio da vivência pessoal e da prática da fé. Os catequistas são na Igreja os mistagogos e pedagogos de Deus. Apresentam o caminho e os meios necessários àqueles que lhe foram confiados para que tenham a experiência e o encontro pessoal com Jesus Cristo e alcancem a maturidade necessária que um cristão precisa ter. Segundo o documento *Catechesi Tradendae* a catequese deve:

Apresentar sem rodeios as exigências, que constituem em renúncias, mas também em alegrias, daquilo que o Apóstolo São Paulo gostava de chamar 'vida nova', 'nova criatura', estar ou existir em Cristo, vida eterna em Jesus Cristo, e que não é outra coisa senão a vida no mundo, mas uma vida vivida segundo as bem-aventuranças e uma vida destinada a prolongar-se e a ser transfigurada para além da morte (CT, n. 29).

De fato, a missão catequética é exercida em nome da Igreja e para a Igreja. O catequista "é um cristão que recebe o chamado particular de Deus que, acolhido na fé, o capacita ao serviço da transmissão da fé e à missão de iniciar à vida cristã" (DC, n. 112). Isto significa que o catequista não fala em nome próprio, ao contrário, evangeliza sob as orientações da doutrina e da Tradição da Igreja. O Papa João Paulo II, na Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade do mandato missionário, proferia que:

Mesmo com a multiplicação dos serviços eclesiais e extra-eclesiais, o ministério dos catequistas permanece ainda necessário e tem características peculiares: os catequistas são agentes especializados, testemunhas diretas, evangelizadores insubstituíveis, que representam a força basilar das comunidades cristãs (RM, n. 73).

O Diretório Geral para a Catequese assinala alguns tópicos sobre a figura e a importância do catequista:

Nenhuma metodologia, por quanto possa ser experimentada, dispensa a pessoa do catequista em cada uma das fases do processo de catequese; O carisma que lhe é dado pelo Espírito, uma sólida espiritualidade e um

transparente testemunho de vida constituem a alma de todo método, e somente as próprias qualidades humanas e cristãs garantem o bom uso dos textos e de outros instrumentos de trabalho; O catequista é, intrinsecamente, um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, e dos sujeitos entre si e com a comunidade. Por isso, deve empenhar-se, a fim de que sua visão cultural, condição social e estilo de vida, não representem um obstáculo ao caminho da fé, criando, sobretudo, as condições mais apropriadas para que a mensagem cristã seja buscada, acolhida e aprofundada (DGC, n. 156).

Cabe ressaltar ainda que a atividade catequética deve estar sempre amparada pela fé, pela força e pela ação do Espírito. O que deve ressaltar, afinal, é “a relação pessoal do catequista com o destinatário da catequese. Tal relação se nutre de paixão educativa, de engenhosa criatividade, de adaptação e, ao mesmo tempo, de máximo respeito pela liberdade e amadurecimento da pessoa (DGC, n. 156).

Tais tópicos deixam bastante claro que o catequista é alguém indispensável no processo de educação para a fé para compreender não só o Mistério de Deus revelado em Jesus Cristo, mas compreender a própria existência. Desse modo, destaca-se a necessidade de uma espiritualidade sólida e de comunhão, uma vez que essa espiritualidade percebe a luz da Trindade no rosto do irmão, “sentindo-a na unidade profunda do Corpo místico, como parte de si, partilhando suas alegrias e seus sofrimentos para colher seus desejos: cuidando de suas necessidades; oferecendo-lhe uma verdadeira e profunda amizade” (DC, n.88).

Reforçando o que já foi dito, o catequista é alguém chamado do meio do povo de Deus para fazer experiência com Jesus Mestre e, inspirando-se no estilo de Jesus ajuda a iluminar e a interpretar as experiências da vida à luz do Evangelho. Assim,

a catequese configura-se como: um processo que torna possível não só a maturidade da fé por meio do itinerário de cada fiel. A catequese é, portanto, pedagogia em ação da fé, que realiza uma obra de iniciação, educação e ensinamento, tendo em consideração a unidade entre o conteúdo e a modalidade na qual é transmitido (DC, n. 166).

Além disso, a Igreja insiste no constante aperfeiçoamento do catequista:

Esta formação que deve ser constantemente aperfeiçoada, por causa da continuidade; uma pessoa que ama o que faz; uma pessoa que tenha uma maturidade crescente da pessoa humana e da evolução dos problemas, exige um conhecimento cada vez mais profundo e uma ação sempre mais adaptada. Na satisfação de todas as exigências da formação, há de ter-se sempre presente a unidade e integridade da pessoa humana (AA, n. 29).

Por isso, o catequista deve ser uma pessoa madura na fé, que tenha

maturidade humana e equilíbrio emocional psicológico; uma pessoa de espiritualidade profunda e que deseja crescer na santidade e na entrega a Deus; uma pessoa aberta ao diálogo com as demais religiões, capaz de responder às mais diversas necessidades; uma pessoa que vive uma profunda oração, enfim, uma pessoa que se confronta constantemente com a Palavra de Deus a fim de que possa crescer no conhecimento do Evangelho de Cristo para poder partilhar com seus destinatários. A espiritualidade do catequista deve brotar, portanto, da experiência com Cristo.

O ato catequético deve orientar-se sempre para o bem desejável, para a proposta de vida, de maturidade, de realização e de fecundidade. Por isso, a catequese não é somente uma denúncia aos males ou um negativismo exacerbado, mas também, como afirma o Papa Francisco é um espaço onde “nos possam ver como mensageiros alegres de propostas altas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho” (EG, n. 168).

É por isso que ninguém pode afirmar de ser cristão somente pelo simples fato de ter recebido os sacramentos da iniciação (ou parte deles) sem um verdadeiro compromisso de vivência e aprofundamento da mensagem de Jesus. Sendo assim, a Igreja reforça a importância de que cada cristão compreenda o seu papel e a sua missão dentro do projeto salvífico da humanidade.

4.3.2 A espiritualidade mística do catequista

O catequista é discípulo (a) de Jesus Cristo e vive sua missão em comunhão com a comunidade enquanto lugar da experiência de fé, de fraternidade, de solidariedade, de acolhida e vivência da prática dos ensinamentos de Jesus. A comunidade é o lugar de encontro com Cristo, de escuta e de revelação da Palavra do Senhor (Jo 20, 19; Mt 18, 19-20). O catequista é a pessoa que fala em nome da comunidade (EN, n. 60) por chamado do próprio Cristo Jesus. Por isso exige-se dele fidelidade no seguimento de Cristo (EN, n. 44), pois a ele compete a tarefa de atualizar a revelação de Deus na história. Assim, a experiência do amor é a chave para o conhecimento de Deus, para ser iniciado no Mistério, como nos ensina São João em sua carta: “não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade. Nisto saberemos que somos da verdade” (1Jo, 3, 18-19).

Deste modo, a mística⁴⁸ é a motivação profunda da caminhada cristã. Falar em mística é falar do sentido da existência e da experiência amorosa de Deus na vida do cristão. É ser iniciado no Mistério. Os místicos, como era Edith Stein, vinculavam, de forma total, a sua vida e projetos à vida e ao projeto do Mestre Jesus. Deste modo, a mística não é um acessório que o cristão pode adquirir de qualquer forma, ao contrário, é algo que está intrinsecamente ligado ao ser cristão. É algo que se experimenta quando se tem uma adesão plena ao projeto de Cristo; é algo que se experimenta profundamente quando se faz da própria vida uma verdadeira entrega à vida de Jesus e Nele, encontrar o verdadeiro sentido da existência humana. Alcançar essa consciência ou essa experiência, é poder dizer como o apóstolo Paulo afirmou: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2, 20).

A mística é como se fosse o tempero que dá sabor a tudo aquilo que se quer como cristão. É recordar Jesus quando disse: “vós sois o sal da terra [...] vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 13-14). Falar em mística é falar do sentido da existência humana. É ter consciência de que não estamos neste mundo só por casualidade, mas temos uma missão que é de fazer a experiência amorosa de Deus. É a volta ao primeiro amor; é deixar-se amar por aquele que é a fonte do amor: Deus. Essa experiência faz-nos compreender o amor que Deus tem por cada um de nós, sua bondade em vir ao nosso encontro para nos comunicar seu amor e a vida em plenitude. “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida em plenitude” (Jo 3, 16). A verdadeira mística impele-nos na direção de Deus e do mundo que Nele está imerso.

Nesse sentido, Jesus é o grande místico, pois orientou toda a sua vida para cumprir fielmente a vontade de Deus Pai (Jo, 6, 38). Foi na intimidade da oração, na obediência, no silêncio, na confiança que Jesus pôde refletir e confirmar a sua fidelidade ao projeto do Pai. É inspirado nas atitudes de Cristo que o catequista deve

⁴⁸ “A palavra mística origina-se de mistério-segreto. Ela significa o caminho para se chegar à descoberta do grande mistério, do grande ‘segredo’ do plano divino, que dá sentido à vida humana e aos nossos sentimentos mais profundos. Mística é o processo pelo qual, por Jesus Cristo, o Revelador do mistério de Deus, entramos na intimidade de Deus e com Deus. E no Deus de Jesus Cristo, encontramos a força para nossa vida de cristãos, de seguidores de Jesus, como São Paulo confessava: ‘Para mim viver é Cristo’” (PANAZZOLO, 2018, p. 64-65).

buscar cumprir a sua missão, sendo obediência, orante, confiante e apto para levar ao bom término a sua missão. O catequista deve ser aquele que vive com intensidade cada momento de sua vida, prescrutando nesses momentos os sinais da presença de Deus. A mística conduz a um novo olhar sobre o mundo e sobre a existência humana. Dessa forma, adquire a capacidade de ajudar os seus catequizandos e a comunidade a fazer essa mesma experiência, levando-os a querer conhecer sempre mais Jesus Cristo.

Vive-se tempos sombrios em que o cristianismo está cada vez mais dilacerado por tantas realidades que a ele se opõem, com a indiferença religiosa, a falta de fé e o comodismo cada vez mais tenuante. Tornar-se cristão autêntico, nos dias de hoje, requer um anúncio que leve a um verdadeiro encantamento pela pessoa de Jesus. “E, essa boa Nova há de ser proclamada, ante de mais nada, pelo testemunho” (EN, n. 21). O testemunho, por si só, “constitui já uma proclamação silenciosa, muito mais valiosa e eficaz da Boa Nova” (EN, n. 21). É importante enfatizar que o testemunho da vida é fundamental para o catequista, pois “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN, n. 41). A importância do pertencer a Cristo é também reforçada pelo Documento de Aparecida, quando diz:

Quando cresce no cristão a consciência de se pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas em compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (At 1, 8) (DAp, n. 145).

Assim, o catequista imbuído de uma mística trinitária, libertadora, comprometida com a vida e a serviço da Igreja participa na vida e missão da Igreja e, compartilha com alegria sua experiência de encontro com o Senhor. Uma vez que o catequista já tem a compreensão do que Jesus significa em sua vida, do caminho que o Mestre propõe-lhe, do sentido de ser um autêntico cristão, de sua pertença à comunidade que o acolhe e o envia, da capacidade de ensinar, ele torna-se capaz de ser, de fato, o profeta da Boa-Nova.

Desse modo, o catequista é chamado a mergulhar cada vez mais nos mistérios de Deus através de sua vida de oração e na participação assídua e coerente da vida

sacramental da Igreja, especialmente da Eucaristia. Além disso, é chamado a cultivar a presença do Espírito Santo, que, com a graça de Deus, anima a vida e as ações do cristão e da comunidade e ajuda-nos a discernir os sinais dos tempos.

Um catequista mistagogo é capaz de transformar a catequese num caminho mistagógico, isto é, uma catequese que saia do campo puramente verbal com suas explanações doutrinárias e morais, para tornar-se uma catequese que fomente a participação ativa, consciente e responsável nas ações celebrativo-litúrgicas. A espiritualidade do catequista, desse modo, vai moldando-se a partir das relações que vive por meio de sua missão catequética. A sua espiritualidade deve ser alimentada na oração, gratidão, penitência, reconciliação, enfim tudo aquilo que favoreça para uma integração entre a vida prática e a vida de fé. Nesse sentido,

É preciso, no entanto, recuperar a mistagogia não enquanto um 'tempo' simplesmente, mas como um método que deverá perpassar todo o itinerário do processo iniciático e ter sua culminância com o tempo da mistagogia preservado pelo RICA, aludindo de modo mais intenso à experiência anterior dos ritos vividos pelos catequizandos. Na prática, é preciso que os catequistas elucidem como a Igreja vive sua fé quando celebra a liturgia. A Palavra de Deus, os textos eucológicos (as orações da liturgia dirigidas a Deus), e os diferentes símbolos usados na liturgia oferecem aos catequistas um material eminente e verdadeiramente valioso para a instrução (PARO, 2018, p. 68).

É preciso, portanto, des-escolarizar a catequese e propor uma pedagogia capaz de proporcionar ao catequizando um encontro pessoal com Deus, por meio do mergulho do mistério pascal de Cristo. A fé não passa apenas por um processo cognitivo; ela deseja encontrar o seu caminho genuíno que são as vias do coração e da experiência pessoal com Deus. Por mais que a catequese contemple uma vertente cognitiva da fé, esta não é sua característica fundamental, encontrada, essencialmente, na experiência do mistério pascal de Cristo, capaz de envolver a vida toda da pessoa, sua formação integral (DGC, n. 69), concedendo a ela novo sentido. O ato catequético, que emerge da experiência do mistério pascal de Cristo, requer um retorno da pedagogia original da fé (DGC, n. 138), ou seja, a pedagogia da iniciação.

Os processos catequéticos não se encerram em caminhos intelectivos, nem em meros cursos de preparação para a recepção de sacramentos, mas num itinerário continuado que visa proporcionar ao catequizando a chance de entrar em intimidade com Deus, de fortalecer com ele laços de proximidade, permitindo saborear sua

presença amorosa. Aqueles que experimentam profundamente a Cristo assemelham-se à Samaritana que desejava beber de uma água que saciasse definitivamente a sua sede e, com seu testemunho, correu à sua aldeia para comunicar a seus vizinhos e a todos que viessem aonde estava Jesus, a Água Viva (Jo 4, 28-30).

O catequista, portanto, não deve preocupar-se somente com a transmissão de um conteúdo ou com assimilação dogmático-racional da doutrina católica, mas é preciso que ele reconheça que os caminhos do processo catequético passam muito mais pelo encantamento e pela sedução que por uma simples racionalização assimilativa de dados doutrinários. A catequese mistagógica não é uma lição e sim, uma comunicação, uma experiência e um testemunho de fé.

Portanto, é necessário que o catequista entenda com maturidade o grande desafio de educar uma pessoa para a fé, conduzindo-a ao mistério e estando ao lado dela em cada momento desse caminhar. É preciso, sobretudo, uma atenção especial para com aqueles que têm uma identidade cristã fragilizada e, por esta razão, necessitam da acolhida, da compreensão e do tempo necessário para que a experiência com Cristo, aconteça em seu caminho de amadurecimento da fé.

4.4 A EUCARISTIA COMO ATO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO DA FÉ

O grande desafio no processo catequético é passar de uma catequese assentada sobre a pedagogia escolar para práticas pedagógicas iniciáticas, propositadoras de fé. Além disso, a relação catequista-catequizando tem sido entendida a partir do binômio professor-aluno, a ponto de os catequistas se identificarem como professores de catecismo ou de catequese. Outro aspecto, a catequese adotou o uso do material didático-pedagógico: livro, caderno, dever de casa etc. Tais características tem distanciado a catequese do mistério central da fé cristã, da Páscoa e da experiência pessoal desse mistério.

O Papa Bento XVI, em sua encíclica *Deus Caritas est (Deus é amor)*, diz: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DCE, n.12). E o Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, número 11, afirmou que o sacrifício eucarístico é “fonte e centro de toda a vida cristã”. A Eucaristia sendo,

portanto, o sacramento por excelência do mistério pascal, “está colocada no centro da vida eclesial” (EE, n. 1), e a Igreja vive desse Jesus Eucarístico, é nutrida e iluminada por Ele.

Desse modo, a Eucaristia cumpre um papel importante na formação integral da pessoa humana quando essa se alimenta do corpo e sangue de Cristo. Por sua vez, “a Eucaristia consolida a incorporação em Cristo operada no Batismo pelo dom do Espírito (cf. 1 Cor 12, 13.27)” (EE, n. 24). Há, portanto, uma conexão estreita entre a eucaristia e a Apostolicidade da Igreja. “É em continuidade com a ação dos Apóstolos e obedecendo ao mandato do Senhor que a Igreja celebra a Eucaristia ao longo dos séculos (EE, n. 27). Sendo assim,

É ao redor da Mesa Eucarística que a comunidade cristã se edifica, dá testemunho da verdade, ‘cria comunhão e educa para a comunhão’ (EE, 2003, n. 40). Na escola de Maria, ‘mulher eucarística na totalidade da sua vida’ a Igreja e cada discípulo de Cristo é chamado a imitá-la também na relação com este este mistério santíssimo (EE, n. 53).

E, ainda,

Maria praticou a sua fé eucarística ainda antes de ser instituída a Eucaristia, quando ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus. A Eucaristia, ao mesmo tempo que evoca a paixão e a ressurreição, coloca-se no prolongamento da encarnação. E Maria, na anunciação, concebeu o Filho divino também na realidade física do corpo e do sangue, em certa medida antecipando n’Ela o que se realiza sacramentalmente em cada crente quando recebe, no sinal do pão e do vinho, o corpo e o sangue do Senhor (EE, n. 55).

É impossível imaginar um processo de formação de catequistas sem uma vivência Eucarística. Não se pode pensar em um catequista que, tendo a missão de mediar o encontro do interlocutor com Jesus Cristo e acompanhar seu amadurecimento da fé, não possua, ele próprio, uma caminhada na fé eucarística.

Edith Stein compreendeu que a Eucaristia cumpre um papel formativo dentro da comunidade de fé. Para a autora, “viver eucaristicamente, consiste em deixar que as verdades eucarísticas atuem eficazmente” (STEIN, 2003, p. 150) na alma humana. Ela afirma que são três as verdades de fé: “O Salvador está presente no Santíssimo Sacramento; Ele renova diariamente seu sacrifício da cruz no altar; Ele quer unir intimamente consigo cada alma particular na santa comunhão” (STEIN, 2003, p. 150-151).

A missão da catequese é anunciar Jesus Cristo e propiciar o encontro místico do catequizando com a própria pessoa d'Ele na Eucaristia, pois “a ação eucarística é o ato pedagógico por excelência: a cooperação de Deus e do ser humano cujo resultado é herdar a vida eterna” (STEIN, 2003, p. 745). A Eucaristia está no centro da liturgia, e em redor dela estão todos os outros sacramentos, por isso, o catequista, educador da fé, quer ser exemplo de uma fidelidade constante ao corpo e sangue do Senhor. É da Eucaristia que emana o impulso missionário, uma vez que:

A Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo. Com este Sacramento, Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo [...]. Os fiéis devem viver sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais vida eucarística. A Eucaristia, fonte inesgotável da vocação cristã é, ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário. Aí, o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido (DAp, n. 51).

É essencial cuidar da formação do catequista, da sua espiritualidade. O catequista deve ser um discípulo que vive na obediência da fé, o seguimento existencial do Senhor. A Eucaristia não é essencialmente a lembrança dos acontecimentos passados, é memória, atualização do que o próprio Cristo disse: “Façam isto sempre em minha memória” (Lc 22, 19). Anselm Grün, ao falar da Eucaristia, mostra a importância de se fazer a memória desse acontecimento sem esquecer o que ela realmente significa. O autor afirma que: “é justamente em nossa época sem história e sem memória, importante celebrarmos a lembrança da redenção na história de Jesus, para que ela aconteça a nós hoje” (GRÜN, 2006, p. 15-16). A memória traz de volta o que foi único, sagrado.

O Filho de Deus fez-Se homem para, num supremo ato de louvor, devolver toda a criação Àquele que a fez surgir do nada. Assim, Ele, o sumo e eterno Sacerdote, entrando com o sangue da sua cruz no santuário eterno, devolve ao Criador e Pai toda a criação redimida. Fá-lo através do ministério sacerdotal da Igreja, para glória da Santíssima Trindade. Verdadeiramente este é o *mysterium fidei* que se realiza na Eucaristia: o mundo saído das mãos de Deus criador volta a Ele redimido por Cristo (EE, n. 8).

Fazer memória do Cristo, por meio do sacrifício eucarístico, como diz Kirchgässner, é “o reerguimento do ser no fluxo do vir-a-ser, a confirmação da eternidade, o direcionamento do que não tem rumo, o retorno à plenitude do ser” (1959, p. 440). A Eucaristia dá-nos essa certeza: de que somos feitos para a plenitude.

Sendo assim, “o objetivo último do homem é a vida eterna. E a humanidade pecadora recuperou a possibilidade de obter a vida eterna graças à morte de Cristo na cruz” (STEIN, 2003, p. 745). Dessa forma, cada ser humano deve fazer seu o fruto da Redenção pela sua livre atuação na sua própria história. E “para que essa apropriação pessoal fosse possível, Cristo renovou seu sacrifício na Cruz, no santo sacrifício da missa” (STEIN, 2003, p. 745).

Uma formação sólida do catequista consiste, hoje, num processo de discernimento permanente, tendo como fonte inspiradora de suas escolhas Cristo, aquele que convida “Vinde e Vede” (Jo, 1,39) e propõe maior profundidade e audácia no compromisso. A isto nos convida uma espiritualidade crística. O mistério eucarístico aparece como o mistério da Luz, pois “culmina na configuração de Cristo; será a participação repetida de toda a comunidade no mistério pascal e será a incorporação na Igreja, cada vez mais perfeita e total. Por isso, o Batismo e a Confirmação cumprem-se na Eucaristia (LELO, 2009, p. 40-41). Na Eucaristia, a comunidade “povo de Deus em peregrinação” (CAT, n. 1344), ao mesmo tempo que participa do sacrifício de Cristo Jesus, Cristo faz-se alimento por nós. É Ele o Cordeiro que tira o pecado do mundo como afirmou João Batista apontando que o Messias – Cristo Jesus – já estava em nosso meio. Não há outro sinal tão grandioso e belo, tão digno de um amor que se derrama em sacrifício para nos ensinar que, a exemplo do Mestre Jesus, devemos aprender a nos sacrificar pelo nosso irmão.

A Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, do Papa João Paulo II, afirma que:

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: ‘Eu estarei convoco, até ao fim do mundo’ (Mt 28, 20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par. Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança” (EE, n. 1).

É na liturgia da Igreja, na sua oração, nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na comunidade viva dos crentes que experimentamos, hoje, “amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos, assim, a reconhecê-la na nossa vida cotidiana” (DCE, n. 17). No encontro Eucarístico, o Senhor “nos ama, faz-nos ver experimentar seu amor e, dessa ‘antecipação’ de Deus pode, como resposta, despontar, também em nós, o amor” (DCE, n. 17).

Na Eucaristia, Jesus dá-se por inteiro a nós ao pronunciarmos: “Ele está no meio de nós”. Quando a comunidade reza essa afirmação, o próprio Deus manifesta sua aliança nova e eterna com o seu povo tornando esse ato, o maior ato de adoração. E nós somos o povo da Nova e Eterna Aliança. Fomos criados por Ele e para Ele voltaremos.

O Papa João Paulo II escreve na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* uma experiência bela e grandiosa, durante a celebração da Santa Missa no Cenáculo em Jerusalém. O santo padre, recordando esse evento, afirma que: “Segundo a tradição, o próprio Cristo celebrou a Eucaristia. O Cenáculo é o lugar da instituição deste Santíssimo Sacramento” (EE, n. 2). Nesta experiência, o papa dava graças a Cristo Jesus por permitir pronunciar as palavras de Jesus há dois mil anos durante a última Ceia, na quinta-feira santa. Foi no Cenáculo que o Senhor tomou o pão, partiu-o e deu-o aos discípulos dizendo: “Tomai, todos e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós” (Mt 26,26; Lc 22, 19; 1Cor 11, 24). Em seguida, tomou nas mãos o cálice com vinho e disse-lhes: “Tomai, todos e bebei: Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança que será derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados” (Mc 14, 24; Lc 22, 20; 1Cor 11, 25).

A Eucaristia é o grande memorial da Páscoa de Cristo: sua vida, morte e ressurreição. Cada cristão que se une a este memorial junto à sua comunidade, busca vivenciar, por meio desse sacrifício, a partilha dos dons, o amor, a unidade, a justiça e tudo o que o Senhor Jesus deixou e ensinou. A Eucaristia torna-nos amigos de Jesus: “Já não vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas os chamo de amigos, porque tudo o que conheci de meu Pai, eu vos dei a conhecer” (Jo 15, 15). Na Eucaristia, não celebramos apenas a história libertadora e iluminadora de Jesus, “mas tudo o que Deus produziu no ser humano” (GRÜN, 2006, p.16), pelo mistério da redenção. Desse modo, já não se trata de um mandamento, que do exterior no impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que crescer através da doação aos outros.

O Salvador morreu no Calvário por nós. A Ele, porém, não lhe bastava com este sacrifício da morte para completar de uma vez para sempre a redenção do homem. Ele quer oferecer a cada um, pessoalmente, os frutos da sua obra. Por isso, Ele renova diariamente o sacrifício do altar, e todo aquele que participa com um coração que crê, fica purificado no sangue do Cordeiro e renovado espiritualmente (STEIN, 2003, p. 151).

O Amor cresce através do amor, ou seja, do dom de si mesmo. O Amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever, de cada um dos fiéis, mas o é também para a comunidade eclesial inteira que “fazendo memória sacramental do gesto de Cristo [...] rememora também o sacrifício de todos quantos, seguindo o seu Mestre, dedicam sua vida à libertação dos irmãos” (CR, n. 255). Dessa forma, o cristão aprende mais plenamente o sentido da comunhão, da fração do pão, das orações e do ensino (At 2,42), atitudes fundamentais dos primeiros cristãos. A riqueza da Eucaristia é que ela nos une a Cristo, como afirma Paulo: “que aquele que se une ao Senhor constitui com ele um só espírito” (1Cor 6, 17). Somos configurados em Cristo, pois grande e profundo é o mistério da Eucaristia na vida do ser humano que adentra a este mistério.

O Documento Catequese Renovada incita-nos a uma verdadeira compreensão da responsabilidade que o cristão deve ter frente ao grande mistério da Eucaristia. Quando se tem a exata consciência do que o Sagrado Mistério significa na vida do ser humano que crê, não se pode ignorar o real compromisso que o ser humano deve ter durante sua caminhada de fé.

Como fonte, a Eucaristia é dom inesgotável de Deus; como ápice, é a meta proposta de toda a comunidade. Entre o dom e a realização do ideal, há uma caminhada a ser feita pelos cristãos: é o caminho de integração fé-vida, da realização da comunhão no dia a dia, é a celebração da Liturgia da vida (CR, n. 228).

Em seus escritos, a pedagoga Edith Stein recorda que a Eucaristia “possui a relevância pedagógica porque põe o educador frente a tarefa de levar o educando para ser capaz de colaborar naquilo que lhe corresponde nesse ato divino-humano” (STEIN, 2003, p. 745-746). O Santo Sacrifício da Missa é o lugar onde está velada a profunda santidade de Deus que é derramada de forma abundante na vida de todo ser humano. Ali, no altar, dá-se o encontro entre a pequenez de nossa pobre humanidade com a grandeza insondável do amor misericordioso de um Deus. O próprio Deus na Pessoa de Cristo rebaixa-se para entrar na alma do ser humano e possuí-lo por inteiro.

Adentrar-se profundamente neste mistério significa poder fazer uma experiência profunda do amor de Deus e deixar-se encontrar por Ele. Em Cristo, que transcende o humano com o divino, o ser humano descobre as profundezas da própria humanidade que se revelam neste sacrifício. “Corpo e alma têm que ser formados

para uma vida eucarística; quanto mais se realiza esse trabalho, melhor estará predisposto o material e será mais fácil dar forma” (STEIN, 2003, p. 153), por isso a necessidade da Eucaristia na formação do catequista. O ato pedagógico eucarístico deve levar o homem a compreender que o humano-finito está intimamente ligado ao divino-Infinito. Por isso, a necessidade de valorizar a Eucaristia, compreendê-la e fazê-la compreender. Este é o passo mais importante a ser dado por aquele que busca compreender a sua própria finitude na infinita bondade de Deus.

Assim, a Eucaristia é o “sacrifício da cruz que se perpetua através dos séculos” (EE, n. 11). “É o morrer com Cristo para ressuscitar com Ele” (STEIN, 2004, p. 217). Dessa forma, o Sacrifício da Missa “é o centro e o ponto culminante de toda a vida sacramental, fonte e ápice de toda a vida cristã e de toda a evangelização, raiz e centro da comunidade cristã” (CR, n. 227). Jesus Cristo torna-se o Mediador supremo entre Deus e a humanidade e Nele toda a criação se renova e se regenera na ação salvadora de Deus. Portanto,

Cristo é o Sacramento Primordial do Pai. Cristo Jesus, após realizar historicamente a obra de nossa libertação e da perfeita glorificação de Deus através de sua morte e ressurreição, enviou, com o Pai, o Espírito Santo à sua comunidade-Igreja, e por ela ao mundo. Assim vivificada continuamente pela presença libertadora do Senhor ressuscitado, a Igreja é o Sacramento de Cristo, para comunicar a vida nova e propor o Projeto de Deus aos homens e ao mundo, sendo ao mesmo tempo sinal e testemunha (CR, n. 220).

Sendo a Igreja este Sacramento de Cristo, ela tem a missão de anunciar a todos o amor de Cristo. “O amor de Cristo não constrange” (2Cor 5,14). De tal modo, que:

a consciência de quem nele, o próprio Deus se entregou por nós até a morte deve induzir-nos a viver não mais para nós mesmos, mas para ele e com ele, para os outros. Quem ama Cristo, ama a Igreja e quer que esta seja cada vez mais expressão e instrumento do amor que dele emana (DCE, n. 33).

A celebração eucarística torna-se bela, edificante e frutuosa não só quando os preceitos litúrgicos e rituais são observados, mas, sobretudo, quando se transforma em força para o ser humano saber enfrentar os problemas diários e alcançar a verdadeira libertação que o levará a ser mais livre e mais autêntico como pessoa humana. Através da ação eucarística, o ser humano torna-se a morada do próprio Cristo e, habitando no coração do ser humano, Ele o molda para ser, cada vez mais, criatura semelhante à sua Pessoa.

Para Sberga:

A Eucaristia não é só pão material, mas sinal da presença física de Jesus, o Filho de Deus, que deve viver nas pessoas e realizar algo nelas. O advento eucarístico é o ato pedagógico mais essencial, quer dizer, a colaboração entre Deus e o homem que tem como resultado o conseguimento da vida eterna (2014, p. 132).

Por fim, as palavras de João Paulo ao final da sua Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* traz-nos um grande alento e uma grande esperança quando diz: que estes sentimentos possam ser o sentimento de todos os cristãos. E, ainda, façamos nossos os sentimentos de S. Tomás de Aquino, máximo teólogo e ao mesmo tempo cantor apaixonado de Jesus eucarístico, e deixemos que o nosso espírito abra-se também na esperança à contemplação da meta pela qual suspira o coração, sedento como é de alegria e de paz:

‘Bone Pastor, panis vere. Iesu, nostri miserere’. ‘Bom Pastor, pão da verdade, tende de nós piedade, conservai-nos na unidade. Extingui nossa orfandade e conduzi-nos ao Pai. Aos mortais dando comida, dais também o pão da vida. Que a família assim nutrida seja um dia reunida aos convivas lá do Céu (EE, n. 62).

De tal modo, a Eucaristia bem vivida e acolhida no coração daquele que crê, preenche a alma com toda a leveza e plenitude que vem de Deus. A vida eucarística “leva à união com Cristo fazendo-se igual a Ele para obter a redenção [...] e sair fortalecidos para tomar sobre si as pesadas cruzes” (STEIN, 2003, p. 747).

Essa verdade exige que sejamos testemunhas de sua eficácia transformadora para que todos possam transformar-se, em Cristo e por Cristo, em criaturas novas, assim como diz o apóstolo Paulo na 2Cor, 5,17: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”. A Eucaristia nos abre ao mistério revelado por Deus em favor da humanidade para compreender definitivamente que este ato pedagógico na “cooperação de Deus e do ser humano leva o ser humano à salvação” (STEIN, 2003, p. 748).

4.4.1 Verdades reveladas do ser humano

A revelação faz-se na vida e na história do ser humano, como afirma Libânio ao dizer que ela “não é uma afirmação genérica ou abstrata; é uma constatação” (2012, p. 311). Essa constatação é evidente quando diz que: “muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que

são os últimos, falou-nos por meio do seu Filho” (Hb 1, 1-2). É Jesus que comunica o Pai e o revela em plenitude à humanidade. Essa revelação é dada a conhecer, pois “nem tudo o que é revelado é inacessível ao conhecimento natural” (STEIN, 2003, p. 744) e que “é preciso uma luz sobrenatural para chegar ao conhecimento do mistério” (STEIN, 2003, p. 744). Enquanto o ser humano experimenta de algum modo – em si mesmo, na natureza ou na história – “Deus como chegando a ele, como manifestando-se a ele, está tendo a experiência radical da revelação” (QUEIRUGA, 2010, p.174).

A esse propósito, o Diretório para a Catequese lembra-nos que “Jesus Cristo é o Mestre que revela Deus à humanidade e revela o ser humano a si mesmo. É o Mestre que salva, santifica e guia, que está vivo e que fala [...] e caminha conosco pelos caminhos da história” (DC, n. 161). Este projeto de salvação que vem por parte de Deus “comporta uma ‘pedagogia divina’ peculiar: Deus comunica-se gradualmente com o ser humano, o prepara, por etapas, para acolher a revelação sobrenatural que faz de si mesmo e que culmina na Pessoa do Verbo encarnado, Jesus Cristo” (CAT, n. 53).

Essa comunicação de Deus traz uma luz que ilumina a alma humana. Sendo assim, as reflexões deixadas por Edith Stein procuram mostrar o que é o ser humano compreendendo-o na sua essencialidade, ou seja, na sua estrutura ontológica. O ser humano é um ser finito, mas remete-se a um ser superior, infinito: Deus. A propósito disso, a autora explica que:

Buscamos responder à pergunta: o que é o homem? [...] Definimos esse ser primeiro e infinito como Deus, visto que os seus atributos correspondem à nossa ideia de Deus. Desse modo, devemos considerar como evidência ontológica o fato de que o ser humano, como todas as coisas finitas, remete a Deus e sem a relação com o ser de Deus o homem seria incompreensível (STEIN, 2003, p.742).

De fato, o ser humano, como criatura finita, remete a Deus, o Infinito. “Deus não precisa ‘chegar’, porque já está sempre presente” (QUEIRUGA, 2010, p. 179). Edith Stein reflete sobre as inúmeras perguntas a respeito do ser humano, sobretudo, sobre a sua finitude e compreende que nenhuma razão humana é capaz de responder a todos os questionamentos. Além da via racional há outra via que possibilita o conhecimento de Deus, essa é a via da experiência religiosa onde, pela fé, o ser humano compreenderá as verdades reveladas por Deus (Infinito) a respeito do ser humano (o ser finito).

Sendo assim, “o que a fé diz sobre o ser humano é fundamento teórico indispensável para o trabalho educativo [...] pois não há tarefa mais urgente que conhecer o que a verdade revelada diz sobre o ser humano” (STEIN, 2003, p. 743). Sobre as verdades da fé, Edith Stein afirma que:

Temos uma verdade revelada que nos diz algo sobre o ser humano. Verdade esta, que foi dada a ele para que conheça quem é e o que deve fazer [...]. Não há tarefa mais importante que conhecer a verdade revelada sobre o ser humano [...]. O homem foi criado por Deus e com ele, toda a humanidade [...]. Cada alma humana individual foi criada por Deus; o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus; o ser humano é livre e responsável por aquilo que possa vir a ser; ele pode e deve fazer que com que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus (2003, p. 743).

Sberga (2014, p. 131), inspirando-se nos escritos steinianos, diz que: “a pedagogia não pode renunciar a falar das questões da Revelação Divina, porque ela revela dados essenciais daquilo que o ser humano é (criatura) e daquilo que deve se tornar”. Deus age como um pedagogo, pois Ele revela e, ao mesmo tempo, deixa-se revelar à sua mais bela criatura, o ser humano. “O fato de um Deus se comunicar com os homens, um Deus dos homens, é central na visão cristã” (LIBÂNIO, 2012, p. 17). Nesse mesmo sentido, “a união com Deus não só não chega ou se estabelece a partir de fora, senão que está sempre constituindo o ser da criatura: a revelação não precisa ‘entrar’ na vida do ser humano, a presença viva Dele já está no seu ser” (QUEIRUGA, 2010, p. 179). O movimento está em saber que Deus habita o ser.

Pautada nas ciências que têm dificuldade desta compreensão, Edith Stein tem consciência de que a ciência filosófica possui seus limites para dar uma resposta plausível à pergunta: o que é o ser humano? Mas a resposta para esta pergunta, segundo a autora, cabe ao terreno das verdades da fé, pois:

O ser humano é criado por Deus e, como o primeiro homem, é criada a inteira humanidade como uma unidade, em razão da própria origem e como uma comunidade potencial. Cada alma singular humana é criada por Deus. O ser humano é criado por Deus à sua imagem e semelhança. É livre e responsável daquilo que se transforma, pode e deve conformar a sua vontade à vontade de Deus (STEIN, 2003, p. 743).

Por meio da Revelação, o ser humano abre-se para o transcendente e, na profundidade mais íntima de si mesmo, adquire a capacidade de chegar ao seu núcleo, à alma-da-alma. A experiência religiosa leva o ser humano a esse estágio mais profundo da sua existência. “A Revelação é a grande obra educativa de Deus”

(DC, n. 157). Queiruga (2010, p. 173) também assegura ao dizer que “o divino é sempre experimentado como ‘transcendência ativa’, que sai, por própria iniciativa, ao encontro do ser humano”. É nesse sentido que a transcendência pode ser interpretada, também, sob uma ótica pedagógica. Na Revelação, encontram-se “elementos característicos capazes de levar à identificação de uma pedagogia divina, capaz de inspirar profundamente a ação educativa da Igreja” (DC, n. 157).

É Cristo quem revela o Pai. Na Sagrada Escritura, “Deus quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 4), verdade esta que tem um nome: Jesus Cristo. Para o Catecismo da Igreja Católica, “é preciso, pois, que Cristo seja anunciado a todos os povos e a todos os homens e que, desta forma, a Revelação chegue até aos confins do mundo” (CAT, n. 74). Com efeito, a catequese tem essa missão de levar a todos a mensagem dessa grande alegria.

A Constituição Dogmática Dei Verbum afirma que os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e tornam-se participantes da natureza divina (Ef 2, 18; 2Pd 1, 4). Pois,

Em virtude desta Revelação, Deus invisível (Cl 1, 15; 1Tm 1, 17), no seu imenso amor, fala aos homens como amigos (Ex 33, 11; Jo 15, 14-15) e conversa com eles, para convidar a admitir a participarem da sua comunhão. Esta ‘economia’ da Revelação executa-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significadas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. E, a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos por meio desta Revelação no Cristo, que é simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda Revelação (DV, n. 2).

Jesus Cristo, ao anunciar o seu ministério, anuncia o cumprimento do Reino de Deus e este reino é destinado a toda a humanidade, “começando pelos mais pobres e pecadores, chamando à conversão (Mc 1, 15)” (DC, n. 15). É para cada pessoa humana em particular que Jesus anuncia o Reino do Pai para que todos alcancem Nele a salvação. Cristo torna-se, assim, a plenitude da Revelação, pois Ele “revela que Deus é amor (1Jo 4, 8) e ensina a todos “que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor (GS, n. 38)” (DC, n. 15). Estar em comunhão com Jesus Cristo consiste em alcançar a verdade plena a respeito do ser humano, pois “todo aquele que segue Jesus Cristo, o Homem perfeito, torna-se mais perfeito em sua humanidade” (GS, n. 41). O Diretório para a Catequese reforça:

O fim da Revelação é a salvação de cada pessoa que se realiza mediante uma original e eficaz pedagogia de Deus ao longo da história [...]; que vai ao encontro da pessoa humana na condição em que ela está e a liberta do mal, atraindo-a para si com vínculos de amor. Progressiva e pacientemente, conduz à maturidade o povo eleito e, nele, cada indivíduo que o escuta. O Pai, como um brilhante educador, transforma os acontecimentos de seu povo em ensinamentos de sabedoria (Dt 4, 36-40; 11, 2-7) (DC, n. 158).

É fundamental para Edith Stein que a ação do educador não ignore o conhecimento da Revelação para alcançar seu máximo objetivo que é conduzir o ser humano à sua plenitude. Ela afirma que “quando a pedagogia renuncia a beber das fontes da Revelação, arrisca-se a deixar de lado o mais essencial que podemos saber sobre o ser humano, seu objetivo e o caminho que o leva a ele” (STEIN, 2003, p. 744). O fim último do ser humano é a eternidade.

4.4.2 A ação da graça na alma humana

Existem muitos privilégios da graça que vêm de Deus. A graça serve-nos para que alcancemos a santidade e, com ela, a vida eterna. É o resgate da essência humana que é a perfeição divina. Edith Stein, na obra *A Estrutura da Pessoa Humana* (1932-1933) afirma que “é característico de todo ser finito o fato de que não pode se compreender por si mesmo [...]; pode-se considerar como um conhecimento ontológico o fato de que o ser humano, assim como todo ser finito, remete a Deus” (2003, p. 742). Para o ser humano sem essa relação ontológica com Deus, seria incompreensível em sua existência. Dessa forma, a graça reaproxima-nos da relação com Criador.

O mistério da graça é um dom vem de Deus e é entregue ao ser humano de forma gratuita, porém não há um somente, mas a toda a humanidade, pois a graça abarca a todos, sem excessão. Basta olhar como São Paulo compreendeu profundamente esse mistério: “eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 3-4). O Deus Pai quer salvar a todos ainda quando nem todos aceitam ou creêm nesse amor misericordioso de Deus.

O ser humano possui a liberdade dada por Deus e, por isso, liberdade e graça andam juntas. Deus oferece a sua graça e cabe ao ser humano aceitá-la ou rejeitá-la. Experimentar a graça que Deus oferece com plena liberdade é experimentar a realidade da salvação que penetra o coração humano e permitindo-o participar do

mistério insondável que vem de Deus. Deus entra na vida do ser humano porque este responde ao chamado e se abre para a graça.

Sendo assim, a busca pela santidade promove no ser humano uma abertura para receber a graça de Deus. Jesus de Nazaré é o homem, por excelência, agraciado por Deus Pai, pois é o “único que está no seio do Pai” (Jo 1, 18); se olharmos Maria, a mãe de Jesus, também foi altamente agraciada: “ategra-te, cheia de graça [...] Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus” (Lc 1, 28, 30). A comunidade dos discípulos também foi agraciada, “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28, 20). A comunidade está imersa em Cristo e Cristo imersa nela com sua presença. A comunidade cristã recebe um privilégio que lhe é conferido em forma de graça pelo próprio Cristo Jesus, como afirma Durrwell (2009, p. 151) quando diz que “o privilégio da comunidade cristã é certificado em um documento que ela conserva zelosamente e que se chama ‘Eucaristia’”.

Partindo desse pressuposto, afirma-se que toda catequese deve ser “uma catequese da graça, pois pela graça somos salvos, e pela graça nossas obras podem produzir frutos para a vida eterna” (CAT, n. 1697) (DC, n. 174). O ser humano, por si só e com suas próprias forças, não consegue dar frutos, ele necessita da graça de Deus para essa fecundidade. Para Edith Stein, o ser humano possui uma grande responsabilidade diante dos seus atos não produtivos ao afirmar que “quando a alma não alcança chegar à plenitude de seu ser e de seu desenvolvimento, é culpa de si mesma” (2003, p. 657). Segundo Durrwell, “a graça é um chamado, uma força criativa que age por atração para um polo. Os fiéis são os ‘chamados de Cristo’ (Rm 16), chamados à comunhão do Filho, chamados a ser santos” (2009, p. 76-77).

A preocupação da catequese não deve ser somente a de alimentar e ilustrar a fé, mas também a de “suscitar incessantemente com a ajuda da graça, de abrir os corações, de converter e de preparar naqueles que ainda estão no limiar da fé uma adesão global a Jesus Cristo” (CT, n. 19). A catequese tem a missão de oferecer ao cristão, a oportunidade de fazer uma experiência profunda com Deus abrindo o coração para o mistério revelado por Cristo Jesus. O ser humano é chamado à santidade e, uma vez que recebe esse chamamento deve cuidar para responder com fidelidade ao dom mais precioso que Deus deu à sua criatura: a salvação.

Em seu meio, o ser humano sente que está ameaçado constantemente a perder esse dom que é a salvação. Ao mesmo tempo, está convidado para agir como

sentinela, vigiando sem cessar, para que a sua existência alcance dignidade que vem pela graça. Deve cuidar-se exterior e interiormente para que o poder do maligno (contrário à graça) não venha roubar-lhe esse dom deixado por Deus. O homem tem, por graça de Deus, a capacidade de contribuir para atingir a profundidade da alma, segundo a vontade de Deus. O ser humano, pela sua interioridade:

Transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que prescruta os corações os espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas" (GS, n. 14).

O que o ser humano necessita é voltar a confiar em sua capacidade de descer ao profundo da sua alma, morada de Deus, e perceber que, para que isso aconteça, necessita do esforço próprio e da graça que vem de Deus. Portanto, "é lícito esperar que a graça leve a término o que exceda a própria força" (STEIN, 2003, p. 576). A autora tem consciência de que o ser humano, sozinho, não adentra ao mais profundo da sua alma, ele precisa da mediação do educador. A autora lembra que "a fé é um dom da graça" (STEIN, 2003, p. 746) e, sendo assim, o ser humano, "guiado pela fé, chega a contemplar e a experimentar a Deus amor (1Jo 4, 4-16). A fé, como acolhimento pessoal do dom de Deus, não é irracional ou cega. A luz da razão e a luz da fé provém ambas de Deus" (DC, n. 19). São necessárias a fé e a graça para adentrar ao próprio eu.

Esse movimento causa, no ser humano, um dinamismo que o faz superar-se a si mesmo e o encaminha ao encontro com o seu criador. Isso se dá toda vez que ele abre o coração e abrindo-se à graça de Deus que sempre está ali, à disposição da ação humana. Superar as próprias forças é ter a capacidade de ir ao encontro do divino e contemplá-lo, participando do seu mistério. Essa participação no mistério divino faz com que o "mundano" que habita o ser humano, se transforme, pela graça, em divino. Assim, pela graça, o ser humano torna-se um ser espiritual.

Nesse sentido, a ação pedagógica é a cooperação entre Deus e a pessoa humana no intuito de que ela alcance a sua plenitude, isto é, a sua redenção. Para Sberga:

É a pessoa que decide percorrer o caminho da salvação, que já está prevista para ela, e quando ela se abre à Graça divina, esta age nela de forma eficaz. Portanto, diz Stein que a verdade dogmática possui a maior força educativa e tem a finalidade de conduzir a pessoa para que se torne aquilo que deve ser; segundo aquilo para a qual

foi criada (BERGA. 2014, p. 132).

Logo, faz-se necessário que o ser humano esteja sempre atento ao convite que Deus lhe faz, sendo livre, para que possa tornar-se, de fato, aquilo que deve ser. Deus criou a pessoa humana para ser livre e, assim, Ele a quer. A liberdade verdadeira “é um sinal privilegiado da imagem divina do ser humano. Pois Deus quis deixar o ser humano entregue à sua própria decisão, para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total beatífica perfeição” (GS, n. 17).

Deus, ao criar o ser humano, lhe conferiu o “poder” de optar pelo bem ou pelo mal; de alcançar a sua plenitude ou se perder no seu próprio caminho. O ser humano, desde a sua origem, foi criado para a liberdade. Ele tem o dever de colaborar na obra pedagógica de Deus para chegar àquilo que deve ser, segundo os desígnios de Deus. A pessoa humana pode optar por permanecer na graça ou voltar-se contra o seu Criador, dando-lhe as costas e insistindo no pecado que impossibilita alcançar a sua realização plena.

Deus chama o ser humano a se unir com Ele por meio da sua graça. Não há outra graça senão aquela que vem somente de Deus. Segundo Meis (1998, p 141) “a luz da graça que irradia de Deus não se interrompe nem permanece ameaçada por nenhuma treva: é limpa, pura, transparente (Sl 19, 9; Pr 30, 5)”. O ser humano, criado por Deus e para Deus, é recebido na glória definitiva através de Cristo que veio habitar em meio à humanidade pelo bem de todos, pois, “Deus chamou e chama o ser humano a unir-se a ele com todo o seu ser na perpétua comunhão da incorruptível vida divina. Essa vitória, alcançou-a Cristo ressuscitado” (GS, n. 18).

Deus, no momento de criar o ser humano como objeto principal da sua criação, o coroou de “glória e dignidade” (Sl 8) e deu a ele a característica de um ser divino, pois o fez “a sua imagem e semelhança”. Desta forma, o ser humano recebe de Deus uma certa “proteção” e uma certa “garantia” de estar sempre protegido por suas mãos divinas que o amparam no caminho reto. À luz do fundamento último – Deus – tudo é graça porque tudo está referido a Ele, o Infinito. Tudo está sustentado por Ele e a vocação humana encontra “Nele” o seu apoio ontológico.

Desse modo, a graça é, essencialmente, encontro e relação. É Deus em comunhão e o homem em abertura. O homem é, por excelência, objeto da salvação. É isso que a catequese deve levar em conta para ser verdadeiramente uma ação evangelizadora e eficaz na alma humana. O mistério da graça é um mistério que vem

de Deus e é entregue ao ser humano como presente. O grande segredo consiste em que toda pessoa humana é contemplada neste maravilhoso dom de Deus para a humanidade, até mesmo aqueles que não compreendem ou se resistem a compreendê-lo à luz da fé na ação da graça divina. O importante é ter claro que Deus salva pela graça e que o ser humano, pela sua liberdade, pode aceitar ou não. Sendo assim, o processo catequético deve resgatar, com certa urgência, esse aspecto da salvação de Deus oferecida ao ser humano e tomá-lo como uma base importante para a pedagogia catequética.

Assim sendo, o valor do querigma na catequese consiste em levar os catequizandos a realizarem uma verdadeira experiência da graça divina, que os fará entender, de forma mais profunda a sua própria existência e onde ela está fundamentada: Deus. A compreensão da graça é de suma importância para o amadurecimento da fé de todo cristão. Com esse amadurecimento, que é dado por Deus como dom, o ser humano não consegue realizar uma experiência profunda e assim, torna-se cada vez mais autêntico e co-responsável pelo processo de uma vida integral e plena. Quando se compreende essa dimensão na vida humana, compreender-se-á o verdadeiro sentido de colocar o coração humano todo voltado para Deus, “fim último da nossa caminhada” (DNC, n. 98).

4.4.3 O Espírito Santo, Mestre interior

É pelo dom do Espírito Santo “que o homem chega, na fé, a contemplar e saborear o mistério do plano divino” (GS, n. 15). O principal agente da evangelização é o Espírito Santo, ele é o mestre interior da fé e impulsiona a cada pessoa a anunciar o Evangelho (EN, n. 75). Os catequistas são apenas mediadores, instrumentos a serviço da ação do Espírito Santo. Para o Papa Francisco, é o Espírito Santo “que infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresia) em voz alta e em todo o tempo e lugar” (EG, n. 259). Assim, o Espírito Santo de Deus, inspirador de toda a atividade catequética, atua na alma humana como mestre interior para que o ser humano alcance a sua plenitude.

Com efeito, Ele:

É o princípio inspirador de toda atividade catequética. Ele é o ‘Mestre interior’ que, no segredo da consciência e do coração, faz compreender as palavras e os gestos salvíficos de Jesus. Essa é a dimensão espiritual da catequese

que, enquanto ação eclesial em favor do crescimento da fé, é obra do Espírito Santo, obra que somente ele pode suscitar e alimentar na Igreja (DNC, n. 142).

É missão da Igreja seguir anunciando o mistério salvífico, mas não a seu modo próprio, mas sob a condução do mesmo Espírito enviado por Jesus. A Igreja não é movida pela ação humana, mas, sim, “sob a direção do Espírito Paráclito, obra de Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, não para julgar, mas para salvar” (GS, n. 3). Sob a condução do Espírito Santo, a Igreja tem a missão de santificar o ser humano para que este alcance a sua plenitude. Sendo assim, “o Espírito Santo nos une a Cristo Jesus, formando um só corpo, a Igreja, povo santo de Deus” (DNC, n. 99).

Assim, a Igreja, povo de Deus, é chamada a dar respostas às demandas do ser humano e guiá-lo no caminho do discipulado e na realização da vocação à qual foi chamado. Ao ser humano, a Igreja, por sua vez, “oferece, pelo Espírito Santo, a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação” (GS, n. 9). Nesse sentido, tem-se a consciência de que o Espírito Santo não revela algo de si mesmo que não esteja em relação com Cristo. Esta é a ação do Espírito Santo em todo tempo, lugar e em cada ser humano: orientar e guiar a todos no caminho à plenitude, caminho este que é o caminho da salvação, o caminho da graça.

Desse modo, conhecer a Cristo, sob a guia do Espírito Santo, é dar fundamento à fé que busca alcançar o conhecimento pleno da verdade. É o “Espírito Santo que faz reviver e recriar a atitude de Jesus (Jo 16, 12-15) [...]; conduz-nos à verdade total [...]; é o nosso principal Evangelizador” (CR, n. 197). É Ele que nos atrai para Deus e faz-nos viver os mistérios de Cristo em nossa existência terrena e nos fortalece no caminho rumo a vida eterna, fim último do ser humano. A *Gaudium et spes* nos recorda que “a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre: Jesus (GS, n. 10).

O Espírito Santo é princípio e comunhão porque ele é amor. O apóstolo Paulo afirma: “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5). Não há certeza maior que saber que o amor infinito de Deus é dado ao ser humano por meio do Espírito Santo. Assim, o Espírito Santo revela-se como o Mestre interior, Ele faz parte da existência humana pois, se o ser humano consegue chegar até Cristo, é porque o Espírito Santo o impulsiona a realizar esta ação. Nesse sentido, Queiruga (2010,

p. 196) afirma que “o ser humano se sente modelado a partir de sua raiz pela mão criadora de Deus que o impulsiona e colado ao rosto deste mesmo Deus, que o chama e lhe vem ao encontro”.

A ação salvífica de Deus realiza-se em Cristo Jesus que sofreu, morreu e ressuscitou para que fôssemos resgatados da morte para a vida. Tudo isso se deu para que se realizasse a regeneração da criatura (ser humano) como o seu Criador (Deus) para que toda a humanidade, esmagada pelo pecado, alcançasse a sua plenitude. Foi em Cristo Jesus, na ação do Espírito Santo, que o ser humano voltou a gozar da plenitude da graça dada por Deus Pai a todos os seus filhos. Nesse sentido é o que quer dizer o documento do Concílio quando afirma que:

Com efeito, já que por todos morreu Cristo e que a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos acreditar que o Espírito Santo dá a todos a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido (GS, n. 22).

Destaca-se o valor do ser humano e sua vocação divina e a certeza de que a humanidade, embora de forma aparente, seja infinita, o seu fim último é a eternidade. O conhecimento dessas verdades é dado ao ser humano por meio do Espírito Santo que move a pessoa humana, numa dinâmica contínua, ao coração de Deus. Como assevera Meis: “é pela fé em Jesus Cristo, produzida pelo Espírito Santo, que o ser humano é introduzido na comunhão divina” (1998, p. 190). Sendo assim, ratifica-se que o ser humano é, em cada momento, chamado a tornar-se imagem do Filho, pois:

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogênito entre a multidão dos irmãos, recebe ‘as primícias do Espírito’ (Rm 8, 23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio desse Espírito, ‘penhor da herança’ (Ef 1, 14), o ser humano todo é renovado interiormente, até à ‘redenção do corpo’ (Rm 8, 23) (GS, n. 22).

Pelo poder do Espírito Santo, o ser humano faz-se partícipe desse mistério que renova toda a sua existência – do pecado à redenção do corpo – como afirmou a Carta aos Romanos, citada pela *Gaudium et Spes*. Pelo mistério da paixão de Cristo, a pessoa humana morre para o pecado e, em sua ressurreição, nasce para uma vida nova (fim último). O Espírito Santo oferece a todo ser humano a capacidade de se associar ao mistério de Cristo para pode alcançar tal prêmio: a redenção. É deixando-se conduzir pelo Espírito Santo que se revela ao ser humano a Pessoa do Pai, em Cristo Jesus, pois, “não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito

[...], permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulsione para onde Ele quiser, pois Ele bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento” (EG, n. 280). É exatamente essa força que impulsiona a pessoa humana a se unir mais estreitamente a Cristo em direção do bem almejado, mas ainda a ser alcançado.

É Cristo quem dá a vida a todo ser humano, pois Ele é a Vida. É no Espírito Santo que o homem tem a possibilidade do encontro com Cristo e, ao encontrar-se com Cristo, encontra-se com a salvação. É na ação do Espírito Santo que se opera a única mediação de Cristo. Assim, todo ser humano, sem exceção, é introduzido no mistério íntimo com Deus Pai. O Papa Francisco exorta que “uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada” (EG, n. 261) onde possa haver uma ação evangelizadora mais “ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor” (EG, n. 261). Essas atitudes geradas pela ação do Espírito enriquecem a alma daquele que evangeliza.

Uma ação evangelizadora mais ardorosa como vimos, deve levar o ser humano a entender, definitivamente, que é somente em Cristo e por Cristo, que a pessoa pode compreender a sua realidade de criatura limitada, finite, mas que, em Cristo, alcançará a plenitude. Para isso, a Igreja convida a todos os seus filhos e filhas a crerem na palavra e no ensinamento de Cristo, pois Ele é homem perfeito, o único Mediador entre Deus e o ser humano. Dessa forma Cristo:

Imagem de Deus invisível (Cl 1, 15), ele é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, nele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo, também em nós foi elevada a sábia dignidade (EG, n. 22).

O ser humano, ser frágil e finito, encontra sua força e sua plenitude em Cristo Jesus. A realidade que limita essa plenitude é o pecado que existe no coração do ser humano desde o princípio, realidade obscura que penetra o mais profundo da alma humana. Para ser removida essa limitação, faz-se necessária a atuação da graça, presente de Deus que nos é dada por Cristo na ação do Espírito. Essa ação divina devolve ao ser humano a luz capaz de iluminar e transformar o interior da alma humana.

É importante notar também que o ser humano sempre teve uma tendência de buscar a verdade fora de Cristo e da verdade do seu Evangelho tomando, muitas vezes, num caminho equivocado. Para isso, a Igreja convida cada pessoa humana a

voltar o seu coração para Ele e reconhecer em Cristo o seu único salvador que é capaz de preencher todos os espaços vazios que existem na alma humana. A Igreja quer manter vivo o ardor missionário e, para isso, torna-se necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele “vem em socorro da nossa fraqueza” (Rm 8, 26). Mas essa confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos invocá-lo constantemente” (EG, n. 280).

Sendo assim, o convite é seguir a Cristo com total radicalidade e abertura para ser aquilo que o ser humano deve ser. Conforme São Paulo: herdeiros pela graça, pois, “pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se orgulhe” (Ef 2, 8-9). A catequese, portanto, torna-se um caminho diante dessa consciência, pois “a catequese, que é crescimento na fé, maturação da vida cristã em vista da plenitude, é uma obra do Espírito Santo, obra que só ele pode suscitar e manter na Igreja” (CT, n. 72). Portanto, devemos ter sempre a certeza de que:

O Espírito Santo é prometido à Igreja e a cada um dos fiéis como Mestre interior, que no segredo da consciência e do coração faz compreender aquilo que se tinha ouvido, sem condições de o captar. O Espírito Santo instrui doravante os fiéis – dizia a este propósito Santo Agostinho – segundo a capacidade espiritual de cada um deles. E acende nos seus corações um desejo mais vivo, na medida em que cada um vai progredindo nesta caridade, que o leva a amar aquilo que já conhece e a desejar o que ainda não conhece (CT, n. 72).

Deste modo, o ser humano é chamado a trilhar o caminho de perfeição e superar todas as suas deficiências com o apoio da fé e com a certeza de que, sem o auxílio da graça e a força do Espírito Santo, dificilmente alcançará tal feito. Vale, pois, destacar a invocação do Papa Francisco:

Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã, e o anúncio, no fim das contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus (EG, n. 259).

Somente a consciência e a existência de excelentes evangelizadores e de catequistas bem formados e com o seu testemunho de vida, a Igreja será capaz de levar a bom término a sua missão neste mundo. Evangelizadores “com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo” (EG, n. 259).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise inicial do ser humano, segundo Edith Stein, já mostra a sua real intenção em adentrar no mais profundo do ser humano: a alma-da-alma. Ela tem a total compreensão de que o ser humano está em movimento, caminhando para aquilo que deve ser. Para a filósofa e pedagoga Stein, o ser humano é um ser material que se difere dos demais seres, pois é um ser vivo; é um ser animado pessoal e, acima de tudo, um ser espiritual. O diálogo com a antropologia e a filosofia levou a autora a buscar elementos essenciais para um modelo de como formar o ser humano, o que ela apresenta claramente sobre o que entende por pedagogia cristã.

A busca da verdade foi o princípio motivador da existência de Edith Stein em todas as suas ações. Da reflexão sobre a pessoa humana, seu pensamento desdobrou-se num caminho de aprendizado e de descoberta de ser amada: esse foi o dilatar do verdadeiro potencial interior do ser capaz de Deus. É a missão de quem mais contempla a Deus e professa a fé em Yeshua, O Cristo, sair ao mundo e comunicá-lo com Amor que se expande no coração da humanidade. Aderir a Cristo não é possível sem ao mesmo tempo, segui-Lo, experimentar o abandono. Por isso, segundo Edith Stein, a espiritualidade emerge da própria pessoa, desde o mais profundo de sua alma, nesse espaço interior, reside Deus, fonte de luz radiante. A formação, a educação da fé, pouco a pouco, mediante um esforço de liberdade e de Graça, conduz o eu a descobrir-se e realizar-se na sua interioridade, onde Deus faz morada. Portanto, não se trata de um caminho privilegiado, mas de uma possibilidade a todo o ser humano. Pois este, segundo Stein, encontra na formação a plenitude de sua realização, podendo se direcionar para o “télós”, o seu fim último: a eternidade.

Assim, a via da antropologia filosófica, da pedagogia unida com a fenomenologia é o caminho para uma educação para a interioridade e para a experiência mística da fé. Trata-se de uma educação que conduz a adentrar-se na interioridade e, alí no silêncio da alma, contemplar a ação de Deus. Deste modo, o tema da espiritualidade é pensado no contexto das ciências humanas, pois a vida espiritual consiste essencialmente em atos cognoscitivos e valorativos. A espiritualidade está alicerçada na liberdade de consciência. É a partir da consciência que o ser humano reconhece, em suas vivências quem ele é. É da consciência que emerge a intencionalidade, que está em potência, mas tende para o ato como vontade de vivenciar a relação consigo, com os outros, com o mundo e com Deus. É a

intencionalidade que impulsiona ao conhecimento, ao abrir-se em direção ao ser. Desse modo, a consciência aponta para um saber-se em busca de um movimento, de um espírito presente na essência da alma, portanto, de saber de uma espiritualidade presente em si. Dessa maneira, Edith Stein propõe uma espiritualidade em que a dimensão humana guarda em si a lembrança do Infinito que habita na interioridade. O ser humano está em um constante vir-a-ser e é esta a condição que o impulsiona a buscar o transcendente.

A partir dessas constatações, vimos que a chave de leitura de Edith Stein está em contemplar a inteireza do ser humano. Apoiando-se na filosofia cristã e numa antropologia singular que ainda é vigente no contexto contemporâneo, Stein diz-nos que o ser humano atualiza sua essência no tempo. Para o ser humano, existe passado/vivido, presente/actual/factual e futuro/desejo de infinito. Para Deus, que é chamado de Ato Puro, não há delimitação de tempo, pois Ele “É” sempre (STEIN, 2019). O viver, portanto, é um tomar posse dessa essência, que, a partir do seu interior atravessa todo o seu ser, exteriorizando-se pela corporeidade. A vida espiritual e o seu processo de formação tornam o ser humano capaz de ter-se nas próprias mãos, como ato consciente, livre, no exercício da vontade e decisão.

Esse processo inclui, portanto, um chamado a se desenvolver e colher o que se passa a sua volta para elaborar dentro de si-mesmo o que contribui para um crescimento harmonioso. Trata-se de um processo gradual, que requer a participação de agentes exteriores e interiores. De tal modo, o papel da formação é conhecer o ser humano na sua profundidade e totalidade e contribuir para que o sujeito possa adentrar-se no mais profundo do seu interior. O formador possui a tarefa de abrir a alma do educando para que ele seja si-mesmo. Só alcançará esse feito se olhar cada formando seu com o olhar penetrante do amor que é capaz de transpor todas as barreiras possíveis de um bloqueio existente em cada coração, em cada alma humana. Para Stein, “no âmbito anímico-espiritual: o ser humano está inscrito em sua integridade, em um processo de desenvolvimento cujo fim, não é ser somente um ser vivente” (2003, p. 607). Por isso que a verdadeira formação deve incidir na alma, na profunda essência da pessoa humana para “dar vazão à riqueza genuína que já está lá contida” (SBERGA, 2014, p. 174).

O encontro empático entre formador e formando requer o esvaziar-se de si mesmo, para receber o outro em sua totalidade, a partir do que ele entrega de si mesmo. Por isso, é fundamental no processo de formação o acompanhamento

individual, personalizado. Edith Stein diz que o formador é aquele que “somente o olhar do amor – de um amor formador santo, totalmente consciente da sua responsabilidade, autêntico – [...], descobrirá uma brecha para penetrar a alma e derrubar as muralhas da fortaleza” (STEIN, 2003, p. 575).

Em virtude disso, o formador tem o dever de guiar o outro, na compreensão em direção a si-mesmo, à comunidade e a Deus. De fato, a antropologia steiniana nos leva ao núcleo do fenômeno humano e da sua trajetória formativa. A educação steiniana leva em conta no seu processo a vivência da empatia como caminho seguro de conhecimento do outro, do valor de sua singularidade e particularidade. É nessa perspectiva educativa que se coloca a formação do catequista delineada nesta dissertação. Stein faz uma reflexão aprofundada sobre o ser humano como ser único, irrepetível, criado à imagem e semelhança de Deus.

A humanização da pessoa é um grande desafio enfrentado também na catequese. Nesse processo, ela introduz a marca da responsabilidade solidária entre família e Igreja. É uma proposta que envolve sempre um movimento ativo dos atores envolvidos (família-catequizando-catequista-igreja-sociedade) de forma mediada. É um processo que exige das instituições um projeto que considere as diferentes características de cada sujeito em formação. É um processo que requer do sujeito em formação envolvimento para poder potencializar e despertar as forças e capacidades que estão em si. O pensamento de Edith Stein está em perfeita sintonia com os documentos da Igreja, hoje, que propõe uma catequese renovada, inovadora, capaz de promover uma experiência de fé, um discipulado. Deste modo, o catequista deve promover uma consciência eclesial, de engajamento na vida da comunidade.

Como já acenado, Edith Stein afirma que Deus é o verdadeiro formador e somente Ele conhece a sua criatura, o ser humano, na sua mais profunda interioridade. A autora diz que “somente Ele tem diante de Si com toda clareza o fim de cada um e sabe que meios o conduzirão a esse fim. Os formadores humanos não são mais que instrumentos nas mãos de Deus” (STEIN, 2003, p. 574). Diante dessa consciência, “cada ação pedagógica deve conduzir à autoeducação e à consciência de que o educando tem que ir formando suas potencialidades intelectuais, seu caráter e seus talentos pessoais” (SBERGA, 2014, p. 178). Para Stein, “segundo a nossa fé, o caminho formativo do homem é uma obra da providência divina. Deus deu ao homem sua disposição natural e a deu em forma de uma semente que está determinada a desenvolver-se” (STEIN, 2003, p. 192). Para isso, é necessário contar

com a iluminação divina se o ser humano quer se aproximar de sua natureza original que é inerente em cada pessoa. Destaca-se, ainda, que “se a fé é viva tanto no educador quanto no educando então se faz presente a confiança de que ambos cooperam com a realização de uma obra que é de Deus” (SBERGA, 2014, p. 179).

Sendo a fé um fator decisivo para o fim da formação, a espiritualidade torna-se um dado essencial no processo formativo. Dessa maneira, compreende-se que a praxe catequética não consiste na transmissão de saberes doutrinários, nem é na posse intelectual de conhecimentos, mas, sim, na formação de uma personalidade humana completa, integrada, que forme a “humanidade completa” do ser humano.

Na sua pedagogia cristã, Stein propõe uma educação que penetre a alma até a sua substância, para lhe dar uma forma nova e, dessa forma, recriar o ser humano na sua unidade e integralidade. Assim, “a educação constitui um gesto epifânico pelo qual uma existência toma corpo na sua unicidade manifesta” (RUS, 2015, p. 48).

Reafirmar o pensamento de Edith Stein sobre a formação integral do ser humano, no contexto de formação do catequista, significa incluir a dimensão da transcendência e da dignidade da existência que passa pelo desenvolvimento de-si-mesmo. Justifica-se a pesquisa sobre a formação do catequista, na área da teologia, pois em Edith Stein, encontramos uma proposta de formação integral. Diante de tantas necessidades que o contexto atual nos coloca, muitos catequistas encontram-se fragilizados nas suas convicções cristãs ou de fé, a vida espiritual está distante de uma experiência de fé comunitária, deixando, com isso, lacunas muitas vezes, graves no anúncio do Evangelho junto aos catequizandos. A densidade da proposta formativa tanto de Edith Stein quanto dos documentos da Igreja, nos impulsiona a proposta futuras de formação continuada e permanente do catequista.

Formar catequistas hoje requer, de fato, firmeza de convicções para poder formar novos interlocutores para o anúncio da fé. A formação deve possibilitar a transmissão fundamental da fé aos catequistas e proporcionar-lhes um jeito e inovador de falar de Jesus para conhecê-Lo e, conhecendo-O, experimentá-Lo e vivenciá-Lo. Só assim é que se pode aderir fiel e firmemente a Ele e ao Seu Evangelho.

A formação tem por objetivo, antes de tudo, conscientizar os catequistas de que são, como batizados, verdadeiros discípulos missionários, ou seja, sujeitos ativos da evangelização e, com base nisso, habilitados pela Igreja a comunicar o Evangelho e acompanhar e educar na fé. A formação do catequista é, portanto, indispensável para o desenvolvimento de competências e para a comunicação da fé. Além disso,

formação torna-se decisiva para a maturidade dos cristãos que buscam crescer na fé. A formação do catequista movimenta a Igreja em todas as suas atividades, mas essa pressupõe, ainda, a atualização dos conteúdos da fé e sua compreensão nos mais variados contextos eclesiais.

Educar *na* e *para* a fé não é tarefa fácil, ao contrário, é uma missão desafiadora que exige convicção, coerência, firmeza e testemunho daquele que educar. “A Sagrada Escritura apresenta Deus como educador na nossa fé” (DNC, n. 138). A educação para a fé está nos primórdios do Evangelho e nos fundamentos da Igreja: “ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 20). A base de todo ensinamento está em Jesus Mestre. Jesus ensinou. É esse o testemunho que ele dá de si mesmo: “Eu estava todos os dias sentado no Templo a ensinar” (CT, n.7). Somente educando para a fé no seguimento obediente a Jesus é possível constituir comunidades maduras na fé e comprometidas no anúncio do Reino. Afinal, foi pela educação da fé que herdamos a doutrina e os valores cristãos.

Quando não se busca uma verdadeira educação para a fé, corre-se o risco de entrar num estado de relativismo puro. A Igreja, através da sua doutrina, alerta que jamais podemos negligenciar a missão de educar para transformar. Ela chama-nos a refletir intensamente sobre os grandes desafios de educar e formar na fé. São os desafios intensificados no contexto atual que desestabilizam, dia a dia, o ser humano e faz-nos a crer que o relativismo torna-se, para muitos, um princípio básico e democrático, sem nos darmos conta de que ele causa uma grande devastação no campo da fé. O relativismo está, aos poucos, sepultando as grandes e eternas verdades dos valores cristãos, éticos e morais que ainda sobram em nossa humanidade. “O momento histórico em que vivemos, com seus valores e contravalores [...] exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização” (DNC, n. 252).

Como resultado desta pesquisa, visa-se ao aprimoramento da formação do catequista, a fim de que este seja capaz de conduzir fielmente à fé todo aquele que lhe foi confiado por Deus, orientá-lo e acompanhá-lo no caminho do discipulado. Compreende-se que “qualquer atividade pastoral que não conte, para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas, coloca em risco a sua qualidade” (DNC, n. 252). O compromisso amadurecido com a fé e com a Igreja pode levar as pessoas a alcançarem uma real transformação de sua vida no exercício da sua fé. A densidade da proposta formativa consiste numa formação adequada do

catequista, pois um catequista bem formado para “comunicar e transmitir o Evangelho com convicção e autenticidade torna-se um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, comprometendo-se a viver e trabalhar na construção do Reino de Deus” (DNC, n. 252). Portanto, o ministério da catequese ocupa um lugar significativo para o crescimento da fé, para uma experiência pessoal e comunitária do Cristo Ressuscitado.

Emerge, também, a necessidade de uma formação para todas as pessoas que se dedicam ao serviço da Igreja. Essas pessoas devem receber uma formação idônea, de acordo com as orientações da Igreja, a fim de dar uma resposta mais eficaz à comunidade eclesial.

Evidenciou-se no percurso da pesquisa que a educação da pessoa à fé abre o ser humano à “Pessoa ao Criador”, ao acolhimento do mistério e ao reconhecimento pleno na Pessoa do próprio Cristo. Edith Stein enfatiza a necessidade de o catequista “ajudar as crianças a formar-se como Filhos de Deus, a serem imagem de Deus, e imagem de Cristo” (2003, p. 113). Isso significa orientá-las a fim de que elas possam percorrer o caminho guiadas pelas mãos de Deus deixando-se guiar por Ele. Esse caminho, “é o caminho do seguimento de Cristo; portanto, devem despojar-se de si mesmos e vestir-se de Cristo” (STEIN, 2003, p. 113). Ademais, “todo ser humano é um buscador de Deus [...]; e se a sua vida e de uma comunidade for uma vida plena, então tem sentido” (STEIN, 2003, p. 736). A comunidade pode contribuir a fim de que essa busca aconteça desde que tenha consciência de que “o ser humano é livre e responsável daquilo que possa vir-a-ser; e que ele pode e deve fazer que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus” (STEIN, 2003, p. 743).

Logo, a comunidade apresenta-se como um lugar típico de iniciação a fé, da catequese e da experiência mistagógica. É no seio da comunidade que o ser humano encontra um ambiente propício para o encontro com Jesus Cristo. Deste modo, a comunidade é fonte, lugar e meta da catequese. “Nela se originam diferentes modelos de santidade, espiritualidade, transformação cristã da civilização e da cultura” (DNC, n. 51).

Assim, ao longo desta pesquisa, foi possível desenvolver os objetivos que dizem respeito a formação do catequista, à busca de compreensão de quem é o ser humano e do conceito de formação humano-integral e a articulação entre os pressupostos filosófico-antropológicos e teológicos nos escritos steinianos e nos documentos da Igreja. Descreve-se no percurso da pesquisa, a necessidade de uma

perspectiva mais ampla da formação da identidade cristã do catequista. Um catequista bem formado e com uma espiritualidade aprofundada, terá capacidade e ferramentas para dialogar com as diferentes realidades que o mundo nos apresenta: incertezas, fragmentações, trocas de valores, vazio existencial, individualismo exacerbado, indiferentismo, consumismo desenfreado etc.

Aponta-se a necessidade de um novo perfil de catequista. São necessárias novas habilidades que possibilitem uma atuação pedagógico-catequética mais incisiva a fim de que os catequizandos e as pessoas que lhe são confiadas possam responder com assertividade aos anseios da própria fé. Além do conhecimento dos conteúdos da fé, do método, das metodologias e técnicas, o catequista necessita de uma profunda vivência espiritual, pois, “em virtude de sua fé e unção batismal, na colaboração com o Magistério de Cristo e como servo da ação do Espírito Santo ele é testemunha de fé, e guardião da memória de Deus [...], mestre e mistagogo [...], acompanhador e educador” (DC, n. 113). Sendo assim, como mestre e mistagogo “é aquele que introduz no mistério de Deus, revelado na Páscoa de Cristo” (DC, n. 113). Não é aquele que está ao centro, nem a frente, mas ao lado daquele que acompanha.

Além disso, para se alcançar um perfil ideal de catequista, é essencial que se tenha um olhar direcionado o modelo de Mestre e Educador: Jesus Cristo. Nessa perspectiva, tem-se a consciência de buscar uma formação educacional e pedagógica competente para entender a dinâmica do processo do amadurecimento humano. Sendo ele, o catequista, um “especialista em humanidades” (DC, n. 113), deve buscar conhecer o ser humano mais profundamente para saber colocá-lo em relação com os ensinamentos de Cristo, para que essa caminhada em direção a Ele seja real e eficaz. Espelhando-se nesse modelo, certamente, sentirá a necessidade de pautar sua vida e sua espiritualidade na adesão a pessoa de Jesus.

Sem dúvida, o catequista educador e mistagogo torna-se “alguém” indispensável na condução de uma pessoa no caminho da fé para se chegar, ao máximo, mais perto do mistério de Deus. Sobre isso Francisco assevera: “o acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais para Deus, em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade” (EG, n. 170). Dessa forma, o catequista é aquele que possui a capacidade de ouvir e, ouvindo, sabe entrar na dinâmica do amadurecimento humano. Pois, escutar ajuda a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores. É a partir da escuta e de uma postura empática que se pode encontrar caminhos que levam à

maturidade da fé. De certo modo, a arte do acompanhamento, da escuta e da espera possibilita um caminho gradual, que mesmo a passos lentos, conduza o processo de crescimento pessoal da fé. É fundamental que o acompanhador se coloque na escuta dócil do Espírito Santo para saber discernir e conduzir outra pessoa no caminho de aprofundamento da vida cristã. No múnus de ensinar, deve-se levar em conta as dinâmicas e os movimentos necessário para uma verdadeira educação da fé, como já vimos na pedagogia de Edith Stein. Portanto, “somente uma catequese que se empenha para que cada um amadureça sua própria e original resposta de fé pode alcançar a finalidade indicada” (DC, n. 3).

Com efeito, a formação do catequista deve abranger as diferentes dimensões, sobretudo, “deve ajudá-lo a amadurecer como pessoa, como fiel e como apóstolo”. Esta formação é traduzida hoje em “saber ser com”, em “saber”, em “saber fazer” (DC, n.136). Trata-se de uma formação harmoniosa das diferentes dimensões, do desenvolvimento de habilidades específicas, mas, sobretudo, de uma formação que possibilite “como pessoas” a fazerem “a experiência do amor de Deus e que, por essa razão, se coloquem a serviço do anúncio do Reino de Deus” (DC, n. 138). Diante disso, é necessário que o todo catequista tenha consciência de que o que ele partilha não é a sua doutrina e sim, a doutrina d’Aquele que o chama e o envia em Seu nome.

Portanto, o modelo inspirador das escolas e dos cursos de formação para catequistas deveria ser a pessoa de Jesus Cristo. É em sua ação pedagógica e metodológica que se encontram os elementos-chaves para se obter um melhor processo formativo do catequista. É Cristo mesmo que se apresenta como Mestre e Educador para inspirar, cada vez mais, o catequista a ter o seu coração voltado para o Senhor e aberto à ação do Espírito Santo que o impulsiona a vivenciar mais fortemente a sua vocação.

Dessa maneira, conclui-se que os modelos pedagógicos de formação de catequistas seguem padrões de ensino escolástico, com livro, caderno e tarefas, preocupados com o ensinamento de uma doutrina simplesmente e isso fere o pensamento a pedagogia do Mestre Jesus e da abordagem feita nesta dissertação de que a pessoa humana deve ser pensada na sua unicidade e totalidade. A catequese é uma pedagogia iluminada pelos ensinamentos de Cristo e deve partir da vivência de cada ser humano e conduzir a uma experiência de fé e adesão à pessoa de Cristo e nele compreender o mistério de sua própria existência, do seu fim último que é Deus.

Conclui-se esse tempo-espaco de pesquisa com a convicção de que muitas

questões sobre a formação do catequista ficaram em aberto. Todavia, além de nosso compromisso em tornar factível o projeto de formação continuada do catequista em nossa realidade eclesial e contribuir na consciência e na importância de se investir, cada vez mais, nesse processo, a pesquisa atravessou com profundidade a existência do pesquisador que fez compreender, definitivamente, que se deve investir na formação humana permanente. Fica como reflexão profunda a pergunta: em que medida as escolas catequéticas e, conseqüentemente, os catequistas hoje, não teriam a necessidade de passar por esse processo formativo? Fica claro que ensina-se a catequese, mas não se ensina a vivência da fé no Cristo anunciado. Com isso, vem a reflexão de que nós formamos apenas o ser humano para a temporalidade, mas temos que formá-lo para a eternidade.

Em síntese, compreende-se a urgência, sobretudo, num contexto pandêmico e pós-pandêmico do Corona Vírus (Covid 19), de buscar favorecer itinerários de formação, sustentando os catequistas na arte do acompanhar os fiéis rumo a maturidade da vida cristã, a interiorização das exigências do Reino que Jesus manifestou. Aponta-se desse modo pistas para estudos futuros sobre o trabalho formativo para o “acompanhamento” de catequistas, pois intervém no núcleo da formação e do agir da pessoa humana.

Sobretudo agora, quando o Sumo Pontífice, o Papa Francisco, anuncia a sua Carta Apostólica em forma de Motu Próprio *Antiquum Ministerium pela qual se instituiu o ministério do catequista*, afirmando no início do documento que o “MINISTÉRIO ANTIGO é do Catequista na Igreja” (n.1). Afirma ainda o Papa Francisco que este ministério “possui uma forte valência vocacional [...]; é um serviço estável prestado à Igreja local de acordo com as exigências pastorais identificadas pelo Ordinário do lugar, mas desempenhado de maneira laical como exige a própria natureza do ministério” (AM, n.8). Segundo o Papa Francisco, “o discernimento dos dons que o Espírito Santo nunca deixa faltar à sua Igreja seja para eles o apoio necessário para tornar concreto o ministério de Catequista para o crescimento da própria comunidade” (AM, n. 11).

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo, 354-430. **Instrução dos catecúmenos: teoria e prática.** Tradução do original latino e notas por Maria da Glória Novak; introdução Hugo de V. Paiva. Petrópolis, Rj: Vozes, 2020.
- ALBERICH, E. **Catequese evangelizadora:** Manual de catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004.
- ALBERICH, Emilio. **Catequese Evangelizadora, Manual de catequética fundamental.** Adaptação para o Brasil e a América Latina: Pe. Dr. Luiz Alves de Lima. Brasília: Editora Bom Bosco, 2013.
- ALES BELLO, Angela. **Pessoa e comunidade – comentários:** psicologia e ciências do Espírito em Edith Stein. Trad. Miguel Mahfoud e Aparecida Turolo Garcia. 1. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2015.
- ALES BELLO, Angela. **Edith Stein:** A Paixão pela Verdade. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2018.
- ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia.** Trad. Ir. Jacinta T. Garcia & Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Spes Editora, 2017,
- ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein:** uma nova fundação da antropologia filosófica. Org. e Trad. Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ALMEIDA, Antonio José. **ABC da Iniciação Cristã.** São Paulo: Paulinas, 2010.
- ALMEIDA, Renaldo Elesbão de. A Empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU.** Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos. Ano XII, n. 48. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.
- ANDREATA, Ocir de Paula. **A Individuação da pessoa na ontoteologia de Edith Stein.** Orientadora: Clélia Peretti, 2019. 281f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. Curitiba, 2019.
- BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein.** Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.** Documentos Pontifícios, 6. Brasília: Edições CNBB, 2011.
- BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão.** Documentos Pontifícios, 1. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Bíblia Sagrada.** Nova Edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUSTOLIN, Leomar Antonio, TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. A Educação em Edith Stein: Breve análise história e conceitual. In. PERETTI, Clélia. DULLIUS, Vera Fátima (orgs.) **A Arte de Educar por uma Pedagogia Empática em Edith Stein**. 1.ed. Curitiba: Ed. Prismas, 2018.

CANSI, Bernardo. **Aspectos Práticos da Catequese Renovada**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CELAM. **Documento de Aparecida** – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **O pedagogo**: 1. ed. São Paulo: Ecclesiae, 2014.

CNBB. Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética. **3ª Semana Brasileira de Catequese – Iniciação à Vida Cristã**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: Edições Paulinas CNBB, 2006.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã**: Itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017 (Documento 107).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2019-2023**. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019 (Documento 109).

COELHO, Kátia Gardência da Silva. **A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia, Fortaleza, 2012.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Catequético Geral**. Tradução de E. Royer. São Paulo: Paulinas, 1971.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e a catequese atuais**. São Paulo: Paulus, 2014.

DONZELLINI, Mary. **Formação contínua dos catequistas: importância, prioridade, compromisso**. São Paulo: Paulus, 2013.

DULLIUS, Vera Fátima (orgs.). **A Arte de Educar por uma Pedagogia Empática em Edith Stein**. 1.ed. Curitiba: Ed. Prismas, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Lumen Fidei**: sobre a fé. SP: Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Documentos Pontifícios 17. Brasília: 1.

ed.: Edições CNBB, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Antiquum ministerium: Carta Apostólica em forma de Motu Próprio pela qual se institui o Ministério de Catequista.** 1ª ed. Brasília: CNBB, 2021.

GARCIA, Aparecida Turolo (Ir. Jacinta). **Edith Stein e a formação da pessoa humana.** 1. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

GIOVANNI PAOLO II. Omelia di Giovanni Paolo II di Canonizzazione di Edith Stein. L'Osservatore Romano, 12-13 ottobre 1998.

GIRAUDO, Cesare. **Num só corpo:** tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Catechesi Tradendae.** Roma, 16 de outubro de 1979.

JOÃO PAULO II. **Encíclica Redemptoris Missio.** Sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Loyola, 1991.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio.** São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptor Hominis.** São Paulo: Paulinas, 1998b.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Christifidelis Laici** – Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Petrópolis: Vozes, 1989.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

JOÃO PAULO II. **Ecclesia de Eucharistia. Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja.** São Paulo: Loyola, 2003.

KUSANO, Mariana Bar. **A Antropologia de Edith Stein:** entre Deus e a Filosofia. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da Revelação a partir da modernidade.** 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

LIMA, Thaís Morais Lima; GOTO, Tommy Akira. Esboço para uma Teoria da Personalidade a partir da Fenomenologia de Edith Stein. In: PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima (Organizadoras). **A Arte de Educar:** por uma Pedagogia Empática em Edith Stein. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

LIMA, Luiz Alves de. **A Catequese do Vaticano II aos nossos dias:** a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016.

LELO, Antonio Francisco. **Catequese com estilo catecumenal.** São Paulo: Paulinas, 2009.

LELO, Antonio Francisco. **A iniciação cristã**. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

MANGANARO, Patrizia. **Empatia**. Padova: Villaggio, 2014.

MANGANARO, Patrizia. **Fenomenologia da relação** – a pessoa humana em Edith Stein. Trad. Clélia Peretti. Curitiba: Juruá, 2016.

MEIS, W. Annelise. **Antropologia Teológica**: acercamientos a la paradoja del hombre. 2. ed. Santiago: Ediciones Universida Católica de Chile, 2001.

NERY, Irmão. **Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta**. 2ª ed. São Paulo: 2019.

MONDIN, Batista. **O homem, quem ele é?**: elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 2011.

NOVINSKI, Ilana W. **A Pessoa Humana em Edith Stein**. Páginas: 205-224. In: Edith Stein: A pessoa na filosofia e nas ciências humanas / Organizado por Gilfranco Lucena dos Santos; Moisés Rocha Farias. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

PAIVA, Hugo de V. Introdução. In: AGOSTINHO, Santo. **A instrução dos catecúmenos**: teoria e prática da catequese. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

PAIVA, Vanildo. **Catequese e Liturgia**: Duas faces do mesmo Mistério. Reflexões e sugestões para a interação entre Catequese e Liturgia. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAOLINELLI, Marco. **La ragine salvata**: sulla “filosofia cristiana” di Edith Stein. 1. ed. Edizione FrancoAngeli, 2001.

PANAZZOLO, João. **Caminho de iniciação à vida cristã: elementos fundamentais**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2018.

PARO, Tiago Faccini. **Catequese e liturgia na iniciação**: o que é e como fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1976.

PAULO VI. **Gaudim et Spes**. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II Sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAULO VI. **Apostolicam actuositatem**. Sobre o Apostolado dos Leigos. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAULO VI. **Dei Verbum**. Constituição dogmática do Vaticano II Sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAULO VI. **Lumem Gentium**. Constituição dogmática do Concílio Vaticano II Sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.

PERETTI, Clélia. **Edith Stein e as questões de gênero**: perspectiva fenomenológica e teológica. Clélia Peretti; orientadora Valburga Schmiedt Streck; co-orientadora Angela Ales Bello. - São Leopoldo: EST/PPG, 2009. 302f. Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2009.

PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima (orgs.) **A Arte de Educar por uma Pedagogia Empática em Edith Stein**. 1.ed. Curitiba: Ed. Prismas, 2018.

PERETTI, Clélia. **Nas trilhas de Edith Stein**: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Tradução de João Vítor Gonzaga Moura. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2020.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a Revelação**: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010.

RAHNER, Karl. **Oyente de la Palabra**: fundamentos para una filosofía de la religión. Barcelona: Herder, 1967.

REINERT, João Fernandes. **Paróquia e iniciação cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal**. São Paulo: Paulus, 2018.

REINERT, João Fernandes. **Inspiração catecumenal e conversão pastoral**. São Paulo: Paulus, 2015.

RUS, Éric de. **A Visão Educativa de Edith Stein**: aproximação a um gesto antropológico integral. Tradução: Isabelle Sanchis [et al]; revisão técnica: Juvenal Savian Filho. Belo Horizonte: Editora Artesã Ltda, 2015.

SANCHO FERMIN, Francisco Javier. Introdução Geral in.: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Tereza Benedicta de la Cruz** (Edith Stein) – escritos autobiográficos y cartas. Tomo 1. Vitoria: Ediciones El Carmem; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2016).

SANCHO FERMIN, Francisco Javier. Introdução Geral in: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz** (Edith Stein) – escritos antropológicos (magistério de vida cristiana, 1926-1933). Tomo 4. Vitoria. Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003.

SANCHO FERMIN, Francisco Javier. Introdução Geral in: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos filosóficos (Etapa fenomenológica: 1915-1920). Tomo 2. Vitoria. Ediciones El

Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005.

SANTANA, Luiz. **Edith Stein**: a construção do ser pessoa humana. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.

SANTOS, Ivanaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. **Revista Eletrônica Notandum**, N. 30 – Set-Dez 2012. [Htp://www.hottopos.com/notand1/conselho.htm](http://www.hottopos.com/notand1/conselho.htm). Acesso em: 12. Jul. 2020.

SPIRITU SANCTO, Teresia Renata de. **Edith Stein**. Morcelliana: Brescia, 1959.

SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). **Empatia**: Edmund Husserl e Edith Stein. Apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014a.

SAVIAN FILHO; ALFIERI, Francisco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**: uma nova fundação antropológica filosófica. Trad. Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014b.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**: um percurso do conhecimento do núcleo interior. 1. ed. S. Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos autobiográficos y cartas. Tomo 1. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2016.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos filosóficos (etapa fenomenológica; 1915-1920). Tomo 2. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos filosóficos (etapa de pensamento Cristiano: 1921-1936). Tomo 3. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2007.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)**. Escritos antropológicos y pedagógicos (magistério de vida Cristiana: 1926-1933). Tomo 4. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos espirituales (en el Carmelo Teresiano: 1933-1942). Tomo 5. Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2016.

STEIN, Edith. **L'Empatia**. 2. ed. Milano, Italy: Il Prisma, 1992.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Trad. Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

STEIN, Edith. **Natura persona mística**: per una ricerca Cristiana dela verità. A cura di Angela Ales Bello. Roma: Città Nuova Editrice, 2002.

STEIN, Edith. **Potenza e Ato**. Studi per una filosofia dell'essere. Città Nuova: Roma, 2003b.

STEIN, Edith. **Sull'idea di formazione**. In E. Stein, La vita come totalità: scritti sull'educazione religiosa (T. Franzosi, trad., pp. 21-36). Roma, Italia: Città Nuova (Trabalho original publicado em 1930), 1999b.

STEIN, EDITH. **A Ciência da Cruz**: estudo sobre São João da Cruz. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Trad. Maria do Carmo Venturini Wollny; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. **Ser Finito e Ser Eterno**. Coordenação João Ricardo Moderno; tradução Zaíra Célia Crepaldi. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

ZILLES, Urbano. Notas sobre o Conceito de Pessoa em Edith Stein. In: MANHFOUD, Miguel, SAVIAN FILHO, Juvenal (orgs.). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017.

ZILLES, Urbano. A Antropologia em Edith Stein (Artigo): **Revista Eclesiástica Brasileira**: Corpo e Religião. V. 77. n. 306, 2017b.